

NGANGA

12 - Dezembro 2024





Expediente

Arte de capa:

Lupe Vasconcelos

Direção:

Tata Nganga Kamuxinzela

Tata Nganga Zelawapanzu

Diagramação:

Everton Martins

Artes Internas:

Lupe Vasconcelos

Fotos:

Tata Nganga Kamuxinzela e Tata Nganga

Zelawapanzu

Revisão:

Danyo Nascimento



Sumário

Editorial	4
A Quimbanda & O Pandemonium Brasileiro	12
Daemonium: A Hierarquia Infernal da Quimbanda - Parte II.....	22
O Segredo do Diabo: Aforismos sobre os Segredos.....	48
da Quimbanda Um Repúdio à Monolatria	67
A Quimbanda no Esoterismo Ocidental.....	74
A Quimbanda & o Ocultismo Moderno.....	89
Eliphas Levi & o Moderno Renascer da Magia	94
Os Exus-Reis na Quimbanda	100
A Quimbanda é Amoral: Porque a Feitiçaria é Amoral	110
Ashtaroth é Maioral na Quimbanda	114
Todo mundo é Quimbandeiro agora?	117
Por que muitos procuram a Quimbanda?	120
A importância em ter experiência de terreiro	122

Editorial

Asclépio, tudo que é animado ou inanimado, já que é impossível que sejam inférteis todas as coisas que existem. Se removeres a fecundidade de tudo que existe, será impossível que existam para sempre. Afirmo que {a sensação e o crescimento são também próprios da natureza das coisas e que o mundo} contém crescimento em si e preserva tudo que deverá surgir. Pois todo sexo está ple'no de fecundidade e a junção ou, de forma mais exata, a união de ambos é algo incompreensível. Se chamares isso de Cupido ou Vênus ou ambos, estarás correto.

Aprende isto em teu intelecto como algo mais verdadeiro e mais claro do que qualquer outra coisa: Deus, o mestre de toda a natureza, idealizou e garantiu a todas as coisas o mistério da procriação que leva à eternidade e no qual surge a maior afeição, prazer, felicidade, desejo e amor divino. Talvez fosse necessário que se explicasse quão grande é a força e a intensidade desse mistério, porém cada pessoa já o sabe se deixar se orientar pela contemplação e pela consciência interna. Se reparares no derradeiro instante de regozijo após a fricção, quando duas naturezas entregam seu sumo uma à outra e uma como que rouba o amor da outra parte, enterrando-o em si, então, finalmente, nesse instante, por meio do acasalamento, as mulheres recebem a potência dos homens e os homens se deixam exaurir com a letargia das mulheres. Portanto, o ato desse mistério, tão doce e vital, é realizado em segredo para que a divindade que surge em ambas as naturezas do acasalamento sexual não se sintam obrigadas a sentir qualquer vergonha caso estivessem em público, em meio aos risos dos ignorantes ou, o que é pior, se estivessem diante de pessoas ímpias.^[1]

Esse é um bordão que vocês sempre me veem repetindo: a Quimbanda soma. Isso significa que a Quimbanda sempre irá aproveitar o que você já tem para o desenvolvimento e refinamento de sua paranormalidade pessoal,^[2] mesmo que em um primeiro momento você não se dê conta disso, o que é natural. Vou elucidar: a arte de capa desta edição, pintada pela artista Luciana Lupe Vasconcelos, me foi inspirada por Exu Pantera Negra em sonho. Por conta de minha vivência anterior com experiências oníricas via rituais de incubação, tanto no âmbito da magia sexual thelêmica quanto da magia cerimonial, consegui estabelecer uma comunicação muito boa com Exu Pantera Negra através dos sonhos. As artes de capa das edições

anteriores, mas também àquelas de meus livros, todas me foram inspiradas em comunicações oníricas com Exu Pantera Negra. Cada uma delas retrata diretamente um fundamento da Quimbanda, como é o caso desta edição, ou uma epifania com os símbolos hieráticos^[3] do culto e cujo objetivo é conduzir a *gnōsis*,^[4] ou

[3] O termo hierático deriva do grego hieratikos (ἱερατικός), que significa sacerdotal ou relativo ao sagrado. Ele se refere a tudo que está associado ao domínio do sagrado, seja em rituais religiosos, linguagens simbólicas ou funções litúrgicas. No contexto cultural e histórico, o termo é amplamente utilizado para descrever práticas ou formas de expressão que possuem uma função religiosa ou espiritual, como a escrita hierática egípcia, que era uma forma simplificada de hieróglifos usada pelos sacerdotes para textos religiosos e administrativos. Em um sentido mais amplo, hierático também pode descrever posturas, gestos ou estilos artísticos marcados por solemnidade, formalidade e reverência ao divino, simbolizando uma conexão direta entre o humano e o sagrado.

[4] A *gnōsis* no Corpus Hermeticum (Livro IV, Verso 6) é estabelecida como o Conhecimento da Inteligência, i.e. o nous, possibilitando a contemplação do que é divino, a compreensão da natureza de Deus. Esse conhecimento é obtido por meio da contemplação espiritual e da ascensão da alma. Ele transcende o saber racional e conecta o indivíduo diretamente ao nous (mente divina), permitindo a compreensão de sua origem divina e de seu papel no Cosmos. No Corpus Hermeticum a *gnōsis* é compreendida como um dom divino, uma iluminação que revela as leis cósmicas e a unidade entre o homem e o divino. Esse processo envolve purificação interior e a harmonização com as forças do Cosmos, conduzindo à apoteose ou deificação. No gnosticismo, a *gnōsis* é igualmente um conhecimento esotérico e salvífico, mas se distingue por sua ênfase em revelar a verdadeira natureza do mundo e do sofrimento humano. Para alguns gnósticos de visão dualista (porque existem àqueles não-dualistas), o mundo material é frequentemente visto como uma criação imperfeita, ou até maligna, feita por um Demiurgo. A *gnōsis*, nesse contexto, é o despertar da centelha divina presente na alma humana, que está aprisionada no mundo material. Essa revelação permite ao indivíduo transcender a ilusão material e retornar à plenitude divina (pleroma). A *gnōsis* aqui é frequentemente associada ao desvelar de segredos ocultos e à libertação espiritual. No platonismo teúrgico a *gnōsis* não é muito diferente da interpretação do hermetismo alexandrino, salvo que no processo o teurgo se veste com a capa dos deuses estando no reino da geração, recebendo deles a sua luz e obtendo deles o conhecimento direto, para muito além do construto pensante da mente; dessa maneira, se aproximando das noções teológicas e soteriológicas do tantra *śaiva* da Caxemira onde o divino está entranhado nas profundezas da matéria: em ambos os casos o conhecimento obtido pela *gnōsis* busca a transcendência total da dualidade.

Na Quimbanda o conceito de *gnōsis* se estende sobre muitos processos mágicos, teológicos (ou demonológicos), soteriológicos e escatológicos do culto; por esse motivo utilizamos o conceito de *Gnōsis* de Exu para dar explicação, i.e. fundamentação, a estes inúmeros processos. Então ele é utilizado para compreensão dos símbolos hieráticos do culto, dos fundamentos de feitiçaria, da metafísica cosmológica e cosmogônica da Quimbanda etc. Por exemplo, o conceito de *prognōsis* que ocorre na mantikē (divinação oracular por meio da possessão divina), refere-se à capacidade de antecipar ou compreender eventos futuros por meio de uma conexão direta com os deuses. Essa antecipação não é meramente um exercício de adivinhação do futuro, mas resulta de um alinhamento espiritual profundo entre o teurgo e os deuses, levando-o ao conhecimento da atividade (energeia) fundamental deles. A *prognōsis* é alcançada através de rituais teúrgicos e do contato com os daimōnes ou deuses, que revelam verdades ocultas sobre o destino e o funcionamento cósmico. A ideia central é que, ao elevar a alma aos reinos superiores, o teurgo acessa um conhecimento além do tempo linear, permitindo-lhe vislumbrar o futuro ou compreender a ordem divina por trás dos eventos. Na Quimbanda este mesmo fenômeno nós damos o nome de *Gnōsis* de Exu e, tal qual no platonismo teúrgico e no tantra *śaiva*, na *Gnōsis* de Exu o kimbanda busca a transcendência da dualidade, representada hieraticamente pela ideia conceitual do Chefe Império Maior, assim como é Bhāirava no tantra.

Outro exemplo: a estética diabólica da Quimbanda revela uma *Gnōsis* de Exu, demonstrando a natureza indômita e visceral da feitiçaria ctônica do culto. O imaginário diabólico e infernal da Quimbanda se configura como uma ruptura simbólica e teológica com o cristianismo hegemônico, utilizando elementos demonizados pela tradição judaico-cristã para afirmar uma espiritualidade de resistência e transformação. Este imaginário, marcado

[1] Hermes Trimegistos. Aclépio Latino, Verso 21. Em Pedro Barbieri Antunes. Soteriologia e cosmogonia no Corpus hermético: o caminho iniciático do hermetismo antigo. Universidade de São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2022, pp. 301-2.

[2] Como dissertei no texto Possessão Divina vs Incorporação Mediúnica, disponível no blog do site www.goeteia.com.br, e também no Capítulo A Phōtagōgia na Teurgia & na Cabalá Crioula, do livro Kalunga (ainda no prelo), não utilizarei em minha literatura, doravante, termos como incorporação ou mediunidade.

uma profecia oracular na forma (i.e. a ideia no sentido platônico) de uma visão transformada em arte, como uma carta do tarot.

Em minha prática pessoal adaptei os ritos de incubação que anteriormente fazia com daimões, espíritos olímpicos, o sagrado anjo guardião etc., para comunicação onírica com meus três Exus-de-Coroa. Empreguei também em meu exercício pessoal de Quimbanda as técnicas de construção do templo astral, e construí um terreiro astral no fundo de uma mata escura, onde me encontro com Exu Pantera Negra por meio dos ritos de incubação. Muitos dos símbolos hieráticos que compõem nosso templo de Quimbanda, mas também àqueles que são publicados em nossos livros, revista e mídias sociais, são revelados por Exu Pantera Negra neste ambiente onírico em que nos encontramos. É neste sentido que a Quimbanda soma. Ela não vai jogar fora a sua experiência magística e iniciática prévia; o que a Quimbanda fará é, no seu exercício particular ou pessoal de feitiçaria, revitalizar e dar poder ao seu conhecimento anterior de magia, agregando diversas tecnologias mágicas para esse empoderamento de seu aṣe (poder mágico). Essa é a tese fundamental por trás do *Daemonium: a Quimbanda no renascer da Magia* (2022), *Ganga* (2023) e *Daemonium: a Quimbanda & a Nova Síntese da Magia* (2024).

A Gnôsis de Exu da arte de capa desta edição, revela a teologia hierogâmica e noturna^[5] da Quimbanda. A teologia da Quimbanda é hierogâmica porque seu processo cosmogônico e cosmológico parte de um casamento-sagrado,

pela figura de Exus e Pombagiras associados ao Inferno, não deve ser interpretado literalmente, mas como um arquétipo que abraça as forças marginais, caóticas e ctonianas da existência. Ele ressignifica conceitos como pecado, transgressão e rebeldia, transformando-os em símbolos de poder, autonomia e liberdade espiritual. Na Quimbanda, a iconografia infernal reflete a integração de forças primordiais, ancestrais e telúricas, desafiando as dicotomias dualistas entre bem e mal, céu e inferno, e reivindicando um espaço sagrado para aquilo que foi historicamente excluído ou reprimido pelas tradições monolátricas. Assim, o imaginário infernal não representa uma adesão ao mal, mas uma reapropriação de símbolos de subversão como ferramentas de emancipação e transcendência espiritual.

[5] A teologia da Quimbanda é noturna porque refere-se a uma cosmovisão mágica e prática de comunicação com os espíritos do reino sublunar, conectando os kimbandas às forças elementais e ancestrais em uma dimensão lunar. Diferente das concepções solares-diurnas, a teologia noturna coloca a Lua no ápice do céu e o Sol como regente do Submundo, refletindo uma inversão simbólica onde a noite e o mistério são exaltados. Esse modelo cosmológico na Quimbanda é uma herança da teologia demonológica do *Grimorium Verum*, e propõe uma conexão direta com os elementos – terra, água, ar e fogo – e com os espíritos, particularmente Exus e Pombagiras. Ao explorar esse reino, o kimbanda descobre não apenas um espaço físico, mas uma dimensão simbólica de transformação espiritual, onde os mistérios ancestrais se manifestam como um convite ao autoconhecimento e à alquimia interior. Veja Fernando Liguori. *Wanga: o Segredo do Diabo*. Clube de Autores, 2024.

um intercuro sexual metafísico, oculto, entre duas forças polarizadas, as divindades Beelzebuth e Ashtaroth. A hierogamia ou casamento-sagrado, é um conceito recorrente na história do esoterismo ocidental, simbolizando a união mística entre forças opostas e complementares, como masculino e feminino, espírito e matéria, ou céu e terra. Na Antiguidade, a hierogamia aparece nos mitos de deuses como Ísis e Osíris no Egito, ou Hera e Zeus na Grécia, representando essa união. No gnosticismo e no hermetismo,^[6] essa união assume uma di-

[6] Aqui é importante destacar a diferença entre hermetismo e hermeticismo. O hermetismo refere-se ao conjunto de textos filosófico-religiosos atribuídos a Hermes Trismegisto, um arquétipo sincrético que combina características do deus grego Hermes e do deus egípcio Thoth. Esses textos, conhecidos como Hermética, surgiram no contexto do Egito helenístico, particularmente nos primeiros séculos da era cristã. Eles abordam questões metafísicas, cosmológicas, e espirituais, com foco na relação entre o humano e o divino, a busca pelo conhecimento (*gnôsis*) e a ascensão espiritual. O hermetismo é, assim, uma corrente de pensamento religiosa e filosófica, profundamente enraizada no sincretismo cultural e espiritual da Antiguidade.

O hermeticismo, por outro lado, refere-se à recepção, interpretação e desenvolvimento das ideias herméticas em contextos históricos posteriores, particularmente na Renascença e nos períodos subsequentes. Durante o Renascimento, pensadores como Marsilio Ficino (1433-1499)* e Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494)** redescobriram os textos herméticos, incorporando-os à tradição esotérica europeia e associando-os a disciplinas como alquimia, astrologia e magia. O hermeticismo é, portanto, a releitura e reinvenção do hermetismo, frequentemente mesclado com outros sistemas de pensamento esotérico, como o platonismo místico e teúrgico, o cabalismo e as tradições alquímicas medievais.

A diferença central está no contexto e no desenvolvimento histórico. O hermetismo é um fenômeno específico da Antiguidade tardia, relacionado aos textos herméticos e à sua cosmovisão original, enquanto o hermeticismo é uma construção histórica posterior, moldada por diferentes períodos, culturas e interesses esotéricos. O hermeticismo renascentista, por exemplo, não reflete fielmente o conteúdo do *Corpus Hermeticum*, mas adapta suas ideias à luz de outras tradições filosófico-religiosas. Essa distinção é essencial para entender como o legado hermético foi reinterpretado ao longo dos séculos, ganhando novos significados e aplicações em diferentes contextos culturais e espirituais. A Quimbanda, como veremos, foi profundamente influenciada pelo hermeticismo que chegou ao Brasil por meio do Ocultismo francês.

* Marsilio Ficino foi um filósofo, médico e tradutor italiano do Renascimento, amplamente reconhecido como um dos principais responsáveis pela revivificação do platonismo na Europa Ocidental. Nascido em Figline Valdarno, perto de Florença, em 19 de outubro de 1433, Ficino foi protegido pela família Medici, que apoiou suas traduções e comentários das obras de Platão e de autores platônicos. Sua tradução do *Corpus Hermeticum* e de textos platônicos para o latim foi fundamental para integrar essas tradições ao humanismo renascentista. Ficino também desenvolveu a filosofia da alma cósmica e a música como cura espiritual, destacando o papel da harmonia universal. Ele faleceu em Florença, em 1º de outubro de 1499, deixando um legado duradouro na filosofia, esoterismo e teologia ocidentais.

** Giovanni Pico della Mirandola foi um filósofo, teólogo e humanista italiano, uma figura central do Renascimento e um dos pioneiros do sincretismo religioso e filosófico. Nascido em 24 de fevereiro de 1463 no condado de Mirandola, Pico destacou-se por sua vasta erudição e ambição intelectual, buscando reconciliar diversas tradições filosóficas e religiosas, incluindo o platonismo, o aristotelismo, o hermetismo, o cristianismo e a cabalá judaica. Sua obra mais famosa, a *Oração sobre a Dignidade do Homem*, é considerada o manifesto do Renascimento, celebrando a capacidade humana de transcender sua condição através do livre-arbítrio e da busca pelo divino. Em 1486, ele propôs debater 900 teses abrangendo temas filosóficos e teológicos, mas enfrentou a censura da Igreja. Pico morreu prematuramente em 17 de novembro de 1494, em Florença, sob circunstâncias misteriosas, mas seu legado influenciou profundamente o pensamento renascentista e o esoterismo ocidental.

mensão metafísica, como a fusão da alma com o nous (intelecto divino) ou o retorno da faísca divina ao pleroma. Durante o Renascimento, o simbolismo alquímico explorou a hierogamia na forma da conjunctio oppositorum, a união dos opostos, representada pelo casamento do Rei e da Rainha, como etapas da Grande Obra. No esoterismo teosófico^[7] cristão, a hieroga-

[7] Aqui trabalho com a distinção de Antonie Faivre (1934-2021)* entre teosofia e teosofismo, conceitos que, apesar de relacionados, possuem nuances distintas. A teosofia se trata de uma corrente espiritual e filosófica que busca a sabedoria divina (theos + sophia) por meio de uma abordagem especulativa e intuitiva, que conecta o humano ao divino. A teosofia caracteriza-se por uma visão do Cosmos como um sistema orgânico vivo, repleto de correspondências e relações simbólicas que refletem a unidade entre o microcosmo e o macrocosmo. Essa tradição enfatiza o papel do homem como mediador e criador, dotado de um potencial espiritual para compreender as leis divinas e promover a harmonização com o universo. Diferente de uma religião institucionalizada, a teosofia combina elementos de misticismo, esoterismo e filosofia, valorizando a revelação interior e a síntese de conhecimentos de diversas tradições espirituais. A teosofia refere-se a uma corrente espiritual e filosófica de longa tradição, que remonta a figuras como Jakob Böhme (1575-1624)** e Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803)***.

Teosofismo é o termo que designa, mais especificamente, o movimento teosófico moderno fundado por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891)+ no final do Séc. XIX, com a Sociedade Teosófica. O teosofismo possui características próprias, como um sistema estruturado de crenças, influências do hinduísmo e budismo, e a ideia de evolução espiritual progressiva através de reencarnações. Trata-se de uma forma institucionalizada da teosofia, que consolidou ideias esotéricas em um movimento organizado e global.

Enquanto a teosofia abrange um campo mais amplo de pensamento espiritual e filosófico dentro da tradição esotérica ocidental, o teosofismo se refere a um movimento histórico e específico, com suas próprias doutrinas e práticas.

* Antoine Faivre (5 de junho de 1934 – 19 de dezembro de 2021) foi um renomado historiador e pesquisador francês, amplamente reconhecido como uma das principais autoridades no estudo do esoterismo ocidental. Professor na École Pratique des Hautes Études, na Sorbonne, ele foi pioneiro na legitimação acadêmica do esoterismo como um campo de estudo, sistematizando-o com seis características fundamentais, como correspondências e transmutação imaginal. Autor de obras influentes, como *Access to Western Esotericism* e *Theosophy, Imagination, Tradition*, Faivre dedicou-se a explorar tradições místicas e filosóficas, incluindo a teosofia, a alquimia e o hermetismo. Seu trabalho estabeleceu uma base metodológica rigorosa para o estudo acadêmico do esoterismo, tornando-o uma referência incontornável no campo.

** Jakob Böhme (1575 – 17 de novembro de 1624) foi um filósofo e místico alemão, amplamente considerado um dos principais pensadores espirituais do cristianismo esotérico e um precursor do movimento pietista. Nascido em Alt Seidenberg, próximo a Görlitz, na Saxônia, ele trabalhou como sapateiro antes de ter visões místicas que moldaram sua compreensão única sobre a relação entre Deus, a criação e o homem. Suas obras, como *Aurora* e *Os Três Princípios da Essência Divina*, exploram temas de teosofia, a interação entre luz e escuridão, e a ideia de Deus como uma unidade dinâmica em constante evolução. Embora enfrentasse resistência das autoridades religiosas por suas ideias consideradas heterodoxas, Böhme influenciou profundamente o pensamento esotérico e filosófico, deixando um legado que ressoou em movimentos espirituais e intelectuais posteriores, incluindo o romantismo alemão. Ele faleceu em Görlitz, deixando um impacto duradouro na teologia e no esoterismo cristão.

*** Louis-Claude de Saint-Martin (18 de janeiro de 1743 – 13 de outubro de 1803) foi um filósofo, místico e escritor francês, conhecido como «O Filósofo Desconhecido» (*Le Philosophe Inconnu*), título que adotou para publicar grande parte de suas obras. Nascido em Amboise, Saint-Martin foi inicialmente advogado e militar antes de se dedicar ao estudo do misticismo cristão e do esoterismo. Tornou-se um seguidor de Martinez de Pasqually (1831-1891), fundador do Martinezismo, e depois desenvolveu sua própria filosofia espiritual, que enfatizava a introspecção e a comunhão direta com o Divino, sem a necessidade de rituais externos. Ele escreveu várias obras influentes, incluindo *O Homem de Desejo* e *Dos Erros e da Verdade*. Saint-Martin é frequentemente associado ao Martinismo, um movimento espiri-

ta que surgiu após sua morte, influenciado por seus escritos e ideias. Ele faleceu em Aulnay, próximo a Paris, deixando um legado significativo no pensamento esotérico e místico ocidental.

+ Helena Petrovna Blavatsky (31 de julho de 1831 – 8 de maio de 1891) foi uma filósofa, escritora e ocultista russa, cofundadora da Sociedade Teosófica e uma das figuras mais influentes do esoterismo moderno. Nascida em Ekaterinoslav, no Império Russo (atual Dnipro, Ucrânia), Blavatsky viajou extensivamente por diversos países, incluindo Índia, Tibete e Egito, onde teria se aprofundado em tradições espirituais e místicas. Em 1875, fundou a Sociedade Teosófica ao lado de Henry Steel Olcott (1832-1907) e William Quan Judge (1851-1896), promovendo a busca pela sabedoria divina, a união de religiões, filosofias e ciências, e o estudo comparativo das tradições espirituais. Autora de obras fundamentais como *Isis sem Véu* (1877) e *A Doutrina Secreta* (1888), Blavatsky influenciou profundamente o pensamento esotérico ocidental, ao divulgar conceitos como karma, reencarnação e os Mestres Ascensionados. Faleceu em Londres, deixando um legado controverso, mas essencial para o desenvolvimento do ocultismo contemporâneo.

[8] Rudolf Steiner foi um filósofo, educador, esoterista e fundador da antroposofia, uma corrente espiritual que busca integrar ciência, arte e espiritualidade. Nascido em 25 de fevereiro de 1861, em Kraljevec, no Império Austro-Húngaro (hoje parte da Croácia), Steiner mostrou desde cedo interesse por filosofia e ciência, o que o levou a estudar na Universidade Técnica de Viena. Durante sua vida, ele desenvolveu a pedagogia Waldorf, a agricultura biodinâmica e contribuiu para as artes por meio da eurytmia e do teatro. Sua obra filosófica e espiritual inclui marcos como *A Filosofia da Liberdade* e seu trabalho como líder da Sociedade Antroposófica. Steiner faleceu em 30 de março de 1925, em Dornach, Suíça, deixando um legado que continua a influenciar diversas áreas do pensamento e da prática espiritual contemporânea.

símbolo mitológico, mas uma prática mágica e espiritual que reflete a perpetuação dos ciclos de criação, destruição e renascimento. Este conceito coloca o kimbanda no papel de mediador entre essas forças, utilizando os princípios espirituais da polaridade tanto para acessar o poder da magia e operar transformações tangíveis no tecido da Realidade, i.e. a taumaturgia, quanto realizar a Unidade transcendente representada por Lúcifer, o andrógino. Na Quimbanda Lúcifer é o símbolo hierático supremo da apoteose ou deificação.

A Quimbanda opera sob uma estrutura de funcionamento do Cosmos herdada do Ocultismo do fim do Séc. XIX. Inúmeras matérias do Ocultismo são tijolos da estrutura fundante da Quimbanda, como o magnetismo animal e o conhecimento aplicado das polaridades na condução ou manipulação do magnetismo e a hierogamia. Como demonstra o autor José Leitão, o Ocultismo influenciou profundamente a formação da Umbanda e Quimbanda no Brasil:

Parte da moralidade da história é do Século XIX [...], em primeiro lugar na menção do «Magnetismo» como uma forma de magia branca divina. Essa forma de magnetismo divino sugere uma corrente histórica muito particular de ideias, ou seja, aquelas mais em aliança com Jules Denis, o Barão du Potet, que por sua vez influenciaria nomes como E. A. Waite, Eliphas Levi, Blavatsky e Mary Atwood. Em aliança com os mesmeristas espirituais, que com o tempo dariam origem aos espíritas franceses e aos espiritistas anglo-americanos (dos quais toda a história do Ocultismo contemporâneo deriva), du Potet realmente proclamou que o magnetismo era o Espírito Divino dado ao Homem, e na verdade era uma ferramenta divina usada por Deus no processo de criação. Isso implicou uma reestruturação e reconceitualização de toda a magia e religião [...] em relação ao uso adequado de poderes e técnicas magnéticas, basicamente [preparando] os tijolos para muito do pensamento mágico de Levi. Embora seja um desvio, isso nos oferece algumas possibilidades muito claras dos círculos intelectuais em que esta versão específica do Livro [de São Cipriano] estava sendo estruturada. Parece haver um claro conhecimento e preocupação com práticas comuns de magia popular, uma visão simpática das dificuldades de imigração portuguesa e, finalmente, uma naturalização racional da magia adequada e divina no magnetismo e em outras ideologias derivadas [dos ocultistas] franceses do Século XIX, muito em voga no Brasil na época e que eventualmente dariam origem a Umbanda, Quimbanda e muitas outras coisas.^[9]

Prova dessa influência encontramos em Antônio Alves Teixeira Neto, que em sua obra *A Magia e os Encantos de Pombagira*, que estampa

[9] José Leitão. *Opuscula Cypriany: variation on the Book of the Saint Cyprian and Related Literature*. Hadean Press, 2019, pp. 404.

o Brasão Imperial de Maioral em sua primeira página, ao Explicar Exu-Mulher, i.e. Pombagira, contextualiza a interação entre Exu e Pombagira mencionando a polaridade hermeticista:

«A Filosofia Hermética (de Hermes Trimegisto), em seu sétimo preceito ou lei, nos diz: «Tudo é duplo. Tudo tem parte masculina e outra feminina. O sexo existe em todos os planos...»

Em Gênesis - Capítulo I — Versículo 26, encontramos: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» e, no Versículo 27: «E criou Deus o Homem à sua imagem: E macho e fêmea o criou».^[10]

Daí se conclui que, sem exceção alguma, tudo o que existe na natureza é duplo, isto é, tem uma parte masculina e outra feminina ou, em outras palavras — se considerarmos que a vida, o Universo inteiro, tudo enfim, nada mais é do que produto da Magia — tudo tem uma parte positiva e outra negativa, uma força positiva e uma negativa.^[11]

A polaridade hermeticista descreve a natureza dual de todas as coisas no universo. Tudo possui dois polos opostos, que são, na verdade, extremos da mesma essência. Ou seja, os aparentes opostos, como quente e frio, amor e ódio, luz e escuridão, não são categorias absolutas, mas graduações no mesmo espectro contínuo. A polaridade ensina que esses opostos não apenas coexistem, mas também se transformam um no outro. Por exemplo, o frio extremo pode se transformar em calor, e o amor intenso pode degenerar em ódio. Essa transformação ocorre de forma gradual, seguindo a continuidade de um mesmo princípio. Assim, a polaridade não indica conflito, mas complementação. No contexto da Quimbanda, compreender a polaridade na forma de atuação entre Exu e Pombagira é essencial para a prática da magia, como ficará claro. Mas a noção de polaridade desenvolvida na Quimbanda e representada na hierogamia ou casamento-sagrado entre Beelzebuth e Ash-taroath ou Exu e Pombagira, está muito próxima das conclusões de Friedrich Schelling (1775-1854)^[12] acerca da polaridade magnética.

[10] Antônio Alves Teixeira Neto. *A Magia e os Encantos de Pombagira*. Editora Eco, 1978, pp. 22.

[11] *Ibidem*, pp. 29-30.

[12] Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (27 de janeiro de 1775 – 20 de agosto de 1854) foi um filósofo alemão, destacado representante do idealismo alemão e um dos principais pensadores da Naturphilosophie, uma abordagem que busca compreender a natureza como um organismo vivo e dinâmico. Nascido em Leonberg, Württemberg, Schelling estudou teologia e filosofia em Tübingen, onde conviveu com figuras como Hegel (1770-1831) e Hölderlin (1770-1843). Sua filosofia abordou a relação entre a natureza e o espírito, buscando reconciliar ciência e metafísica, com ênfase na polaridade e no dinamismo como princípios estruturantes do Cosmos. Schelling contribuiu para os campos da estética, ética, filosofia da natureza e teologia, influenciando pensadores e movimentos posteriores, incluindo o romantismo e o existencialismo. Ele faleceu em Bad Ragaz, Suíça, deixando um legado que continua a impactar debates filosóficos e científicos.

Para Friedrich Schelling a polaridade é entendida como um fenômeno fundamental que expressa o dinamismo da natureza. Nesse contexto, não é apenas um conceito físico, mas também filosófico e metafísico, ligado à interdependência dos opostos que estruturam a Realidade. A polaridade representa a interação entre forças opostas, como o positivo e o negativo, que estão em constante tensão e interdependência. Essa interdependência reflete a estrutura essencial da natureza, onde os opostos coexistem e se complementam. Embora os polos sejam distintos e opostos, eles não podem existir isoladamente; sua relação mútua cria a unidade do sistema. Essa ideia está muito próxima da conceituação da androgenia de Lúcifer na Quimbanda como a unidade do sistema, relacionada a interação das polaridades Beelzebuth-macho e Ashtaroth-fêmea. Para quem estudou a última edição da Revista Nganga essas ideias são bem familiares.

Schelling considera ainda o magnetismo como uma força vital que permeia a natureza e exemplifica a polaridade como uma expressão visível do dinamismo universal. A polaridade, portanto, é um microcosmo das forças que atuam em todos os níveis da realidade, do material ao espiritual. Isso envolve o magnetismo e a polaridade de Schelling dentro da corrente histórica muito particular de ideias mencionada por José Leitão na citação anterior. A título de exemplo, alguns autores e escolas esotéricas dessa corrente particular são:

1. Hermetismo: nos textos atribuídos a Hermes Trismegisto (Sécs. I a III d.E.C.), como o Corpus Hermeticum, o conceito de polaridade surge na união entre matéria e espírito, representando o processo alquímico de integração entre os opostos. A hierogamia é simbolizada na fusão de princípios divinos, como o nous

A Naturphilosophie foi uma corrente filosófica do final do Séc. XVIII e início do Séc. XIX, desenvolvida principalmente no contexto do idealismo alemão, com Friedrich Schelling como seu principal expoente. Ela buscava compreender a natureza como uma totalidade orgânica, dinâmica e interconectada, em oposição à visão mecanicista predominante na ciência moderna. Inspirada pelo romantismo e pelo pensamento de filósofos como Kant (1724-1804) e Spinoza (1632-1677), a Naturphilosophie propôs que a natureza não é apenas um objeto de estudo, mas também um sujeito dotado de criatividade e intencionalidade, refletindo uma profunda unidade entre espírito e matéria. Sua influência foi significativa no desenvolvimento de diversas áreas científicas, como a biologia e a química, ao introduzir conceitos como polaridade e forças dinâmicas. Embora criticada posteriormente por sua abordagem especulativa, a Naturphilosophie desempenhou um papel crucial na transição para uma ciência mais holística e interdisciplinar.

(intelecto divina) com a psyché (a alma). A Hermética fundou a base para os princípios esotéricos de polaridade que inspiraram tanto a alquimia quanto o pensamento mágico posterior.

2. Alquimia: a alquimia tratava da integração dos opostos (Solve et Coagula). A hierogamia é simbolizada na união do Rei e da Rainha, ou Sol e Lua, que gera a Pedra Filosofal. Esses símbolos refletem o equilíbrio espiritual e físico entre polaridades. As ideias alquímicas acerca da polaridade influenciaram as práticas hermeticistas posteriores e tradições mágicas ocidentais.
3. Eliphas Levi (1810-1875)^[13]: introduziu a imagem do Baphomet, uma figura andrógina que simboliza a união entre luz e trevas, masculino e feminino, como base para o equilíbrio universal. Sua obra definiu o conceito de polaridade como central para a magia cerimonial e que influenciou profundamente a Quimbanda no Brasil.
4. Sociedade Teosófica: o teosofismo discute polaridades como princípios cósmicos de criação e evolução. Blavatsky identificava a dualidade masculino-feminino como forças dinâmicas no sistema teosófico, conectando a ideia à filosofia hindu e aos arquétipos ocidentais. Suas ideias contribuíram para a popularização do conceito de polaridade no Ocultismo moderno.
5. Golden Dawn: ordem hermeticista que explorou a polaridade no simbolismo cabalístico e alquímico. A hierogamia foi incorporada no curso de seus rituais como a integração entre energia ativa (masculina) e receptiva (feminina).
6. Rudolf Steiner: desenvolveu a ideia de polaridades espirituais (como Lúcifer e Ahriman) que precisam ser equilibradas

[13] Eliphas Levi, nascido Alphonse Louis Constant em 8 de fevereiro de 1810, em Paris, França, foi um mago, ocultista e escritor, amplamente reconhecido como um dos principais arquitetos do renascer da magia no Ocidente no Séc. XIX. Ordenado diácono na Igreja Católica, abandonou o sacerdócio em busca de uma vocação mais alinhada às suas aspirações filosóficas e espirituais. Sua obra mais célebre, Dogma e Ritual de Alta Magia (1854-1856), introduziu conceitos fundamentais que moldaram o Ocultismo moderno, incluindo a iconografia do Baphomet e a reconciliação entre ciência, religião e magia. Levi combinou elementos da cabalá, hermetismo e alquimia com sua própria filosofia espiritual, influenciando figuras como Aleister Crowley (1875-1947) e as tradições ocultistas posteriores. Ele faleceu em 31 de maio de 1875, em Paris, deixando um legado imensurável para o esoterismo ocidental e as práticas mágicas contemporâneas.

no desenvolvimento humano. Sua visão também explorou a hierogamia espiritual como a união do eu superior com as forças criativas do Cosmos.

7. Aleister Crowley (1875–1947)^[14]: discutiu a polaridade no contexto da magia sexual que envolveu toda a metafísica da cosmoivisão thelêmica, incorporando hierogamia em rituais mágicos. Ele via a magia sexual como uma ferramenta mágica para unir as forças divinas polarizadas.
8. Martinismo: enfatizou a união entre o humano e o divino como hierogamia espiritual. No martinismo, a polaridade reflete a busca pela reintegração ao estado original de unidade divina.

O conceito de polaridade e hierogamia permeia o hermetismo/hermeticismo e o Ocultismo moderno, oferecendo um fundamento esotérico universal que se manifesta em diferentes contextos culturais e tradições espirituais. De Paracelso (1493-1541)^[15] a Blavatsky, de Levi a Steiner, a integração entre opostos é vista como o motor cósmico que reflete tanto a criação divina quanto a prática mágica. Na Quimbanda, essas ideias são recriadas com uma estética e prática próprias, conectando-se ao arcabouço hermético-esotérico global. O que nos leva ao seguinte desenvolvimento e contextualização histórica.

De acordo com uma das ideias mais difundidas no pensamento alquímico, a matéria contém uma luz ou um fogo invisível cuja natureza é a mesma da Palavra que criou a Luz no pri-

[14] Aleister Crowley, nascido Edward Alexander Crowley em 12 de outubro de 1875, em Royal Leamington Spa, Inglaterra, e falecido em 1º de dezembro de 1947, em Hastings, Inglaterra, foi um ocultista, escritor, poeta e místico britânico, conhecido por sua influência no esoterismo moderno e como fundador da religião filosófica conhecida como Thelema. Ele se autodenominava A Grande Besta 666 e provocava controvérsia por seu estilo de vida libertino e suas práticas ocultas. Sua obra mais famosa, O Livro da Lei (Liber AL vel Legis), é a base do sistema metafísico thelêmico, com o lema Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei. Além de ser um estudioso profundo de Ocultismo, Crowley foi membro de ordens como a Ordem Hermética da Aurora Dourada e da Ordo Templi Orientis (O.T.O.), influenciando significativamente o Ocultismo contemporâneo e a contracultura do Séc. XX.

[15] Paracelso, nascido Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, veio ao mundo em 17 de dezembro de 1493, em Einsiedeln, na Suíça, e faleceu em 24 de setembro de 1541, em Salzburgo, Áustria. Médico, alquimista, filósofo e ocultista, Paracelso é considerado um dos fundadores da medicina moderna e da toxicologia, além de ter revolucionado o pensamento médico ao valorizar a relação entre o corpo, a mente e o espírito. Ele desafiou os métodos tradicionais de sua época, desenvolvendo teorias baseadas na observação empírica e na alquimia, associando a saúde à harmonia entre os microcosmos (o homem) e o macrocosmos (o universo). Seus escritos influenciaram profundamente tanto a ciência médica quanto as práticas esotéricas do Ocidente.

meiro dia da Criação. Esse princípio ígneo, situado a meio caminho entre o mundo natural e o mundo suprassensível, também ocupa um lugar importante em muitos discursos cosmológicos do Ocidente. Ele tem sido utilizado para interpretar a ideia platônica da Alma do Mundo e se diversificou em inúmeros temas como a Luz Astral.

Um dos expoentes mais significantes para nós aqui e que desenvolveu um trabalho terapêutico com o magnetismo animal foi o médico suábio Franz Anton Mesmer (1734–1815),^[16] que desenvolveu o mesmerismo, que logo se tornou uma fonte de inspiração para a maioria dos representantes das correntes esotéricas da época.

Já em 1766, em sua tese de doutorado, *De influencia planetarum in corpus humanum*, Mesmer postulou a existência de um fluido invisível espalhado por toda parte. Ele serviria como veículo para a influência mútua que os corpos celestes exerceriam entre si, a Terra e os corpos animados – daí a expressão magnetismo animal geralmente usada para se referir a essa

[16] Anton Mesmer foi um médico e filósofo alemão, conhecido por desenvolver o conceito de magnetismo animal, que mais tarde influenciaria estudos sobre hipnose e psicoterapia. Nascido em 23 de maio de 1734, em Iz-nang, na Alemanha, Mesmer acreditava na existência de um fluido universal que permeia todos os seres vivos, o qual ele usava em suas práticas de cura para equilibrar o fluxo energético dos pacientes. Suas técnicas envolviam passes magnéticos e o uso de objetos magnetizados para induzir estados de transe e curar doenças, sendo amplamente controversas e frequentemente desacreditadas pela medicina oficial de sua época. Apesar das críticas, suas ideias tiveram um impacto duradouro no Ocultismo, no esoterismo e nos primórdios da psicologia moderna. Mesmer morreu em 5 de março de 1815, em Meersburg, Alemanha, mas sua obra abriu caminhos para o desenvolvimento de abordagens alternativas na medicina e na psicologia.

As ideias de Mesmer sobre o magnetismo animal tiveram uma influência significativa no desenvolvimento do espiritismo francês de Allan Kardec (1804-1869)* no Séc. XIX. Mesmer propôs que o fluido universal invisível, presente em todos os seres e no Cosmos, podia ser manipulado para restaurar o equilíbrio e a saúde, o que serviu como base para práticas de cura magnética. Essa noção foi assimilada pelos espiritualistas franceses, que interpretaram o magnetismo como uma energia espiritual capaz de conectar os vivos aos espíritos desencarnados. Kardec incorporou essas ideias ao espiritismo, especialmente nas práticas mediúnicas, onde os médiuns eram vistos como canais de uma força vital que possibilitava a comunicação com o além. O uso do estado de transe, similar ao induzido por técnicas magnéticas, tornou-se uma característica central nas sessões espíritas. Assim, o magnetismo de Mesmer forneceu um arcabouço conceitual e metodológico que ajudou a legitimar as práticas espíritas e a integrá-las à tradição espiritualista francesa.

* Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu em 3 de outubro de 1804, em Lyon, França, e faleceu em 31 de março de 1869, em Paris. Educador, filósofo e escritor, Kardec é amplamente reconhecido como o codificador do espiritismo. Sua formação pedagógica seguiu os preceitos do renomado educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi, cujas ideias influenciaram sua abordagem racional e metódica ao espiritualismo. Em 1857, publicou O Livro dos Espíritos, que consolidou os fundamentos do espiritismo como uma filosofia espiritualista baseada na existência e na comunicação com os espíritos, na pluralidade das existências e no progresso moral da humanidade. Kardec também foi responsável por outras obras fundamentais, como O Evangelho Segundo o Espiritismo e O Céu e o Inferno. Sua contribuição não apenas popularizou o espiritismo na França, mas também lançou as bases para sua expansão global, especialmente no Brasil.

teoria e às práticas a ela relacionadas. Depois de cuidar de seus pacientes inicialmente pela aplicação de ímãs (um procedimento posteriormente readotado por Jean-Martin Charcot 1825-1893),^[17] e depois pela imposição de mãos, ele desenvolveu uma terapia que consistia em fazer as pessoas sentarem uma ao lado da outra ao redor de uma banheira – o famoso baquet – contendo água, limalhas de ferro e areia. Eles se comunicavam com a banheira por meio de hastes ou cordas de ferro e formavam assim uma corrente para transmitir para os corpos dos pacientes doentes o magnetismo dos sujeitos saudáveis.

Embora fosse um materialista convicto, Mesmer deu às suas atividades um caráter iniciático ao criar em 1783 a Sociedade da Harmonia, cujos símbolos foram inspirados no estilo maçônico. E, em 1785, escreveu que somos dotados de um sentido interno que está em relação com todo o universo – uma ideia que não deixaria de criar muitas repercussões nas correntes esotéricas nascidas naquele período. Longe de se espalhar na forma específica que Mesmer tentou conferir a ela, o magnetismo animal logo pôde ser visto operando em várias direções, influenciando a alta magia de Eliphas Levi e os passes e trances mediúnicos do espiritismo de Allan Kardec.

Notavelmente, enquanto Mesmer concebeu a prática para um propósito essencialmente terapêutico, já em 1784, na França, o Marquês Armand Marie Jacques de Chastenet de Puységur (1727–1807),^[18] que magnetizava seus pacientes levando-os a um estado de consciência próximo ao sono, acreditava ter descoberto a

[17] Jean-Martin Charcot nasceu em 29 de novembro de 1825, em Paris, França, e faleceu em 16 de agosto de 1893, em Morvan, França. Médico neurologista e professor, Charcot é considerado um dos fundadores da neurologia moderna. Trabalhando no hospital da Salpêtrière, em Paris, ele se destacou por suas pesquisas sobre histeria e hipnose, influenciando profundamente o estudo dos distúrbios neurológicos e psiquiátricos. Charcot classificou várias doenças neurológicas, como a esclerose lateral amiotrófica (ELA), também conhecida como doença de Charcot. Ele foi mentor de Sigmund Freud (1856-1939), que mais tarde adaptaria conceitos de hipnose e histeria em sua teoria psicanalítica. Sua abordagem metódica e científica consolidou seu legado como um dos maiores nomes da medicina no Séc. XIX.

[18] O Marquês Armand Marie Jacques de Chastenet de Puységur, nascido em 7 de março de 1751, em Paris, França, e falecido em 1º de agosto de 1825, foi um nobre francês, magnetizador e discípulo de Franz Anton Mesmer, conhecido por suas contribuições pioneiras ao estudo do magnetismo animal e do transe hipnótico. Ele é lembrado por seu trabalho em introduzir o conceito de sonambulismo artificial, no qual os sujeitos em transe apresentavam fenômenos como lucidez e habilidades inexplicáveis. Puységur revolucionou o campo do magnetismo ao explorar estados alterados de consciência com um enfoque mais humanitário, substituindo os gestos dramáticos de Mesmer por um método mais suave. Sua influência foi crucial para o desenvolvimento posterior da hipnose e suas aplicações terapêuticas.

possibilidade de controle não verbal exercido sobre eles pelo magnetizador. Ele foi um dos primeiros a considerar os suportes materiais usados por Mesmer (como ímãs, banheiras etc.) como não essenciais. Ele também foi um dos primeiros na história do magnetismo animal a tentar mostrar que uma pessoa magnetizada às vezes pode ser capaz de vidência, ou seja, ver objetos que estão escondidos ou situados em lugares distantes, prever coisas no futuro, diagnosticar doenças e indicar seus remédios e assim por diante. Assim, aberto ao paranormal, o magnetismo animal poderia até ser considerado por muitos como um meio de estabelecer contatos com o mundo dos espíritos.

O magnetismo animal não era apenas uma moda ou um episódio isolado, mas representava uma tendência cultural muito importante no crepúsculo do Iluminismo, no pensamento romântico em sentido amplo e na história da psiquiatria dinâmica até a época de Sigmund Freud, inclusive.

No período de formação da Umbanda essas ideias do Ocultismo francês estavam na moda no Brasil, já desde o tempo das Macumbas.^[19] O espiritismo de Kardec chegou no Brasil em 1863, assim como Lojas maçônicas e outros grupos esotéricos que difundiam essas ideias em terras brasileiras. Esse foi o momento na história em que a França era a rota da seda da cultura no mundo.

Quando falamos de polaridade, nos referimos, portanto, as questões técnicas do Ocultismo que envolvem as forças Solares e Lunares na manipulação e projeção do magnetismo e que, na obra de Eliphas Levi que tanto influenciou a Quimbanda, tornou-se a luz astral ou agente mágico universal. Como demonstrado no livro *Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia*, a luz astral ou agente mágico universal é o ambiente mágico da Quimbanda, o corpo do Chefe Império Maioral. O mesmerista, o mago ou o kimbando manipulam as correntes de força óptica magnética ou o agente mágico universal para o propósito da magia ou de cura.

A iconografia que a Quimbanda adotou para representar esse agente mágico universal é o Diabo de Eliphas Levi, o Baphomet. Tudo nessa representação pictórica envolve a polaridade,

[19] Veja Fernando Liguoro. *Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia*. Clube de Autores, 2023.

que pode ser expressa por chaves de conhecimento tais como:

1. Solar: ativo, masculino, positivo, quente etc.
2. Lunar: passiva, feminina, negativa, fria etc.

Do corpo de Maioral projetam-se essas duas forças: a masculina representada por Exu e a feminina representada por Pombagira. Essas duas forças, em equilíbrio e interação dinâmica, são responsáveis por todos os processos mágicos dentro do corpo de Maioral, os Reinos da Quimbanda. Então essas duas forças polarizadas têm um trabalho importante na manutenção do Cosmos da Quimbanda, cada uma em seu devido lugar. Então aqui precisamos nos afastar um pouco do entendimento pessoal e abranger o pensamento mágico. Dentro de várias técnicas, cultos e práticas mágicas a manipulação dessas polaridades é que irá criar a magia e a mudança tão esperada na realidade das pessoas; portanto, essas chaves gerais de acesso devem ser respeitadas para que a magia aconteça.

Em todo ato mágico existe, mesmo que simbolicamente, um ato de magia sexual, que não necessariamente deve ser um ato sexual consumado fisicamente. Na Missa Gnóstica da O.T.O. (Ordo Templi Orientis), a Sacerdotisa sentada no altar, nua, estende o Cálice (representante da vulva) para o Sacerdote, que nele introduz a Lança (representante do falo). Este ato pode parecer simbólico, mas efetivamente é mágico. A Missa Gnóstica é um rito de magia sexual dramatizada. Na Quimbanda ocorre algo parecido. Em um toque de Quimbanda, Exu com seu tridente (representante do falo) ara a terra, enquanto a Pombagira com sua Saia (representante da vulva), irriga a terra que Exu arou. Neste sentido simbólico, todo toque de Quimbanda pode ser interpretado como um rito de magia sexual dramatizada onde as polaridades Macho-Exu e Fêmea-Pombagira pitam, bebem e dançam enquanto manipulam a luz astral.

Então quando vemos na Quimbanda a interação entre Exu e Pombagira, podemos perceber que são polos opostos que se complementam em busca de uma movimentação mágica, independente se a Pombagira tem uma característica mais bruta ou masculina ou um Exu tem

uma característica mais delicada ou feminina. Vemos isso ocorrendo nas manifestações das Pombagiras Maria Quitéria e Táta Mulambo, que são mais embrutecidas, tomando destilados fortes, fumando charutos etc. Atitudes estas que esperamos de um Exu! Também vemos alguns Exus como Exu Veludo tomando licores e vinhos refinados, fumando tabacos e pequenos charutinhos (quase cigarrilhas), e tendo atitudes que esperamos mais das Pombagiras. Entretanto repare, que mesmo com o lado mais feminino de Exu Veludo, ele ainda se apresenta como Exu e, apesar do lado mais masculino de Táta Mulambo, ela ainda se apresenta como Pombagira.^[20]

Concluindo, a hierogamia e a polaridade são conceitos centrais na teologia e cosmogonia da Quimbanda, transcendendo os limites da simbologia para tornarem-se uma prática mágica fundamentada na interação dinâmica entre forças polarizadas e complementares, simbolizadas pelas divindades Beelzebuth e Ashtaroth. Essa união mística não apenas reflete a criação e manutenção do Cosmos da Quimbanda, mas também se manifesta na prática ritualística, onde Exu e Pombagira representam polos opostos que se complementam em um movimento constante de criação, destruição e regeneração. Inspirada por tradições esotéricas e ocultistas, a hierogamia na Quimbanda demonstra uma síntese única entre práticas ancestrais e influências modernas, consolidando-se como uma poderosa chave de acesso ao poder mágico. Essa interação de polaridades, fundamentada no magnetismo, nas forças solares e lunares, e na luz astral, não apenas sustenta a cosmovisão da Quimbanda, mas também a capacita como um sistema mágico integral que revitaliza e transforma a realidade dos adeptos.

Táta Nganga Kamuxinzela,
Editor

[20] Desta forma, podemos entender que uma pessoa transgênero – que não se enxerga no corpo biológico e no gênero de nascimento – mesmo usando roupas de gênero oposto, tendo atitudes do gênero oposto ao do seu nascimento, mesmo usando pronomes do gênero oposto do seu nascimento, ainda assim biologicamente (em polaridade também) serão Homens ou Mulheres. Desta forma, pela tradição, um homem transgênero (mulher de nascimento) será chamado de Mameto e uma mulher transgênero (homem de nascimento) será chamado de Táta na Quimbanda, segundo as vertentes tradicionais.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

A Quimbanda & O Pandemonium Brasileiro

Muitas, se não a maioria, das religiões do mundo situaram um grupo proteano de seres espirituais em algum lugar entre seus deuses supremos, geralmente benevolentes, e seus demônios, geralmente malévolos. Conhecidos pelos antigos gregos como *daimônes* e pelos antigos romanos como *dæmons*, sua característica mais distintiva tem sido sua ambiguidade. Por vezes benignos e malignos, poderosos e vulneráveis, inatos e remotos, terrestres e aéreos, inertes e evanescentes, os *dæmons* frequentemente constituem uma horda sem nome, cujos membros mudam entre formas humanas, mamíferas e aviárias, muitas vezes de gênero indeterminado. Historicamente, essa ambiguidade, essa indeterminação, conferiu aos *dæmons* uma notável mobilidade. Os *dæmons* sempre viajaram com mais leveza do que os deuses. Aqui, não estou falando de agência e mobilidade por parte dos próprios *dæmons*, mas sim dos movimentos e atividades dos humanos que buscam con-

tato com eles ou alívio deles. A *dæmonologia*, a «ciência dos *dæmons*», é um vernáculo religioso que, não restrito por preceitos teológicos e institucionais exclusivistas, foi compartilhado por todas as culturas, tanto pré-modernas quanto modernas, e incorporado em suas respectivas tradições escriturais e literárias, observâncias rituais, culturas materiais e programas iconográficos. Na maioria das vezes, é um vernáculo para o qual nenhuma intervenção hierática é necessária. Manipular ou negociar com *dæmons* não requer um sistema de crenças sofisticado ou uma instituição sacerdotal: o essencial é que as técnicas empregadas sejam eficazes. Gestos rituais, atos de fala sem conteúdo semântico (ou seja, feitiços), substâncias de poder sem voz e dispositivos feitos pelo homem são o que os especialistas humanos têm oferecido a seus clientes há milênios. Como os próprios *dæmons*, esses agentes humanos geralmente têm sido um grupo ambíguo, com a linha divisória



entre um feiticeiro e um contra-feiticeiro, ou entre um mago negro e um mago branco, muitas vezes sendo situacional, se não reversível.^[1]

Decidi iniciar esta seção com uma citação da última obra do eminente acadêmico David Gordon White, que conclui um trabalho de pesquisa de vinte anos acerca do *pandemonium* eurasiático. A citação discute a figura dos *daimōnes* no contexto religioso e cultural ao longo da história, destacando sua ambiguidade e a fluidez com que transitam entre o bem e o mal. Essa flexibilidade os torna particularmente interessantes, pois sua natureza indefinida facilita sua incorporação em diferentes tradições religiosas e práticas culturais. E foi isso que ocorreu no ambiente do Mediterrâneo e Oriente Médio no Mundo antigo, onde uma intensa miscigenação cultural entre gregos, assírios, persas e indianos ocorreu, influenciando a religião, cultura e folclore desses povos. White diz:

As técnicas demonológicas, assim como os próprios *dæmons*, atravessaram a vasta extensão eurasiática com o fluxo e refluxo do comércio, viagens, migração, expansão política e guerra. [...] Nove séculos antes, a cidade de Antíóquia, esse «centro gravitacional do mundo mediterrâneo oriental na antiguidade», que atraía comerciantes de lugares tão distantes quanto a China, era um ponto de parada para outro tipo de viajante. Como Dayna Kalleres relata em seu estudo sobre a demonização dos *dæmons* pagãos da cidade pelo bispo cristão João Crisóstomo, «*goētes* itinerantes, *magoi*, especialistas divinatórios (Gr. *manteis*), praticantes teúrgicos e caldeus dos confins dos impérios romano e persa moviam-se continuamente pela cidade, introduzindo novas formas de práticas rituais. [...] No final, era um mercado carismático e competitivo alimentado continuamente por rotas comerciais e energizado pela demanda urbana.» Nos séculos subsequentes, todos os tipos de intercâmbios ocorreram nas tradições e tecnologias demonológicas e afins, incluindo a disseminação dos quadrados mágicos da China para a Índia, o mundo islâmico e a Europa; a difusão da ciência astrológica do mundo helenístico para a Pérsia e a Índia; e a transmissão da demonologia ayurvédica

[1] David Gordon White. *DAEMONS ARE FOREVER: CONTACTS AND EXCHANGES IN THE EURASIAN PANDEMONIUM*. The University of Chicago Press, 2021, pp.2.

da Índia para o interior da Ásia, o Leste e Sudeste Asiático, e o mundo árabe.^[2]

O conceito de *daimōnes* transcende as fronteiras de sistemas religiosos organizados e sofisticados, sendo acessível e manipulado através de práticas rituais simples e eficazes. A *dæmonologia*, a ciência dos *daimōnes*,^[3] longe de ser monopolizada por sacerdotes ou instituições religiosas, tem sido parte do *vernáculo* humano, acessível a diversos tipos de praticantes, de feiticeiros a magos, independentemente de sua afiliação a uma instituição formal. Essa flexibilidade reflete a fluidez dos próprios *daimōnes*, cujos papéis podem mudar de acordo com a necessidade do contexto e da relação com quem os invoca. White, portanto, ressalta como as práticas envolvendo *daimōnes* estão mais ligadas à eficácia ritual do que à conformidade teológica ou doutrinária, o que confere à *dæmonologia* uma mobilidade transcultural fascinante, permitindo que esses seres permeiem múltiplas tradições e épocas. Essa segunda citação de White revela a difusão das práticas e conhecimentos demonológicos ao longo da história através de contatos culturais e trocas comerciais. Ele destaca como rituais e técnicas mágicas, assim como a própria ideia de *daimōnes*, não estavam confinados a uma única cultura, mas sim circularam amplamente através de fronteiras geográficas e temporais. O exemplo de Antíóquia como um ponto de encontro para praticantes de diferentes tradições espirituais e mágicas, vindo de partes distantes do Império Romano e Persa, sublinha o papel das cidades cosmopolitas como centros de intercâmbio cultural e espiritual. Além disso, a propagação de tecnologias esotéricas, como quadrados mágicos e astrologia,

[2] *Ibidem*, pp. 9-10. Interessante notar que Jake Stratton-Kent (1956-2023) credita essa mesma influência pancultural religiosa e a cidade de Antíóquia como epicentro dessa miscigenação na formação do platonismo teúrgico de Jámblico (245-325 d.E.C.). veja *THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. VOL. I*. Scarlet Imprint, 2014, pp. 28-36.

[3] Diferente da ideia de demonologia, que classifica os *daimōnes* (ou espíritos diversos da cultura e folclore de um país ou região) sob a jurisdição eclesiástica da Igreja, transformando-os nos espíritos malignos que hoje conhecemos como *demônios* em nossa cultura.

demonstra como essas ideias transcendiram fronteiras e se adaptaram a diferentes contextos culturais e religiosos.

É exatamente por causa dessa mobilidade *daemônica* que estes espíritos, já configurados como demônios pela demonologia eclesiástica, chegaram até a Quimbanda via GRIMORIUM VERUM. No terceiro volume do DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA, menciono:

É interessante que Fontenelle diga que este ponto riscado de Exu-Rei remonta a 1.600 antes de cristo. Ele é, portanto, uma chave de acesso a uma corrente mágica vastamente antiga e que se abrigou na Quimbanda nos tempos modernos. Trata-se de um *portal* ao *Senhor das Trevas* como compreendido pelos antigos sumérios no que se reconhece ser a mais antiga religião do mundo.

O conceito de *pandemonium* eurasiático tratado no livro de White é caracterizado pela ampla miscigenação cultural, religiosa e espiritual que ocorreu ao longo das rotas comerciais, migrações e trocas entre diversas civilizações da Eurásia, pode ter chegado ao Brasil e influenciado a Quimbanda de maneira sutil, mas significativa. Esse fenômeno de intercâmbio espiritual e cultural ao longo de séculos contribuiu para a circulação de ideias, técnicas e símbolos mágicos que eventualmente atravessaram o Atlântico, sendo absorvidos e adaptados no contexto brasileiro.

A Quimbanda, como uma tradição sincrética, é um campo fértil para a incorporação de práticas e conhecimentos oriundos de diferentes fontes culturais. A mistura de elementos africanos, europeus e indígenas na formação da Quimbanda reflete uma dinâmica que pode ser comparada ao *pandemonium* eurasiático, onde entidades espirituais de origens diversas, como os demônios da cultura europeia, espíritos africanos e figuras indígenas, passaram a coabitar e a interagir em um novo contexto ritual e mágico.

Esse processo de fusão cultural já era uma marca da espiritualidade em territórios como a Europa e a Ásia, onde o trânsito de ideias ocultistas, práticas mágicas e técnicas esotéricas percorreu rotas comerciais

desde a Antiguidade. No Brasil, o cenário colonial, com a chegada de escravos africanos, colonizadores europeus e missionários religiosos, criou um ambiente em que tradições espirituais distintas entraram em contato. Textos esotéricos europeus, como grimórios e tratados de demonologia, assim como práticas mágicas africanas, que incluíam o culto a espíritos ancestrais, misturaram-se às tradições indígenas locais, criando uma matriz cultural similar à do *pandemonium* eurasiático.

A influência desse intercâmbio espiritual pode ser vista na Quimbanda em elementos como o uso de símbolos europeus (como o pentagrama), a presença de práticas de invocação de espíritos que remetem à magia cerimonial europeia, e até mesmo na maneira como certas entidades, como Exus e Pombagiras, assumem papéis similares aos *daimões* e espíritos da tradição ocidental. A absorção de práticas mágicas de diversas culturas, sem um compromisso rígido com sistemas teológicos exclusivos, reflete a abertura característica do *pandemonium* eurasiático, onde o que importa é a eficácia ritual e a capacidade de adaptação das práticas espirituais.

Portanto, a Quimbanda, em sua configuração atual, pode ser vista como uma continuidade desse grande caldeirão cultural que foi o *pandemonium* eurasiático, onde práticas mágicas e espirituais foram transmitidas, transformadas e adaptadas. Esse processo, por sua vez, fortaleceu a Quimbanda como uma tradição capaz de integrar elementos diversos em um sistema único, que reflete tanto as heranças ancestrais quanto as influências externas de várias culturas ao longo da história.

Assim, a Quimbanda pode ser vista como um produto do *pandemonium* brasileiro, resultado da intensa miscigenação cultural, espiritual e religiosa que ocorreu no Brasil desde o período colonial. Essa tradição afro-brasileira emergiu da fusão de práticas espirituais africanas, influências europeias (especialmente do ocultismo e da magia cerimonial) e saberes indígenas locais. Assim como o *pandemonium* eura-

siano, que misturava diversas tradições espirituais ao longo das rotas comerciais e trocas culturais, a Quimbanda se desenvolveu como uma tradição sincrética, aberta e adaptável.

Na Quimbanda, os Exus e Pombagiras – espíritos intermediários que trabalham tanto no mundo espiritual quanto no material – refletem essa diversidade, incorporando características de espíritos africanos, demônios europeus e seres do folclore indígena. A tradição, portanto, não segue sistemas rígidos de crença, mas foca na eficácia dos rituais e na manipulação de forças espirituais para abrir caminhos, proteção e transformação.

Esse sincretismo faz da Quimbanda uma prática que, como o *pandemonium* eurasiático, transcende fronteiras culturais e religiosas, sendo uma expressão única da convergência e reinterpretação de múltiplas tradições espirituais no contexto brasileiro.

Por outro lado, a influência do ocultismo francês na formação da identidade mágica da Umbanda e Quimbanda no Brasil durante a primeira metade do Séc. XX foi profunda e multifacetada. As ideias esotéricas e ocultistas que floresceram na Europa, especialmente na França, chegaram ao Brasil através de livros, revistas e imigrantes, ajudando a moldar o imaginário mágico e espiritual dessas tradições afro-brasileiras. Obras de ocultistas como Eliphas Levi (1810-1875), Papus (1865-1916) e Allan Kardec (1804-1869), que exploravam temas como magia cerimonial, cabalá e espiritismo, tornaram-se populares e influenciaram a maneira como os praticantes brasileiros passaram a entender e estruturar suas práticas.

No caso da Quimbanda, essa influência foi particularmente relevante na introdução e adaptação de conceitos como a magia cerimonial, a demonologia e a figura do Diabo. A Quimbanda absorveu elementos do Ocultismo europeu, incluindo a ideia de espíritos demoníacos como agentes de poder. A figura do Diabo, que no Romantismo europeu simbolizava a rebelião, o desafio



às normas e a exaltação da liberdade individual, foi reinterpretada dentro da Quimbanda como o Chefe Império Maioral e, por extensão, a atuação dos Exus como potência de força e transformação, que não era necessariamente malévolos, mas sim ambíguos, desafiando a dualidade entre o bem e o mal.

O Diabo do Romantismo, popularizado por escritores e poetas como Baudelaire (1821-1867), Lord Byron (1788-1824) e Goethe (1749-1832), chegou ao Brasil como uma figura de resistência e poder, algo a ser compreendido e trabalhado, em vez de temido. Assim, a Quimbanda incorporou essa visão mais complexa do Diabo, afastando-se do maniqueísmo cristão e aproximando-se de uma visão esotérica, onde Exu, frequentemente associado ao Diabo pela teologia cristã, era visto como um senhor de encruzilhadas, responsável por abrir e fechar caminhos, além de ser um intermediário entre o mundo material e o espiritual.

Essa fusão de tradições africanas, indígenas e europeias (particularmente do ocultismo francês) foi central para o de-

envolvimento das práticas da Quimbanda, dando-lhe uma identidade que abraça tanto as raízes locais quanto as influências globais. A introdução de elementos como pentagramas, grimórios e símbolos da magia ocidental enriqueceram as práticas da Quimbanda, conectando-as a um espectro mais amplo de espiritualidade esotérica.

É com Aluizio Fontenelle (1913-1952) que a Quimbanda nasce como um fenômeno do *pandemonium* brasileiro. Os autores modernos da Umbanda e Quimbanda têm falhado consistentemente em avaliar o tema com a precisão requerida. A *Revista Nganga* No. 11 trouxe à tona as pontas soltas dessa trama, sem o viés ideológico que poluiu o debate nos últimos anos.

A influência do GRIMORIUM VERUM na Quimbanda foi fundamental para o desenvolvimento de sua estrutura demonológica, especialmente na maneira como certos espíritos do VERUM foram associados aos Exus. O GRIMORIUM VERUM, um dos textos mais célebres da tradição mágica ocidental no que concerne a ideia medieval de magia negra, é conhecido por sua demonologia explícita, detalhando invocações e pactos com espíritos demoníacos que possuem uma relação direta com o controle e manipulação de forças espirituais. Ao ser introduzido no contexto da Quimbanda, esse sistema trouxe uma reconfiguração significativa para a prática, influenciando a visão que os praticantes tinham sobre o papel dos Exus.

A incorporação desses espíritos demoníacos à iconografia da Quimbanda foi responsável por sua *demonização* aos olhos da sociedade, gerando consternação e medo, especialmente por parte de setores mais conservadores da cultura brasileira. A associação direta dos Exus com figuras demoníacas reforçou uma imagem poderosa e, muitas vezes, assustadora, em que a Quimbanda passou a ser vista como uma tradição intimamente ligada ao trabalho com o Diabo e as forças das trevas.

No entanto, essa demonologia, apesar de ter gerado reações negativas no exterior, trouxe contribuições importantes ao ocultismo brasileiro. A Quimbanda se destacou

por criar uma prática mágica e espiritual capaz de lidar diretamente com forças que eram tradicionalmente marginalizadas ou temidas pelas religiões hegemônicas. Ao invés de rejeitar essas entidades demoníacas, a Quimbanda as abraçou como fontes de poder e transformação, permitindo que os praticantes navegassem pelos mundos materiais e espirituais de forma ambígua e pragmática.

Esse aspecto demonológico tornou-se uma das maiores contribuições da Quimbanda ao *Ocultismo* no Brasil, ajudando a definir uma prática mágica que se distancia de conceitos dualistas simplistas (bem versus mal) e que abraça a complexidade dos Exus e Pombagiras como mediadores entre o humano e o sobrenatural. O GRIMORIUM VERUM, com sua teologia demonológica, intensificou essa abordagem e ajudou a estabelecer a Quimbanda como uma prática que, ao mesmo tempo em que lida com forças demoníacas, busca transcender o medo e a superstição para manipular essas energias com intenção e eficácia.

A inclusão de espíritos do folclore brasileiro e das tradições nativas do Brasil no sistema da Quimbanda como Exus reflete a natureza sincrética e dinâmica dessa tradição espiritual, onde o Cosmos é povoado por diabos. Na Quimbanda, todos os espíritos do folclore e da mitologia brasileira, ao serem incorporados ao sistema, tomam a forma de diabos, reforçando a visão de que essas entidades – tradicionalmente protetoras ou *tricksters*, como a Cobra Grande, Boitatá, Saci-Pererê e Curupira – se conectam diretamente com as forças da natureza e a dualidade entre o bem e o mal.

Assim, essas figuras do folclore, ao serem ressignificadas na Quimbanda, assumem o papel de Exus, entidades intermediárias que transitam entre o mundo espiritual e material, mantendo seus poderes sobre a natureza e sua capacidade de abrir ou fechar caminhos. A adaptação desses espíritos ao papel de diabos na Quimbanda demonstra o caráter não estático da tradição, que absorve novos elementos e os transforma em agentes poderosos, agora

integrados ao panteão demoníaco do sistema.

Esse fenômeno não apenas enriquece a prática da Quimbanda, mas também altera a percepção popular sobre essas figuras do folclore, tornando-as parte ativa de um Cosmos onde os diabos são intermediários e agentes de poder, conectando o cotidiano das pessoas com as forças espirituais profundas que permeiam a terra e a ancestralidade.

Na *Revista Nganga* No. 11 publicamos a primeira parte do artigo *Daemonium: a Hierarquia Infernal da Quimbanda*, o qual faço um breve resumo em tópicos essenciais. O texto apresenta a Quimbanda como um sistema mágico sincrético, onde rituais antigos, demonologia europeia e tradições africanas se fundem para formar uma prática esotérica complexa e poderosa.

1. *Origem e Evolução da Quimbanda:* A partir da década de 1950, com o trabalho de Aluizio Fontenelle, a Quimbanda se consolida no Brasil como uma forma de *goécia* brasileira, i.e. um sistema de magia nigromântico (que lida com demônios) e necromântico (que lida com espíritos dos mortos).
2. *Influência de Aluizio Fontenelle:* Fontenelle conectou os Exus da Quimbanda aos demônios do GRIMORIUM VERUM, estabelecendo a iconografia diabólica atual, que inclui figuras como Lúcifer, Beelzebuth, Ashtaroth e o Baphomet de Eliphas Levi. Ele introduziu o conceito de reinos dentro da Quimbanda, como o Reino das Encruzilhadas e o Reino do Cemitério, e foi responsável por conectar essa prática à magia cerimonial e à cabalá europeia.
3. *Hierarquia Demonológica:* A Quimbanda se estrutura em torno da figura de Exu, que comanda uma legião de demônios. Os Exus são agentes que manipulam as correntes de força mágica, que na Quimbanda são associadas à *luz astral*. A relação

entre Exus e demônios segue um sistema hierárquico complexo, onde o poder do Exu é amplificado pelos demônios que ele comanda.

4. *Maioral e o Mistério Sem Nome:* Maioral, também conhecido como o Diabo, é descrito como a força superior da Quimbanda, o chefe supremo que rege os Exus e os demônios. Ele é identificado como Lúcifer e simboliza a união de forças de várias tradições, incluindo Ògún e São Miguel. Fontenelle foi o primeiro a associar Maioral a Baphomet, usando o conceito de luz astral como fonte de poder para os rituais de Quimbanda.
5. *Brasão Imperial de Maioral:* O Brasão Imperial de Maioral simboliza o domínio espiritual e material da Quimbanda, representando o poder absoluto sobre os elementos naturais e os espíritos. Ele reflete a síntese de influências ocidentais e africanas que moldaram a prática, destacando a importância de Ògún, Exu e Lúcifer no comando das forças demoníacas. Este foi o primeiro artigo que explicou detalhadamente o *Brasão Imperial* de Maioral no Brasil.

Retomamos na Edição No. 12 esse artigo, a partir da *Seção VI: Um Mundo Povoado por Diabos*. Nessa seção exploraremos a evolução da visão de mundo do homem em relação aos espíritos e forças invisíveis que o cercam, desde os primórdios da humanidade até o desenvolvimento de sistemas demonológicos. Inicialmente, o homem enfrentou a vastidão misteriosa da natureza e desenvolveu uma sensibilidade religiosa para lidar com os fenômenos que não compreendia, deificando-os e criando ritos propiciatórios. As tradições folclóricas, especialmente no contexto europeu, repletas de espíritos, deuses e demônios associados a lugares naturais, influenciaram o desenvolvimento de sistemas demonológicos, como o GRIMORIUM VERUM e o TESTAMENTO DE SALOMÃO, que catalogaram e classificaram esses espíritos.

No texto veremos como a Quimbanda brasileira incorporou essas tradições e influências demonológicas, especialmente com a sincretização de Exus e demônios do GRIMORIUM VERUM, criando uma visão de mundo onde o Cosmos é povoado por diabos. A Quimbanda, através de sua estrutura de classificação de Exus e Pombagiras em reinos e linhas, baseia-se no controle e convocação ritual desses espíritos, semelhante às práticas de exorcismo e magia cerimonial da antiguidade. O ensaio conclui com uma reflexão sobre a importância da classificação desses espíritos na prática mágica da Quimbanda, destacando o sincretismo entre os Exus e os demônios e a utilização de chaves mágicas para acessar essas entidades.



O REINO DO ORIENTE & O PANDEMONIUM EURASIANO

A cosmogonia da *Quimbanda Nãgô* descreve a criação do mundo de forma simbólica, com base em nove reinos que repre-

sentam as forças e os ciclos essenciais da existência. A Quimbanda foca em reinos metafísicos que estruturam a realidade espiritual e material, sem a adoração direta a um ser criador.

Resumo dos conceitos fundamentais:

1. *Nzambi-mpungu*: Um ser supremo invisível que cria o mundo, mas não interage diretamente com ele, sendo venerado apenas indiretamente. A Quimbanda não cultua diretamente esse ser.
2. *Nove Reinos da Quimbanda*:
 - *Reino da Terra*: Representa a formação inicial do planeta como uma esfera incandescente que se resfria e solidifica.
 - *Reino das Águas*: Surge quando a Terra resfriada cria vapor e precipitação, formando corpos d'água.
 - *Reino das Matas*: Desenvolve-se com o surgimento da flora e fauna, estabelecendo a base para a vida.
 - *Reino Africano*: Relaciona-se com o surgimento do homem no continente africano e sua conexão com as matas.
 - *Reino das Almas*: O homem passa a ter contato com seus ancestrais e espíritos, criando a conexão com o plano espiritual.
 - *Reino das Encruzilhadas*: Simboliza as escolhas e a expansão dos caminhos humanos.
 - *Reino do Oriente*: Representa o aprendizado e a expansão da humanidade por meio de comércio e trocas culturais.
 - *Reino das Trevas*: Reflete a compreensão do homem sobre o uso da feitiçaria para defesa e ataque.
 - *Reino da Lira*: Surge com a organização social, cultura, arte e filosofia, representando a vida urbana e boêmia.
3. *Interação entre homens e espíritos*: As almas ocupam diferentes reinos,

refletindo suas naturezas, e se comunicam com os vivos, oferecendo proteção e orientação.

4. *Aspecto Filosófico e Evolutivo:* A cosmogonia na *Quimbanda Nàgô* é mais filosófica, centrada na evolução humana e na interação espiritual do que nas forças da natureza.
5. *Naturezas específicas dos espíritos:* Cada reino abriga entidades com características próprias, como Exus nas matas, encantados aquáticos nas águas, e espíritos do cemitério no Reino das Almas.

Essa cosmogonia reflete uma visão simbólica da criação que integra evolução, vida espiritual, e os desafios humanos ao longo do tempo, formando a base para os rituais e práticas da Quimbanda.

Os Reinos da Quimbanda representam esferas de atuação dos Exus e Pombagiras, cada uma com suas especificidades e formas de influência no mundo material e espiritual. Esses reinos organizam as forças que dialogam com as necessidades humanas, como proteção, cura, riqueza, prazer e justiça, e incorporam a presença das almas ancestrais e das forças do desconhecido, como o Reino das Trevas e das Encruzilhadas.

No *pandemonium* eurasiático, encontramos um conceito semelhante, um espaço onde se encontram entidades e espíritos que fogem da norma das divindades ou santos, revelando um mundo de espíritos ambíguos, complexos e, muitas vezes, paradoxais, que atendem tanto às necessidades quanto aos temores humanos. Esse *pandemonium* se manifesta em cultos e crenças que envolvem seres espirituais associados às sombras e ao desconhecido, refletindo a alteridade e o desafio à ordem estabelecida.

No *pandemonium* brasileiro, essa ideia foi adaptada e recontextualizada pela Quimbanda, que absorveu influências indígenas, africanas e europeias, organizando seus próprios reinos espirituais e ampliando seu sistema de crenças em resposta à realidade do Brasil colonial e pós-colonial.

O *pandemonium* brasileiro se torna, assim, uma expressão de resistência e preservação cultural, onde os Exus e Pombagiras, figuras de alteridade, defendem, protegem e atendem aqueles que os veneram, independentemente de status social ou hierarquia religiosa.

A Quimbanda é, essencialmente, uma prática de alteridade e resistência. Suas divindades e práticas se situam fora do espaço ortodoxo religioso, nascendo da convergência das culturas banto, tupi e ibérica, o que criou um sistema de forças que resistem às pressões sociais. A alteridade na Quimbanda se manifesta na figura dos Exus e Pombagiras, espíritos de estrada, de encruzilhadas, de cabarés, de cemitérios e de outros espaços liminares que representam aqueles que desafiam as fronteiras do *aceitável* ou do *normal* segundo a moralidade cristã ocidental.

A resistência está, então, embutida na própria existência desses reinos e *pandemoniums*. Eles preservam o conhecimento ancestral e mantêm vivas as práticas culturais e espirituais que foram historicamente marginalizadas e perseguidas. A Quimbanda usa a alteridade como ferramenta de resistência cultural e espiritual, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos da própria cultura estabelecida para reconfigurar sua prática.

O Reino do Oriente na Quimbanda representa a expansão, o movimento e o intercâmbio cultural e espiritual. Relacionado à busca por conhecimento, magia e rotas comerciais, ele abrange povos diversos e suas práticas ancestrais e místicas. Este reino não se limita ao Oriente geográfico, mas inclui todos os povos estrangeiros ao Brasil, especialmente aqueles que contribuíram com saberes espirituais e de cura.

Principais Povos do Reino do Oriente:

1. *Povos Indianos:* Focados em curas holísticas e práticas antigas, como a medicina ayurvédica.

2. *Povos do Oriente Próximo*: Incluem árabes, persas e hebreus, conhecidos por sua sabedoria e mistérios espirituais.
3. *Povos do Oriente Distante*: Representam chineses, tibetanos, japoneses e mongóis, ligados à energia e comércio.
4. *Povos Egípcios*: Sacerdotes e conhecedores de ritos da vida e morte, com conhecimentos astrológicos e mágicos.
5. *Povos Ameríndios*: Incluem maias, toltecas e astecas, reconhecidos por seus sacrifícios rituais.
6. *Povos Europeus*: Engloba antigos romanos, celtas e guerreiros místicos da Europa.
7. *Povos Ciganos*: Especialistas em divinação, manipulação dos quatro elementos e magia do amor e comércio.
8. *Povos do Norte*: Habitantes das regiões gélidas, como escandinavos e xamãs siberianos.
9. *Povos das Ilhas*: Povos de culturas isoladas em ilhas da Ásia, Oceania e outros arquipélagos.

As cores deste reino são o branco, rosa e verde, com Exu Cigano e Pombagira Cigana como principais regentes. O Reino do Oriente simboliza o mistério e a diversidade espiritual, sempre voltado à busca de prazer, bem-estar, e a troca entre diferentes culturas e conhecimentos místicos.

O Reino do Oriente na Quimbanda e o *pandemonium* eurasiático possuem uma conexão espiritual e simbólica fundamentada na ideia de alteridade e na busca por sabedoria mística e conhecimentos ocultos que transcendem fronteiras culturais e geográficas. Ambos compartilham uma essência que valoriza o outro, o desconhecido e o estrangeiro, que simbolicamente se traduz em uma expansão de consciência e ampliação de perspectivas espirituais.

O Reino do Oriente representa, na Quimbanda, o espaço das trocas culturais, o movimento e a expansão para além do familiar. Ele agrega povos de diferentes cul-

turas e tradições que, ao longo dos séculos, trouxeram saberes espirituais e práticos que enriquecem a compreensão da existência humana. O Oriente é, assim, o reino das rotas de comércio e das viagens, mas também da busca espiritual que muitas vezes é velada e oculta.

De forma semelhante, o *pandemonium* eurasiático é o espaço de manifestação dos conhecimentos esotéricos e espirituais que resistem à uniformização e à ortodoxia. Ele incorpora entidades e arquétipos que representam a sabedoria mística do Oriente próximo e distante, mas também de culturas europeias nativas e de tradições marginalizadas ou relegadas ao oculto pela visão cristã ocidental. Dessa forma, ambos os espaços agem como portais espirituais que conectam tradições e saberes distintos, unificando o que é considerado marginal ou estrangeiro.

O Reino do Oriente e o *pandemonium* eurasiático representam também a capacidade de sincretismo e adaptação dos co-



nhcimentos ocultos e mágicos. No Reino do Oriente, essa adaptação ocorre à medida que figuras como Exus e Pombagiras de origem cigana, árabe, asiática ou indígena trazem ensinamentos específicos de suas tradições e práticas mágicas, mesclando-se ao sistema da Quimbanda sem perder sua essência. O Oriente na Quimbanda, portanto, funciona como um elo entre a espiritualidade local e as influências estrangeiras, reforçando a capacidade da Quimbanda de incorporar e transformar elementos externos em suas próprias práticas.

De forma parecida, o *pandemonium* eurasiático incorpora figuras espirituais e práticas esotéricas que variam de mitos celtas a tradições xamânicas da Ásia e práticas de feitiçaria europeia medieval, promovendo um espaço de encontro e fusão espiritual que não se submete a uma única identidade cultural. Ele é um reflexo do sincretismo cultural e espiritual que atravessa continentes, criando uma arena simbólica onde o estrangeiro e o oculto são reconhecidos como fundamentais para a compreensão da própria espiritualidade e identidade.

Assim, o Reino do Oriente na Quimbanda e o *pandemonium* eurasiático são espaços simbólicos que compartilham a busca pelo conhecimento que transcende fronteiras e desafia normas culturais e religiosas. Eles operam como pontes entre diferentes tradições e sistemas espirituais, promovendo uma integração que valoriza a alteridade. Cada um, à sua maneira, reflete o papel do estrangeiro e do oculto como catalisadores para o autoconhecimento e a expansão espiritual.

CONCLUSÃO

A Quimbanda, como um verdadeiro caldeirão de influências espirituais, emerge como a síntese de práticas ocultas que atravessaram séculos e continentes, unindo o que antes era marginalizado, desconhecido e temido. Nos reinos e sub-reinos da Quimbanda, onde Exus e Pombagiras caminham pelas sombras e encruzilhadas da alma hu-

mana, encontramos um sistema que desafia as ortodoxias e abraça a complexidade da experiência espiritual. Através dos ritos, dos padês, das invocações e das energias telúricas e sublunares, a Quimbanda ressignifica forças demonológicas, adaptando-as ao contexto brasileiro como uma forma de resistência cultural e autoconhecimento.

Em uma jornada que mistura o erudito com o popular, o sagrado com o profano, a Quimbanda exemplifica o que é, na essência, a *Nova Síntese da Magia*: a capacidade de integrar, transformar e transcender barreiras entre o espiritual e o terreno, cruzando culturas, teologias e hierofanias, convertendo-as em forças poderosas de transformação pessoal e coletiva. É neste Cosmos onde o *daimôn*, o Exu e o Diabo se encontram que a Quimbanda convida seus praticantes a não apenas observar o invisível, mas a dialogar e comandar as potências do desconhecido. Ela nos lembra que, assim como os Exus e Pombagiras, somos todos guardiões de mistérios, herdeiros de um saber antigo que atravessa eras, e que, na Quimbanda, o caos e a ordem, a luz e a sombra, não são antagônicos, mas complementares.

Com uma base firme nas tradições afro-brasileiras e na ousadia do Ocultismo europeu, a Quimbanda se estabelece como um sistema espiritual e mágico capaz de reescrever as regras da magia e desafiar qualquer dogma. Ela é, enfim, a manifestação do *pandemonium* brasileiro: um espaço onde o poder das sombras é reconhecido, aceito e usado para transformação e resistência. E assim, na Quimbanda, a própria alma do Brasil encontra expressão, em um culto onde o passado e o presente, o visível e o oculto, o poder e a liberdade se entrelaçam, afirmando que o caminho do poder é o da conexão com o mistério e com a verdade espiritual que transcende qualquer dualidade.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Daemonium: A Hierarquia Infernal da Quimbanda - Parte II



SEÇÃO . VI .

UM MUNDO POVOADO POR DIABOS

No começo havia espaço e o espaço era assustador. O homem se sentiu perdido dentro dele, confrontado como estava por sua vastidão, uma fonte de incerteza e mistério. Levou inúmeros séculos para o homem aprender a conhecer a terra, investir nela e dominá-la. Sujeito aos caprichos da natureza, lavado pelas chuvas e seco pelos ventos, aquecido pelo sol e resfriado pelas geadas, espantado ou atingido por fenômenos que ele era totalmente incapaz de entender, o homem se sentia como um intruso dentro de uma natureza selvagem e ainda indomável, ou pelo menos foi assim que ele a percebeu. O homem então reagiu com todos os meios à sua disposição. Aprendeu a conhecer as plantas e os animais e garantiu sua sobrevivência dando-lhes nomes. Deificou

tudo o que o ameaçou ou o oprimiu e, implementou ritos propiciatórios. Em suma, ele desenvolveu uma sensibilidade religiosa.^[1] Em todos os lugares ao seu redor, o homem viu vestígios do invisível, traços de outra realidade atestando a presença de uma miríade de criaturas indescritíveis. Sem o nosso conhecimento, habitamos em um espaço assombrado. [...] Basta dar uma olhada nas tradições folclóricas que persistiram no início do século XX em áreas rurais em toda a Europa, basta dar uma olhada em qualquer mapa detalhado para encontrar as Rochas das Fadas, as Pontes do Diabo, os Monumentos Megalíticos e as Fontes de Dragões, e se nos dermos ao trabalho de percorrer obras de estudiosos regionais

[1] N.T. Mircea Eliade elabora em suas obras que é essa capacidade religiosa que verdadeiramente distancia os humanos de todas as outras criaturas no Cosmos. A capacidade de experienciar o Sagrado reverenciando deuses, anjos ou demônios, é a genuína qualidade intrínseca da natureza daquilo que definimos como ser humano. É isso que nos separa dos animais.

do século XIX, descobriremos que toda floresta tem seus espíritos, a cada primavera sua senhora, cada rio tem seres malévolos em suas profundezas, que os anões dançam nos pântanos, que os pântanos estão cheios de almas perdidas e que as montanhas são o lar de demônios selvagens que gostam de causar deslizamentos de terra, avalanches e inundações.^[2]

No segundo volume do DAEMONIUM eu publiquei um texto chamado *A Quimbanda no Moderno Renascer da Magia* (Cap. 2). Esse ensaio foi uma revisão sobre um outro texto que havia escrito em 2019, chamado *Um Mundo Povoado por Espíritos*. O presente opúsculo, que encerra este estudo, é uma continuação destes prévios ensaios, apresentando a visão *daemônica* de mundo, i.e. a visão encantada do Cosmos, sob a perspectiva da Quimbanda: vivemos em um mundo povoado por diabos. Os diabos que me refiro são, tecnicamente, os Gangas da Quimbanda, que receberam essa alcunha da herança e influência do GRIMORIUM VERUM na síntese estabelecida por Aluízio Fontenelle no início da década de 1950.

Na Seção IV buscamos descobrir a natureza dos diabos do GRIMORIUM VERUM; na SEÇÃO V nos debruçamos sobre o intrincado processo de sincretismo que possibilitou a convergência entre os Exus e os diabos do VERUM. Como vimos, os diabos do GRIMORIUM VERUM são antigas deidades reverenciadas em diversas culturas religiosas da Europa e Oriente Médio antes da ascensão da cristandade. Falamos então de antigos deuses como Baal e Astarte, mas também uma miríade de espíritos dos éteres subluнаres (aéreo, telúrico e ctônico) espalhados pela geografia *sagrada* das inúmeras regiões destes continentes.

No curso da história religiosa do homem, inúmeras narrativas, teológicas, míticas ou folclóricas, estabeleceram hora que homens-gigantes foram os primeiros habitantes da terra, hora que eles foram precedidos por anjos. Segundo essas narrativas, sem nos importarmos com suas diferenças, o Cosmos é povoado por seres que não são membros da raça humana: são deidades

[2] Claude Lecouteux. *Demons and Spirits of the Land*. Inner Traditions, 2015, pp. 1-2.

praeter-humanas. Essas deidades foram conhecidas por muitos nomes que os designavam coletivamente: deuses, anjos caídos, demônios e diabos. Foi necessário ao homem conhecê-los, saber onde habitam, seus gostos e costumes, as doenças, fatalidades e intempéries a eles conectadas, para aprender a se comunicar e adquirir controle sobre eles. É assim que nasce a demonologia, que buscou obter controle – através da ordem, da escrita, e do poder das proclamações rituais – sobre um mundo caótico de infortúnios, tentações, conflitos e dicotomia espiritual, juntando e classificando todos os domínios aparentes do demoníaco: a geografia, o bestiário natural e imaginário, os espíritos ancestrais, os familiares e encantados, os temperamentos emocionais, as tentações, doenças, o infortúnio, a calamidade etc., absolutamente tudo associado a ação de demônios. Neste processo diversos tipos de espíritos foram retirados de seus contextos culturais e religiosos e passaram a integrar uma ordem de espíritos definidos e classificados como demônios, polarizados e uniformemente estereotipados como *hostis*, *vis* e em uma relação de oposição aos anjos e santos. David Frankfurter no seu extraordinário estudo sobre demonologia, diz:

O demoníaco emerge como um conceito nas conversas [particulares entre as pessoas ou em grupo]; coletivamente, as pessoas imaginam o demoníaco com as características da paisagem [geografia], comportamentos imorais, partes do corpo ou aflições e atributos animais. O pensamento demonológico popular específico da situação, incorporado no mundo – parte do esforço maior de um indivíduo, família ou comunidade para negociar [com] o ambiente imediato e suas fronteiras.

Para transformar esse senso *ad hoc* de demônios em demonologia propriamente dita, especialistas e instituições autodefinidas tomaram listas, arrancando espíritos locais de suas naturezas incorporadas e combinando-os como membros de uma classe de «demônios». Esta atividade, vimos, já foi típica de sacerdócios reivindicando a autoridade do exorcista, se não defendendo uma divisão geral de espíritos (por exemplo, puros e impuros), e surgiu especialmente através da tecnologia da escrita. A enumeração de demônios não apenas tornou os espíritos ambivalentes demoníacos; também

alegou poder sobre eles – o que está listado é, assim, repellido. Além disso, as listas evoluíram criando novas categorias de demônios (satãs, devas, pecados) simplesmente fora da propensão genérica da lista para categorias, ou preenchendo as categorias com narrativa (origens dos demônios, contos de demônios, o fim dos demônios).

Os materiais examinados aqui desde o início do zoroastrismo e do judaísmo não servem apenas como exemplos de estágios em um processo de conceituação de um hospedeiro demoníaco na paisagem; eles também estão na gênese histórica da especulação demonológica no Ocidente.^[3]

Este tipo de demonologia, envolvendo a catalogação, classificação e a integração de demônios fora de seus contextos sociais, surge como uma função centralizadora da religião: às vezes através dos ensinamentos orais dos profetas, preservados no tempo por meio de fórmulas [escritas] ou poesia, mas mais enfaticamente como uma função da própria escrita. Em qualquer dos casos, o estágio inicial de catalogar demônios fora de seus contextos e situações «vividias» [da comunidade], e a discussão oral de um sistema especulativo, começa com uma lista.^[4]

[...] A lista serve para arrancar as ameaças [i.e. os demônios] de suas imediatas circunstâncias de experiência social ou cultural (um rito realizado por um especialista local ou um vendedor de cosméticos no mercado) para personificá-los como demônios com uma mitologia, e um arranjo com outras ameaças da mesma classe para futura especulação. [...] A lista se desenvolve em feitiços de exorcismo para obter o controle – verbalmente, e então pelo poder da palavra escrita. E é assim que essas listas demonológicas apocalípticas definem e controlam a experiência do demoníaco. [...] A «demonologia» emerge como uma busca literária-teológica basicamente desassociada da experiência local dos espíritos, mesmo que ela pretenda abarcar e definir a experiência local.^[5]

A primeira lista mais bem elaborada e que procurou associar a experiência local e o contexto cultural dos demônios listados, foi o TESTAMENTO DE SALOMÃO, do qual tratamos no segundo volume do DAEMONIUM. É somente a partir desta lista que a demonologia tomou real importância e proporção nas culturas religiosas do Mediterrâneo entre os Sécs. I e IV d.C., e refletia os interesses do judaísmo apocalíptico da época.

[3] David Frankfurter. *Evil Incarnate: Rumors of Demonic Conspiracy and Satanic Abuse in History*. Princeton and Oxford, 2006, pp. 30.

[4] *Ibidem*, pp. 15.

[5] *Ibidem*, pp. 24.



ca, muito embora tenha ganhado contornos cristãos. O escopo da catalogação de o TESTAMENTO DE SALOMÃO segue uma fórmula narrativa simples: os demônios são trocados a pinote para fora de suas moradas, revelando suas habitações, os infortúnios que causam, seus anjos opositores e/ou os meios rituais de proteção. Esses detalhes formam a maior parte do texto, que descreve como Salomão utilizou dos demônios na construção do Templo de Jerusalém, uma expansão de 1 Reis 6-7. A julgar pelos estudos sobre essa lista,^[6] ela parece ter servido como um compendio demonológico utilizados por muitos exorcistas da época, num período em que inúmeras personalidades carismáticas como Simão o Mago, alegavam ter poder sobre os demônios. David Frankfurter completa: *na Antiguidade, importante notar, que mesmo àquelas figuras que os antigos escritores descreviam como tendo controle sobre os demônios, [...] apresentavam a suas*

[6] Veja em especial Brian Johnson. *Testamento of Solomon: Recension C*. Hadean Press, 2019.

audiências um criativo entendimento acerca dos demônios, quando os demônios mudavam de criaturas locais e caprichosas [para agentes do] mal.^[7]

Assim, mesmo contendo uma narrativa dramática, os demônios de o TESTAMENTO DE SALOMÃO possuem a natureza típica do *genni loci*, i.e. espíritos dos diversos locais de poder na Natureza, classificados segundo a geografia, a aflição que promovem e a relação que possuem com o bestiário natural e imaginário. Então é muito interessante que, embora classificados genericamente como demônios, haja uma preocupação implícita em preservar a *atividade* desses espíritos nos seus contextos originais. É significativo também o benefício prático que essa lista propôs – e o que influenciou profundamente a cultura mágico-religiosa do exorcismo e o feitiço de amuletos de proteção no Mediterrâneo, a conexão direta entre o demônio e o ritual de exorcismo: nomes sagrados a serem proferidos, anjos a serem invocados, consagrações e bençãos sobre amuletos etc. O texto se aproxima muito das listas de demônios presentes em muitos feitiços de proteção que circulavam naquele período.

Como qualquer lista de classificação demonológica, o TESTAMENTO DE SALOMÃO oferece o potencial controle sobre os demônios nele listados. Para tal, a narrativa do texto serve a um propósito curioso: ao descrever como Salomão coagiu os demônios de suas variadas moradas de poder em seus reinos, ambientes perigosamente marginais, no caos, para a construção das seções específicas e corredores do templo – prendendo-os lá posteriormente – que representava para os judeus e cristãos na Antiguidade romana – mesmo depois de sua destruição em 70 d.C. – o arquétipo celestial da ordem, perfeição e pureza, o oposto do ambiente caótico no qual viviam os demônios, o TESTAMENTO DE SALOMÃO

[7] David Frankfurter. *Evil Incarnate: Rumors of Demonic Conspiracy and Satanic Abuse in History*. Princeton and Oxford, 2006, pp. 20. A questão do carisma, muitos vão chamar de magnetismo pessoal, outros de *àse* ou *moyo*, ainda outros de *prāna*, *orgone* ou magnetismo animal, tão importante ao ofício do conjurador de espíritos, tratamos no artigo *Feitiçaria Tradicional Brasileira*, nesta edição.

apresenta a função típica da demonologia, especialmente as listas e classificações que contêm feitiços: encontrar os demônios em seus respectivos ambientes caóticos naturais, controla-los e coagi-los a sair desses ambientes para serem anexados, fixados e classificados dentro da ordem do Cosmos, em uma *lista* ou *ficha* demonológica.

O TESTAMENTO DE SALOMÃO certamente pretendia servir como base para rituais de exorcismo e de proteção. Seus interesses especulativos consistem na história da construção do templo de Salomão e no estabelecimento – através da lista – dos símbolos, anjos e invocações para a expulsão de cada demônio. Houve outras tentativas mais abstratas no final da Antiguidade para se organizar hierarquias demoníacas e integrá-las a um cosmos monoteísta ou politeísta. Mas em sua proximidade com os entendimentos locais e folclóricos de perigos sobrenaturais na geografia, o TESTAMENTO DE SALOMÃO sublinha o significado e a eficácia da classificação como uma forma básica de demonologia – uma tentativa preliminar de se passar de um mundo de perigos constantes, de lugares inóspitos e de espíritos ambivalentes, para uma classificação de demônios que poderiam ser repelidos. O texto também demonstra a utilidade fundamental de uma demonologia tão exaustiva, pois não só oferece o potencial para compreender o infortúnio, mas sua estrutura praticamente exige aplicação ou desempenho ritual no mundo para controlá-lo.

Para nós, operadores de magia, isso é ótimo, porque o ofício do feiticeiro exige que saibamos habilmente nos comunicar com os espíritos do Cosmos: deuses, anjos, demônios, espíritos tutelares, mortos, encantados etc. O feiticeiro acessa todo e qualquer espírito do Cosmos através da arte da feitiçaria. Parte do processo de comunicação e acesso aos espíritos que se deseja convocar, é construir uma *ficha de catalogação* destes espíritos. Na Quimbanda esses espíritos são conhecidos como Exus e Pombagiras, distribuídos e organizados em reinos e povos (ou linhas), sendo eles almas deificadas e espíritos encantados. Para

acessar e convocar esses espíritos, a classificação segue com a inclusão de chaves de acesso, i.e. mecanismos simples de comunicação ou, tecnicamente, agentes mágicos universais que, sendo manipulados com coerência e fundamentação, constroem uma conexão direta com o Exu ou Pombagira convocados.

Para encerrar este ensaio, eu, junto com Táta Kilumbu e Táta Zelawapanzu, desenvolvemos uma lista com alguns dos Exus sincretizados com demônios na síntese de Aluízio Fontenelle, onde os Gangas listados foram classificados em dois reinos fundamentais: Encruzilhadas e Cemitérios. No que tange as suas respectivas zonas de poder, nós seguiremos a estrutura tradicional da *Quimbanda Nãgô*, que classifica e distribui os Exus em Nove Reinos, listados e explorados no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*. A lista começa com os diabos sob o comando da Trindade Maioral: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, ao estilo de *TESTAMENTO DE SALOMÃO*.

Na *Quimbanda Nãgô*, a operação que envolve os espíritos (demônios) ctônicos, telúricos e aéreos sincretizados com os Gangas, é só para mestres (táta-ngana/mameto), por um motivo muito simples: primeiro o *kimbanda* aprende a operar exclusivamente com a Quimbanda, seus métodos particulares, e se especializa na linha de trabalho de seu Exu tutelar. Depois que concluiu as etapas de seu treinamento mágico, como um mestre, o *kimbanda* poderá agregar com proficiência a força e potência do diabo pessoal, i.e. o demônio associado ao Exu.

Por conta disso, estamos obrigados por nossos juramentos a manter segredo com relação as muitas chaves de acesso deste trabalho magístico. A lista que segue aponta caminhos práticos para aqueles interessados na *nova síntese da magia*, i.e. a integração das tecnologias mágicas da Quimbanda na magia cerimonial.

EXU MARABÔ

Responde em todas as encruzilhadas e em estradas, principalmente em trevos. No contexto da *nova síntese da magia*, uma das



possíveis raízes do nome deste Exu vêm de religiosos islâmicos e tribais existentes até dias atuais em territórios diversos do Marrocos, chamados de *marrabout*, que em sua corrupção para a língua portuguesa ficou *marabuto*, *marabu* ou *morabito*. Estes são magos, feiticeiros, sacerdotes, alquimistas, matemáticos e astrólogos, dos quais alguns chegaram na região lusitana durante da Idade Média. O termo *marrabout* foi absorvido pela cultura francesa miscigenada, pois esta região africana já esteve sob regime francês no passado. Por causa disso, costumam associar Exu Marabô a Cabalá Francesa, uma forma de magia cerimonial oriunda da França e, a possível prova de fogo do Exu, onde o mesmo deve pronunciar uma palavra ou expressão nesta língua, sendo isto a prova cabal de que seu nome se origina de *marrabout*.

Exu Marabô é uma figura central e de enorme respeito dentro dos cultos afro-brasileiros, especialmente na Quimbanda, onde é conhecido como o *Senhor das Sete Cabaças*. Reverenciado por seu poder e sabedoria, ele carrega consigo uma aura de justiça, ordem e autoridade, atuando como um fiscal e guardião da hierarquia dos Exus, garantindo o bom funcionamento do Império Maioral. Sua presença é associada às encruzilhadas e trevos de estradas, es-

pecialmente aqueles moldados pelo fogo e ferro das linhas férreas, simbolizando sua força em abrir caminhos e manifestar a justiça divina.

Historicamente, há várias interpretações sobre a origem de seu nome. Alguns o associam ao termo *yoràbá Igarabô*, uma qualidade do *òrìṣà Èṣú* ligada a aspectos de proteção e justiça, enquanto outros estudiosos acreditam em uma raiz banto, onde o nome *marambo* ou *marambu* pode ter originado Marabô, referindo-se a uma deidade ancestral das encruzilhadas. Independentemente de sua etimologia, Exu Marabô incorpora o papel de Olhos do Alto Comando, observando tudo o que ocorre no reino da Quimbanda e garantindo que cada ação e oferenda esteja em harmonia com as energias espirituais.

Exu Marabô é um espírito de grande poder mágico, especialmente habilidoso em manipular energias tanto para cura quanto para demanda, com profundo conhecimento sobre os segredos das cabaças mágicas (*igbadú*), símbolos de vida e transformação na mitologia *yorùbá*. Ele atua na limpeza espiritual, proteção, abertura de caminhos e longevidade, e é um grande conselheiro para aqueles que buscam orientação em momentos decisivos. Sua presença é marcada pela elegância; ele costuma se manifestar com cartola e capa, símbolos de mistério e autoridade, e sua fala é sempre encantadora e persuasiva, podendo exercer grande domínio sobre aqueles ao seu redor. Através de sua conexão com o fogo e o ferro, Exu Marabô exemplifica a força do guerreiro e a astúcia do feiticeiro, tornando-se um guia essencial e um guardião poderoso dentro da Quimbanda.

Reino: Encruzilhadas.

Palavra-Chave: Sabedoria, Inteligência, Conhecimento, Diplomacia.

Positivo: Facilidade em aprender coisas, elevação intelectual.

Negativo: Dificuldade em aprender coisas, arrogância e prepotência, problemas judiciais, saúde do coração e dos braços.

Diabo associado: *Put Satanakia*. É uma entidade que emerge no panteão demono-

lógico dos grimórios, sendo reverenciado como um demônio de alta patente e de extrema influência dentro das hierarquias infernais, especialmente em práticas de magia cerimonial. Nos textos esotéricos clássicos, ele é frequentemente mencionado como um dos principais subordinados de Lúcifer e é responsável por liderar vastas legiões de demônios, demonstrando controle e poder sobre os seres infernais. Sua autoridade não é meramente de poder bruto; ele é também um mestre na manipulação dos desejos humanos, capaz de conceder sabedoria profunda e influência social aos seus convocadores.

Put Satanakia é retratado como um mestre em feitiçaria e necromancia, revelando segredos arcanos e rituais que lidam com controle mental e domínio sobre os elementos, além de técnicas para obter conhecimento oculto e riquezas. Seu papel é muitas vezes dual, atuando tanto como mentor quanto como um executor implacável, estabelecendo pactos onde oferece habilidades extraordinárias em troca de lealdade e tributos, que geralmente envolvem oferendas complexas e respeito aos protocolos infernais.

No simbolismo dos grimórios, Put Satanakia é representado por emblemas e signos específicos, e sua evocação requer um domínio avançado dos rituais, pois ele é conhecido por testar a firmeza e a coragem dos magistas. A figura de Put Satanakia é, portanto, uma de poder e mistério; ele detém o conhecimento sobre o equilíbrio entre a luz e a escuridão, servindo àqueles que buscam influências profundas e impactantes sobre o destino e o poder pessoal.

Firmeza: Vela Pretas, brancas e algumas vezes verde e branco, além da tradicional preta-e-vermelha.

Oferenda: Padê de farinha de mandioca misturada com azeite de dendê e cerveja escura, com um bife de carne bovina nobre mal-passado no azeite de dendê, coberto com rodela de cebola roxa, pimentão vermelho e pimenta biquinho vermelha, com sete pedaços de canela e sete cravos da Índia ao redor do alguidar.

Quimbanda-Goécia: Put Satanakia e Exu Marabô compartilham uma profunda afinidade nas esferas de comando, justiça, e organização hierárquica dentro de suas respectivas áreas de influência. Ambos são entidades de alto escalão, conhecidos por sua capacidade de liderança e autoridade, e são frequentemente invocados para casos que exigem controle, disciplina e estabelecimento de ordem.

Put Satanakia é um demônio de alta hierarquia, exercendo comando sobre legiões de espíritos, e é conhecido por sua habilidade de garantir obediência e lealdade absoluta. Ele é invocado em situações que requerem imposição de ordem e disciplina, especialmente em ambientes onde há necessidade de estruturar ou dirigir forças espirituais. De maneira semelhante, Exu Marabô é conhecido como o olheiro ou fiscal dos Exus e exerce um papel de liderança e supervisão, garantindo que as leis e os códigos do Império de Maioral sejam cumpridos. Com seu senso de justiça e retidão, Marabô é respeitado por sua capacidade de avaliar, aprovar ou bloquear trabalhos espirituais, mantendo a harmonia e a disciplina entre os Exus.

Ambos também compartilham um forte senso de justiça, embora cada um atue em contextos diferentes. Put Satanakia é rigoroso e age com firmeza em seus julgamentos, lidando diretamente com a subordinação e a execução das ordens no reino infernal. Já Exu Marabô, com seu papel de *Senhor da Justiça* dentro da Quimbanda, zela pelo equilíbrio das ações e reações dos Exus, intervindo com imparcialidade quando necessário e reportando ao alto comando do Reino de Maioral.

Além disso, ambos exercem uma influência significativa no apoio a pessoas que necessitam de fortalecimento e direcionamento, especialmente em situações complexas ou de disputa. Exu Marabô, com sua sabedoria e destreza, oferece orientação precisa aos seus devotos, ajudando-os a tomar decisões justas e a se posicionarem com firmeza. Put Satanakia, por sua vez, fortalece aqueles que invocam sua ajuda,

conferindo determinação e controle, especialmente em cenários de negociações ou conflitos.

Portanto, Put Satanakia e Exu Marabô compartilham um arquétipo de autoridade e regulação, cada um em seu domínio, simbolizando a estrutura e o respeito à hierarquia e à justiça no mundo espiritual.

EXU MANGUEIRA

Exu Mangueira é uma entidade reverenciada e antiga dentro dos cultos de Exus, carregando uma ligação profunda com Exu Marabô. Apesar de algumas correntes modernas tentarem desassociá-los, sua relação ancestral é poderosa e reconhecida pelos praticantes tradicionais. O nome *mangueira* faz referência direta à árvore frutífera da família *Anacardiaceae*, considerada sagrada em diversas culturas afro-brasileiras e consagrada ao *òrìṣà* Ògún no panteão *yorùbá*, onde representa a abertura dos caminhos e a chegada dos *òrìṣà* ao plano material. Na tradição banto, essa árvore é associada a Nkisi Matamba, divindade dos ventos, e no Candomblé Jeje-Mahí, é vista como morada sagrada de voduns como Dangbê e Sorokwê. Esse simbolismo profundo faz de Exu Mangueira uma figura que une forças divinas e ancestrais.



PONTO DE EXU MANGUEIRA

Exu Mangueira é um poderoso curandeiro e feiticeiro, com habilidades ligadas à abertura de caminhos e à proteção. Como Ògún, ele é um desbravador, trabalhando na solução de problemas e na defesa de pessoas e espaços. Esse espírito tem um conhecimento profundo sobre as matas e suas ervas, sabendo utilizá-las para cura ou, em alguns casos, para causar danos conforme sua chamada. É também um conhecedor da desobsessão espiritual. Embora ele não seja especializado em trabalhos no campo sexual, Exu Mangueira pode induzir uma atração sexual intensa e irresistível, criando uma dependência no alvo de seu trabalho. Comumente retratado com capa, chapéu, e bengalas feitas de troncos da árvore que lhe dá nome, ele atua em pontos de força nas encruzilhadas e trilhas das matas, bem como aos pés da Mangueira. Seus elementos de trabalho e oferendas incluem cachaça, vinho tinto suave, e farofas preparadas com dendê, acompanhadas de manga ou lascas dessa fruta. Exu Mangueira, assim, é uma força viva da mata e das trilhas, zelando pelo equilíbrio entre saúde, defesa e transformação no culto dos Exus.

Reino: Matas.

Palavra-Chave: Vigor físico, saúde, solidificação, concretude, criar raízes.

Positivo: Estruturação de vida, problemas judiciais, saúde dos braços e do peito.

Negativo: Destruição das estruturas da vida, vida desestruturada.

Diabo Associado: *Agalieraps*. É um demônio pouco mencionado, mas com uma natureza misteriosa e poderosa dentro das hierarquias demonológicas. Ele figura como um dos espíritos de alta hierarquia que servem diretamente a Beelzebuth, o Príncipe das Trevas, no GRIMORIUM VERUM, um dos mais icônicos grimórios de magia negra e demonologia. Frequentemente listado ao lado de espíritos como Nebiros e Bucon, *Agalieraps* é considerado um demônio de habilidades amplamente estratégicas, conhecido por sua destreza em manipular e entender a diplomacia, a persuasão e a influência em conflitos e negociações. Ele é, portanto, especialmente invocado em si-

tuações onde o operador busca conquistar apoio, obter favores ou manipular vontades alheias em favor de seu objetivo.

No contexto da demonologia clássica, *Agalieraps* não é apenas um demônio de poder, mas um especialista em inspirar liderança e controle em seu invocador. Ele é descrito como um demônio inteligente e astuto, capaz de perceber rapidamente as fraquezas e forças de seus adversários, uma habilidade que o torna amplamente desejado por aqueles que buscam sucesso em situações de disputa ou em campos que exigem grande persuasão e destreza mental. Embora seu nome e papel não sejam extensivamente detalhados em outros grimórios, as referências feitas a ele o situam entre os demônios mais sábios, cujo auxílio é invocado não para provocar o caos indiscriminado, mas para moldar o ambiente e os relacionamentos em benefício do operador.

Em termos simbólicos, *Agalieraps* é frequentemente representado como uma figura nobre ou imperial, com atributos de autoridade. Ele é, portanto, o arquétipo da figura que domina sem recorrer à força bruta, mas que faz uso da sagacidade, da negociação e da perspicácia para garantir sua posição. Invocar *Agalieraps* é uma prática considerada de alto risco e demanda grande respeito pelo pacto, pois seu auxílio vem com exigências espirituais rígidas, e ele espera uma troca de lealdade e serviço por parte do operador. Essa figura, portanto, não serve de qualquer forma a um manipulador descuidado ou um operador inexperiente; pelo contrário, seu apoio é um símbolo de um pacto cuidadoso e de uma aliança com forças sombrias que compreendem o poder de forma refinada e estratégica.

Nos rituais de invocação, *Agalieraps* é chamado por meio de palavras de poder e selos específicos, comumente realizados em ambientes de proteção, como círculos mágicos, para evitar que a poderosa influência do demônio se descontrole. Sua presença é descrita como impressionante e dominadora, irradiando um tipo de energia que inspira tanto temor quanto admiração. Muitos magistas acreditam que, com o au-

xílio de Agalieraps, podem acessar conhecimentos ocultos sobre a arte de manipular situações e adquirir poder em diversas esferas de suas vidas, especialmente nas que envolvem poder de influência e liderança.

Portanto, Agalieraps é um aliado estratégico no mundo da demonologia, um espírito que auxilia o mago a obter o controle e o domínio sobre as situações, sendo reverenciado como um dos demônios mais sofisticados em termos de manipulação e diplomacia. Seu pacto, porém, exige sabedoria, habilidade e compromisso, e sua lealdade é um dos maiores prêmios oferecidos ao magista que busca o domínio sobre as forças ocultas com conhecimento e respeito pelos segredos da magia negra.

Firmeza: Velas pretas-e-vermelhas e pretas-e-brancas. Gostam de Uísque padrão Tennessee como o Jack Daniels e um charuto de capa clara.

Oferenda: Padê de farinha de milho amarelo, dendê, pimenta dedo de moça, bife de carne bovina crua, uma maçã cortada em quatro, laranjas e limão em rodela, por cima do padê. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com uísque, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas.

Quimbanda-Goécia: Agalieraps e Exu Mangueira têm afinidades no domínio das energias de liderança, proteção e vitalidade, especialmente em situações que exigem abertura de caminhos e fortalecimento espiritual. Agalieraps, descrito na demonologia como um comandante e protetor com grande poder sobre questões estratégicas e de influência, atua na promoção de vitórias e na superação de obstáculos complexos, características que também são intrínsecas a Exu Mangueira. Este Exu é associado à força de Ògún e ao poder dos caminhos, trazendo vitalidade e proteção a seus devotos, além de estar ligado à árvore mangueira, que simboliza enraizamento, fortaleza e fluidez.

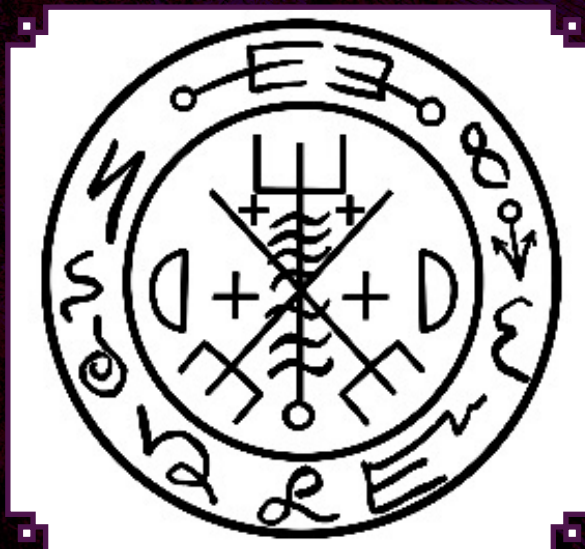
Exu Mangueira é conhecido por seu trabalho no desbravamento e abertura de caminhos, sendo um curador e protetor. Sua energia se manifesta na proteção contra

forças adversas e na criação de novas rotas para aqueles que buscam auxílio. Assim como Agalieraps, que exerce sua liderança para defender seus invocadores e reorganizar as energias ao redor de uma situação, Exu Mangueira age como um guia sábio e defensor, utilizando seu conhecimento das ervas e das forças naturais para transformar energias negativas em soluções.

Ambos os espíritos carregam uma energia de comando e coragem que se reflete na forma como lidam com obstáculos e protegem aqueles sob sua guarda. Exu Mangueira, com sua ligação com as forças das matas e dos caminhos, assegura que seu poder de abertura seja sólido e enraizado, ajudando seus devotos a superar desafios. Da mesma forma, Agalieraps é um espírito cuja presença fortalece e equilibra, protegendo e orientando com uma liderança determinada, aspectos que espelham a missão de Exu Mangueira em oferecer sustentação e guiar com sabedoria espiritual.

EXU TRANCA-RUAS

Exu Tranca Ruas é uma das entidades mais conhecidas e respeitadas dentro dos cultos afro-brasileiros e da Quimbanda. Esse Exu é um guardião de encruzilhadas e caminhos, considerado um poderoso protetor e regulador de rotas espirituais e materiais. Seu nome, Tranca Ruas, simboliza a capacidade de trancar ou liberar caminhos, representando o poder de bloquear ou abrir



trajetórias, sejam elas de prosperidade, amor, saúde ou qualquer área que envolva a jornada de uma pessoa. Assim, Exu Tranca Ruas não apenas atua nas ruas físicas, mas também nas estradas e trilhas da vida, promovendo o equilíbrio e ajustando energias conforme necessário.

Exu Tranca Ruas é o responsável por preservar a harmonia entre os Reinos e as falanges de Exus, sendo essencialmente um protetor e mestre espiritual que regula as passagens entre diferentes energias e esferas de atuação. Seu poder, que atravessa os Sete Reinos, faz dele um Exu versátil e habilidoso tanto em processos de abertura de caminhos quanto na proteção dos mesmos. As falanges sob seu comando são compostas por espíritos vigorosos e enérgicos, estrategistas que sabem observar com astúcia e precisão, prontos para agir quando necessário. Apesar de seu temperamento forte e de ser implacável na defesa de seus protegidos, Exu Tranca Ruas é também um espírito sábio e conselheiro, atuando muitas vezes como um guia para aqueles que buscam discernimento e equilíbrio.

A falange de Exu Tranca Ruas das Encruzilhadas, ou Exu Tranca Ruas das Ruas, é a expressão primordial de sua energia. Atuando nas encruzilhadas, esses espíritos têm a capacidade de conduzir almas e redirecionar energias, ajudando em trabalhos de desobsessão e limpeza energética. Respondem com mais intensidade em encruzilhadas de chão batido, conectadas diretamente à terra e às energias ancestrais. Para oferendas, Exu Tranca Ruas aprecia cachaça, conhaque de gengibre, uísque, farinha de mandioca com azeite de dendê e carne bovina temperada. Seus fetiches incluem chaves antigas, tridentes, ferraduras e pedras de encruzilhada, símbolos de sua conexão com as energias dos caminhos e das passagens.

Exu Tranca Ruas é conhecido por ser um protetor severo, mas justo, atuando em momentos decisivos na vida de seus filhos espirituais. Ele detesta a ignorância e busca elevar aqueles que caminham ao seu lado, conduzindo-os a um conhecimento mais

profundo e completo sobre si mesmos e sobre a espiritualidade. Trabalhando ao lado de Exus como Sete Encruzilhadas, Tiriri e Lалу, Exu Tranca Ruas é uma entidade que promove evolução espiritual, mas também rigor e justiça, garantindo que cada passo na estrada da vida seja conduzido com respeito e consciência.

Reino: Encruzilhadas.

Palavra-Chave: Abre e Fecha caminhos de todos os tipos, conforme sua regência. Almas, Sete Encruzilhadas, da Calunga, das Matas, de Embaré, etc.

Positivo: Caminhos abertos, sucesso em determinado objetivo.

Negativo: Caminhos fechados, falta de sucesso em determinado objetivo.

Diabo Associado: Tarchimache. É um demônio de origem obscura, conhecido principalmente por suas associações com a manipulação da mente humana e o controle sobre aspectos emocionais. É mencionado em algumas listas de demonologia medieval e tradicional como uma entidade que influencia pensamentos, confundindo e iludindo aqueles que se tornam alvos de sua energia. Frequentemente, Tarchimache é invocado em rituais de ocultação e ilusão, sendo associado a características que envolvem o domínio sobre as percepções humanas, além de atuar em feitiços de desorientação e controle emocional.

Tarchimache é descrito como um demônio de habilidade astuta e perspicaz, capaz de explorar as fraquezas emocionais dos humanos, utilizando essas brechas para instalar medos irracionais, dúvidas e angústias. Em algumas tradições, ele aparece com a capacidade de manipular os sonhos e estados de vigília das pessoas, tornando-o um aliado daqueles que buscam feitiços para encobrir verdades ou desviar a atenção de determinados assuntos. É, por isso, reverenciado por ocultistas que procuram um aliado forte na arte de *esconder e revelar*, seja em rituais de engano ou em práticas de ocultação de informações e segredos.

A iconografia de Tarchimache tende a ser soturna e sutil, muitas vezes representado com um véu ou máscara, refletindo

seu papel de dissimulador e manipulador. Alguns grimórios descrevem-no portando uma lâmpada ou uma vela, instrumentos que simbolizam sua capacidade de conduzir o praticante ao oculto, ao não dito e ao disfarçado. Embora seja um demônio visto como ardiloso, ele é também invocado por aqueles que buscam compreender os segredos da psique humana, já que seu poder se estende sobre as regiões mais ocultas da mente, trazendo à tona as sombras internas e as fraquezas psicológicas.

Nos rituais em que é invocado, Tarchimache pede oferendas simples, como velas escuras e ervas associadas à confusão e à ocultação, como a beladona e a verbena. Sua presença é sentida como uma sombra silenciosa, e seus rituais costumam ser realizados em ambientes escuros, com pouca luz, simbolizando o espaço de atuação do demônio na mente humana. Ele trabalha, geralmente, com a lua em sua fase nova ou minguante, que representa os mistérios escondidos e o poder da obscuridade.

Firmeza: Vela preta-e-vermelha, Marafó Amarelo ou Uísque estilo Tennessee como o Jack Daniels e charutos de boa qualidade, com capa clara.

Oferenda: Padê de farinha de mandioca misturada com marafó branco ou amarelo, sete bistecas de porco e sete bifés bovinos selados no azeite de dendê. Coloca-se batatas inglesas assadas cortadas em rodela em cima da farofa e rega-se tudo com azeite de dendê. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com uísque, marafó amarelo ou branco, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas ou brancas-e-pretas.

Quimbanda-Goécia: Tarchimache e Exu Tranca Ruas compartilham atributos poderosos na gestão de caminhos, controle de passagens e proteção espiritual, com funções similares na supervisão das encruzilhadas e na habilidade de bloquear ou abrir acessos conforme a necessidade. Tarchimache, que na tradição demonológica é reconhecido por seu poder de obstruir ou liberar acessos e vigiar portais ocultos, atua como um guardião estratégico, seme-

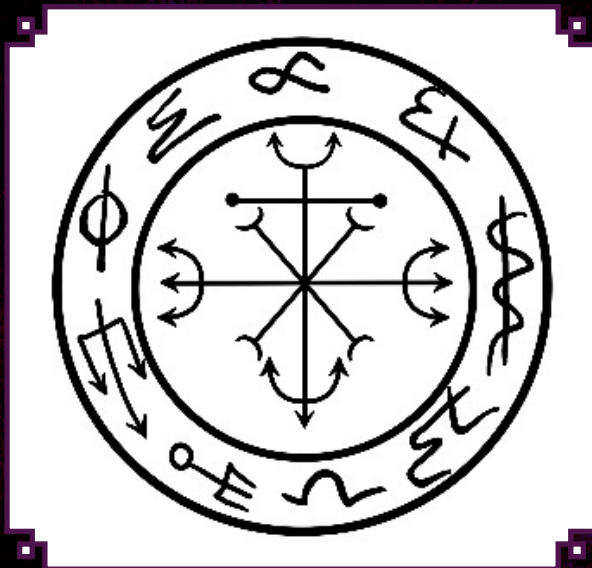
lhante a Exu Tranca Ruas, cuja responsabilidade central é a de controlar e direcionar os caminhos tanto espirituais quanto materiais, assegurando ou bloqueando passagens com precisão.

Exu Tranca Ruas é amplamente conhecido por sua capacidade de barrar ou permitir o avanço em diversas esferas da vida, sendo invocado principalmente para proteção e bloqueio de forças negativas que possam interferir nas trajetórias de seus protegidos. De maneira análoga, Tarchimache, com seu domínio sobre portais e passagens, protege aqueles sob sua influência contra invasões e manipulações, mantendo o controle sobre o que deve ou não prosseguir. Ambos têm papéis fundamentais na guarda e vigilância dos caminhos, operando como defensores implacáveis contra ameaças externas e assegurando a segurança daqueles que os invocam.

A sinergia entre os atributos de Tarchimache e Exu Tranca Ruas é evidente: ambos encarnam a energia de proteção rigorosa, de controle sobre limites e de poder sobre a circulação de forças e entidades em seus respectivos reinos. Exu Tranca Ruas, em suas diversas manifestações, oferece essa proteção de forma estratégica e feroz, defendendo os espaços espirituais e terrenos com grande astúcia, enquanto Tarchimache é reconhecido pela precisão e eficácia em manter portais e passagens sob seu domínio. Essa complementaridade faz com que a energia de Tarchimache e Exu Tranca Ruas possa ser compreendida como uma linha de defesa e ordem contra qualquer ameaça que busque atravessar os caminhos sem permissão.

EXU VELUDO

Exu Veludo é uma das entidades mais elegantes e diplomáticas do panteão da Quimbanda, reconhecido por sua postura refinada, que inspira confiança e respeito. O nome veludo remete ao tecido nobre que, ao longo da história, simbolizou a realeza e a alta sociedade, refletindo a presença imponente e sofisticada deste Exu. Assim como o tecido, que envolvia a elite com sua



maciez e prestígio, Exu Veludo atua com uma delicadeza e classe que transcendem o mundo material, trazendo à Quimbanda um espírito que une poder e suavidade em sua manifestação.

Exu Veludo é muitas vezes conhecido como o *Embaixador da Quimbanda*, sendo capaz de resolver conflitos e negociar acordos entre entidades e devotos com sua fala mansa e hipnótica. Sua diplomacia não se limita ao plano espiritual; ele age como um conselheiro, ajudando seus seguidores em áreas que envolvem comunicação, resolução de problemas e conquista de objetivos, seja no trabalho, nos negócios ou nos relacionamentos. Veludo é também guardião dos segredos do Alto Comando dos Exus, o que reforça sua conexão direta com o próprio Maioral Lúcifer e sua influência nas esferas mais elevadas da Quimbanda.

As almas da falange de Exu Veludo não são apenas conhecidas pela diplomacia; são também poderosas manipuladoras da psique humana. Por isso, são evocadas para trabalhos que envolvem persuasão, domínio mental e resolução de questões interpessoais. Exu Veludo é particularmente eficiente para harmonizar relações afetivas e profissionais, utilizando seu charme e voz suave para influenciar sem violência, transformando a verdade que impõe em uma *realidade* irresistível para aqueles a quem direciona sua ação.

Entre as manifestações de Exu Veludo, destaca-se *Exu Veludo Sigatana*, uma falange que, de acordo com algumas tradições, é ligada a Sagathana ou mesmo a antigos cultos de origem africana, remetendo a divindades associadas aos mistérios da vida e da morte, como Nzumbura Ndá e Kisimbi. Esta face de Veludo carrega a essência do lodo e dos mangues, onde a vida e a morte se entrelaçam, dominando os ciclos naturais de transformação e renovação.

Outros caminhos da falange de Exu Veludo incluem Exu Veludo das Encruzilhadas, dos Cruzeiros, das Almas, do Inferno, da Kalunga e das Matas, cada um deles manifestando atributos distintos para atender diferentes necessidades dos devotos. As encruzilhadas e os cemitérios são pontos de força para Exu Veludo, onde ele recebe oferendas como farofa de carne suína e cachaça, apreciando charutos e vinhos finos.

Como representante de um dos mais nobres arquétipos da Quimbanda, Exu Veludo oferece proteção, sabedoria e orientação para os que o reverenciam. Ele é um guardião dos caminhos, que auxilia seus adeptos a conquistarem vitórias com elegância, segurança e a certeza de que, sob sua influência, estão envoltos em uma poderosa camada de respeito e dignidade.

Reino: Encruzilhadas.

Palavra-Chave: Emoções, Galanteio, Conquista, Amor-Próprio, Beleza da Vida.

Positivo: Atração sexual e equilíbrio emocional, amor-próprio e segurança pessoal.

Negativo: Desequilíbrio emocional e vida sexual parada, vaidade exacerbada, narcisismo, perturbação em nível financeiro (dívidas).

Diabo Associado: Sagathana. É um demônio mencionado em grimórios antigos, particularmente conhecido por sua habilidade em influenciar a mente e os pensamentos humanos. Ele é frequentemente descrito como um espírito astuto, especializado em manipular ideias, e é invocado para alterar percepções, influenciar decisões e conduzir as pessoas a caminhos de

ilusão ou sabedoria, dependendo das intenções do conjurador.

Sagathana tem uma forte conexão com o lado obscuro da sabedoria e é considerado o *Mestre da Subversão Mental*. Sob seu domínio, ele consegue desconstruir verdades, ampliando dúvidas e incertezas, e pode, ao mesmo tempo, fornecer ao mago profundo entendimento sobre as complexidades da mente e da psique humana. É especialmente procurado por aqueles que buscam dominar habilidades de persuasão e controle mental, ou mesmo por quem deseja acessar conhecimentos ocultos e arcanos que escapam à compreensão comum.

Diz-se que Sagathana concede *insights* poderosos a respeito das motivações ocultas, tanto próprias quanto de outros. Sua presença é descrita como envolvente e muitas vezes enigmática, estimulando uma força mental que age como um véu sobre a clareza alheia, podendo tornar o oculto visível e o evidente confuso. Em rituais, ele costuma manifestar-se em cenários de profundo silêncio ou escuridão, e é invocado principalmente em situações em que se busca clareza para o operador e confusão para o oponente.

Sagathana é um aliado ambíguo, pois, embora ofereça caminhos de grande poder, exige uma mente disciplinada para lidar com suas energias voláteis. Aqueles que o invocam buscam não apenas o domínio sobre as forças invisíveis da mente, mas também o poder para ver além das superfícies, mergulhando nas profundezas das motivações e ilusões que permeiam a realidade humana.

Firmeza: Vela preta-e-vermelha, Marafó Amarelo ou uísque estilo Tennessee como o Jack Daniels e charutos de boa qualidade, com capa clara.

Oferenda: Padê de farinha de mandioca misturada com gin e dendê, bifês de carne assada temperados com canela, cravo da índia, açafrão (cúrcuma) e outras especiarias. Corte cebolas roxas em rodela e coloque por cima da oferenda, podendo acrescentar tâmaras, nozes, damascos, avelãs e amêndoas, por cima. Acrescente também

a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com licor fino ou vinho tinto, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas.

Quimbanda-Goécia: Sagathana e Exu Veludo compartilham uma essência de sofisticação, inteligência estratégica e capacidade de influência nos caminhos interpessoais e espirituais, atuando ambos como figuras de diplomacia e manipulação sutil no plano das energias. Sagathana, no âmbito demonológico, é conhecido pela sua habilidade de persuasão e manipulação das vontades, agindo nos bastidores com extrema inteligência, especialmente em situações onde a influência mental e emocional é necessária. De modo semelhante, Exu Veludo é famoso por sua fala serena, refinada e habilidade em conduzir diálogos, o que lhe confere o título de *Embaixador da Quimbanda* e o torna um mestre na negociação e persuasão.

Exu Veludo, com seu tom de voz hipnótico e abordagem envolvente, age de forma extremamente astuta e eficaz nas relações sociais e negócios. Ele é frequentemente invocado para auxiliar em situações de diplomacia e resolução de conflitos, demonstrando uma habilidade impressionante para evitar situações de confronto direto e trazer soluções que beneficiam todas as partes envolvidas. De maneira parecida, Sagathana trabalha para inclinar as situações ao seu favor através da sutileza e da manipulação dos desejos, criando cenários favoráveis sem a necessidade de intervenção aberta, mas sempre com resultados visíveis e eficazes.

Ambos compartilham também uma afinidade com o conceito de controle sem força bruta, usando o poder da mente e a manipulação das emoções como principal recurso. No entanto, enquanto Sagathana opera na sombra com um aspecto de controle mental e espiritual direto, Exu Veludo se destaca por ser o mediador carismático e cuidadoso, que transforma situações e influencia as decisões com charme e sofisticação. Essa ligação entre Sagathana e Exu Veludo representa uma profunda conexão entre o domínio sutil e a capacidade de criar realidades

favoráveis através da arte da palavra e da influência emocional estratégica.

EXU TIRIRI

Exu Tiriri é uma entidade extremamente ágil, de força espiritual intensa e conhecido por sua capacidade de resposta imediata, atributos que o tornam um dos Exus mais queridos e reverenciados em religiões de matriz africana, especialmente na Quimbanda e Umbanda. Seu nome possui um simbolismo poderoso: no idioma *yorùbá*, *tiriri* pode significar tanto *o forte e corajoso*, remetendo à sua associação com o *òrìṣà Ògún*, como *aquele que vem rápido*, uma referência direta à sua prontidão em atender pedidos. Isso explica o respeito que ele possui como espírito de ação rápida e eficaz, atendendo às necessidades dos devotos com precisão e determinação.

Exu Tiriri possui uma natureza marcante, sendo profundamente fiel às promessas e pactos firmados, exigindo sempre que os devotos honrem os compromissos estabelecidos, mesmo os mais simples. Ele possui um forte senso de justiça e, ao mesmo tempo, uma rebeldia característica. Seus adeptos o buscam para abrir caminhos, proteger contra perigos e realizar demandas de justiça, tanto no setor financeiro como nas relações pessoais. Tiriri é também conhecido por sua energia ligada à sensualidade e à liberdade emocional, muitas vezes auxiliando em casos amorosos e até em questões que envolvem relacionamentos complicados.

As falanges de Exu Tiriri são variadas e desempenham diferentes funções dentro da *Quimbanda Nàgô*. Algumas das mais conhecidas são Exu Tiriri das Encruzilhadas, das Almas, da Kalunga, do Cruzeiro e Tiriri Cigano. Cada uma delas atua em pontos de força distintos, como encruzilhadas, cemitérios e matas, expandindo o poder de Tiriri para proteger e guiar em cada setor de vida. Esses espíritos têm grande visão espiritual, podendo compreender eventos do passado, presente e futuro, e por isso ajudam a guiar seus protegidos por caminhos de sucesso e evolução.



Em sua atuação, Exu Tiriri é um mestre do silêncio e da observação, um estrategista cuidadoso que ataca rapidamente quando necessário, defendendo vigorosamente seus devotos contra ameaças. Apesar de sua postura séria e, muitas vezes, reservada, Exu Tiriri é também um espírito de grande carisma e força sedutora. Nos trabalhos espirituais, é comum que ele use de sua habilidade de comunicação para convencer e influenciar sem que seja percebido, agindo nos detalhes e nas nuances que podem transformar situações difíceis.

Exu Tiriri é, portanto, um guardião das encruzilhadas da vida e dos caminhos do destino. Seja para abrir portas, proteger ou trazer justiça, ele atua com rapidez e precisão, fazendo de sua presença uma força indispensável na Quimbanda e um símbolo de poder e fidelidade para aqueles que o cultuam.

Reino: Encruzilhadas/Almas.

Palavra-Chave: Velocidade, Celeridade, Respostas Rápidas, Ver Longe

Positivo: Resultados rápidos, vida de conquistas, diplomacia, convencimento.

Negativo: Resultados morosos, vida parada, brigas, confusões de todas as ordens, principalmente familiares.

Diabo Associado: Fleruty. Uma entidade notável na demonologia, frequentemente associado ao papel de poderoso tenente no inferno. Sob a liderança de Lúcifer, ele é considerado um dos grandes executores

das vontades demoníacas, sendo o responsável por trazer à realidade os desejos e comandos de seus superiores. Seu poder é vasto e sua especialidade é atuar como agente de influência sobre os elementos da natureza, principalmente o frio e o gelo, o que faz dele um símbolo de domínio sobre as forças naturais que muitos consideram indomáveis.

Fleruty é frequentemente evocado em trabalhos de feitiçaria para realizar missões à noite, especialmente aquelas que requerem ações furtivas ou ocultas. Suas habilidades envolvem a manipulação de climas, e ele é capaz de conjurar geadas intensas ou de modificar o ambiente de forma a esconder seus protegidos ou criar obstáculos para os inimigos. Esse controle das forças naturais revela seu grande conhecimento e habilidade em acessar as fontes ocultas da natureza, uma característica que o faz ser muito respeitado em práticas de magia mais profundas.

Além de seu domínio sobre o frio, Fleruty é também capaz de realizar atos de transporte e trazer itens ou informações de lugares distantes em questão de momentos. Essa habilidade de teletransporte ou movimento entre diferentes locais faz dele um aliado poderoso para aqueles que buscam explorar outros reinos ou adquirir conhecimentos que estão fora de alcance. Essa característica aumenta seu prestígio entre aqueles que trabalham com magia cerimonial e invocações, que frequentemente recorrem a ele para expandir suas próprias habilidades.

A figura de Fleruty aparece em textos clássicos de demonologia como o GRAND GRIMOIRE, o GRIMORIM VERUM e a GOÉCIA DE SALOMÃO, onde ele é descrito como um ser hábil e confiável no cumprimento de tarefas de grande importância para os demônios de alto escalão. Sua imagem é de um espírito sério, dedicado e comprometido, cujo senso de responsabilidade o torna uma figura crucial dentro da hierarquia infernal.

Fleruty não é uma entidade que se aproxima facilmente, mas aqueles que conquis-

tam sua atenção e confiança podem contar com sua eficiência e habilidade. É um mestre no trabalho com forças discretas e, por isso, é visto como um dos demônios mais estratégicos, operando sempre com uma precisão quase militar e uma frieza calculada.

Firmeza: Vela preta-e-vermelha, Marafo Amarelo ou Gin, servidos com pimenta e charutos de boa qualidade.

Oferenda: Padê de farinha de milho misturado com cebola roxa picada e sete pimentas dedo de moça picadas, refogados no dendê, junto com carne seca refogada no dendê. Decore com sete bolas de carne moída crua, misturadas com pimenta dedo de moça e cebola roxa picadas por cima, e decore com 7 pimentas inteiras e rodela de limão em cima, na borda do alguidar e um limão cortado em 4 no centro do alguidar. Regue tudo com azeite de dendê caso queira agradar a Exu Tiriri ou Marafo Branco caso queira que as coisas sejam mais rápidas na sua vida. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com gin ou marafo amarelo, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas.

Quimbanda-Goécia: Fleruty e Exu Tiriri compartilham uma energia ágil e executora, sendo ambos conhecidos por suas capacidades de ação rápida e decisiva em contextos de resolução de problemas e abertura de caminhos. Fleruty, na tradição demonológica, é descrito como um executor versátil e eficaz, capaz de realizar várias tarefas com agilidade e força. Ele é invocado para intervir em assuntos complexos e trazer soluções eficientes, características que espelham o dinamismo de Exu Tiriri, conhecido por sua prontidão em atender aos pedidos de seus devotos com presteza e eficácia.

Exu Tiriri, como uma entidade ligada à abertura de caminhos e à justiça, age rapidamente em defesa de seus protegidos e é capaz de lidar com situações intrincadas, especialmente na vida material e financeira. Ele é evocado para cortar obstáculos e oferecer rotas alternativas em momentos críticos, assim como Fleruty, que atua deci-

sivamente em mudanças, seja manipulando circunstâncias ou interferindo em eventos para gerar uma solução.

Ambos também são conhecidos por sua astúcia e persuasão: Fleruty manipula elementos com maestria, muitas vezes utilizando a inteligência estratégica para influenciar eventos. Exu Tiriri, de forma similar, é um mestre na arte da influência e persuasão, sendo frequentemente procurado para questões de relacionamento interpessoal e negociações. Sua capacidade de manipular a psique humana e desviar situações indesejáveis conecta-o ao perfil de Fleruty, que opera nos planos ocultos para moldar as situações conforme a necessidade.

No campo espiritual, essa relação entre Fleruty e Exu Tiriri simboliza a capacidade de abrir portas e caminhos ocultos, trazendo à tona soluções rápidas e eficazes e protegendo os seus devotos com uma energia de prontidão e defesa estratégica.

EXU DOS RIOS

Exu dos Rios é uma das entidades mais fascinantes e poderosas do Império de Maioral, carregando em sua essência as energias intensas e misteriosas das águas. Embora seja pouco reconhecido ou erroneamente subestimado, Exu dos Rios representa a força vital que corre pelos cursos d'água e é implacável como as próprias correntes que movem a vida. Conhecido também como



Exu Nesbiros e Exu Omi Aiyê, ele incorpora tanto o arquétipo cabalístico quanto a essência das *águas* do mundo, reforçando sua conexão com o vasto poder das águas doces, das nascentes aos rios caudalosos. Ao contrário do que se possa pensar, sua atuação é incrivelmente profunda e abrangente, e a falta de conhecimento sobre seus fundamentos pode levar à incompreensão de sua potência.

As águas de Exu dos Rios simbolizam o ciclo da vida e da morte: assim como a água pode nutrir e dar vida, também pode destruir com sua força desenfreada. Ele se apresenta com a força primitiva da natureza, muitas vezes manifestando-se com trajes de peles ou penas, similar a espíritos caboclos e selvagens. Exu dos Rios carrega a energia dos locais de encontro das águas, onde seu poder atinge seu ápice, conhecido como a Encruzilhada das Águas. Nesse ambiente, sua influência é extraordinariamente poderosa, sendo capaz de transformar ou purificar. Sua ação é rápida e, por isso, deve-se evocar com cautela, pois é conhecido por não suavizar suas intervenções e por não reconhecer a mediação do mundo *civilizado*. Quando chamado para afastar um inimigo, por exemplo, sua interpretação pode ser radical, trazendo acidentes graves ou até mesmo a morte.

Em sua essência, Exu dos Rios se conecta com o Reino das Matas, de onde surgem os primeiros fluxos de água, e com o Reino das Almas, devido ao poder de suas águas para transportar almas para o outro plano. No entanto, é no Reino das Águas que ele reina supremo, representando rios, riachos, cachoeiras, e a união desses elementos que moldam a natureza e a vida ao redor. Sua presença é sentida em rios e riachos, e sua energia responde mais intensamente nos encontros de águas ou nas encruzilhadas próximas a esses cursos, manifestando o espírito livre e imparável das águas.

Exu dos Rios representa o poder selvagem, fluido e dinâmico das águas, atuando de forma tanto curativa quanto destrutiva conforme é chamado. Para aqueles que compreendem e respeitam sua essência, ele

traz ensinamentos profundos sobre o ciclo da vida, a adaptabilidade e a força indomável do fluxo natural.

Reino: Águas.

Palavra-Chave: Fluxo de Emoções, Movimento, Civilizador, Alimentação e Abundância, Fertilidade, Limpeza de Sentimentos.

Positivo: Fluxo de emoções, pessoa em estado de equilíbrio emocional.

Negativo: Desequilíbrio emocional, infertilidade.

Diabo Associado: Nesbiros. É um demônio que ocupa uma posição de destaque na hierarquia infernal, conhecido por sua associação com os mistérios mais profundos da magia e da alquimia. Este poderoso espírito é um mestre na manipulação das leis naturais e sobrenaturais, sendo procurado por ocultistas que desejam alcançar habilidades elevadas em alquimia, metamorfose e magia transformativa. Muitas vezes descrito como um sábio e enigmático guardião do conhecimento oculto, Nesbiros é visto como um protetor dos segredos mais antigos, especialmente aqueles que envolvem os elementos e a estrutura básica da criação.

Nesbiros possui uma presença imponente e é frequentemente invocado para orientar magistas em processos de transformação alquímica, seja na transmutação de elementos físicos ou na evolução espiritual e psíquica. Ele é conhecido por conceder *insights* profundos sobre a matéria e a energia, oferecendo orientação para aqueles que buscam desbloquear o potencial da deificação da alma. Diz-se que, sob sua influência, alquimistas e magistas são capazes de entender melhor as interações entre forças visíveis e invisíveis, e que ele pode transmitir o conhecimento necessário para transpor os limites da matéria e espírito.

Além de sua especialização em alquimia e transmutação, Nesbiros é considerado um poderoso estrategista, tendo uma visão ampla sobre o desenrolar das forças do destino e dos ciclos universais. Sua capacidade de enxergar o todo das coisas o torna um demônio procurado para orientação em

questões complexas de escolha e ação, tanto para entender as consequências de cada passo quanto para auxiliar em processos de expansão da consciência. Ele é um demônio reservado, transmitindo ensinamentos apenas aos que têm disciplina e força para absorver o que é revelado.

Invocar Nesbiros requer extrema precisão e comprometimento, pois ele exige uma postura séria e respeitosa de quem busca sua orientação. É visto como um ser de natureza vigilante, atento aos detalhes e leal aos conhecimentos que guarda. Trabalhar com Nesbiros é mergulhar nas profundezas da sabedoria arcaica, lidando com a essência primordial das forças que moldam o universo e compreendendo os arcanos mais difíceis e obscuros. Ele é o mestre dos segredos ocultos que permanecem além do alcance da maioria, sendo uma figura temida, mas reverenciada, nos círculos ocultistas e na prática da magia mais avançada.

Firmeza: Vela preta-e-azul, Marafó branco e charutos de boa qualidade, com capa clara ou fumo de rolo, tabaco picado etc.

Oferenda: Padê de farinha de milho amarelo misturada com azeite de dendê e pedaços de carne seca dessalgada. Em cima oferecer diversas frutas e um pouco de fumo de rolo. Forrar o alguidar com folhas de mamona. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete cuias de coco ou maracujás com marafó branco, sete charutos e sete velas pretas-e-azul. Essa oferenda deve ser feita junto a um rio, represa, lago, cachoeira etc. Não deve ser feita no mar. Sempre antes de arriar a oferenda, deve se ofertar marafó branco e fumo às águas.

Quimbanda-Goécia: Nesbiros e Exu dos Rios compartilham uma profunda conexão com as forças da natureza e o poder transformador dos elementos, especialmente a água. No âmbito demonológico, Nesbiros é reconhecido por seu domínio sobre os segredos da natureza, a alquimia e o conhecimento das plantas, sendo capaz de manipular elementos naturais e as forças da criação. De forma semelhante, Exu

Calunguinha do Mar, sua consorte e parceira em seus trabalhos espirituais. Pombagira Calunguinha do Mar exerce uma força complementar, e juntos, atuam nos campos do amor, da cura emocional e na recuperação de relações interrompidas por barreiras emocionais ou espirituais. Esse par poderoso é evocado em situações em que os sentimentos parecem afundados ou perdidos nas águas do tempo e da dor, para que possam trazer uma reconciliação ou um entendimento que permita o movimento e a paz.

Exu Calunguinha é um guardião que atua nos mistérios das águas e das almas, representando tanto o fluxo da vida quanto o ciclo da morte. Ele simboliza a profundidade das águas interiores e o mistério da transição entre mundos. Ao lado de entidades afins, ele guia, protege e transforma, sendo um aliado poderoso nos trabalhos de cura espiritual, limpeza e harmonização emocional.

Reino: Águas.

Palavra-Chave: Fluxo de Emoções, Movimento, Civilizador, Alimentação e Abundância, Fertilidade, Limpeza de Sentimentos.

Positivo: Fluxo de emoções, pessoa em estado de equilíbrio emocional.

Negativo: Desequilíbrio emocional, infertilidade.

Demônio Associado: Syrach. É um demônio de complexa natureza e uma figura obscura nas tradições demonológicas, frequentemente descrito como um espírito intermediário com atributos de conhecimento e poder arcano. Sua especialidade está nas artes das profecias e na manipulação de forças espirituais ocultas, e ele é conhecido por auxiliar magos e necromantes a explorar aspectos sombrios da sabedoria ancestral. Nas descrições mais antigas, Syrach aparece como um ser dotado de grande inteligência e perspicácia, atuando em esferas onde a magia e a mente se cruzam, promovendo visões e revelações profundas, especialmente aquelas que revelam segredos do destino e dos caminhos obscuros da alma.

A figura de Syrach é associada a um poder sobre os elementos e à habilidade de influenciar os sonhos e os pensamentos, sendo capaz de criar ilusões ou revelações que revelam verdades escondidas. Diz-se que ele possui uma natureza dual, transitando entre o papel de um instrutor severo e de um enigmático manipulador de realidades. Como guardião dos segredos do conhecimento proibido, Syrach é também evocado para rituais de descoberta interior e para auxiliar em jornadas que demandam coragem e desapego, pois ele confronta o evocador com verdades que muitas vezes prefeririam permanecer ocultas.

No contexto de pactos e rituais, Syrach exige respeito e firmeza, sendo uma entidade que não tolera dúvidas ou fraquezas daqueles que buscam seu auxílio. Ele valoriza a busca pela verdade e pela autossuficiência e costuma recompensar aqueles que enfrentam as próprias sombras com poderosos *insights* e uma proteção firme contra adversidades espirituais. Syrach é um dos demônios que mais desafia o mago a expandir sua mente e consciência, forçando-o a confrontar seus limites e revelando que a verdadeira sabedoria reside não apenas na compreensão, mas também no domínio das forças que desafiam a luz e as convenções estabelecidas.

Firmeza: Vela preta-e-azul, Marafó branco e charutos de boa qualidade, com capa clara ou fumo de rolo, tabaco picado etc.

Oferenda: Farofa com mel e dendê, acompanhada de peixe escamado e assado com cebolas e ervas, decorada com flores brancas e pimentas; oferendas são feitas preferencialmente em cruzamentos de rios e cemitérios.

Quimbanda-Goécia: Syrach e Exu Calunguinha compartilham uma profunda conexão com o poder dos mortos, das almas desencarnadas e dos mistérios ocultos da transição entre a vida e a morte. No âmbito demonológico, Syrach é conhecido por seu domínio sobre o reino dos espíritos e sua habilidade de invocar forças do Submundo, exercendo influência sobre os mortos

e sendo um guia por territórios sombrios e ocultos. Exu Calunguinha, da mesma forma, é uma entidade associada ao cemitério (Kalunga Pequena), onde repousam espíritos de crianças e jovens, sendo um guardião e mediador para aqueles que habitam o outro lado do véu.

Exu Calunguinha atua não só como um protetor das almas que se encontram em trânsito, mas também como um intermediário entre os vivos e os mortos, auxiliando aqueles que buscam contato com o mundo espiritual e oferecendo proteção contra influências negativas. Syrach, com sua afinidade pelos segredos dos espíritos e do Submundo, também oferece orientação nesse limiar entre o físico e o etéreo, trabalhando para abrir portais entre mundos e, ao mesmo tempo, proteger contra influências indesejadas.

Ambos, Syrach e Exu Calunguinha, trazem consigo o respeito profundo pelos mistérios da morte e a sabedoria ancestral que reside nos reinos do pós-vida. Ambos são invocados para trabalhos de comunicação espiritual e proteção contra energias maléficas, tornando-os poderosos aliados para aqueles que navegam pelas águas escuras da feitiçaria e dos rituais necromânticos. Assim, tanto Syrach quanto Exu Calunguinha são mestres das fronteiras espirituais, revelando, protegendo e, quando necessário, disciplinando as forças espirituais que desafiam a ordem natural.

EXU DOS VENTOS

Exu dos Ventos, também conhecido como Exu Ventania, é uma entidade poderosa e multifacetada, guardião dos mistérios e das energias que circulam através dos ares e das correntes atmosféricas. Este Exu é diretamente associado aos movimentos intensos do vento e à força dinâmica e impetuosa dos elementos. Como uma entidade que transita entre o visível e o invisível, Exu dos Ventos é um mensageiro e um portador de mudanças, movendo-se como as próprias correntes de ar que dominam e cruzam o mundo. Diferente das brisas suaves, ele atua com intensidade e carregan-



do a força dos ventos que, dependendo de como são canalizados, podem ser tanto benéficos quanto destruidores.

Exu dos Ventos é um profundo conhecedor de várias esferas do saber, incluindo as artes da magia, estratégias de guerra, e possui uma visão aguçada dos segredos humanos e das relações interpessoais. Sua energia é comparada à de uma serpente astuta e perspicaz, sempre pronta a agir de forma estratégica. Exu dos Ventos carrega consigo um forte poder de persuasão e influência, capaz de direcionar os acontecimentos de forma sutil e eficaz. Esse poder de influência é utilizado principalmente em processos de defesa, fechamento de corpo, proteção espiritual e limpezas energéticas, mas ele também pode abrir e fechar caminhos conforme a necessidade, trazendo prosperidade, oportunidades e mudanças para aqueles que o invocam.

No aspecto amoroso e sexual, ele se mantém reservado, preferindo atuar em assuntos mais amplos e no equilíbrio das energias que envolvem o movimento dos ventos e das oportunidades. Em situações negativas, Exu dos Ventos pode trazer azar, perdas materiais, desestruturação e até mesmo a sensação de desorientação. Contudo, em seu aspecto positivo, ele é a própria força que renova e que traz o frescor

de novos negócios, a abertura de caminhos e boas notícias, transformando aquilo que está estagnado.

Os espíritos que compõem a legião de Exu dos Ventos são extremamente astutos, disciplinados e possuem uma natureza severa. Quando evoluem, esses espíritos alcançam o título de *Mestre Sete*, sendo então conhecidos como Exu Sete Ventanias, o que marca o domínio completo sobre as camadas energéticas do vento e a habilidade de canalizar essas forças em uma gama de manifestações poderosas.

Exu dos Ventos é o guardião das encruzilhadas invisíveis do ar e dos encontros energéticos que ocorrem ao longo de todas as fronteiras, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais.

Reino: Águas.

Palavra-Chave: Efeitos Climáticos, Tempestades, Chuvas, Furacões, Movimentação, Medo, Histeria, Fobia.

Positivo: Capaz de alterar o clima de um local e provocar chuvas. Consegue afastar e movimentar situações e pessoas. Retira da inércia e retira o medo das pessoas.

Negativo: Pode causar medo patológico, histeria e fobias. Pode ser manipulado para criar vozes ilusórias que irão deixar o alvo louco.

Diabo Associado: Bechard. É um demônio associado a forças naturais, particularmente aquelas que envolvem fenômenos climáticos e tempestades, sendo frequentemente relacionado à manipulação dos elementos de maneira abrupta e poderosa. Seu domínio abrange o controle das chuvas, dos ventos, trovões e terremotos, fazendo dele uma figura imponente para aqueles que buscam influenciar ou entender as dinâmicas da natureza em seu estado mais intenso e imprevisível.

Como um espírito ligado à Terra e ao Céu, Bechard possui uma afinidade única com os ciclos de transformação da natureza e com o poder cíclico que traz tanto a fertilidade para as colheitas quanto à destruição em forma de tempestades. Nas tradições ocultistas, é descrito como um mestre na arte de provocar mudanças no clima, sendo evo-

cado para trazer chuva em tempos de seca, tempestades em tempos de calmaria, ou até mesmo para dispersar nuvens. Essa habilidade de controlar o tempo, especialmente os fenômenos violentos, fez dele uma figura frequentemente invocada por antigos praticantes que buscavam proteger colheitas ou garantir o sucesso em batalhas.

Bechard também está associado ao mistério dos ciclos lunares e seus impactos na Terra, indicando uma sabedoria arcana sobre o poder oculto que a lua exerce nas marés, no crescimento das plantas e nos ritmos dos seres vivos. Este aspecto lunar também sugere que ele é um demônio com uma percepção muito aguçada da energia feminina e dos ciclos de renovação e destruição. Assim, ele possui um conhecimento profundo das plantas, ervas e raízes, sendo um guia tanto para o uso medicinal quanto para o uso esotérico desses elementos.

No entanto, seu temperamento é considerado volátil e imprevisível, refletindo os aspectos caóticos da natureza que ele controla. Invocar Bechard requer cautela, pois sua presença, embora poderosa, pode trazer efeitos inesperados, assim como uma tempestade que muda seu curso sem aviso.

A iconografia e as descrições que retratam Bechard frequentemente o colocam como um ser envolto em nuvens escuras, com símbolos de trovões e raios, o que reforça sua natureza de força implacável. Sua energia é buscada por aqueles que necessitam de mudanças abruptas, de força imediata e da coragem para enfrentar e transformar situações de grande intensidade, sendo um aliado na magia de controle dos elementos e nos rituais de transmutação da natureza.

Firmeza: Vela Preta-e-Azul, marafo branco, às vezes com água de coco dentro de copos de bambu e charutos que exalem bastante fumaça.

Oferenda: Padê composto de farinha de milho com azeite de dendê, alguns tipos de frutas, principalmente as que nascem nos altos das árvores. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com marafo branco, sete charutos

e sete velas pretas-e-vermelhas ou outras que o Exu aceite.

Quimbanda-Goécia: Bechard e Exu dos Ventos compartilham uma profunda conexão com os elementos naturais e o poder de manipular o ambiente ao seu redor. Na demonologia, Bechard é conhecido como um espírito elemental com domínio sobre tempestades, ventos e fenômenos atmosféricos, sendo capaz de controlar a força dos ares, trazendo tanto fertilidade quanto destruição. Da mesma forma, Exu dos Ventos (ou Exu Ventania) exerce uma influência poderosa sobre o elemento ar, trazendo mudanças rápidas e intensas, e agindo como força de transformação em situações que exigem ação rápida ou movimento.

Assim como Bechard, que pode desencadear ventos ferozes e tempestades para alterar o clima e influenciar os ciclos naturais, Exu dos Ventos utiliza a força do vento para promover mudanças, limpando e purificando o caminho de seus adeptos. Ambos representam a natureza incontrolável e muitas vezes imprevisível dos ventos, que podem tanto auxiliar e trazer boas novas quanto gerar caos e desestabilizar o que está fixo.

Na prática mágica, essa semelhança se traduz em um tipo de poder volátil e dinâmico. Bechard e Exu dos Ventos são invocados para romper obstáculos, acelerar processos e proteger contra energias estagnadas, empregando a força dos ares para dissolver bloqueios, seja em casos financeiros, relacionamentos ou conflitos. Em seu aspecto mais feroz, ambos podem ser chamados para defender os praticantes com a força dos ventos e tempestades, afastando influências negativas com uma intensidade avassaladora.

EXU QUEBRA-GALHO

Exu Quebra Galho é uma entidade respeitada e de grande prestígio no panteão dos Exus, especialmente dentro do Reino das Matas, onde atua como solucionador ágil e prático, semelhante ao simbolismo do galho que, por ser facilmente quebrado, representa um recurso imediato e eficien-



te. Este Exu é conhecido pela habilidade de remover obstáculos de maneira rápida, muitas vezes de forma inesperada e direta, característica que se reflete na expressão popular *quebrar um galho*. Sua atuação é especialmente valorizada em situações de urgência, onde as soluções precisam surgir de forma quase mágica para que o consulente possa seguir seu caminho.

Exu Quebra Galho é chamado para abrir caminhos em diversas áreas, desde questões profissionais, como aumento de clientela para comerciantes e empresas, até em casos sentimentais, onde exerce uma profunda influência sobre a mente e os sentimentos de seu alvo. Sua especialidade em dominar mentalmente as pessoas lhe concede uma força poderosa em casos de amarações amorosas, especialmente no que se refere a atrair e fidelizar os sentimentos de mulheres e parceiros em relacionamentos homoafetivos. Atuando como um excelente manipulador psíquico, ele faz com que a pessoa alvo veja o solicitante como a encarnação de seus desejos e sonhos, criando um vínculo forte e imediato.

Embora alguns o confundam com Exus de outras naturezas, como os pertencentes ao Reino das Encruzilhadas, Exu Quebra Galho possui uma ligação profunda e única

com a força das Matas. Seus atos são decididos, focados em resultados, e, muitas vezes, pouco ortodoxos. Ele tende a evitar os caminhos convencionais e, em vez disso, cria soluções rápidas, mesmo que isso signifique transgredir algumas normas. Exu Quebra Galho se preocupa em trazer resultados palpáveis e rápidos para aqueles que o evocam, independentemente dos obstáculos.

Apesar de raramente ser chamado para demandas espirituais ofensivas, ele é extremamente eficaz em causar transtornos mentais em oponentes, podendo provocar distrações, lapsos de memória, e até confusão em seus inimigos. Na sua atuação, Exu Quebra Galho pode induzir pequenas frustrações acumuladas em uma pessoa, gerando um estado de constante irritação e estresse, tornando-o um Exu ideal para casos em que o solicitante precisa causar desconforto sutil e constante em adversários.

Como guardião dos oráculos e guias dos médiuns, Exu Quebra Galho é um grande mestre na abertura e afloramento de habilidades intuitivas, sendo considerado essencial para templos que praticam a divinação. Seu domínio sobre o oráculo e a mediunidade auxilia o consulente a decodificar as mensagens espirituais e a encontrar clareza em seus caminhos, estabelecendo uma conexão entre o plano material e o espiritual.

Exu Quebra Galho é, acima de tudo, um espírito que trabalha de forma prática e direta. Sua habilidade de abrir caminhos rapidamente, sua conexão com as forças da natureza e sua habilidade de decifrar o intrincado mundo das relações e das necessidades humanas fazem dele uma entidade essencial na vida daqueles que precisam de uma força imediata e confiável para solucionar problemas.

Reino: Matas.

Palavra-Chave: Separação de Casais, Vício em Sexo, Traição com Pessoa do mesmo Sexo, Êxtase, Devassidão Sexual, Rapidez, Convencimento, Oratória.

Positivo: Capacidade de causar boa impressão pela fala, convencimento pela oratória, consegue resolver questões com

rapidez. Ajuda a ter reavivamento sexual entre casais, aumenta a libido e esquenta as paixões.

Negativo: Causa separação de casais, vício em sexo e pode criar situações de devassidão sexual em que a pessoa não consegue viver sem fazer sexo.

Diabo Associado: Frimost. É um demônio poderoso associado ao domínio das paixões e desejos humanos, especialmente conhecido por sua influência nas questões amorosas, de atração e luxúria. Este demônio é muitas vezes invocado para realizar encantamentos e rituais que despertam o desejo ardente, atraindo e intensificando sentimentos de amor e atração física. Ele é, portanto, uma figura particularmente buscada por aqueles que procuram amarrações amorosas e relacionamentos intensos, ainda que muitas vezes sem compromisso profundo, focados mais no prazer e na obsessão do que em vínculos duradouros.

A imagem de Frimost é frequentemente descrita como a de um ser de aparência cativante, com uma beleza enigmática e sedutora que reflete seu poder sobre as emoções humanas. Ele possui uma aura que transmite fascínio e mistério, capaz de enfeitiçar aqueles que entram em seu campo de influência. Como um demônio de paixões intensas, Frimost carrega uma dualidade: ele pode tanto abençoar seus invocadores com um charme irresistível quanto despertar a inveja e o ciúme, trazendo à tona os desejos e sentimentos reprimidos que podem gerar tumulto e conflitos entre os envolvidos.

Frimost também exerce uma conexão com os instintos e impulsos mais primitivos, ativando forças de atração irresistíveis, mas que, muitas vezes, carecem de substância e estabilidade. Embora seja chamado principalmente para questões de amor e desejo, Frimost pode ser usado para manipular o afeto e a admiração em diversas áreas, sendo eficaz em situações que demandem carisma e magnetismo pessoal, como negociações e relacionamentos interpessoais.

Em rituais de magia, ele é invocado para criar laços temporários e intensos, espe-

cialmente por meio de práticas que envolvem oferendas simbólicas relacionadas ao amor e à paixão, como flores, perfumes e velas. Seu poder, no entanto, não se limita ao prazer e à sedução. Frimost possui uma natureza vingativa e pode ser invocado para provocar obsessão descontrolada, causando aflição emocional àqueles que se tornam alvo de sua influência, transformando o amor em possessão e o desejo em dependência.

Frimost, portanto, é uma entidade que evoca tanto a beleza da atração quanto os perigos da paixão cega. Seu poder é amplamente respeitado entre praticantes que lidam com magia emocional e de influência, sabendo que a energia que ele libera é intensa e volátil, exigindo controle e um claro entendimento do que se deseja ao convocá-lo.

Firmeza: Vela Preta-e-Vermelha ou Verde-e-Preta, marafô branco e charutos fortes de preferência.

Oferenda: Padê composto de farinha de mandioca misturada com azeite de dendê, temperado com ataré e cebolas roxas. Tem preferência por receber limão em suas entregas, mas aceita também laranjas. Gosta de pés e pescoço de galinhas fritos ou cozidos, mas podem aceitar outros tipos de carne em suas entregas. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave, sete copos com marafô branco, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas ou outras que o Exu aceite.

Quimbanda-Goécia: O demônio Frimost e Exu Quebra Galho compartilham uma semelhança importante na forma como ambos atuam como facilitadores de desejos e solucionadores de questões sentimentais e relacionamentos interpessoais. Ambos possuem uma natureza de atuação rápida e direta, e são conhecidos por sua eficiência em obter resultados quase imediatos para aqueles que buscam auxílio em suas respectivas esferas.

Frimost, com sua maestria sobre paixões e o desejo humano, é frequentemente invocado para criar amarrações amorosas, despertar atração intensa e gerar obsessão.

Ele manipula os desejos mais profundos, atuando na esfera da paixão intensa, tanto para atrair quanto para prender o alvo da afeição. Exu Quebra Galho, por sua vez, age em questões amorosas e relacionamentos, usando seu poder para abrir caminhos rapidamente e desbloquear situações estagnadas. Além disso, ele é especialista em ajudar a encontrar soluções práticas e diretas, seja para aumentar a atração ou solucionar conflitos.

Outra semelhança entre Frimost e Exu Quebra Galho está na natureza pouco convencional e flexível de suas ações. Frimost pode manipular sentimentos e paixões sem levar em conta as regras sociais, enquanto Exu Quebra Galho frequentemente age de maneira astuta e fora da caixa para alcançar os objetivos do consulente, mesmo que isso envolva estratégias menos ortodoxas ou convencionais. Ambos são eficazes em trabalhos que necessitam de astúcia e adaptação rápida às necessidades, com Exu Quebra Galho sendo conhecido por seu toque *quebra-galho* na solução de problemas que demandam flexibilidade e criatividade.

Assim, a relação entre Frimost e Exu Quebra Galho reside principalmente em sua função de abrir e manipular caminhos nas esferas amorosa e de relacionamento. Cada um, à sua maneira, é um poderoso facilitador para questões afetivas e emocionais, aproveitando sua própria expertise para transformar o cenário em favor daquele que busca suas habilidades, movendo-se entre os desejos ocultos e as soluções práticas com agilidade e eficiência.

EXU POMBAGIRA

A Pombagira, uma das figuras mais icônicas e poderosas dentro dos cultos afro-brasileiros, especialmente na Quimbanda, é um espírito que encarna o arquétipo do sagrado feminino em sua força plena e sem restrições. Originalmente associada à divindade banto *Mpambu Njila*, que representa os caminhos e encruzilhadas, Pombagira emerge como um espírito feminino que encarna a liberdade, a sensualidade, o mistério e o poder de decisão, características que



a aproximam de figuras mitológicas como Lilith, Afrodite e Hécate.

Na tradição da Quimbanda, Pombagira é considerada o Exu-Mulher, a entidade que manifesta o lado feminino do poder espiritual e a força destrutiva que reside nos caminhos da liberdade e do autoconhecimento. Ela não segue os padrões impostos pela sociedade ou pela moralidade restritiva, tendo sido em vida mulheres que viveram intensamente e desafiaram normas. Pombagira é tanto a conselheira das almas marginalizadas quanto a guia para aqueles que buscam a verdadeira expressão de sua essência. É o espírito que entende as dores e as paixões humanas de forma visceral, pois ela própria foi rainha, cortesã, feiticeira, e amou e odiou com intensidade.

Além de sua força associada à Quimbanda e à iconografia das encruzilhadas, ela também absorveu aspectos de cultos europeus, como os das Mouras Encantadas e da feitiçaria ibérica. Essas influências permitiram que Pombagira se conectasse com a cultura das bruxas de Évora e das mouriscas, espíritos de forte sensualidade e conhecimento oculto. Assim, o culto à Pombagira incorpora elementos das tradi-

ções africanas e europeias, tornando-a uma figura única no panteão afro-brasileiro.

Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas é uma das manifestações mais elevadas deste espírito, atuando como uma grande senhora dos caminhos e decisões. Com sua habilidade para seduzir, influenciar e dominar, essa Pombagira representa a força suprema de controle e liberdade. Ela possui uma sensualidade quase hipnótica, encantando e dominando homens e mulheres para que sigam seu comando. Durante suas incorporações, a Rainha das Sete Encruzilhadas exibe um magnetismo arrebatador, levando as pessoas a uma entrega quase inevitável, o que a torna uma das entidades mais reverenciadas e temidas.

A essência de Pombagira transcende o mero desejo; ela simboliza o poder feminino indomável, aquele que não se submete e que persiste em expressar a própria vontade. Assim, cultuá-la é honrar a força da mulher que não teme o julgamento e que vive segundo suas próprias regras, uma guardiã dos segredos antigos e das artes mágicas, que, como as bruxas e feiticeiras do passado, usa sua sabedoria para proteger, guiar e transformar.

Reino: Encruzilhadas.

Palavra-Chave: Poder Feminino, Liberdade, Sedução, Mistério.

Positivo: Autoconhecimento, Empoderamento, Proteção, Aconselhamento nas paixões e nos caminhos da vida.

Negativo: Manipulação, Vingança, Sedução Ardilosa, Espiritualidade Destrutiva.

Diabo Associado: Klepoth. É um demônio descrito nas tradições ocultistas e na demonologia como um espírito envolto em mistérios de ilusão, sedução e manipulação. Comumente associado às artes da sedução e ao poder de transmutar a realidade por meio da percepção, Klepoth simboliza a essência do charme e da sensualidade, com um toque de malícia e engenhosidade. Esse demônio possui a habilidade de alterar a visão dos outros, de modo que aquilo que é temido ou desprezado pode se transformar em fascínio e desejo. Assim, ele age como um mestre da ilusão, capaz de explorar as

fraquezas emocionais e mentais de seus alvos, guiando-os a decisões baseadas em sentimentos instáveis.

Em muitas correntes ocultistas, Klepoth é descrito como uma força que revela os anseios escondidos e as fantasias reprimidas. Ele lida com as sombras dos desejos humanos e utiliza esse conhecimento para influenciar aqueles que buscam seu auxílio. Klepoth atua tanto no nível mental quanto emocional, manipulando as percepções e os sentimentos que envolvem o amor, o ódio e a obsessão. Esse demônio é também descrito como um guia sombrio nas paixões e nas relações afetivas, utilizando o desejo e a ambição para manter seus pactos e acordos.

Assim como a figura de Pombagira nas tradições afro-brasileiras, Klepoth é visto como uma força perigosa e sedutora que tanto pode levar ao êxito quanto à destruição, dependendo das intenções de quem o evoca e do contexto da sua ação. Ele age como guardião dos segredos que envolvem a psique humana, especialmente no que diz respeito ao poder de influência que as emoções exercem sobre a racionalidade.

Klepoth é invocado principalmente em rituais que buscam o fortalecimento do poder de persuasão, o encantamento e o sucesso em relações românticas ou negociações estratégicas. Sua energia também é empregada para lançar ilusões, tanto para proteção quanto para confusão, mantendo-se sempre no limite entre o real e o imaginário.

Firmeza: Vela Preta-e-Vermelha, vinho, champanhe ou licor doce, bebidas destiladas picantes, cigarrilhas.

Oferenda: Farofa de dendê com cebola e pimenta, vinho tinto ou licor doce, rosas vermelhas, perfumes e cigarrilhas.

Quimbanda-Goécia: Klepoth e Pombagira compartilham uma essência que personifica a sedução, o poder da persuasão e o domínio sobre as paixões humanas. Ambos simbolizam as forças misteriosas do desejo e da ilusão, manipulando sentimentos e emoções para alcançar fins específicos. A associação entre Klepoth e Pombagira res-

salta a capacidade de ambos de influenciar o psicológico e o emocional, aproveitando-se das fraquezas e anseios ocultos das pessoas. Enquanto Klepoth é descrito na tradição demonológica como um mestre das ilusões e das atrações ilusórias, Pombagira incorpora esses atributos nas práticas espirituais afro-brasileiras, representando o arquétipo do feminino indomável e libertador.

Pombagira, muitas vezes evocada para resolver questões de relacionamento, poder pessoal e transformação emocional, possui uma ligação similar à de Klepoth no que diz respeito ao poder de atrair, fascinar e, ao mesmo tempo, desafiar as normas sociais e espirituais. Klepoth, por outro lado, é invocado para conferir encanto, magnetismo e uma habilidade mística de manipulação emocional, características que ecoam na atuação de Pombagira como senhora dos encantos e guardiã dos mistérios femininos e espirituais.

A relação entre Klepoth e Pombagira reforça o aspecto dual das energias ligadas ao poder de influência sobre o desejo: enquanto ambos podem ser consultados para o sucesso em questões amorosas e emocionais, eles também carregam uma advertência sobre o uso de suas habilidades, que podem, com a mesma intensidade, conduzir à transformação positiva ou ao caos. A conexão entre os dois ressalta a capacidade que essas forças espirituais têm de iluminar ou obscurecer o caminho das paixões humanas, dando a quem os invoca um poder que tanto eleva quanto desafia o domínio emocional.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

O Segredo do Diabo: Aforismos sobre os Segredos da Quimbanda

1. OS REINOS DA QUIMBANDA

A cosmogonia da *Quimbanda Nàgô* descreve a criação do mundo de forma simbólica, com base em nove reinos que representam as forças e os ciclos essenciais da existência. Diferente do Candomblé, a Quimbanda foca em reinos metafísicos que estruturam a realidade espiritual e material, sem a adoração direta a um ser criador.

Resumo dos conceitos fundamentais:

- 1. Nzambi-mpungu:** Um ser supremo invisível que cria o mundo, mas não interage diretamente com ele, sendo venerado apenas indiretamente. A Quimbanda não cultua diretamente esse ser.
- 2. Nove Reinos da Quimbanda:**
 - **Reino da Terra:** Representa a formação inicial do planeta como uma esfera incandescente que se resfria e solidifica.
 - **Reino das Águas:** Surge quando a Terra resfriada cria vapor e precipitação, formando corpos d'água.
 - **Reino das Matas:** Desenvolve-se com o surgimento da flora e fauna, estabelecendo a base para a vida.
 - **Reino Africano:** Relaciona-se com o surgimento do homem no continente africano e sua conexão com as matas.
 - **Reino das Almas:** O homem passa a ter contato com seus ancestrais e espíritos, criando a conexão com o plano espiritual.
 - **Reino das Encruzilhadas:** Simboliza as escolhas e a expansão dos caminhos humanos.
 - **Reino do Oriente:** Representa o aprendizado e a expansão da humanidade por meio de comércio e trocas culturais.
 - **Reino das Trevas:** Reflete a compreensão do homem sobre o uso da feitiçaria para defesa e ataque.
 - **Reino da Lira:** Surge com a organização social, cultura, arte e filosofia, representando a vida urbana e boêmia.
- 3. Interação entre homens e espíritos:** As almas ocupam diferentes reinos, refletindo suas naturezas, e se comunicam com os vivos, oferecendo proteção e orientação.
- 4. Aspecto Filosófico e Evolutivo:** A cosmogonia na *Quimbanda Nàgô* é mais filosófica, centrada na evolução humana e na interação espiritual do que nas forças da natureza.
- 5. Naturezas específicas dos espíritos:** Cada reino abriga entidades com características próprias, como



Exus nas matas, encantados aquáticos nas águas, e espíritos do cemitério no Reino das Almas.

Essa cosmogonia reflete uma visão simbólica da criação que integra evolução, vida espiritual, e os desafios humanos ao longo do tempo, formando a base para os rituais e práticas da Quimbanda.

1.1. OS NOVE REINOS

O Reino da Terra, o primeiro dos nove reinos da *Quimbanda Nàgô*, simboliza a base material de toda a existência e representa as forças telúricas e ancestrais da criação. Neste reino, os Exus e Pombagiras que agem como intermediários espirituais da natureza são divididos em Povos, cada um com uma relação específica com os elementos da Terra, como rochas, montanhas, fogo e minerais. É também um reino associado ao fortalecimento da saúde física, raízes ancestrais e prosperidade material.

Principais Povos do Reino da Terra:

1. **Povo da Terra:** Ligado às raízes e ancestralidade, com destaque para os Pretos-Velhos, conselheiros e curandeiros com sabedoria tradicional.
2. **Povo dos Vulcões:** Relaciona-se ao magma e ao poder formador e destrutivo dos vulcões, simbolizando criação e transformação.
3. **Povo do Lodo:** Representa a origem da vida no lodo primordial, bem como a estagnação, podendo paralisar ou nutrir.
4. **Povo do Pó:** Liga-se aos minérios e ervas reduzidos a pó, usados em encantamentos e rituais.
5. **Povo do Fogo:** Associa-se ao espírito, iluminação e clareza, sendo o mais etéreo deste reino.
6. **Povo das Montanhas:** Reflete a conexão com o divino, representando locais sagrados de elevação espiritual.
7. **Povo das Minas:** Conecta-se ao submundo, à escuridão e às riquezas da terra, sendo um portal para o contato com mortos.
8. **Povo da Lomba:** Representa ascensão e descenso, ligando-se aos montes de terra que facilitam um breve encontro espiritual.
9. **Povo das Pedras:** Inclui todos os espíritos ligados às rochas e cristais, simbolizando a firmeza e durabilidade da criação.

Cada povo manifesta aspectos do mundo físico e espiritual, orientando a prática mágica e a busca por força e sabedoria na Quimbanda.

O **Reino das Águas** na *Quimbanda Nàgô* simboliza a criação, as emoções e o subconsciente humano. Após a formação do planeta, a precipitação e a criação dos corpos aquáticos (mares, rios, lagos e oceanos) estabeleceram este reino, que abrange energias de nutrição, transformação e perigos ocultos.

Principais Povos do Reino das Águas:

1. **Povo do Mar:** Ligado à origem da vida, com Exus como o Exu Marinho, que representam as transformações emocionais e fluxos da vida.
2. **Povo dos Rios:** Atua no comércio e fluxo emocional, com entidades como o Exu dos Rios, associado à serpente e à magia.
3. **Povo das Cachoeiras:** Representa mudanças rápidas e limpezas emocionais, incluindo Exus como Exu 7 Cachoeiras.
4. **Povo das Ondas:** Ativo nas marés e no fluxo entre mar e praia, com o Exu 7 Ondas.
5. **Povo da Chuva:** Representa recomenços e a sabedoria ancestral, com entidades como o Exu dos Ventos.
6. **Povo das Profundezas:** Relacionado a medos e mistérios nas regiões abissais, com o Exu Calunga e a Pombagira Calunga.
7. **Povo da Praia:** Marca o limiar entre vivos e mortos, com uma forte presença de Pombagiras.
8. **Povo dos Marinheiros:** Espíritos de caiçaras, pescadores e marinheiros que navegaram os mares em vida.
9. **Povo da Ilha:** Representado por Exus alegres e profundos, como o Exu do Coco e Exu Baiano, associados a práticas festivas e magia.

Cada povo do Reino das Águas lida com diferentes aspectos emocionais e espirituais, reforçando o papel da água como elemento de criação e transformação na cosmogonia da Quimbanda.

O **Reino das Matas**, na Quimbanda, representa a origem da vida a partir da água e da vegetação, e compreende todos os ecossistemas vegetais, como florestas e pântanos. Associado ao desenvolvimento de organismos vivos, este reino simboliza sabedoria, cura, prosperidade, harmonia com a natureza e, também, a morte, já que a floresta serve de lar para a vida e a decomposição natural. A presença das cores preto e verde simboliza o equilíbrio entre vida e morte.

Principais Povos do Reino das Matas:

1. **Povo das Árvores:** Representa as árvores sagradas, como a Jurema, vistas como moradas espirituais.
2. **Povo dos Parques:** Atua nos espaços verdes urbanos, preservando o espírito da floresta nas cidades.
3. **Povo das Matas de Praia:** Conecta energias aquáticas e da floresta, representando antigas tribos litorâneas.
4. **Povo das Serras:** Reflete a continuidade da floresta nas montanhas.
5. **Povo das Cobras:** Relacionado à cura, sabedoria e venenos das serpentes.
6. **Povo das Panteras:** Composto por guerreiros e xamãs, simbolizando a conexão com os felinos e a natureza selvagem.
7. **Povo das Flores:** Associado às fragrâncias e filtros de amor, domínio do Exu do Cheiro.
8. **Povo das Raízes:** Representa a nutrição profunda e a vitalidade da terra.
9. **Povo das Campinas:** Encabeçado por Caboclos Kimbandas, representa

a abertura de espaços para comunidades.

Este reino traz uma conexão profunda com a natureza, onde os espíritos das matas são guias e alquimistas. Dotados de sabedoria e ferocidade, esses espíritos ensinam sobre sobrevivência e coragem e promovem a criação de poções e encantamentos. A influência do Reino das Trevas confere a este reino um aspecto sombrio, desafiando aqueles que o exploram e reforçando o respeito pela complexidade da vida natural.

O **Reino Africano** representa a ascensão da humanidade, simbolizando o surgimento dos primeiros seres humanos no continente africano e o desenvolvimento de habilidades para manipular e adaptar a natureza. Este reino reflete o respeito e a preservação dos saberes ancestrais africanos, sendo fundamental na estrutura espiritual da Quimbanda. Suas cores são o preto, verde e vermelho, simbolizando a conexão com a ancestralidade e a resistência.

Principais Povos do Reino Africano:

1. **Povo do Cativoiro:** Espíritos de escravizados que pereceram em cativoiro, guardiões da sabedoria e feitiçaria.
2. **Povo do Quilombo:** Espíritos de escravizados que alcançaram a liberdade e morreram nos quilombos, representando a ancestralidade das comunidades.
3. **Povo dos Guerreiros:** Inclui guerreiros e soldados de várias etnias africanas, espíritos focados em proteção e combate.
4. **Povo de Ganga:** Feiticeiros e sacerdotes que manipulavam magia e se comunicavam com divindades ancestrais.
5. **Povo Mossurumim:** Negros islami- zados que combinavam práticas islâmicas com feitiçaria tradicional.

6. **Povo de Angola e Povo do Congo:** Ligados ao uso de feitiçaria e tradições de defesa mágica, sendo o Povo do Congo mais agressivo.

7. **Povo do Daomé:** Focado em práticas vodu e forte conexão com a ancestralidade, como os Voduns e a linhagem de Agassu.

8. **Povo Nâgô:** Representantes da cultura *yorùbá*, conhecidos pelo culto ao *Òrìṣà Exu* e pela criação de fetiches e assentamentos sagrados.

Este reino simboliza a importância das práticas ancestrais na Quimbanda e na preservação das culturas afro-brasileiras, destacando a riqueza espiritual e a diversidade de povos que compõem suas bases.

O **Reino das Almas** na Quimbanda é o espaço dedicado à conexão entre o plano físico e o espiritual, simbolizando o aprendizado humano sobre a continuidade da vida além da morte. Este reino honra os ancestrais e o culto familiar, proporcionando cura espiritual e fortalecimento das raízes. Regido por figuras como Exu Rei das Almas e Pombagira Rainha das Almas, o reino se liga à sabedoria ancestral e à superação dos medos.

Principais Povos do Reino das Almas:

1. **Povo das Almas:** Espíritos antigos e libertos que ajudam na cura e aconselhamento espiritual.
2. **Povo dos Cruzeiros:** Guardiões dos cruzeiros, portais entre o mundo espiritual e o material.
3. **Povo dos Caveiras:** Espíritos relacionados à morte e à transformação, regidos por Exu Caveira.
4. **Povo das Tumbas:** Conectados à memória dos mortos e ao culto ancestral.
5. **Povo das Covas:** Representantes da putrefação e transformação da matéria.
6. **Povo do Cemitério:** Espíritos do cemitério que auxiliam em diferentes demandas espirituais.

7. **Povo da Calunga:** Regentes dos espaços do além, abrangendo o abismo e o oceano profundo.
8. **Povo dos Templos:** Espíritos ligados a lugares de culto e espiritualidade, como igrejas e santuários.
9. **Povo dos Hospitais:** Almas que promovem cura e sustentam locais de restauração física e espiritual.

Este reino enfatiza o respeito aos espíritos ancestrais e à transição da alma, conectando a vida e a morte num fluxo contínuo de aprendizado e transformação.

O **Reino das Encruzilhadas** na Quimbanda simboliza os pontos de encontro e transição, onde diversos caminhos e possibilidades se cruzam. Representado pelas figuras de Exu e Pombagira, ele rege a comunicação, o movimento e a abertura de caminhos. As encruzilhadas são espaços de limbo, nem pertencentes a um lado nem ao outro, sendo lugares ideais para pactos e oferendas espirituais.

Principais Povos do Reino das Encruzilhadas:

1. **Povo das Encruzilhadas das Ruas:** Conectados às encruzilhadas urbanas, associados aos pactos e ao convívio humano.
2. **Povo das Encruzilhadas de Lira:** Presentes em áreas noturnas e boêmias, como ruas com bares e teatros.
3. **Povo das Encruzilhadas da Lomba:** Associados a lugares elevados, como montanhas e colinas.
4. **Povo das Encruzilhadas dos Trielhos:** Ligados aos caminhos rápidos e estradas de ferro.
5. **Povo das Encruzilhadas da Mata:** Habitam encruzilhadas em áreas florestais, representados por caboclos e Exus das matas.
6. **Povo das Encruzilhadas da Calunga:** Guardiões das encruzilhadas nos cemitérios e locais de descanso dos mortos.



7. **Povo das Encruzilhadas da Praça:** Presentes em praças urbanas, interação com espíritos e figuras de origem cigana.
8. **Povo das Encruzilhadas do Espaço:** Associados a planos superiores, e aos movimentos cósmicos e eólicos.
9. **Povo das Encruzilhadas da Praia:** Conectados aos caminhos aquáticos e ao mar.

O Reino das Encruzilhadas é um elo central na Quimbanda, interligando todos os reinos e permitindo a manifestação de Exu e Pombagira em diversos domínios, mantendo a comunicação entre o plano espiritual e o terreno.

O **Reino do Oriente** na Quimbanda representa a expansão, o movimento e o intercâmbio cultural e espiritual. Relacionado à busca por conhecimento, magia e rotas comerciais, ele abrange povos diversos e suas práticas ancestrais e místicas. Este

reino não se limita ao Oriente geográfico, mas inclui todos os povos estrangeiros ao Brasil, especialmente aqueles que contribuíram com saberes espirituais e de cura.

Principais Povos do Reino do Oriente:

1. **Povos Indianos:** Focados em curas holísticas e práticas antigas, como a medicina ayurvédica.
2. **Povos do Oriente Próximo:** Incluem árabes, persas e hebreus, conhecidos por sua sabedoria e mistérios espirituais.
3. **Povos do Oriente Distante:** Representam chineses, tibetanos, japoneses e mongóis, ligados à energia e comércio.
4. **Povos Egípcios:** Sacerdotes e conhecedores de ritos da vida e morte, com conhecimentos astrológicos e mágicos.
5. **Povos Ameríndios:** Incluem maias, toltecas e astecas, reconhecidos por seus sacrifícios rituais.
6. **Povos Europeus:** Engloba antigos romanos, celtas e guerreiros místicos da Europa.
7. **Povos Ciganos:** Especialistas em divinação, manipulação dos quatro elementos e magia do amor e comércio.
8. **Povos do Norte:** Habitantes das regiões gélidas, como escandinavos e xamãs siberianos.
9. **Povos das Ilhas:** Povos de culturas isoladas em ilhas da Ásia, Oceania e outros arquipélagos.

As cores deste reino são o branco, rosa e verde, com Exu Cigano e Pombagira Cigana como principais regentes. O Reino do Oriente simboliza o mistério e a diversidade espiritual, sempre voltado à busca de prazer, bem-estar, e a troca entre diferentes culturas e conhecimentos místicos.

O Reino das Trevas na Quimbanda representa o uso dos poderes ocultos da fei-

tiçaria para defesa, ataque e proteção pessoal. Ele é associado a aspectos sombrios, temores noturnos e forças ocultas, sem ser considerado maligno ou benigno, mas sim um reino de magia poderosa e complexa. No contexto das Trevas, os espíritos manipulam as energias de escuridão, doenças, venenos e animais totêmicos para garantir proteção ou atingir objetivos específicos.

Principais Povos do Reino das Trevas:

1. **Povo do Luar:** Trabalham com o poder da Lua e aspectos da magia noturna.
2. **Povo dos Terrores:** Associados aos medos e representados por animais noturnos como morcegos e lobos.
3. **Povo da Escuridão:** Habitantes das áreas escuras e das sombras urbanas, como espíões e informantes.
4. **Povo das Sombras:** Entidades que usam as sombras para entrega de feitiços e manipulação oculta.
5. **Povo das Mirongas:** Feiticeiros especializados em magia para malefícios.
6. **Povo das Trevas:** Espíritos profundos que absorvem toda a luz, como Exu Rei das Trevas.
7. **Povo dos Assassinos:** Mestres na arte da morte oculta e dissimulação.
8. **Povo do Inferno:** Representam forças infernais e o diabolismo.
9. **Povo dos Venenos:** Conhecedores de plantas e venenos para fins mágicos e bélicos.

Com regentes como Exu Rei das Trevas e Pombagira Rainha das Trevas, este reino é essencial para rituais de feitiçaria intensa e se manifesta em escuridão completa, sendo sua cor associada o preto profundo.

O Reino da Lira é o domínio da Quimbanda onde se manifestam as artes, a música, a boemia e os prazeres humanos. Ele reflete tanto a expressão artística e cultural quanto o lado sombrio das compulsões,

vícios e paixões descontroladas. A Lira une forças criativas e destrutivas, incentivando a inspiração, mas também o engano e a ilusão. A regência deste reino é do Exu Rei das 7 Liras, que se associa ao próprio Lúcifer, representando o fascínio e os desafios da cultura e do prazer.

Principais Povos do Reino da Lira:

1. **Povo da Lira (Música):** Espíritos de artistas e músicos, que inspiram e influenciam a criatividade.
2. **Povo dos Cabarés:** Pombagiras e entidades que lidam com sedução e intimidade, conhecendo os segredos humanos.
3. **Povo do Lixo:** Inclui mendigos e nômades que vivem em ambientes de decadência e sobrevivência.
4. **Povo do Comércio:** Focados na prosperidade e riqueza, como o Exu Chama-Dinheiro.
5. **Povo dos Malandros:** Personagens carismáticos e boêmios, exemplificados por Zé Pelintra.
6. **Povo do Cais:** Malandros associados à vida noturna e atividades ilegais nos portos.
7. **Povo das Ruas:** Espíritos de marginais e bandidos urbanos que garantem ou perturbam a segurança.
8. **Povo das Artes Teatrais:** Atores e atrizes, figuras de talento que oscilam entre fama e decadência.
9. **Povo Vagante:** Almas perdidas e entorpecidas, representando o esgotamento e a perda de propósito.

As cores do Reino da Lira são preto, vermelho e branco, simbolizando tanto a vitalidade quanto o conflito e a complexidade das emoções humanas.

A cosmovisão da Quimbanda, ao organizar seus Reinos, revela uma complexa estrutura espiritual e cultural que reflete a própria luta e adaptação de povos e tradições em resposta a realidades de domina-

ção e resistência. A Quimbanda, através de seus nove Reinos, apresenta um universo onde o ser humano interage com o visível e o invisível, assimilando forças naturais, sociais e espirituais. Essa organização permite um intercâmbio entre o *pandemonium* eurasiático e o *pandemonium* brasileiro, ambos sendo espaços onde a alteridade e a resistência se manifestam de formas distintas e complementares.

1.2. REINOS DA QUIMBANDA E O PANDEMONIUM

Os Reinos da Quimbanda representam esferas de atuação dos Exus e Pombagiras, cada uma com suas especificidades e formas de influência no mundo material e espiritual. Esses reinos organizam as forças que dialogam com as necessidades humanas, como proteção, cura, riqueza, prazer e justiça, e incorporam a presença das almas ancestrais e das forças do desconhecido, como o Reino das Trevas e das Encruzilhadas.

No *pandemonium* eurasiático, encontramos um conceito semelhante, um espaço onde se encontram entidades e espíritos que fogem da norma das divindades ou santos, revelando um mundo de espíritos ambíguos, complexos e, muitas vezes, paradoxais, que atendem tanto às necessidades quanto aos temores humanos. Esse *pandemonium* se manifesta em cultos e crenças que envolvem seres espirituais associados às sombras e ao desconhecido, refletindo a alteridade e o desafio à ordem estabelecida.

No *pandemonium* brasileiro, essa ideia foi adaptada e recontextualizada pela Quimbanda, que absorveu influências indígenas, africanas e europeias, organizando seus próprios reinos espirituais e ampliando seu sistema de crenças em resposta à realidade do Brasil colonial e pós-colonial. O *pandemonium* brasileiro se torna, assim, uma expressão de resistência e preservação cultural, onde os Exus e Pombagiras, figuras de alteridade, defendem, protegem e atendem aqueles que os veneram, indepen-

dentemente de status social ou hierarquia religiosa.

1.3. ALTERIDADE E RESISTÊNCIA

A Quimbanda é, essencialmente, uma prática de alteridade e resistência. Suas divindades e práticas se situam fora do espaço ortodoxo religioso, nascendo da convergência das culturas banto, tupi e ibérica, o que criou um sistema de forças que resistem às pressões sociais. A alteridade na Quimbanda se manifesta na figura dos Exus e Pombagiras, espíritos de estrada, de encruzilhadas, de cabarés, de cemitérios e de outros espaços liminares que representam aqueles que desafiam as fronteiras do aceitável ou do normal segundo a moralidade cristã ocidental.

A resistência está, então, embutida na própria existência desses reinos e *pandemoniums*. Eles preservam o conhecimento

ancestral e mantêm vivas as práticas culturais e espirituais que foram historicamente marginalizadas e perseguidas. A Quimbanda usa a alteridade como ferramenta de resistência cultural e espiritual, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos da própria cultura estabelecida para reconfigurar sua prática.

1.4. O REINO DO ORIENTE & O PANDEMONIUM EURASIANO

O Reino do Oriente na Quimbanda e o *pandemonium* eurasiático possuem uma conexão espiritual e simbólica fundamentada na ideia de alteridade e na busca por sabedoria mística e conhecimentos ocultos que transcendem fronteiras culturais e geográficas. Ambos compartilham uma essência que valoriza o *outro*, o desconhecido e o estrangeiro, que simbolicamente se traduz em uma expansão de consciência e ampliação de perspectivas espirituais.

1.5. A EXPANSÃO CULTURAL E O CONHECIMENTO OCULTO

O Reino do Oriente representa, na Quimbanda, o espaço das trocas culturais, o movimento e a expansão para além do familiar. Ele agrega povos de diferentes culturas e tradições que, ao longo dos séculos, trouxeram saberes espirituais e práticos que enriquecem a compreensão da existência humana. O Oriente é, assim, o reino das rotas de comércio e das viagens, mas também da busca espiritual que muitas vezes é velada e oculta.

De forma semelhante, o *pandemonium* eurasiático é o espaço de manifestação dos conhecimentos esotéricos e espirituais que resistem à uniformização e à ortodoxia. Ele incorpora entidades e arquétipos que representam a sabedoria mística do Oriente próximo e distante, mas também de culturas europeias nativas e de tradições marginalizadas ou relegadas ao oculto pela visão cristã ocidental. Dessa forma, ambos os espaços agem como portais espirituais que conectam tradições e saberes distintos,



unificando o que é considerado marginal ou estrangeiro.

1.6. A MAGIA E O SINCRETISMO

O Reino do Oriente e o *pandemonium* eurasiático representam também a capacidade de sincretismo e adaptação dos conhecimentos ocultos e mágicos. No Reino do Oriente, essa adaptação ocorre à medida que figuras como Exus e Pombagiras de origem cigana, árabe, asiática ou indígena trazem ensinamentos específicos de suas tradições e práticas mágicas, mesclando-se ao sistema da Quimbanda sem perder sua essência. O Oriente na Quimbanda, portanto, funciona como um elo entre a espiritualidade local e as influências estrangeiras, reforçando a capacidade da Quimbanda de incorporar e transformar elementos externos em suas próprias práticas.

De forma parecida, o *pandemonium* eurasiático incorpora figuras espirituais e práticas esotéricas que variam de mitos celtas a tradições xamânicas da Ásia e práticas de feitiçaria europeia medieval, promovendo um espaço de encontro e fusão espiritual que não se submete a uma única identidade cultural. Ele é um reflexo do sincretismo cultural e espiritual que atravessa continentes, criando uma arena simbólica onde o estrangeiro e o oculto são reconhecidos como fundamentais para a compreensão da própria espiritualidade e identidade.

1.7. SÍMBOLOS DE CONEXÃO E AUTODESCOBERTA

Assim, o Reino do Oriente na Quimbanda e o *pandemonium* eurasiático são espaços simbólicos que compartilham a busca pelo conhecimento que transcende fronteiras e desafia normas culturais e religiosas. Eles operam como pontes entre diferentes tradições e sistemas espirituais, promovendo uma integração que valoriza a alteridade. Cada um, à sua maneira, reflete o papel do *estrangeiro* e do *oculto* como catalisadores para o autoconhecimento e a expansão espiritual.

1.8. O REINO DA LIRA, DIONÍSIO E A CULTURA DO ÊXTASE

O Reino da Lira na Quimbanda, o culto de Dionísio na Grécia e os mistérios e cultos de êxtase têm uma relação profunda baseada no uso ritualístico do prazer, da arte e do êxtase como portais para a transcendência espiritual e a transformação pessoal. Esses elementos aparecem tanto no Reino da Lira quanto no culto dionisíaco como uma celebração e um domínio que envolve tanto o prazer quanto a subversão dos limites sociais e morais, explorando as esferas do espírito humano que desafiam o controle e abraçam o caos como uma força criativa e transformadora.

1.9. O ÊXTASE E O TRANSE COMO PORTAIS DE CONEXÃO

No Reino da Lira, a presença de figuras como o Exu Rei das 7 Liras e entidades ligadas aos prazeres e vícios da vida boêmia remete diretamente aos estados de êxtase e transe, muito próximos dos experimentados no culto de Dionísio. Nos rituais dionisíacos, a música, o vinho e a dança eram instrumentos que levavam os participantes a estados alterados de consciência, onde o espírito coletivo e individual se uniam a uma experiência de fusão com a divindade e o Cosmos. Esse tipo de êxtase é uma característica central dos ritos da Lira, onde o álcool, a música e a dança são utilizados para romper com a racionalidade e promover uma entrega espiritual e pessoal.

1.10. A SUBVERSÃO E O CAOS COMO ELEMENTOS CRIATIVOS

O culto de Dionísio era um espaço onde as normas sociais eram subvertidas, onde o caos e a embriaguez ofereciam uma saída das estruturas da civilização. O Reino da Lira age de forma semelhante ao abrir espaço para comportamentos e expressões muitas vezes marginalizados, como a boemia, a arte, a luxúria e o vício. Assim como o culto dionisíaco atraía aqueles que bus-



cavam uma ruptura com a vida cotidiana e seus papéis sociais restritivos, o Reino da Lira na Quimbanda congrega espíritos e praticantes que buscam nas artes, na música e nos prazeres mundanos uma forma de expressão e libertação espiritual.

1.11. ARTE, MÚSICA E A SEDUÇÃO DO INCONSCIENTE

No Reino da Lira, a música e a arte são portas de entrada para o inconsciente e instrumentos que promovem uma reflexão mais profunda sobre os aspectos mais ocultos e obscuros da psique humana. De maneira semelhante, o culto de Dionísio era conhecido por suas encenações teatrais e pela sua ligação com as artes dramáticas, que exploravam as profundezas da psique e da tragédia humana. Essa conexão entre arte e mistério, teatro e êxtase, é um ponto comum entre os dois sistemas, onde a criação artística não é apenas um meio de ex-

pressão, mas uma via para acessar o divino e expandir a percepção do sagrado.

1.12. O ÊXTASE E O DESEJO COMO FORÇAS DE TRANSCENDÊNCIA

Tanto no Reino da Lira quanto nos cultos dionisíacos, o desejo é visto como uma força poderosa que pode tanto elevar quanto destruir. Dionísio, o deus do vinho, do êxtase e da loucura, também representa o poder do desejo e da embriaguez em seus aspectos transformadores. No Reino da Lira, vemos uma ênfase semelhante na ideia de que a entrega aos prazeres da vida e à intensidade das emoções humanas pode levar a uma compreensão mais profunda do eu e das forças espirituais que moldam a existência. Ambos os cultos entendem o êxtase e o prazer não como fraquezas, mas como expressões de uma conexão divina que transcende os limites da experiência ordinária.

1.13. OS CAMINHOS DE DIONÍSIO E DA LIRA NA TRANSFORMAÇÃO ESPIRITUAL

Assim, o Reino da Lira e o culto de Dionísio compartilham uma essência comum: ambos celebram o êxtase, a arte, a música e o desejo como meios de transcendência, convidando o praticante a explorar o limite entre o controle e a entrega. Eles oferecem uma visão de espiritualidade onde o prazer e a expressão criativa são valorizados como caminhos válidos para a comunhão com o divino e a libertação das limitações do ego, abrindo espaço para uma experiência mais completa e integrada do ser.

1.14. O REINO DAS TREVAS & A BUSCA DO PODER DA MAGIA

O Reino das Trevas na Quimbanda se relaciona diretamente com a prática da magia negra voltada a conflitos espirituais e a busca pelo poder oculto. Esse reino representa a exploração das forças sombrias, a manipulação das energias densas e ctôni-

cas que habitam os planos materiais mais profundos.

1.15. PODER DAS SOMBRAS E CONFLITOS MÁGICOS

O Povo das Sombras exemplifica o poder de manipular o invisível e utilizar o ambiente sombrio e oculto das ruas e dos becos como canais para a magia e feitiçaria de ataque e defesa. Esses espíritos, como Exu Sete Sombras e Exu Penumbra, operam como mensageiros sutis, sendo capazes de influenciar situações e desestabilizar emocional e espiritualmente o alvo. Em conflitos mágicos, essa habilidade de manipulação das sombras possibilita a entrega de maldições, influências psíquicas e a criação de barreiras.

1.16. FOGO E DESTRUIÇÃO ESPIRITUAL

O Povo do Fogo, associado ao fogo das fornalhas e crematórios, representa o espírito combativo e a chama inextinguível do poder destrutivo. Os espíritos deste grupo, como Exu Braseiro e Exu Labareda, lidam com as energias elementares do fogo como força transformadora, mas também como arma espiritual. Assim como Prometeu trouxe o fogo como símbolo de conhecimento e poder, esses Exus carregam a chama do saber oculto, usando-a para abrir caminhos para aliados e aniquilar inimigos espirituais.

1.17. ALQUIMIA DAS TREVAS E VENENOS

No Povo dos Venenos, os espíritos, como Exu Sete Venenos e Pombagira Cascavel, simbolizam a prática de uma alquimia obscura, na qual as ervas e raízes se transformam em elementos bélicos. A atuação deste grupo nas zonas de tensão e repressão, como prisões e vielas, reflete a ideia de resistência através da magia, utilizando venenos físicos e espirituais para minar a saúde, a vitalidade e a estabilidade emocional dos

inimigos. Esse conhecimento é tanto um recurso de defesa quanto de ataque, misturando cura e destruição, similar à figura do curador-venenoso.

1.18. ESPAÇOS ABISSAIS E SEGREDOS PROFUNDOS

O Povo dos Abismos e dos Infernos remete a uma profundidade extrema no sentido espiritual, simbolizando áreas de conhecimento e magia que estão ocultas e inexploradas. Esses locais, como as zonas abissais dos mares ou os vulcões, são visualizados como portais para o desconhecido e são considerados pontos de acesso ao poder ancestral da Terra. Exus como Exu Kalunga e Exu Sete Caldeiras do Inferno trabalham nesses ambientes para alcançar poderes primordiais e ctônicos, usados tanto para defesa quanto para a proteção de segredos profundos que sustentam o poder do Reino das Trevas.

1.19. MALDIÇÕES E DEFESA

O Povo das Maldições, formado por entidades como Exu Sete Maldições e Exu Mau Olhado, usa suas habilidades para lançar maldições e atuar em rituais de magia negra, os quais podem enfraquecer ou derrubar o inimigo. Esses espíritos, que habitam túmulos e locais abandonados, são conhecidos pela capacidade de canalizar rancores e injustiças para criar maldições e feitiços duradouros. Essa prática reflete o uso da magia como resistência e vingança, um meio de garantir justiça ao recorrer às forças do além e à escuridão.

1.20. ALTERIDADE E A BUSCA PELO PODER

O Reino das Trevas é uma representação da alteridade e da resistência espiritual. Ele explora as forças contrárias ao convencional, atraindo espíritos e praticantes que buscam poder através do oculto e das forças das sombras. Este reino resgata a

luta pelo poder em seus aspectos mais crus e primitivos, utilizando o simbolismo das sombras, do fogo, do veneno e da morte para estabelecer uma prática mágica que desafia o status quo e resiste às forças que tentam impor limites à liberdade e ao conhecimento espiritual.

Assim, a magia negra no contexto do Reino das Trevas é tanto uma busca pelo poder como uma resistência ativa ao domínio e ao controle, sendo que as energias densas e as práticas de conflito mágico encontram aí seu terreno fértil para se expressar e transformar a realidade.

2. A QUIMBANDA & A ARTE DA GUERRA ESPIRITUAL

A Quimbanda, como tradição espiritual e mágica, oferece uma estrutura única para a prática da guerra espiritual, alinhando-se com táticas de resistência e domínio simbólico e real, especialmente em contextos de luta contra sistemas de poder. Com raízes no saber ancestral africano, a Quimbanda utiliza conhecimentos profundos sobre manipulação de forças espirituais, encantamentos e proteção mágica para assegurar a sobrevivência e empoderar seus praticantes em conflitos, sejam eles pessoais, sociais ou espirituais.

2.1. ESTRATÉGIAS DE DEFESA E ATAQUE: CONEXÃO COM MILÍCIAS AFRICANAS NO CONGO

Na República Democrática do Congo, milícias e forças locais tradicionalmente utilizam artes mágicas para ganhar vantagem sobre seus inimigos, seja em emboscadas, proteção contra a violência física, ou para confundir os oponentes. Esses grupos de resistência frequentemente recorrem a rituais específicos, símbolos de proteção e amuletos consagrados, destinados a cana-

lizar a energia ancestral, comumente chamada de *ngolo* (força ou poder vital) na cultura banto, que é essencial para triunfar em batalhas desiguais. Da mesma forma, a Quimbanda enfatiza a defesa mágica e o uso estratégico de espíritos e encantamentos que atuam tanto na proteção dos praticantes quanto na desestabilização de inimigos espirituais e físicos.

2.2. ESPÍRITOS DE GUERRA: EXUS E POMBAGIRAS COMO GUERREIROS

Exus e Pombagiras na Quimbanda não são apenas espíritos de comunicação e mediação; eles também atuam como guardiões, mensageiros e guerreiros, prontos para assumir um papel combativo nas batalhas espirituais. Esses espíritos são evocados em práticas de proteção e contra-ataque para neutralizar feitiços, amaldiçoar inimigos e até mesmo proteger fronteiras espirituais e físicas. Nas milícias africanas, práticas mágicas semelhantes incluem a evocação de espíritos dos mortos e dos ancestrais para blindar combatentes contra balas ou ataques surpresa, ajudando-os a confrontar forças maiores e mais armadas.

2.3. ALQUIMIA DE DEFESA: FEITIÇARIA DE PROTEÇÃO E INVULNERABILIDADE

Em práticas tradicionais do Congo, como as empregadas por grupos armados, as poções e pós (chamados *atins* ou *dawa*) são preparados com elementos da flora e fauna locais, usados tanto para invulnerabilidade quanto para invisibilidade ou camuflagem mística. Similarmente, a Quimbanda valoriza o uso de pós, raízes e folhas consagradas em seus rituais, principalmente dentro do Reino das Matas e do Reino das Trevas. Essas substâncias são empregadas para proteção física, fortalecer a coragem dos praticantes e desestabilizar o emocional e espiritual dos inimigos. A prática de aplicar venenos ou remédios mágicos — ambos capazes de cura ou de prejuízo — reflete



diretamente o modo como se desenvolvem as práticas de resistência entre grupos de guerrilha e defensores de territórios no Congo.

2.4. MAGIA NEGRA E RESISTÊNCIA AO PODER ESTATAL

A Quimbanda ensina que a magia pode ser um ato de resistência. Exus e Pombagiras associados ao Reino das Trevas, como Exu Sete Sombras e Exu Calunga, operam como mediadores de poder, capazes de envenenar, amaldiçoar e conduzir rituais de quebra de feitiços impostos por opressores. Na prática das milícias africanas, encontramos técnicas de feitiçaria que também se configuram como um desafio direto à autoridade do Estado, permitindo aos combatentes resistirem a forças armadas e a intervenções externas. A magia serve, assim, para empoderar combatentes e revigorar seu espírito de luta, subvertendo as tentativas de controle e manipulação por parte das autoridades.

2.5. ESPAÇOS DE PODER E TERRITÓRIOS DE GUERRA ESPIRITUAL

Tanto na Quimbanda quanto nas práticas de resistência mágica no Congo, os territórios simbólicos são elementos fun-

damentais na guerra espiritual. Locais específicos, como encruzilhadas, cemitérios, florestas e até ruínas, são pontos de concentração de poder espiritual e de resistência. Os praticantes da Quimbanda utilizam esses espaços para evocar energias densas e guias espirituais que defendem ou contra-atacam, como os Exus dos Abismos ou dos Venenos. Da mesma forma, as milícias do Congo incorporam esses espaços como territórios de poder onde encantamentos e proteção mágica podem ser garantidos, permitindo que sua força espiritual seja intensificada nesses locais.

2.6. QUIMBANDA, ARTE DE GUERRA ESPIRITUAL E RESISTÊNCIA MÁGICA

A Quimbanda e as práticas mágicas das milícias africanas exemplificam a busca pela autodefesa e pela autonomia por meio da manipulação do poder espiritual. Ambas as tradições revelam como a magia negra pode funcionar como uma forma de resistência e sobrevivência em contextos de conflitos extremos, colocando em jogo o poder oculto como ferramenta essencial para contestar a opressão, afirmar a soberania espiritual e desafiar forças aparentemente insuperáveis.

A Quimbanda enfatiza a magia de combate e proteção através dos Exus e de suas diversas formas de atuação, situando-se

como uma prática profundamente voltada para a *guerra espiritual*. Este conceito está enraizado na habilidade dos Exus em manipular energias de alta intensidade, muitas vezes alinhadas a armas espirituais como punhais, facas, lanças e tridentes, que são consagrados dentro dos assentamentos dos Exus para realizar ataques e defesas, simbolizando hierarquia e poder dentro da magia belicosa. Estas armas espirituais, como o tridente, representam o domínio dos elementos e têm uma função essencial tanto em ataques diretos quanto em defesas estratégicas. Esse tipo de magia pode ser vista nas práticas de feitiçaria voltadas à guerra e ao conflito, onde cada Exu, dependendo do seu domínio, age em função de sua especialidade.

No contexto africano, especificamente entre as milícias do Congo, práticas mágicas também têm sido historicamente utilizadas como formas de resistência e domí-

nio de poder sobre o território e sobre os próprios inimigos. Essas práticas incorporam elementos da natureza e rituais de proteção que visam fortificar o guerreiro e invocar poderes ancestrais, muitas vezes através de amuletos e substâncias naturais que conferem invulnerabilidade ou potencializam a força física e espiritual. Na Quimbanda, esta prática se manifesta na interação com o Povo dos Venenos, espíritos que conhecem profundamente a flora e a fauna e utilizam de substâncias para criar feitiços que atingem emocional e espiritualmente o adversário, similar às práticas de envenenamento simbólico ou real usadas para deter ou desestabilizar o inimigo.

Dessa forma, os Exus, sobretudo aqueles pertencentes ao Reino das Trevas e ao Reino das Encruzilhadas, desempenham o papel de generais espirituais e se especializam em subverter o equilíbrio de poder, seja para ataque ou defesa. As artes mágicas de Quimbanda utilizam uma vasta gama de elementos simbólicos e materiais que, quando manipulados, transformam o ambiente ao redor, criando proteção ou mesmo campos energéticos de combate, um ponto essencial para a compreensão de sua aplicação em conflitos e resistências modernas e ancestrais.



3. QUIMBANDA, O LIVRO DE SÃO CIPRIANO & A ARTE DA GUERRA ESPIRITUAL

A feitiçaria da Quimbanda encontra uma forte intersecção com os ensinamentos e práticas descritos em *O Livro de São Cipriano*, onde a magia ibérica e a magia fáustica exercem influência significativa. *O Livro de São Cipriano* é um grimório clássico do Ocultismo, conhecido por compilar feitiços, invocações e práticas de necromancia que são utilizados para defesa espiritual, ataque e proteção, elementos essenciais no contexto da guerra mágica e do combate espiritual que também são centrais à Quimbanda.

Influência Cipriânica na Quimbanda: A Quimbanda utiliza-se de práticas ligadas a São Cipriano, considerado o santo bruxo da magia cristã ocidental, cujos feitiços e orações têm como foco a invocação de poderes espirituais para proteção e subjugação de inimigos. Muitos dos rituais de São Cipriano são voltados ao domínio sobre entidades e energias astrais, incluindo feitiços de proteção e feitiços de ataque, que podem ser relacionados aos Exus do Reino das Trevas e do Sub-Reino das Sombras, os quais agem estrategicamente em locais escuros e sob condições astrais adversas para realizar ataques e se proteger.

Magia Ibérica e Fáustica: A influência da magia ibérica é especialmente forte nos encantamentos e invocações de São Cipriano, que trazem elementos de tradições da Península Ibérica e da magia cristã medieval. A Quimbanda incorporou parte desse legado, especialmente na forma de uso de palavras de poder e conjurações que lembram o sistema simbólico cristão adaptado em *O Livro de São Cipriano*, e na utilização de cruzes, caldeirões e vasos em rituais. A magia fáustica, por sua vez, encontra similaridade nos pactos e conjurações feitas para Exus e Pombagiras, onde há uma negociação explícita de poderes e vantagens espirituais em troca de oferendas ou obrigações, assemelhando-se ao pacto com o Diabo no mito de Fausto, adaptado na Quimbanda para uma lógica de relacionamento de poder.

Aplicação na Guerra Espiritual e Combate Mágico: Nos feitiços de São Cipriano, encontramos rituais de amarração, destrancamento e defesa, que têm sua equivalência direta nos trabalhos de Quimbanda voltados à resolução de conflitos e à abertura de caminhos. Exus como Tranca-Ruas, que possuem domínio sobre as encruzilhadas e caminhos de poder, são diretamente evocados em rituais de combate, onde a proteção contra inimigos, o ataque a adversários espirituais e a defesa da própria energia são prioridades. A arte de combate espiritual, por meio de feitiçaria, evoca na Quimbanda esses aspectos de São Cipriano: a utilização de sigilos, rezas cifradas e elementos natu-

rais para construir barreiras espirituais e atacar energeticamente os opositores.

4. A TEOLOGIA NOTURNA DA QUIMBANDA

A *Teologia Noturna da Quimbanda* é um modelo cosmovisivo onde o poder, a sabedoria e a atuação dos Exus e Pombagiras se enraízam em uma matriz lunar e noturna. Esse modelo é um reflexo da ancestralidade sublunar, que compreende a realidade espiritual em um espectro entre a Terra e a Lua, distanciando-se do reino dos espíritos solares e celestiais. Essa visão reflete um sistema onde a Lua e a escuridão estão no ápice, enquanto o Sol ocupa as profundezas, simbolizando o conhecimento e o poder oculto, um conceito paralelo ao Sol da Meia-Noite nas cosmologias antigas, onde a luz e o poder são encontrados no interior da escuridão e nos mundos inferiores.

A Quimbanda adota a perspectiva de que a espiritualidade, o poder e os mistérios não estão ligados a uma força celestial superior, mas aos reinos telúricos e aos *éteres sublunares*. Esta corrente se diferencia das cosmologias que definem os deuses e espíritos em esferas superiores; na *Teologia Noturna da Quimbanda*, os Exus e Pombagiras são Filhos da Lua e de forças elementais e ctônicas, possuindo uma presença atrelada à Terra, com domínio sobre os quatro elementos em uma perspectiva de Submundo. Esse domínio não é meramente abstrato, mas funcional, dando-lhes poder sobre as direções e as esferas de influência material e espiritual.

4.1. ESTRUTURA SUBLUNAR E OS REINOS DOS EXUS

A Quimbanda vê o reino sublunar como composto de sete níveis, onde o primeiro e mais elevado é a Lua. Os Exus e Pombagiras, espíritos regentes desse reino, são responsáveis pela transição e movimentação

de energias entre esses níveis, com a Lua e o Sol como polos opostos que garantem equilíbrio e continuidade cíclica. Sob esse prisma, o Sol ocupa o fundo do Submundo, onde se estabelece como um Sol Noturno que governa os processos ocultos e alquímicos de transformação.

4.2. QUATRO ELEMENTOS E POVOS ESPIRITUAIS

A Teologia Noturna organiza os Exus e Pombagiras em função dos quatro elementos, cujos poderes são expressos nas formas simbólicas da Terra, Água, Ar e Fogo. Esses elementos são a essência do poder natural que Exus e Pombagiras utilizam para se manifestar e exercer sua autoridade. Por exemplo:

- **Fogo:** Associado ao Submundo, o fogo na Quimbanda é o espírito, a gnose e a luz oculta nas sombras. Espíritos como Exu Fogo e Pombagira Espalha Brasas dominam esse elemento, utilizando-o tanto como proteção quanto como arma espiritual.
- **Terra:** Ligada ao mundo material e à força telúrica, os Exus das Pedras e os espíritos que habitam cemitérios expressam essa energia, representando a sabedoria e o poder dos antigos.
- **Água:** Como nos antigos sistemas gregos, o oceano é uma via de transição para o Submundo. Espíritos aquáticos da Quimbanda utilizam esse elemento como passagem e meio para a manifestação.
- **Ar:** Simbolizando o espírito errante, o ar é associado aos daimões e espíritos intermediários que vagam entre as regiões da Terra e da Lua.

4.3. A LUA E OS EXUS COMO GUARDIÕES NOTURNOS

A Lua é a soberana do céu noturno e, na Quimbanda, simboliza a influência spiritu-

al sobre os ciclos da natureza e o mistério. A associação de Exu e Pombagira com a Lua representa o poder de atuar nas sombras e manejar forças invisíveis. Isso reflete o entendimento de que Exus e Pombagiras são, em essência, entidades de mistério e transição, guardiões das *encruzilhadas noturnas* que operam no limiar entre o mundo visível e o invisível, o consciente e o inconsciente.

4.4. A HERANÇA DA GOÉCIA E A TRADIÇÃO SUBTERRÂNEA

A influência da goécia sobre a Quimbanda, conforme transmitida pelo *Grimorium Verum*, introduz a ideia de que os espíritos da Quimbanda são descendentes das tradições sublunares e aéreas, sendo os Exus e Pombagiras os herdeiros dessas linhagens espirituais. Esse aspecto evidencia uma continuidade com as tradições de magia europeias, em que entidades da Terra e do Ar são invocadas para realizar grandes feitos de proteção, ataque e manipulação dos elementos.

4.5. A PROFUNDIDADE DOS REINOS INFERIORES E O PODER DO OCULTO

A Quimbanda vê o Submundo não como um local de sofrimento eterno, mas como um campo fértil de transformação e aprendizado. É onde se encontram os Exus e Pombagiras que detêm o conhecimento das sombras, da magia profunda e da alquimia espiritual. Esse reino oferece tanto o poder de destruição quanto o de renovação, um reflexo da necessidade de integração das forças luminosas e sombrias na jornada espiritual, ao invés de suprimir as partes ocultas da psique.

A *Teologia Noturna da Quimbanda* oferece uma visão da espiritualidade como uma força que emerge das profundezas da Terra e das regiões sublunares. Ao invés de buscar uma ascensão celestial, a Quimbanda valoriza o mergulho profundo nas sombras e o entendimento de que o verdadeiro poder

espiritual reside na aceitação e manipulação de todas as facetas do mundo material e espiritual. Essa teologia é uma celebração do mistério, do poder noturno e da complexidade do Universo, onde o conhecimento reside tanto na luz quanto na escuridão, e onde os Exus e Pombagiras atuam como senhores de uma noite sagrada, guardiões das forças mais antigas e, ao mesmo tempo, guias para a transformação e emancipação espiritual.

5. QUIMBANDA & OCULTISMO

A Quimbanda e o Ocultismo partilham uma base comum na prática da magia, especialmente na manipulação de energias através da doutrina da simpatia. A Quimbanda brasileira e os sistemas ocultistas ocidentais, como o descrito em textos clássicos do *Ocultismo* e na obra *O Livro de São Cipriano*, utilizam práticas que visam a manipulação das forças da natureza e das energias sutis presentes no mundo visível e invisível. Estas energias são entendidas como fluxos de uma força vital, ou *força ódica* na terminologia da Quimbanda, um conceito semelhante ao *magnetismo animal* de Mesmer e à *luz astral* de Eliphas Levi.

5.1. A DOCTRINA DA SIMPATIA E A MANIPULAÇÃO DE ENERGIAS NA QUIMBANDA E OCULTISMO

Na Quimbanda, a doutrina da simpatia refere-se à capacidade de conectar elementos materiais e espirituais em uma rede de correspondências, onde objetos, oferendas, pontos riscados e cantados são empregados para canalizar e direcionar as energias necessárias para a manifestação de desejos e vontades dos operadores. Essa técnica está intimamente ligada à utilização dos Exus e Pombagiras como agentes universais, representando forças masculinas e femininas que interagem para gerar equilíbrio no

campo espiritual e realizar *milagres* através da magia.

Essa visão de simpatia e correspondência está presente também em sistemas mágicos europeus, particularmente no hermetismo alexandrino e nas obras de pensadores neoplatônicos como Jâmblico e Proclo. Para esses sistemas, os elementos terrestres e astrais estão interligados e, como na Quimbanda, podem ser influenciados e movidos por uma série de ritos e objetos que servem como *condutores de energia*. Na prática da Quimbanda, essa simpatia se expressa através da *macumba*. i.e. feitiços e ritos em que Exus e Pombagiras aceitam pagamento e oferendas para realizar trabalhos direcionados, seja para proteção, atração ou combate espiritual.

5.2. A HERANÇA DA MAGIA OCIDENTAL E O PAPEL DOS ESPÍRITOS MERCURIAIS

A Quimbanda incorpora muitas técnicas de controle e manipulação espiritual que se alinham com práticas ocultistas da magia europeia, como a evocação de demônios e daimões na goécia. Os Exus e Pombagiras da Quimbanda desempenham papel semelhante aos espíritos mercúrios da goécia, que são neutros e podem agir segundo a vontade do operador, contanto que sejam devidamente recompensados. Esta relação é visível no início do *Grimorium Verum*, onde se afirma que os espíritos atendem a contratos desde que recebam suas devidas oferendas, e reflete a ideia na Quimbanda de que *sem Exu não se faz nada*, uma alusão direta ao papel crucial dos intermediários espirituais no êxito dos trabalhos.

Esse pragmatismo mágico está profundamente enraizado no que Wouter J. Hanegraaff define como práticas de controle para influenciar a realidade, ou seja, rituais e encantamentos que agem sobre forças naturais e sobrenaturais. Na Quimbanda, esses elementos de controle são os *agentes mágicos universais*: a cachaça, o fumo, o sangue, a pólvora e os padês (oferendas rituais), que são cuidadosamente escolhi-

dos de acordo com suas correspondências espirituais. Essa escolha ressoa com o platonismo teúrgico, que usava a mesma lógica de correspondência para atrair deuses e espíritos por meio de oferendas apropriadas.

5.3. MAGIA IBÉRICA E SÃO CIPRIANO NA QUIMBANDA: INFLUÊNCIAS DIRETAS NA GUERRA ESPIRITUAL

A magia ibérica e *O Livro de São Cipriano* também influenciaram a Quimbanda, especialmente nas práticas de combate espiritual e defesa mágica. A obra de São Cipriano, com seus feitiços para proteção e ataques, deu à Quimbanda ferramentas para enfrentar forças hostis, um reflexo direto do pragmatismo presente na macumba, onde a magia pode ser tanto protetora quanto ofensiva. Na Quimbanda, a feitiçaria se expande para o uso de pontas, pontos riscados e amuletos, práticas herdadas e adaptadas da magia cipriânica, que são executadas com uma intenção voltada ao confronto de inimigos espirituais e à manutenção de domínio e equilíbrio.

A tradição cipriânica também trouxe à Quimbanda o uso de invocações, selos e objetos de poder carregados com força espiritual e que representam, no contexto da feitiçaria, a influência dos espíritos sobre o mundo físico. Esse elemento de magia prática e ritual se encontra em muitas *receitas* de Cipriano e reforça a conexão espiritual ibérica na Quimbanda, que busca não apenas a realização de desejos pessoais, mas a supremacia espiritual.

5.4. A FORÇA ÓDICA E O EQUILÍBRIO ENTRE EXUS E POMBAGIRAS

Assim como o Ocultismo europeu utiliza a polaridade de forças para efetivar ritos, a Quimbanda funciona por meio da interação de energias masculinas e femininas, refletindo um equilíbrio na natureza. A *força ódica* da Quimbanda é polarizada por Exus e Pombagiras que representam o dualismo

essencial para a prática mágica, onde Maioral, a figura andrógina central, aglutina essas forças. Esse equilíbrio é fundamental para o operador manipular as energias de maneira eficaz e *vincular* a feitiçaria à sua intenção.

A Quimbanda, ao se alinhar com o Ocultismo, permite ao operador não apenas compreender, mas dominar forças externas ao conjurar espíritos e direcionar energias por meio da simpatia. Isso reforça uma visão onde o praticante, por meio da *ciência sagrada* mencionada por Proclo, utiliza a Quimbanda e o *Ocultismo* para transcender e manipular as barreiras entre o visível e o invisível, entre o físico e o espiritual, buscando não apenas influência, mas também poder sobre sua própria realidade.

CONCLUSÃO

Os Reinos da Quimbanda, o *pandemonium* eurasiático e o *pandemonium* brasileiro se entrelaçam como espaços de alteridade que permitem que indivíduos e coletividades marginalizadas fortaleçam suas identidades e resistam a processos de opressão e assimilação. Na Quimbanda, essa resistência é uma prática viva, sustentada por uma relação dinâmica com o mundo espiritual, onde os reinos e suas entidades proporcionam não apenas proteção, mas uma reinterpretção contínua da identidade e da força coletiva dos praticantes. Em suma, a Quimbanda se revela como um movimento de resistência cultural e espiritual que valoriza o poder transformador da alteridade, desafiando hierarquias e reconquistando a autonomia dos que se encontram na margem.

A Quimbanda emerge como uma prática onde a manipulação das forças espirituais e naturais se torna uma arte complexa de feitiçaria, enraizada em tradições de várias partes do mundo. Ao integrar elementos do Ocultismo, da magia ibérica e das doutrinas de simpatia e polaridade, a Quimbanda se revela como um sistema de magia alta-

mente pragmático e adaptável. Ela abraça a ideia de que a espiritualidade não está desvinculada das forças telúricas e sublunares, mas sim que opera nelas e através delas, refletindo uma teologia noturna em que a Lua, as sombras e os espíritos intermediários (os Exus e Pombagiras) são centrais.

A influência de *O Livro de São Cipriano* e das tradições ibéricas trouxe à Quimbanda uma herança de magia de combate e proteção, enquanto as ideias de simpatia e correspondência moldam a maneira como os rituais e as oferendas são preparados. Na Quimbanda, o praticante aprende que as energias, aqui entendidas como *correntes ódicas*, se movem conforme a vontade do operador, e que o equilíbrio entre as forças masculinas e femininas – representadas por Exus e Pombagiras – é essencial para a realização eficaz de um trabalho mágico. Esse equilíbrio não é meramente um conceito de harmonia, mas uma estrutura de poder, uma ferramenta de domínio espiritual.

Assim, a Quimbanda aparece como uma síntese mágica que não impõe julgamentos morais sobre o uso da feitiçaria. Em vez disso, enfatiza o valor do conhecimento técnico e da experiência no uso das forças espirituais, celebrando a capacidade do

operador de se comunicar, negociar e pactuar com entidades espirituais autônomas. Esse pacto, similar à ideia de contrato no *Grimorium Verum* e nos tratados de magia europeia, faz da Quimbanda um sistema em que o operador e o espírito trabalham em um acordo direto, onde Exu, como intermediário, é fundamental para que qualquer ação mágica se efetive.

Por fim, a Quimbanda se destaca como uma prática em que a espiritualidade e a feitiçaria são expressões inseparáveis de uma visão de mundo dinâmica e relacional, que se ajusta às necessidades do praticante e o capacita a dominar, moldar e transformar sua realidade através do poder da magia. Com essa amálgama de influências, a Quimbanda reafirma-se como uma prática onde o invisível e o visível, o espiritual e o material, se encontram em perfeita simbiose, uma expressão de resistência cultural e autodomínio espiritual, onde cada operação mágica reafirma o papel do ser humano na contínua criação e transformação do mundo ao seu redor.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro



Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Um Repúdio à Monolatria

Por conta do ambiente altamente polarizado em que vivemos na sociedade contemporânea, somado a algumas de minhas manifestações pregressas em redes sociais e o fato de ter finalizado o COF, o curso de filosofia do professor Olavo de Carvalho (1947-2022) e que foi o estudo mais importante de minha vida intelectual, tenho sido acusado de ser *red pill olavista declarado, conservador de extrema direita, bolsonarista* – e por incrível que pareça não tenho nem título de eleitor –, *padre feiticeiro, quimbandeiro monoteísta, mago incoerente* e muitas outras obscenidades e insanidades como essas duas últimas. Bom, se sou incoerente, me sinto um reflexo de São Cipriano, o santo bruxo patrono e protetor dos feiticeiros. Existe maior incoerência na tradição da magia do que o mito cipriânico?^[1] Acho difícil, mas em sua incoerência o mito do santo feiticeiro é carregado de segredos necromânticos dos magos da Antiguidade, muitos deles restaurados e atualizados pela Quimbanda. Mas o que provocou essa reflexão – filosófica e teológica – foram i. o quimbandeiro monoteísta e; ii. o fato de receber um comentário em minha última campanha de publicidade no Instagram que dizia: para que isso [i.e. a Quimbanda] se já temos um Deus do perdão? O que diabos querem dizer com essas afirmações? Se por monoteísta eles se referem a um indivíduo conectado as religiões *exotéricas* do tronco semita, i.e. cristianismo, islamismo ou judaísmo, isso não tem nada a ver comigo. Parafraseando Arthur Versluis (1959) em seu livro *THE MYSTICAL STATE: POLITICS, GNOSIS AND EMERGENT CULTURES*,^[2] essas religiões *exotéricas* do tronco semita são

inadequadamente chamadas de monoteístas; o termo adequado para elas é: monolatrias. São culturas religiosas monolátricas totalitárias – e deixe esse termo, totalitarismo, bem fresco na memória – que não i. me representam absolutamente em nada e; ii. são contrárias a todas as minhas ideias acerca da jornada espiritual e vida religiosa. E que Deus do perdão estão se referindo efetivamente? Aquele que mandou seus fiéis destruírem os povos que cultuavam outros deuses? Como veremos, me declaro tecnicamente um ocultista e, sob uma perspectiva religiosa e mágica mais abrangente, um esoterista. Então vamos começar estabelecendo uma distinção entre esotérico e *exotérico*.



[1] Veja meu texto *A Deificação Cipriânica da Alma*.

[2] New Cultures Press, 2011.

A rigor, o termo *esoterismo*, *esoterista* ou *esotérico* se refere a um conhecimento reservado para um pequeno grupo de indivíduos, geralmente selecionados por uma prova iniciática, esotérica. O termo deriva da palavra grega *esotero*, que significa *de* ou *por dentro*; *interior* ou *interno* e, portanto, para poucos. Em um sentido bem abrangente o termo implica *conhecimento interno* ou *espiritual* mantido por um círculo limitado, em oposição ao conhecimento *exotérico*, i.e. publicamente conhecido, exterior ou externo, para a grande massa de indivíduos. O termo esoterismo ocidental ou a Esotérica se refere, assim, ao *conhecimento espiritual interno* ou *oculto* transmitido por correntes históricas da Europa Ocidental que, por sua vez, alimentam o esoterismo norte e sul-americano, mas também outros não europeus. Definido dessa maneira simples, o *conhecimento esotérico* pode ser rastreado ao longo da história ocidental, da Antiguidade ao presente, mesmo que seja ricamente diversificado em espécie, variando dos mistérios da Grécia e Roma antigas a grupos gnósticos, praticantes herméticos e alquímicos, até grupos esotéricos contemporâneos ou novos movimentos religiosos. A característica do esoterismo é uma reivindicação à *gnōsis*, i.e. percepção espiritual direta da Realidade, derivada da cosmologia ou metafísica de um culto. Essa característica tem a vantagem de ser ampla o suficiente para incluir toda a gama de tradições esotéricas, mas estreita o suficiente para excluir figuras ou movimentos *exotéricos* como as três religiões monolátricas do tronco semita mencionadas anteriormente. Além disso, esse termo é tradicional e preserva a distinção entre conhecimento convencional obtido racionalmente, por um lado, e *gnōsis*, por outro. Os alquimistas buscam a percepção espiritual direta da Natureza e transmutar certas substâncias; os astrólogos buscam a percepção espiritual direta dos Astros e a usam para analisar eventos; os magos buscam a percepção espiritual direta do Cosmos e a usam para afetar o curso dos eventos; os teósofos buscam a percepção espiritual direta de Deus

para realizar sua própria natureza divina. Em um sentido amplo, os aspirantes ao esoterismo buscam a percepção espiritual direta da natureza oculta do Cosmos e de si mesmos, i.e. eles buscam a *gnōsis*. É isso que defini tecnicamente o esoterista, a busca pela experiência direta do divino transcendente. Trazendo para o meu contexto pessoal, a partir disso defino a minha jornada como uma *busca constante para levantar o Véu de Ísis sobre os Mistérios da Natureza*.

O esoterismo se refere, então, às várias tradições que emergem em torno dessas várias abordagens à *gnōsis*. As tradições esotéricas ocidentais, falando de modo geral, são amplamente variadas em forma e natureza, mas, como vemos abaixo, todas elas têm em comum:

1. *Gnōsis* ou percepção direta da realidade, ou seja, conhecimento de reinos ocultos ou invisíveis ou aspectos da existência.
2. *Esoterismo*, significando que esse conhecimento oculto é explicitamente restrito a um grupo relativamente pequeno de pessoas ou implicitamente auto-restrito em virtude de sua complexidade ou sutileza.

Em outras palavras, as tradições esotéricas ocidentais, falando de modo geral, envolvem conhecimento secreto ou semi-secreto sobre a humanidade, o Cosmos e o Sagrado.

Tendo estabelecido essa distinção entre *exotérico*, o conhecimento para massa obtido racionalmente, e *esotérico*, o conhecimento secreto e a busca pela *gnōsis*, podemos começar pelo VELHO TESTAMENTO, no LIVRO DE DEUTERONÔMIO (7:1-5):

Quando o Senhor teu Deus te houver introduzido na terra, à qual vais para a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os perizeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu, e o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem te aparentarás com elas; não darás tuas filhas a seus filhos, e não toma-

rás suas filhas para teus filhos. Pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depresso vos consumiria. Porém assim lhes fareis: Derrubareis os seus altares, quebrareis as suas estátuas; e cortareis os seus bosques, e queimareis a fogo as suas imagens de escultura.

Todos aprendemos na catequese da Igreja que o *Senhor teu Deus* é o único Deus que existe e que, por isso, o nosso Deus é o Deus de todas as pessoas em todas as culturas. Só pode haver um Deus e nenhum além Dele. Essa ideia, da maneira como aprendemos na catequese, é um dogma, entende? Nunca lhe ocorreu que o deus de outra cultura pode não ser exatamente o *Senhor teu Deus* dessa passagem do Deuteronômio? Esse questionamento legítimo a Igreja chamou de heresia e por causa dele muitos indivíduos foram perseguidos e muitos cultos e religiões foram completamente suprimidos, obliterados em nome do *Senhor teu Deus*.

Neste mesmo LIVRO DE DEUTERONÔMIO (20:10-18), os israelitas ofereceram paz aos seus oponentes, desde que estes se tornassem seus escravos:

Quando te achegares a alguma cidade para combatê-la, apregoar-lhe-ás a paz. E será que, se te responder em paz, e te abrir as portas, todo o povo que se achar nela te será tributário e te servirá. Porém, se ela não fizer paz contigo, mas antes te fizer guerra, então a sitiareis. E o Senhor teu Deus a dará na tua mão; e todo o homem que houver nela passarás ao fio da espada. Porém, as mulheres, e as crianças, e os animais; e tudo o que houver na cidade, todo o seu despojo, tomarás para ti; e comerás o despojo dos teus inimigos, que te deu o Senhor teu Deus. Assim farás a todas as cidades que estiverem mui longe de ti, que não forem das cidades destas nações. Porém, das cidades destas nações, que o Senhor teu Deus te dá em herança, nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida. Antes destruí-las-ás totalmente: aos heteus, e aos amorreus, e aos cananeus, e aos perizeus, e aos heveus, e aos jebuseus, como te ordenou o Senhor teu Deus. Para que não vos ensinem a fazer conforme a todas as suas abominações, que fizeram a seus deuses, e pequeis contra o Senhor vosso Deus.

Outros exemplos de totalitarismo monolátrico se espalham aos montes pelo

VELHO TESTAMENTO. No famoso verso de SALMOS (137:7-9) onde se lê *junto aos rios da Babilônia, ali nos assentamos e choramos*, costuma-se ignorar a passagem que diz que a Babilônia deveria ser descoberta até seus alicerces e que feliz aquele que pegar em teus filhos [i.e. as crianças da Babilônia] e der com eles nas pedras. E quando Samuel unge o Rei Saul no LIVRO DE SAMUEL (1-15:3), ele ordena: *vai, pois, agora e fere Ameleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos*. Mas Saul não fez o que lhe foi ordenado e ainda poupou o rei dos amelitas. Em detrimento disso o *Senhor teu Deus* o rejeitou como rei de Israel.

Precisamos refletir aqui sobre o significado dessas injunções. Um aspecto, claro, é a política de erradicação total das outras tribos. A identificação com o deus tribal de Israel não permite a coexistência pacífica; as injunções são absolutas. Para servir a esse deus tribal, é preciso não apenas renunciar a todos os outros deuses, mas também, para possuir essa terra, massacrar homens, mulheres, crianças e animais, deixando vivo nada que respire. Outro aspecto é a erradicação absoluta das tradições religiosas existentes, que estão estreitamente ligadas à natureza. Assim, o *Senhor teu Deus* ordena aos israelitas não apenas que exterminem tudo o que respira, mas também que destruam quaisquer pedras sagradas e derrubem quaisquer árvores ou pilares sagrados.

Essa política de erradicação total do outro – erradicação de povos concorrentes e de seus locais religiosos na natureza – efetivamente representa uma evacuação completa da terra, uma aniquilação total não apenas dos povos circunvizinhos, mas também de qualquer vestígio deles. Até mesmo o gado deles deve ser obliterado, e os israelitas são instruídos a não mostrar misericórdia a ninguém nem a fazer tratados com as tribos cujas terras eles ocupam. Assim, todas as conexões antigas pré-exis-



tentes com a natureza, todos os sinais de locais sagrados antigos, árvores ou pilares sagrados, devem ser derrubados e absolutamente destruídos. Essa erradicação significa efetivamente que o novo povo é radicalmente separado da história da terra; a própria natureza também lhes é estranha, pois todas as relações humanas anteriores com a terra são rompidas.

Subjacente a essa política de erradicação – que apresenta alguns paralelos e contrastes interessantes com as atitudes dos colonizadores europeus em relação aos povos indígenas das Américas – há uma ansiedade radical. O termo monoteísmo é inadequado para descrever o que vemos no ANTIGO TESTAMENTO, se monoteísmo significa que existe apenas um deus. Mais preciso seria um termo como monolatria, significando uma insistência para que o povo adore um deus em particular e não outros. É absolutamente claro que o deus tribal dos israelitas é uma divindade entre várias divindades tribais e, por isso, ele insiste que, no primeiro dos mandamentos, ele é um deus ciumento e não tolerará outras divindades diante dele. Repetidas vezes lemos injunções contra seguir ou reconhecer outros deuses – o que, é claro, significa que existem outros deuses. Os israelitas são ordenados a destruir essas tribos concorrentes de forma tão completa porque suas divindades e suas conexões com a natureza representam uma espécie de ameaça existencial a essa deidade tribal específica.

Mas por quê? Esse é o grande mistério. A dinâmica subjacente no ANTIGO TESTAMENTO é implacavelmente dualista, uma visão de nós/eles – mas tal dinâmica não é a única possível. Um *ethos* pluralista de viver e deixar viver é, ao menos, imaginável. Por que esse *ethos* extremo de desapossamento violento, de aniquilar outras tribos e obliterar qualquer traço de paisagens sagradas pré-existentes? Essa ânsia obliteradora, estou convencido, deriva da ansiedade subjacente embutida na afirmação de um deus contra um pano de fundo de outros deuses e na preocupação sobre se a ira recairia sobre o povo ou se o favor tribal seria concedido por essa divindade. Incorporado a tudo isso está a noção de um povo que se coloca radicalmente à parte dos outros e da natureza – junto com uma série de dualidades associadas – e, ao invés de tentar discernir as origens desse dualismo, é mais útil aqui refletir sobre suas consequências.

Tornou-se comum que escritores ecológicos vejam a origem da separação humana da natureza no GÊNESIS, na afirmação do criador de que o homem terá domínio sobre a terra e as criaturas da terra. No entanto, é um fato que o homem tem domínio, e não apenas porque isso é mencionado no GÊNESIS. Ao mesmo tempo, menos atenção tem sido dada ao tipo de injunções posteriores que estamos considerando aqui, as quais têm o efeito de separar completamente uma tribo não apenas de outras tribos, mas também dos sinais tradicionais da religião da natureza ou *religião arcaica*. É verdade que a afirmação do domínio humano é significativa, mas mais significativo é a insistência, mais tarde no ANTIGO TESTAMENTO, na aniquilação de outros povos que têm relações religiosas duradouras com a terra, fixadas literalmente por marcadores verticais: pedras eretas, pilares, postes, árvores.

O que importa, então, é estritamente a nossa coletividade humana em oposição à deles. O mundo que vemos em Deuterônômio e no ANTIGO TESTAMENTO como um todo é um mundo demarcado e, de fato, governado exclusivamente por um vínculo tribal particular com uma divindade es-

pecífica, elevado ao conceito ambíguo de nação e, ao mesmo tempo, afirmado como absolutamente superior a todos os outros. Isso é bem diferente do monoteísmo ontológico do platonismo, que é bastante receptivo a múltiplos caminhos para o Uno e que aceita a natureza como boa. Em outras palavras, o monoteísmo não é necessariamente anti-pluralista ou anti-natureza. Toda a história do platonismo demonstra isso. Mas o tipo de monolatria ordenada no ANTIGO TESTAMENTO existe precisamente porque, e no final das contas apenas porque, é anti-pluralista; esse é o seu propósito.

Isso nos leva a um ponto difícil, mas central. O tipo de monolatria que vemos no ANTIGO TESTAMENTO é inerentemente *exotérico*. Ou seja, é imposto pela força externa, pela ameaça, pela insistência do deus tribal que punirá a infidelidade a ele com maldições terríveis. Toda essa operação, em outras palavras, é movida e dominada pelo medo. Quando Tertuliano (160-240 d.E.C.) se enfurece contra os hereges pagãos, ele se volta especialmente contra a rejeição deles à motivação pelo medo. Esse mesmo tema ele usa contra Marcião (85-160 d.E.C.), que argumentava, com razão, que as Bem-aventuranças de Jesus representam um *ethos* motivado não pelo medo, mas pelo amor. Tertuliano estava ansioso para responder que Jesus também veio para incutir medo, como um representante da mesma divindade que vemos no ANTIGO TESTAMENTO.

Aqui estamos tocando na arquitetura básica embutida igualmente no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, às vezes chamadas de religiões abraâmicas. Cristianismo e Islamismo se apresentam como, e de fato são, em alguns aspectos, novas revelações. Mas qual é a relação delas com essa divindade tribal preexistente do ANTIGO TESTAMENTO, aquela que exigiu o massacre de todos os homens, mulheres e crianças de alguns povos rivais? Em que medida essas três tradições se inclinam para um dualismo inerente, construído sobre a ansiedade e seu irmão maior, o medo? Em que medida essas três tradições religiosas são, em um nível profundo, *exóticas*, ou seja, cons-

truídas sobre uma base de dualismos nós/ele ou nós/eles que separam em vez de unir os povos, e que dividem a humanidade da natureza?

Aqui estou usando os termos *esotérico* e *exotérico* para me referir a uma dinâmica inerente e talvez endêmica ao monoteísmo ou monolatria. Essa oposição *exoterismo/esoterismo* – pois é isso que ela é efetivamente – deriva do legado dualista embutido na monolatria e reforçado pela violência atribuída à divindade por meio dos representantes da divindade, mas é fundamentalmente uma oposição entre afirmação externa e concentração interna. A abordagem *exotérica* resulta em um esforço para controlar os outros; a abordagem *esotérica* representa uma busca interior. Aqueles que se voltam para dentro, por definição, não estão interessados em controlar ou julgar os outros; toda a sua orientação é diferente.

O *exoterismo* está embutido na monolatria – os dois são inseparáveis. Todas as tradições monolátricas afirmam a aliança de seu próprio povo com uma versão particular do único deus, mas tudo na relação de aliança é dualista; é efetivamente um dualismo imposto desde o início. O deus é um deus ciumento, rápido em infligir punições ou maldições sobre o povo aliado, sem falar sobre seus concorrentes; assim, a relação de aliança em si está carregada de ansiedade. Está profundamente dividida em eu ou nós/outro, e além disso, o fato de que o deus deve constantemente ameaçar com punições para a infidelidade tem um correlato humano natural: os sacerdotes ou autoridades tradicionais, agindo como representantes divinos, também devem coagir a lealdade. Assim, a tradição monolátrica é inerentemente *exotérica*, ou seja, a *monolatria é a coerção externa sobre outras pessoas e a placação ritual da divindade tribal perpetuamente propensa à ira*.

Mas cada uma das monolatrias *exotéricas* carrega dentro de si alguma forma de *esoterismo* que torna possível a transcendência desse legado dualista e antagônico. O Judaísmo tem a Cabalá, o Islamismo tem o Sufismo, e o Cristianismo tem uma místi-

ca mais individualista. Central a todos eles está a mística via negativa, que usa palavras para apontar para aquilo que não pode ser descrito e que rompe todas as conceituações. No Cristianismo, vemos isso primeiro em Basíledes (98-140 d.E.C.), depois na TEOLOGIA MÍSTICA de Dionísio, o Areopagita (Sécs. V-VI d.E.C.), e mais tarde na obra de Mestre Eckhart (1260-1328) e do autor anônimo de A NUVEM DO NÃO-SABER. A via negativa não se opõe à tradição *exotérica* e monolátrica em que existe – pelo contrário, leva diretamente para fora desses dualismos.

Em todas as tradições monolátricas, o misticismo nunca é central; ele não pode ser, pois a tradição principal é *exotérica* e dualista. O misticismo, sendo a transcendência do dualismo, é no máximo tolerado e, no pior dos casos, perseguido pela tradição *exotérica* dominante à qual sempre é acessório. O misticismo é esotérico – é puro esoterismo, na medida em que representa a experiência individual de despertar interior que não pode ser transmitida a ninguém, apenas sugerida. Aqui, claro, estamos nos referindo ao que podemos chamar de misticismo puro ou arquetípico da linha basilidiana ou dionisíaca, e não ao misticismo visionário do xamanismo, embora observações semelhantes possam se aplicar nesses casos também. O problema central aqui é a tensão entre *exotérico* e esotérico, endêmica nas três monolatrias do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

O termo *exotérico* geralmente se refere às formas externas ou públicas de uma tradição religiosa, mas, na verdade, penso que há uma tensão *exoterismo-esoterismo* particular e extremamente endêmica nas monoteísmos abraâmicos. Essa tensão surge da presença, nos monoteísmos abraâmicos, do que podemos chamar de um *exoterismo* extremo presente nas três tradições principais. Por *exoterismo* extremo, refiro-me ao dualismo intenso que está embutido na monolatria e que insiste em se definir excluindo, e até anatematizando, os outros. O *exoterismo* extremo gera – é o motor do

– fanatismo religioso característico do fundamentalismo moderno.

O *exoterismo* extremo insiste na imposição forçada de uma monolatria específica e suas tradições associadas sobre pessoas designadas como radicalmente outras. O *exoterismo* extremo é visível nas três religiões monoteístas. Vemos sua expressão inicial no ANTIGO TESTAMENTO, em particular em textos como Deuteronomio, que apresentam a forma arquetípica do que vemos repetido em vários contextos subsequentes, onde pessoas que alegam uma relação de aliança especial com Deus tomam posse de uma terra e subjagam ou expulsam seus habitantes. Também vemos o *exoterismo* extremo em funcionamento na construção do aparato inquisitorial no catolicismo e, de fato, onde quer que um inquisidor se sinta investido na obrigação de impor a teologia ou ideologia oficial à população para o seu próprio bem. E vemos o *exoterismo* extremo no Islã, na crença fanática de que todos os povos devem ser subjagados e forçados a se submeter ao Islã *exotérico*.

O *exoterismo* extremo é um comportamento motivado pelo medo. O medo, é claro, é radicalmente dualista – tem-se medo do radicalmente outro, do oponente hostil ou potencialmente hostil. Curiosamente, essa é a relação inerente à monolatria de aliança – repetidamente, vemos no ANTIGO TESTAMENTO que Deus se torna irado, que abandonará seu povo, que já os abandonou, que os amaldiçoará e os punirá, e assim por diante. Essa mesma relação se estende para fora em relação àqueles cuja terra se deseja apropriar e em relação àqueles designados como hereges ou de alguma outra forma radicalmente outros. Tal relação também é visível no jihadismo muçulmano moderno contra a modernidade não muçulmana. Por que a Igreja Católica Romana perseguiu os cátaros, que eram pacifistas? Por medo de que representassem uma ameaça ideológica/teológica, e por acreditar que, ao subjugá-los e aniquilá-los, estavam fazendo a obra de Deus.

O esoterismo, por outro lado, no fundo é o desejo de união. Essa motivação sub-

jacente explica por que, ao examinarmos a história do esoterismo ocidental, encontramos um padrão consistente: *enquanto os esotéricos são frequentemente perseguidos, eles não perseguem os outros*. Esse padrão é visível desde, pelo menos, a Antiguidade tardia. O esotérico busca uma vida interior mais rica, mudanças de consciência que aproximam da compreensão e união com o divino, com a humanidade e com a natureza. Tal união é, evidentemente, o oposto do que vemos no *exoterismo*, que consiste na objetificação e subjugação do outro. Novamente, *exoterismo* e esoterismo referem-se principalmente a tendências ou inclinações mentais, cujas formas mais puras são visíveis, por um lado, no inquisidor e, por outro, no místico da via negativa.

Embora seja verdade que o *exoterismo* está embutido na monolatria, o termo *exoterismo* aqui refere-se a uma tendência humana básica que não está ligada exclusivamente a tradições religiosas monolátricas. Vê-se a mesma dinâmica *exotérica* operando nos estados totalitários do Séc. XX, incluindo China e Coreia do Norte. Aqui, *exoterismo* refere-se à tendência capturada tão eloquentemente no personagem do Grande Inquisidor de Dostoiévski (1821-1881), que se via como um instrumento divino para controlar os outros para o bem deles e da sociedade. A tentativa de trazer um paraíso terrestre através da força inevitavelmente gera um pesadelo, seja o gulag de Stálin (1878-1953), os campos de extermínio de Pol Pot ou a revolução cultural de Mao (1893-1976).

Mas onde estão as comunidades criadas em torno da inspiração esotérica em vez da compulsão *exotérica*? Esta é uma pergunta interessante. Exemplos de comunidades *exotéricas* são numerosos, enquanto as instâncias de comunidades esotéricas são raras, para dizer o mínimo. Aqueles que buscam instituir um califado islâmico, qual é seu sonho? Não seria algo semelhante à teocracia punitiva e fechada dos talibãs? Ou, novamente, aqueles que imaginam uma teocracia americana, de que sonham, senão impor sua visão *exotérica* sobre seus con-

cidadãos *para o próprio bem deles*? Essas distopias não têm espaço para sufis ou místicos cristãos; de fato, os místicos parecem ameaçadores para os distópicos.

Entender a natureza do *exoterismo* é extremamente importante porque existem outras formas de organizar comunidades, mas é da natureza do *exoterismo* ocultar totalmente e anatematizar todas as alternativas.

Concluindo, é crucial reconhecermos que a distinção entre *exoterismo* e esoterismo não se trata apenas de diferenças religiosas ou filosóficas, mas de perspectivas profundamente enraizadas na natureza humana e nas sociedades que construímos. O *exoterismo*, com sua tendência ao controle externo e à imposição de dogmas, geralmente conduz ao medo e à segregação, enquanto o esoterismo, ao contrário, representa uma busca interna e pessoal pela união com o divino e com o Cosmos. É essa busca por *gnōsis*, por um conhecimento direto e transcendental, que marca o verdadeiro esotérico, independente de sua afiliação cultural ou religiosa.

Assim, enquanto as forças exóticas insistem em moldar o mundo ao seu redor, suprimindo e marginalizando visões alternativas, o esoterismo segue como um caminho individual e libertador, uma jornada pessoal que, paradoxalmente, conecta o indivíduo ao todo. Em uma época de polarizações e conflitos, lembrar e explorar essa alternativa esotérica pode oferecer não apenas um refúgio espiritual, mas uma forma de resistência e integração que transcende as fronteiras da imposição. Afinal, compreender a dualidade entre esses dois modos de vida talvez seja o primeiro passo para superá-la, promovendo uma forma de existência onde o medo dá lugar à compreensão e a repressão cede espaço à liberdade de conhecer e vivenciar o sagrado.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

A Quimbanda no Esoterismo Ocidental

Para localizarmos a Quimbanda dentro do *esoterismo ocidental*, primeiro temos de definir o que é o *esoterismo ocidental*. Desde o segundo volume do DAEMONIUM eu apresento a Quimbanda como uma genuína tradição viva^[1] dentro do que se conveniou chamar de *Ocultismo*, que hora é confundido com o próprio *esoterismo ocidental*, hora representa as suas últimas fases, ou hora trata-se apenas de uma matéria de estudo do esoterismo o ocidental. Como apresentarei nessa seção, o *Ocultismo* nasce na escola francesa da magia; ele é citado pela primeira vez em 1842 por Jean Baptiste Richard, e em seguida utilizado amplamente por Eliphas Levi,^[2] personagem importante e de muito prestígio na Quimbanda, tamanha sua influência na obra e síntese de Aluízio Fontenelle. É o Baphomet de Eliphas Levi a imagem iconográfica do Chefe Império Maioral, o Diabo, a deidade regente da Quimbanda. E como vimos anteriormente, a goécia é uma corrente mágica que vivifica todo *esoterismo ocidental*, muito embora tenha sido rejeitada no renascer da magia que começou com Arthur Edward Waite (1857-1942) no fim dom Séc. XIX e foi continuado por MacGregor Mathers (1854-1918) e Aleister Crowley. O primeiro elo de cone-

xão entre a Quimbanda e o *esoterismo ocidental* é o fato dela ser vivificada ou permeada pela goécia como a feitiçaria que subjaz todos os cultos verdadeiramente mágicos – e necromantes – do Ocidente:^[3] A tradição da goécia hoje é revelada àqueles que têm olhos para ver – como uma tradição venerável que antecede até mesmo os fundamentos da civilização e da filosofia, que muitas vezes a restringem.^[4] Jake Stratton-Kent completa:

Minha apreciação pelas Religiões Tradicionais Africanas envolve o reconhecimento – como um magista ocidental – de que, por várias razões, nossa tradição [i.e. a magia ctônica de grimórios como o *Grimorium Verum*] permanece atualmente em um processo de reavivamento.^[5] Como tal, temos muito a aprender com as tradições vivas, das quais as Religiões Tradicionais Africanas são grandes exemplos dignos de nosso maior respeito.

O objetivo deste diálogo é elevar nosso reavivamento oculto^[6] ao status de uma tradição viva; servir e ser servido por nossos próprios deuses e espíritos. Eu não defendo a apropriação de elementos de outras culturas em uma mistura mal informada; em vez disso, pelo contrário, a apreciação respeitosa deles como uma influência revitalizante em nossas próprias tradições. Isso eu abordo como um diálogo, entre a goécia como minha herança cultural legítima e as tradi-

[1] Quimbanda é goécia brasileira. A goécia é uma corrente mágica viva, que tanto jaz no cerne da magia ocidental, quanto é a sua fonte de vitalização. Vamos visitar muitas vezes essa ideia, pelo fato de sua importância na compreensão de que a Quimbanda é goécia. Este termo, tradição viva, tem sido explorado pelos autores do grimoire revival como referência a cultos, tradições e religiões que preservaram e atualizaram os mistérios que a magia ocidental perdeu.

[2] Wouter J. Hanegraaff. *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Brill, 2006. De modo geral Eliphas Levi é creditado como o inventor do termo *Ocultismo*, por se tratar do primeiro autor a difundir-lo amplamente.

[3] Para compreender o contexto veja Jake Stratton-Kent. *Encyclopaedia Goetica*. 5 Vols. Scarlet Imprint, 2010-2023. Veja também Aaron Leitch. *Secrets of the Magickal Grimoires*. Llewellyn Publications, 2013. Finalmente veja Frater Acher. *Clavis Goética: Keys to Chthonic Sorcery*. Hadean Press, 2021.

[4] Jake Stratton-Kent. Prefácio em Frater Acher. *Clavis Goética: Keys to Chthonic Sorcery*. Hadean Press, 2021, pp. 7.

[5] [N.T.] i.e. grimoire revival: o renascer da magia dos grimórios. Não confundir com o renascer da magia que teve início com A.E. Waite em 1875.

[6] Ibidem.



ções do Novo Mundo^[7] como a de outra pessoa. A adoção dos espíritos do Grimorium Verum na Quimbanda, como contrapartes sincréticas dos Exus, tem sido extremamente útil a esse respeito. Essa síntese espetacular, ao envolver espíritos do meu próprio trabalho no contexto de uma tradição do Novo Mundo, me permitiu comparar notas e abordagens em pé de igualdade, com Hounsans, Paleros e Quimbandeiros.

[...] O que eu advogo é formar um relacionamento similar [como o dos Exus com os demônios do Grimorium Verum na Quimbanda] entre os espíritos de nossas tradições mágicas com suas contrapartes em outras culturas. Essa é a maneira mais substancial, significativa e disponível de revitalizar a magia ocidental. Isso é infinitamente preferível do que os procedimentos desprezíveis de A Goécia de Salomão, que é um simples reflexo das atitudes negativas dos espíritos a uma teologia desatualizada [daí demônios].^[8]

Para Antoine Faivre (1934-2021),^[9] o Ocultismo do Séc. XIX é uma derivação direta da filosofia oculta de Cornélio Agripa (1486-1535) e serve para designar um conjunto de pesquisas práticas relativas às ciências ocultas: magia ritual, astrolo-

gia, alquimia, cabalá etc. Em comparação ao esoterismo, que configura as formas de cognição das quais essas ciências dependem, o Ocultismo trata-se do conjunto de práticas a elas associadas, e legitimadas pelo próprio *esoterismo ocidental*.

No meu livro *Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia*, eu demonstro que a Quimbanda se origina como o efeito colateral derivado da busca da Umbanda por legitimidade social, e que conduziu nesse processo um expurgo de todas as características fetichistas africanas que a Macumba carioca possuía, como o uso de oráculos, amuletos e os sacrifícios animais. Isso foi chamado de expurgo negro ou embranquecimento da macumba. Em seu livro *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda*, sobre a herança crioula da Quimbanda e seu nascimento, Fontenelle diz:

A Quimbanda continua no firme propósito de manter as antigas tradições de seus descendentes africanos, ao passo que a Umbanda procura pelo contrário, afastar completamente este sentido incivilizado das suas práticas, devendo-se à influência do homem branco, cujo grau de instrução, já não as admite. [...] É por todos sabido que a Quimbanda teve seu princípio no Brasil com o

[7] [N.T.] i.e. os cultos afro-diaspóricos nas Américas.

[8] Jake Stratton-Kent. *Geosofia*. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023. Citado na Parte I.

[9] Antoine Faivre. *O Esoterismo*. Papirus, 2013, pp. 30.

advento da escravatura, pois, os antigos colonizadores portugueses, trazendo das suas possessões na África, os escravos negros; estes traziam dentro do coração a mágoa, o ódio e o rancor pelos homens de raça branca que os escravizaram. E, assim, procuram por todos os meios trabalhar com entidades diabólicas, contra os seus senhores.

Aconteceu entretanto que, esses escravos, imiscuindo-se com nossa gente, isto é: com os nossos índios ou caboclos, foram aos poucos ensinando-lhes essa crença, que ao fim de algum tempo foi de tal maneira expandindo-se, e tantos foram os seus adeptos, que nos dias atuais, já é bem grande o número de núcleos que professam essa religião.^[10]

Com a abolição da escravatura, devido ao contato mais íntimo entre homens brancos e negros, essa crença tomou novos rumos e daí, surgindo certas divergências desta mesma comunhão, criou-se a Umbanda Brasileira, ou Umbanda Branca, nos mesmos moldes da Umbanda Preta ou Quimbanda. [...] Costuma-se chamar hoje em dia de MACUMBA os rituais praticados na Quimbanda, e esses termos infundem nas pessoas um grande receio ou medo, pelo fato de que a prática dessa crença, espalhou pelo Brasil inteiro, um mito de que todos os malefícios se conseguem por meio dos trabalhos nela praticados.^[11]

Em seu livro *A Umbanda Através dos Séculos*, Aluizio Fontenelle fala da falsa umbanda, referência que faz a Macumba como praticada na época, mas que agora aparece rebatizada de Quimbanda. Ele diz:

Certos rituais utilizados nessa falsa Umbanda de hoje, estão em completo contraste com nossa evolução moral, material e espiritual. O que se faz é misturar rituais bárbaros provindos do africanismo, com práticas católicas e concepções kardecistas, o que não conduz absolutamente com uma Umbanda cem por cento divina. [...] Deve-se em grande parte esta tremenda confusão, ao fato dos médiuns que deram início a essas práticas, nenhuma cultura possuíam, e nem tão pouco se inclinaram a elucidar certos fenômenos espirituais. Criando nos seus subconscientes, a mentalidade de que, as entidades, pretos-velhos, caboclos etc. tinham de se sujeitar a linguagem e práticas observadas nos terreiros de Quimbanda. [...] O fato de a Umbanda lidar com espíritos desta natureza, não quer dizer que se mantenham certas tradições africanas, e nem tão pouco

[10] [N.T.] Sobre a ideia de Quimbanda como Religião, veja Parte I.

[11] Aluizio Fontenelle. *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda*. Editora Espiritualista, 1971, pp. 77-8. Essa passagem de Fontenelle é importante porque se trata da primeira citação da gênese da Quimbanda e, até hoje, insuperada.

sejamos induzidos a seguir certos preceitos que bradam contra a opinião pública, em completo desacordo com as normas que se deveriam seguir, cultuando uma Umbanda melhor conceituada e perfeita.^[12]

Neste capítulo do livro Fontenelle disserta sobre o uso de amuletos, talismãs e imagens, dizendo serem uma herança de antigos cultos pagãos caldeus, egípcios, persas e judeus, já superados pela evolução espiritual-moral do ser humano, associando tudo o que se fazia nas Macumbas ao primitivismo e a barbárie.^[13] Fontenelle fazia parte daquele grupo de autores umbandistas que buscavam legitimar a Umbanda como uma religião brasileira completamente alinhada a constituição e o código penal da época, que criminalizava o curandeirismo e as práticas mágico-religiosas afro-brasileiras. Na década de 1950, quando Fontenelle escrevia, houve um frenesi nacional contra os despachos deixados nas ruas e encruzilhadas, incentivando a perseguição policial contra os terreiros, sacerdotes e afiliados. A coleção *História da Umbanda no Brasil* de dez volumes pela Editora do Conhecimento, de autoria de Diamantino Fernandes Trindade, traz inúmeras reportagens jornalísticas deste período, demonstrando as invasões policiais nos terreiros, a prisão de sacerdotes e a apreensão dos objetos utilizados no culto. A Umbanda embranquecida nascia para fugir dessas perseguições e ser aceita pela sociedade brasileira como um culto distinto, superior, esclarecido e moralmente evoluído, diferente do que faziam na Macumba, i.e. a Quimbanda. E muitas casas de Macumba, com o tempo, começaram a utilizar o nome da Umbanda em suas fachadas apenas para fugirem das perseguições do Estado, e Fontenelle as critica:

A evocação de entidades e certas práticas destinadas a este fim, não precisam absolutamente de fantasias nem tão-pouco de grandes malabarismos, que se apreciam em certas sessões espíritas. A não ser na Quimbanda, não havia a necessidade de tanto espalhafato, de tanta mistificação. Que o culto da magia negra [i.e. a Quimbanda] conceba

[12] Aluizio Fontenelle. *A Umbanda Através dos Séculos*. Editora Espiritualista, 1971, pp. 119-20.

[13] *Ibidem*, pp. 120.

certas práticas não condizentes com o nosso adiantado grau de civilização, ainda é concebível; no entanto, numa Umbanda cem por cento verdadeira, certas palhaçadas podiam ser perfeitamente abolidas, por se tratar somente de uma cópia fiel dos nossos confrades «macumbeiros».^[14]

E é muito interessante notar no contexto da Quimbanda no *esoterismo ocidental*, que todo o fetichismo e animismo africanos, o uso do oráculo, amuletos, talismãs, patuás, o sacrifício animal etc., elementos associados a antigos cultos pagãos as divindades, como postula Fontenelle, foram guardados e aperfeiçoados pela Quimbanda. O autor estabelece então, nas entrelinhas, uma conexão entre a Quimbanda e a herança mágico-cultural do Mundo Antigo. E o termo que ele escolhe usar, divindades, fala muito dos espíritos que vieram a ser associados aos Exus: deidades, espíritos dos mortos e da Natureza rebatizados de demônios, os anjos caídos. O precedente para a influência mágica dos cultos do Mundo Antigo na Quimbanda já estava estabelecido com a Linha do Oriente, dirigida pelos mestres da ciência oculta, e toda a legião de sábios, que se dedicaram ao estudo da cartomancia, astrologia, grafologia, ciências ocultas etc. [...] manobrando as legiões dos hindus, de Zartu, dos discípulos de José de Arimatéia, dos Incas, Chineses, Mongóis, Rabis, Egípcios, Mulçumanos [...].^[15] Ao compararmos a Quimbanda com os cultos de mistérios e populares da Antiguidade, buscamos estabelecer pontes que esclarecem tudo o que fazemos hoje, como os primeiros autores de Quimbanda o fizeram.

Nesse processo de erradicação do fetichismo e animismo africanos para sua aceitação social, a Umbanda buscou se associar a todo tipo de correntes esotéricas vigentes na época; isso coincidiu, no entanto, com um período que ficou conhecido como o renascer da magia no Ocultismo moderno, que ocorreu entre 1875 e 1975, alinhando a Umbanda a espiritualidade cientificista, materialista e positivista típicas do período, a exemplo do Espiritismo de Allan Kar-

[14] Ibidem, pp. 152.

[15] Ibidem, pp. 142.

dec (1804-1869), da Teosofia de H.P. Blavatsky (1831-1891) e do Iluminismo Científico de Aleister Crowley. Foi quando a Umbanda começou receber uma enxurrada de enxertos do Ocultismo francês, muito influente e disseminado pelas ordens esotéricas secretas daquele período no Brasil,^[16] e não foi diferente com a Quimbanda, que começava a se projetar a partir das décadas de 1940 e 1950, recebendo profunda influência das percepções ocultistas de Eliphas Levi sobre muitos temas, um deles a alta e baixa magia. Nos três livros de Aluízio Fontenelle esse termo, alta magia, associado ao exercício da Quimbanda, é citado mais de duzentas vezes.

Ao penetrarmos em um terreiro de alta magia [...] depararemos na maioria das vezes, colocado a esquerda ou à direita de quem entra, com algo de estranho, que logo nos desperta a atenção. Trata-se do ponto de saudação ao Povo de Exu.^[17]

Não é qualquer um, entretanto, que pode usar os poderes da alta magia. É preciso que conheça perfeitamente a entidade do mal com quem vai lidar, e ainda mais: necessário se torna que possua poderes sobrenaturais para evocação destas entidades, nas diversas modalidades de seu culto.^[18]

Anteriormente pudemos observar no contexto histórico que todo imaginário europeu que envolveu o fenômeno da bruxaria e que configurou o diabolismo de grimórios modernos como o Grimorium Verum, foi herdado pela Quimbanda. As inúmeras distinções entre alta e baixa magia nas obras de Fontenelle derivam diretamente deste imaginário medieval, já muito bem desen-

[16] A França, na ocasião, era o centro cultural do mundo e exportava seu Ocultismo de fin de siècle para vários países, inclusive o Brasil.

[17] Aluízio Fontenelle. Exu. Parzifal Publicações, 2019, pp. 96.

[18] Ibidem, pp. 281. É interessante notar que Fontenelle cita a necessidade de se possuir uma paranormalidade desperta para conexão efetiva com os Gangas, citados por ele como entidades do mal. Existe uma questão que se levanta acerca da necessidade da mediunidade de incorporação na Quimbanda, sem a qual não há nenhuma hipótese de desenvolvimento sacerdotal na estrutura do culto. Não existe na Quimbanda a ideia que se deriva dos Candomblés da função ou cargo do ôgá: indivíduo que não apresenta a mediunidade de incorporação. É um requerimento fundamental para o desenvolvimento hierárquico e sacerdotal na Quimbanda a proficiência na capacidade mediúnica de incorporação. Não existe Táta Nganga de Quimbanda que não incorpore seu Exu. Essa ideia é simplesmente uma aberração!



volvido no trabalho de Eliphas Levi no fim do Séc. XIX, principal inspiração por trás do trabalho de Fontenelle.

A alta e baixa magia eram temas de intensos debates na Idade Média. Teólogos como Alexandre de Hales (1185-1245) distinguiram entre *divinatio*, o aspecto central da alta magia, e *maleficium*, o aspecto central da baixa magia. A baixa magia, assim se entendia no período, era prática e visava obtenção de efeitos imediatos, como espetar com alfinetes uma efígie de cera para causar dor. A alta magia, por outro lado, era considerada semelhante à especulação religiosa, científica e filosófica, e se estende por meio das ciências ocultas para entender e, finalmente, controlar o Cosmos.

A alta magia na Europa Ocidental tem suas fontes finais na ciência, particularmente numerológica e astrológica da Babilônia, nas especulações filosóficas de Pitágoras e dos gregos, e nas tradições religiosas da Pérsia, de onde vieram os Magos (magoi: sábios e videntes). Entrou na tradição judaico-cristã e foi um elemento importante do hermetismo neo-alexandrino

renascentista. O *Corpus Hermeticum*, uma coleção de escritos mágicos supostamente de imensa antiguidade, mas que na verdade foram escritos nos Sécs. II e III d.E.C., foi composto no contexto do gnosticismo cristão da época. Mas ele tornou-se, no entanto, a base da kabbalah mágica dos judeus medievais e, por sua vez, da magia cristã medieval e moderna. A alta magia sofreu um duro golpe quando, no Séc. XVII, Isaac Casaubon (1559-1614) descobriu a relativa modernidade dos escritos herméticos, mas foi artificialmente revivida nos Sécs. XIX e XX na panóplia interminável do Ocultismo moderno. No seu melhor, a alta magia buscou a união com o divino: Jámblico (245-325 d.E.C.) escreveu que a comunhão com os deuses era obtida através da alta magia, e no Renascimento Pico della Mirandola (1469-1494) afirmou que nenhuma ciência dá maior prova da divindade de Cristo do que a alta magia e a cabalá. Em sua versão imoral, mas com aspirações igualmente elevadas, a alta magia procurou dominar o Cosmos para fins egoístas: esta é a tradição fáustica que inspirou o *Grimorium Verum* e chegou até a Quimbanda.

Todas as variedades de alta magia compartilharam a visão de que o Mundo é controlado pelo Destino. Nada é acidental; tudo no macrocosmo foi projetado para o homem, o microcosmo. Uma função característica da alta magia era, portanto, a divinação através do exame de entranhas, sonhos, livros, espelhos, ossos, números, água, vinho, cera e outras substâncias. De outro modo, a investigação do universo natural, em um esforço para entender seu funcionamento sobre o homem, promoveu o estudo de favas e plantas, rochas, animais, céus (astrologia) e metais (alquimia). Na alquimia, onde magia, ciência e religião estavam talvez mais intimamente conectadas, a suposição era que o homem pode mudar sua natureza espiritual mudando a composição química das coisas. À medida que o alquimista fazia com que os metais básicos fossem refinados em ouro em um processo de sete etapas, sua alma avançava concomitantemente para a purificação.

A terceira função da alta magia era tentar convocar e concentrar a força dos poderes cósmicos, contendo-os em pantáculos ou outro recipiente magicamente definido, ou restringindo-os usando os nomes divinos de Deus em encantamentos. Incantatio, originalmente um canto, veio a significar um feitiço e rendeu a palavra encantamento. A magia das palavras sempre foi um elemento poderoso na alta e baixa magia no medievo e modernidade; a crença de que o poder sobre o nome de uma coisa é poder sobre a própria coisa é universal e, na magia, como o ocultista Eliphas Levi observou corretamente, ter dito é ter feito.

Em seu livro *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda*, Fontenelle compara a Umbanda a prática do bem e a Quimbanda a prática do mal. No Brasil, por causa da grande assimilação da cultura afro-brasileira as ideias do Ocultismo e diabolismo francês,^[19] a Umbanda ganha tons de teurgia e a Quimbanda ganha tons de goécia salomônica, i.e. diabolizada. A discussão acerca da distinção ente a teurgia e a goécia foi tratada com profundidade no primeiro volume do *DAEMONIUM* e não precisamos retomá-la aqui. Na Idade Média a baixa magia estava muitas vezes associada direta ou indiretamente ao fenômeno da bruxaria. A concentração do poder e o controle das forças cósmicas muitas vezes implicavam na convocação de criaturas espirituais dos éteres sublunares definidas como demônios por aqueles que os convocavam, ou pelo menos por cristãos condenando a prática. A cabalá, por exemplo, contém uma demonologia detalhada, e os estudos cabalísticos foram considerados heréticos tanto por judeus ortodoxos quanto por cristãos. A bruxaria se insere neste contexto e ocorreu como um fenômeno, possuindo uma herança mágica que envolvia encantamentos, sacrifícios, recitação de orações ao contrário, a cópula sexual com íncubos e súcubos, e uma conexão direta com a baixa magia.

Na Idade Média, a magia maligna era subsumida sob o termo *maleficium*, que

[19] Para uma contextualização do diabolismo francês veja Robert Ziegler. *Satanims, Magic and Mysticism in Fin-de-siècle France*. Palgrave MacMillan, 2012.

poderia também significar qualquer tipo de crime ou maldade cometida contra alguém, e os aderentes deste tipo de magia eram geralmente tratados como qualquer criminoso. Quer eu quebre sua perna lhe empurrando escada abaixo ou quebrando uma efígie de tabatinga lhe representando, meu crime é semelhante e minha responsabilidade é, portanto, comparável. Na Europa, essas práticas derivaram de apelos aos deuses antigos ou a espíritos locais, como elfos e fadas, que o cristianismo medieval gradualmente passou a classificar como demônios da mesma forma que considerava os grandes deuses pagãos.

Todo esse imaginário medieval converge diretamente para os contrastes e às vezes confusões que Fontenelle estabelece entre baixa e alta magia na Quimbanda. No livro que inaugura a Quimbanda como a nova síntese brasileira da magia,^[20] Exu de 1952, Aluízio Fontenelle diz:

Orientado em grande parte pelos meus guias espirituais, pelos próprios Exus, e ainda, aliado ao meu profundo conhecimento sobre a magia, como sacerdote que sou dos diversos cultos de Umbanda, além de conhecedor real de todas as práticas que se exercem nos diversos «terreiros», onde se praticam os «batusques», «candomblés», «cangeres», posso perfeitamente como catedrático no assunto, mostrar-lhes o eu verdadeiro de um Exu.^[21]

O eu verdadeiro de um Exu é referência a natureza diabólica e demoníaca de Exu que se cristalizou a partir da incursão diabólica que tratamos anteriormente, quando toda corrente noturna e ctônico-demoníaca ibérica (fáustico-cipriânica) e diabólica do *Grimorium Verum* franco-italiano invadiram

[20] Para uma contextualização da nova síntese da magia veja Parte I. Esta nova síntese da magia começou a ser explorada por autores do Ocultismo moderno como Jake Stratton-Kent, Frater Acher e Aaron Leitch no que ficou conhecido como *grimoire revival*, que traduzo como o renascer da magia dos grimórios a partir do fim da década de 2000. A nova síntese da magia consiste na restauração da magia cerimonial a partir dos arcanos mágicos dos cultos afro-diaspóricos nas américas, criando novas formas adaptadas de operar a partir dos grimórios. A Quimbanda é a filha mais bem sucedida desta nova síntese da magia, seguida como exemplo de adaptação mágica para países da América e Caribe.

[21] Aluízio Fontenelle. *Exu*. Parzifal Publicações, 2019, pp. 88-9.

a Quimbanda em seus dois momentos.^[22] É aqui, nesse local de convergência entre a goécia tradicional brasileira e a goécia diabólica do Grimorium Verum, que a Quimbanda se encontra e se une com o Ocultismo do fim do Séc. XIX. Como vimos, todo o imaginário europeu da bruxaria, do sabbath, do bode de mendes, do culto ao Diabo etc. e que alimentam os grimórios diabólicos modernos, dos quais figura proeminente o Grimorium Verum, foi assimilado e desenvolvido pelo diabolismo que configurou as vertentes tradicionais de Quimbanda, em destaque a Quimbanda Nàgô e a Quimbanda Malê. Mas como a Quimbanda se insere no contexto do *esoterismo ocidental*?

O substantivo esoterismo apareceu pela primeira vez em 1792 sob a pena de Johann Philipp Gabler (1753-1823) que o escreveu em alemão: Esoterik [Esotérica/Esoterismo]. O termo surge no contexto do debate sobre os ensinamentos secretos de Pitágoras como pano de fundo da Maçonaria. E apresentando afinidades com o Romantismo, depois o termo apareceu na França em 1828 em *Histoire critique du Gnosticisme et de son influence* por Jacques Matter (1791-1864).^[23] Posteriormente apareceu em inglês e outros idiomas de forma expansível e permeável como o conhecemos hoje.

Costuma-se questionar a etimologia do termo esoterismo na intenção de desvendar seu verdadeiro significado: eso refere-se à ideia de interioridade e ter evoca uma oposição, quer dizer, alguma coisa interna ou secreta em oposição a outra coisa externa. Muitos autores, no entanto, costumam interpretar o termo como querem a partir de sua etimologia e, na maioria das vezes, com interesses pessoais ou pressupostos ideológicos. Abaixo seguem seis interpretações acerca da palavra esoterismo retiradas da obra de Antoine Faivre,^[24] o maior acadêmico especialista acerca do *esoteris-*

mo ocidental. Em seguida adiciono comentários visando demonstrar de que forma a Quimbanda se associa ao *esoterismo ocidental* em cada um dos enunciados.

1. Um agrupamento disparatado de ideias: Nessa interpretação, que é a mais comum, o esoterismo aparece, por exemplo, como título de seções em livrarias e em grande parte do discurso midiático para se referir a quase tudo que exala um aroma de mistério. Tradições de sabedoria oriental, yoga, o misterioso Egito, ufologia, astrologia e todas as formas de artes divinatórias, parapsicologia, várias Cabalás, alquimia, magia prática, Maçonaria, Tarot, Nova Era, Novos Movimentos Religiosos e canalizações são assim dispostos lado a lado (em inglês, a etiqueta usada nas livrarias frequentemente é Ocultismo ou Metafísica). Essa névoa muitas vezes inclui todo tipo de imagens, temas e motivos, como a androginia ontológica, a Pedra Filosofal, a Palavra perdida, a Alma do Mundo, a geografia sagrada, o livro mágico, e assim por diante.

Nesta interpretação, a Quimbanda se enquadra como novos movimentos religiosos na contemporaneidade, envolvendo artes ocultas, artes divinatórias, magia prática, culto de mistérios, tabus religiosos, incorporação e possessão, sacrifício animal etc. O exemplo da livraria de Faivre é perfeito: no Brasil você encontrará a seção esoterismo ou esotéricos nas livrarias com títulos de tarot ao lado de pedras preciosas e magnetismo pessoal, títulos de Umbanda ao lado de magia do caos e Maçonaria. Uma miscelânea de assuntos amalgamados sob a alcunha de esotéricos. Na seção de esoterismo nas livrarias você encontrará livros populares sobre Quimbanda como o *Culto à Quimbanda*^[25] de Evandro Mendonça ou o *Desvendando Exu*^[26] de Diego de Oxóssi.

2. Ensinamentos secretos transmitidos deliberadamente em segredo:

Essa interpretação fala da disciplina do arcano, da estrita distinção entre os iniciados e os profanos. Assim, esotérico frequentemente é empregado como sinônimo de iniciático, incluindo por certos historiadores aquelas doutrinas que teriam sido mantidas em segredo, por exemplo, entre os primeiros cristãos. Para o público em geral, também se refere à ideia de que segredos teriam sido guardados com zelo ao longo

[22] Para uma contextualização dos dois momentos da Quimbanda veja o segundo volume do DAEMONIUM. Clube de Autores, 2022.

[23] Wouter J. Hanegraaff. *Western Esotericism: A Guide for the Perplexed*. Bloomsbury Academic, 2021.

[24] Antonie Faivre. *Western Esotericism: A Concise History*. SUNY Press, 2010, pp. 1-7.

[25] Evandro Mendonça. *Culto à Quimbanda*. Agô, 2020.

[26] Diego de Oxóssi. *Desvendando Exu*. Arole Cultural, 2018.



de séculos pelo magistério da igreja, como a vida secreta de Cristo, sua relação próxima com Maria Madalena – ou que mensagens importantes teriam sido sorrateiramente inseridas em uma obra por seu autor. Romances como o paródico *Il Pendolo di Foucault* (1988) de Umberto Eco e o enigmático *O Código Da Vinci* (2003) de Dan Brown exploram habilmente o gosto de um amplo público pelo que pertence às chamadas «teorias da conspiração».

O termo iniciático refere-se a segredos, conhecimentos ocultos e fundamentos mágicos, transmitidos secretamente de um mestre a seu discípulo ou discípulos, no contexto de um agrupamento organizado de indivíduos ou de relações pessoais isoladas, que Faivre se refere como disciplina do arcano, e que funcionam por meio de transmissão via iniciação. No Mundo Antigo tanto os cultos de mistérios quanto as religiões populares mantinham em segredo os seus arcanos. Fustel de Coulanges (1830-1889) em sua obra *A Cidade Antiga*^[27] demonstra que na Grécia antiga, estrangeiros não podiam entrar nos templos, sob o prejuízo dos segredos da religião serem roubados. Acreditava-se que caso estrangeiros roubassem os segredos e fundamentos do culto a serviço de outras cidades, estas poderiam obter controle sobre os deuses adorados pela cidade saqueada, prejudicando-a. E Mircea

[27] Martin Claret, 2009.

Eliade (1907-1986) demonstra que o núcleo religioso de uma cidade, que representava o onfalo sagrado de conexão entre o céu, a terra e o inferno, era o local almejado para conquista-la definitivamente, onde poderia se apoderar dos seus segredos religiosos e, assim, refundar a cidade sob uma nova cosmovisão.^[28]

Essa ideia do segredo iniciático transmitido de mestre a discípulo no contexto da iniciação reverbera por toda as antigas correntes mágicas que alimentaram o *esoterismo ocidental*. No hermetismo tradicional, que influenciou profundamente as correntes modernas do *esoterismo ocidental* a partir do Renascimento, os verdadeiros segredos são transmitidos diretamente de Poimandres no silêncio e por meio da iniciação.^[29] No Ocidente toda genuína tradição de magia se desenvolveu no contexto do segredo iniciático, a exemplo das transmissões mestre-discípulo dos grimórios ou das iniciações nas sociedades secretas do renascer da magia do fim do Séc. XIX. Tanto os segredos dos grimórios como àqueles das sociedades secretas deveriam ser mantidos e transmitidos secretamente.

[28] Mircea Eliade. *Dicionário das Religiões*. Martins Fontes, 2019.

[29] Veja *Corpus Hermeticum Graecum*, Livro XIII. David Pessoa de Lira (Org.). Cultrix, 2023.

Nessa interpretação a Quimbanda se enquadra como genuíno culto iniciático de mistérios. O Segredo da Quimbanda é o Segredo, diz o ditado. A Quimbanda exige iniciação para participação e coloca ênfase substancial na diferença entre os genuínos iniciados e os profanos, i.e. não iniciados ou os banda de casa. Os fundamentos, quer dizer, os segredos de funcionamento e estrutura do culto, são zelosamente guardados e transmitidos secretamente na relação que se estabelece entre mestre e discípulo.

3. O mistério inerente a todas as coisas: A natureza estaria repleta de «assinaturas» ocultas; existiriam relações invisíveis entre estrelas, metais e plantas; a história humana também seria «secreta», não porque as pessoas teriam desejado esconder certos eventos, mas porque ela conteria significados aos quais o historiador «profano» não teria acesso. A filosofia oculta, um termo amplamente utilizado no Renascimento, é, em suas diversas formas, uma tentativa de decifrar tais mistérios. Da mesma forma, alguns chamam o «Deus oculto» de «Deus esotérico» (no sentido daquele que não é completamente revelado).

O termo filosofia oculta aparece com Cornélio Agrippa em 1510 com a publicação do seu *Três Livros de Filosofia Oculta*.^[30] Para Agrippa o termo era sinônimo de magia e compreendia a totalidade desta ciência principalmente sob três áreas de estudo: astrologia, alquimia e magia natural. Logo ao termo filosofia oculta associou-se o termo ciências ocultas, representando o conjunto de matérias estudadas dentro do escopo da filosofia oculta, com demonstrei ainda nessa seção do livro: é fácil compreender por que a astrologia, a alquimia e a magia natural foram agrupadas sob o termo comum ciências ocultas. Cada área envolveu-se na investigação sistemática da natureza e dos processos naturais, baseada na crença em qualidades, virtudes ou forças ocultas inerentes aos elementos do mundo natural.

A filosofia oculta, consistindo das matérias ou áreas de estudo compreendidas como ciências ocultas, explora a manipulação dos poderes ocultos latentes em todas

as coisas, as virtudes mágicas das pedras, plantas, animais, tempo e locais de poder. Em diferentes fases do desenvolvimento do *esoterismo ocidental* essas virtudes mágicas receberam inúmeros nomes, como o vril de Edward George Bulwer-Lytton (1803-1873)^[31] e da Sociedade Thule, incluindo termos importados do hinduísmo como prãña, ou do taoísmo como chi. Por outro lado, as virtudes mágicas ocultas e inerente a todas as coisas sempre foi de conhecimento de culturas arcaicas da magia. Entre os polinésios, é a mana; na cultura yorùbá essa força mágica é chamada de àṣẹ; e na cultura banto, é o moyo.

No contexto da nova síntese da magia que tratei anteriormente, a Quimbanda recebe seu conhecimento acerca da manipulação das forças ocultas da natureza por meio de duas fontes: i. das culturas banto e yorùbá e; ii. Da feitiçaria dos grimórios europeus cipriânico-ibéricos e franco-italianos, alinhando-se a essa terceira interpretação do *esoterismo ocidental* no contexto da filosofia oculta.

4: Gnose como forma de conhecimento: [Nessa interpretação do *esoterismo ocidental* a ênfase está] no «experencial», no mítico e no simbólico, ao invés de formas de expressão de uma ordem dogmática e discursiva. As maneiras de adquirir essa «forma de conhecimento» variam de acordo com as escolas; é o objeto de ensinamentos iniciáticos divulgados em grupos que afirmam possuí-lo, mas às vezes também é considerado acessível sem eles. Entendido dessa maneira, o esoterismo frequentemente está associado à noção de «marginalidade religiosa» para aqueles que pretendem fazer uma distinção entre as várias formas de gnose e as tradições estabelecidas ou as religiões constituídas.

Essa é uma das questões mais importantes e esclarecedoras da Quimbanda no contexto do *esoterismo ocidental*: i. o conhecimento (*gnōsis*)^[32] religioso ou espiritual

[31] Veja Edward George Bulwer-Lytton. *Vril: O poder da raça futura*. Editora do Conhecimento, 2010. O pano de fundo que ampara as ideias acerca do vril desenvolvidas por Bulwer-Lytton vai de suas preocupações iniciais com as forças ocultas naturais, tema comum no Ocultismo do fim do Séc. XIX e cujas origens remontam ao renascer do orientalismo platônico e hermetismo neo-alexandrino do Renascimento, aos seus estudos sobre magnetismo animal e espiritismo.

[32] O uso do termo *gnōsis* na Quimbanda é complicado. Primei-

[30] Publicado no Brasil pela Editora Madras, 2008.

adquirido por meio da epifania, teofania e hierofania; ii. em detrimento disso, um caminho religioso marginal, contracultural^[33] a ortodoxia religiosa brasileira. A Quimbanda cultiva a *gnōsis* como forma legítima de obtenção de conhecimento religioso e cujos métodos antinomianos a relegam

ro porque a interpretação popular corrente o conecta diretamente ao cristianismo gnóstico; segundo que sua utilização na cultura da Quimbanda começa na literatura da *Quimbanda Luciferiana*, a partir de 2010, e não fora utilizado anteriormente por qualquer autor de Quimbanda. Como o termo é grego e tem sido adaptado de formas distintas na Quimbanda desde então, é difícil defini-lo sobre uma regra universal. Se o termo era interpretado de formas distintas entre hermetistas, cristãos gnósticos e gregos de modo geral na Antiguidade, não seria diferente em sua adaptação na linguagem moderna da Quimbanda no Brasil. Uma vez que tratamos de Quimbanda no contexto do *esoterismo ocidental*, é normal também a adaptação de termos utilizados por inúmeras correntes esotéricas modernas, na verdade, é quase impossível de não o fazer. Isso não significa, no entanto, adaptar qualquer coisa a Quimbanda como se fosse possível enfiar tudo no liquidificador e bater. Os cakras, as nãdi e a kuṇḍalinī, por exemplo, é algo novo que tem aparecido na cultura da Quimbanda, e somente faz sentido no contexto da manipulação energética, prāṇa-vidyā etc.

[33] Outro termo difícil de ser usado na Quimbanda, porque no imaginário do Brasil contemporâneo tudo o que é considerado contracultura está invariavelmente associado a ideologia progressista marxista. A ideia de associar Exu e a Quimbanda a contracultura ideológica progressista nasceu no livro *O Segredo da Macumba* de 1972, dos sociólogos Marco Aurélio Luz e Georges Lapassade. A obra dá início a uma interpretação contestável de que o Culto de Exu, a Quimbanda ou a Macumba, nasceram para agregar um trabalho religioso contracultura, aliado a ideologia progressista-marxista de destruição dos símbolos que sustentam a ordem e coesão social. Eles dizem: É hábito que o Exu, como símbolo da sexualidade liberta [...], como uma alusão a um desejo de uma camada social que teve suas relações familiares destruídas por uma necessidade do funcionamento da relação de casamento autoritário patriarcal europeu, que exigiu a abstinência sexual e a fidelidade conjugal como condições essenciais da constituição familiar e exigindo através da repressão moral-religiosa e legal, um comportamento sexual determinado. Esse tipo de construção sofista inflamou uma grande massa de analfabetos funcionais, adeptos, sacerdotes e pais de santo de baixa cultura a adotar a agenda ideológica progressista no âmbito dos terreiros e práticas espirituais afro-brasileiras diversas. Em outra passagem, os autores dizem: Existe contracultura na Quimbanda quando se corre as cortinas diante do altar dos orixás. Então começa a contracultura da provocação sexual, da gira e dos palavrões, da cachaça, dos charutos etc. (A contralinguagem ocupa um lugar essencial em todas as contraculturas...). O pano de fundo da tese dos autores é psicológico-freudiano niilista: Exu é o elemento desagregador e demolidor do puritanismo sexual vigente, genitor de mazelas psíquicas diversas, todas elas liberadas em giras de catarse dos construtos opressores agora serrilhados por Exu. Os autores dessa obra advertem que se trata de uma abordagem teórica materialista (pp. xii), propondo uma nova leitura dos cultos afro-brasileiros [...] elaborada a partir das ideias de Marx, Freud e W. Reich sobre a instituição religiosa (pp. xi). Segundo os autores, o livro sobre a macumba não pretende chegar a conclusões definitivas na tentativa de defender a Quimbanda do movimento que se tem feito para destruí-la (pp. xii). As vertentes tradicionais de Quimbanda, que começaram a nascer vinte anos antes, na década de 1950, não aderiram a essa revisão ideológica progressista na Macumba.

a marginalidade sociocultural. Então cabe esclarecer o que é a *gnōsis* no contexto da Quimbanda e como ela torna o culto marginal.

O termo *gnōsis* na Quimbanda não pode ser confundido com a mensagem gnóstica dos cristãos do Séc. II d.E.C., porque as vertentes tradicionais de Quimbanda não foram afetadas pelas ideias ou dogmas dos cristãos, ortodoxos ou gnósticos. Quando associado ao cristianismo gnóstico da Antiguidade, o termo *gnōsis* é conectado imediatamente a ideia de salvação. A Quimbanda como culto ctônico-necromântico não adere em sua cosmovisão qualquer ideia de salvação soteriológica proveniente de Religiões Reveladas ou Urânicas. Soteriologia e escatologia na Quimbanda envolvem imersão e transformação da alma no Submundo. O que é para os aderentes das Religiões Reveladas um catifeiro infernal da alma, para as Religiões Naturais ctônicas é o ápice da realização espiritual/ancestral. E tal como o hermetismo tradicional e o exercício da teurgia de Jâmblico (245-325), a Quimbanda compreende a *gnōsis* como a apreensão de conhecimento não experimentado, quer dizer, não deduzido ou adquirido pela cognição a partir da experiência vivida. A *gnōsis* não se trata de um conhecimento dedutível pela razão ou adquirido através de alguma experiência cognitiva. Jâmblico em *De Mysteriis* (I:3)^[34] diz que a *gnōsis* não tem nada a ver com qualquer conjectura humana, raciocínio ou opinião, pelo simples fato de que quaisquer conhecimentos adquiridos por meio dos mecanismos da cognição estão sujeitos a temporalidade. O Conhecimento, i.e. a *gnōsis* não é algo que você aprende ou adquire, porque se trata de um conhecimento superior que não passa pelos filtros da cognição e é percebido diretamente pela alma, revelado a partir de uma fonte sobrenatural: Deus, deuses, anjos e espíritos diversos, por exemplo.

Como demonstro em um texto ainda em construção, existe uma tendência inestética contemporânea em associar a *gnōsis* as

[34] Iamblichus. *On the Mysteries*. John M. Dillon, Emma C. Clarke e Jackson P. Hershbell. Society of Biblical Literature, 2003, pp. 15.

mirações, termo utilizado para descrever experiências visionárias enquanto em estado alterado de consciência por meio de quimiognose.^[35] No texto eu menciono que:

De modo geral, é comum no esoterismo moderno observarmos a associação do termo gnose ao que se convencionou chamar de estados alterados de consciência e que, na grande maioria das vezes, são induzidos por drogas ou substâncias enteógenas. Papus e Stanislas de Guaita estiveram entre os primeiros magistas modernos a vincular o uso de substâncias psicoativas às práticas da magia cerimonial. Muito embora a utilização de psicoativos em rituais diversos tenha uma herança muito antiga na história da religiosidade humana, é no contexto da magia moderna, a partir de autores como Peter J. Carroll e Michael W. Ford, que gnose se tornou sinônimo de consciência alterada por meio de drogas ou enteógenos.

De modo geral no esoterismo moderno, eu disse, porque é possível ver essa associação inestética em muitos lugares: Santo Daime, Barquinha, União do Vegetal, centros ayahuasqueiros de xamanismo urbano, magia do caos etc. É comum encontrarmos daimistas e ayahuasqueiros diversos do xamanismo urbano chamando a miração, que i. além de ser considerada o efeito colateral do uso do chá; ii. não passa de uma ebulição de símbolos projetados na superfície da mente, de gnose. A miração é a jornada visionária, como se costuma escutar, derivada do termo miragem e, portanto, trata-se de ilusões vividas no frenesi do êxtase. O sujeito na miração vê o Mestre Irineu entregando o seu cajado para Oṣàlá enquanto Siva, o proto-yogīna, observa e supervisiona. Dali o sujeito sai dizendo que compreendeu, por meio de uma gnose, como a autoridade espiritual do Santo Daime foi dada por Mestre Irineu a Oṣàlá que, a partir dali, é o chefe do Umbandaime, e que Siva permite o uso da ayahuasca no yoga e na meditação. Entende o nível de loucura?

Então diferente da ideia nova era de que a *gnōsis* se trata de estado alterado de consciência, é mais apropriado dizer que *gnōsis* é estado alterado de conhecimento. Isso ajusta qualquer ponta solta e coloca a *gnōsis* no lugar correto: uma ferramenta de apreensão de conhecimento. Este conhecimento, por outro lado, tem uma peculiaridade: ele transforma radicalmente quem o apreende. Segundo Antoine Faivre, a *gnōsis* tem suas características fundamentais: i.

[35] Processo de obtenção de conhecimento espiritual através da expansão da consciência induzida por enteógenos ou drogas psicoativas de modo geral.

abole qualquer distinção entre fé e conhecimento, porque àquele que obtém o conhecimento não precisa de fé; ii. possui função soteriológica^[36] que, em outras palavras, tem um profundo impacto na deificação da alma, seja ela catabática ou urânica. A *gnōsis* na Quimbanda é catabática.

5: A busca pela tradição primordial:

A existência de uma «Tradição primordial» é postulada, da qual as várias tradições e religiões espalhadas pelo mundo seriam apenas fragmentos mais ou menos «autênticos». Aqui, o esoterismo é o ensinamento dos caminhos que permitiriam alcançar o conhecimento dessa Tradição ou contribuir para restaurá-la. Atualmente, esse ensinamento é principalmente o da «Escola Tradicionalista», também conhecida como «perennialismo», cujos representantes de língua inglesa usam prontamente a palavra esoterismo para se distinguir da maioria dos outros significados de esoterismo.

Aos olhos do perennialismo ou tradicionalismo, a Quimbanda é rotulada como culto contra-iniciático. De acordo com esse olhar perenealista, que é o olhar da Religião Revelada de modo geral, e sobre o qual nos debruçaremos melhor ainda nessa seção, a prática mágica da Quimbanda, por sua natureza ctônica, afasta o indivíduo da verdadeira iniciação. Quer dizer, prejudica a deificação urânica de sua alma. Como tivemos a oportunidade de ver anteriormente, as fórmulas mágicas dos cultos urânicos são distintas daquelas dos cultos ctonianos, muito embora ambos se beneficiem das ferramentas universais da feitiçaria.

Como profundo admirador do perenealismo e em especial do trabalho de Julius Evola (1898-1974), tenho minha contribuição pessoal sobre o tema. A sabedoria perene ou tradição primordial é uma via de realização através da integração da alma com o Cosmos e seus processos, onde a mimetização ritual é uma ferramenta – os ritos, as práticas, os sacrifícios etc. – de acesso e integração com a estrutura do Cosmos. O problema é que as análises dos perennialistas contemporâneos, que limitam a iniciação ao que chamam de religião tradicional, é uma grande tolice. A iniciação é o resultado

[36] Antoine Faivre. O Esoterismo. Papirus, 2013, pp. 31.

do processo de integração com o Cosmos. Na Quimbanda este Cosmos é representado pelo ambiente mágico onde se realiza a magia, o Chefe Império Maioral, o Diabo, naquilo que ficou conhecido como os Reinos da Quimbanda. É a tarefa do kimbanda buscar a deificação catabática de sua alma para sua derradeira união com Maioral tornando-se um Exu na sua armada. Contra-iniciático é, portanto, tudo aquilo que falha em estabelecer essa integração da alma com o Cosmos. Tanto nos cultos urânicos quanto nos cultos ctonianos existe a busca pela integração com o Cosmos no processo soteriológico de deificação ou salvação da alma, mas em camadas distintas, como aponta a Bhagavadgītā (liv. 9, vers. 25), por falar em tradição primordial:

Aqueles que adoram os semideuses nascerão entre os semideuses; aqueles que adoram os ancestrais irão ter com os ancestrais; aqueles que adoram os fantasmas e espíritos nascerão entre tais seres; e aqueles que Me adoram viverão comigo.

A Quimbanda ou qualquer culto ctônico da antiga Religião Natural não é contra-iniciático. Se o culto, qualquer culto, é capaz de produzir o resultado da integração, então ele é iniciático. Isso é possível aprender com mais profundidade no contexto do hinduísmo, onde as próprias escolas não-védicas são tratadas no máximo como erro metodológico, mas não se despreza seus resultados.

6: Um grupo específico de correntes históricas:

Aqui a noção de esoterismo permeia aquilo que muitos historiadores começaram a chamar na década de 1990 de história das correntes esotéricas ocidentais, correntes essas que compartilham de muitas semelhanças e possuem interconexões históricas. O termo ocidental é uma referência ao Oeste construído sobre a cultura religiosa do cristianismo, mas visitado por tradições religiosas judaicas, mulcumanas e do Extremo Oriente, com as quais coexistiu, mas que não são idênticas a ela; nessa compreensão, a kabbalah judaica não pertence a esse *esoterismo ocidental*, enquanto que a cabalá cristã sim.

Entre as correntes esotéricas que ilustram o *esoterismo ocidental* no contexto da sexta interpretação, aparecem especialmente para o final da Antiguidade e início da Idade Média as seguintes: hermetismo alexandrino ou tradicional (os escritos gregos atribuídos ao lendário Hermes Trismegisto, Sécs. II e III d.E.C.); o gnosticismo cristão, as várias formas de neo-pitagorismo, astrologia especulativa e alquimia. E no período moderno, cito especialmente no Renascimento o hermetismo neo-alexandrino, a cabalá cristã (conjunto de interpretações da kabbalah judaica com a intenção de harmonizá-la com o cristianismo), a filosofia oculta de Agrippa, a corrente paracelsiana, do nome do filósofo Paracelso (+ 1541) e algumas de suas derivações. Após o Renascimento, o rosacruzianismo e suas variantes, assim como a teosofia cristã; no Iluminismo do Séc. XVIII, uma parte da naturphilosophie romântica, a chamada corrente ocultista no fim do Séc. XIX. De acordo com alguns representantes dessas especialidades ou matérias, o *esoterismo ocidental* se estende por esse vasto campo, desde o final da Antiguidade até o presente. De acordo com outros representantes dessas mesmas especialidades, é preferível entendê-lo em um sentido mais restrito, limitando-o ao chamado período moderno, do Renascimento até a contemporaneidade.

Abaixo tratarei do tema *esoterismo ocidental* dentro desta abordagem mais restrita, de modo a dar ênfase ao Ocultismo moderno. Embora eu trate também das fontes antigas e medievais das correntes esotéricas ocidentais modernas, ou seja, aquelas dos primeiros quinze séculos da nossa era, de modo que possamos quando possível estabelecer pontes de conexão entre a magia e religiosidade do Mundo Antigo, Antiguidade e Idade Média com a prática mágica e religiosa da goécia tradicional brasileira, a Quimbanda, o meu foco será no Ocultismo moderno. A razão para essa escolha é que, a partir do final do Séc. XV, surgiram novas correntes esotéricas de maneira muito inovadora, no sentido de se encontrarem intrinsecamente ligadas à modernidade nas-

cente, a ponto de constituírem um produto específico que ficou conhecido como Ocultismo. Na verdade, elas reapropriaram, sob uma luz cristã, mas de maneiras originais, elementos que pertenceram à Antiguidade tardia e à Idade Média, como o estoicismo, o gnosticismo, o hermetismo, o neo-pitagorismo etc. De fato, somente no início do Renascimento é que as pessoas começaram a querer reunir uma variedade de materiais antigos e medievais do tipo que nos interessa aqui, ocultistas, acreditando que poderiam constituir um grupo homogêneo para o futuro. Marsilio Ficino (1433-1499), Pico della Mirandola (1463-1494) e outros do período são considerados, dessa maneira, como autores complementares entre si e costuma-se buscar denominadores comuns entre eles, chegando ao ponto de postular a existência de uma filosofia perene. Real ou mítica, os representantes desta filosofia perene eram considerados os elos de uma cadeia ilustrada por figuras como Moisés, Zoroastro, Hermes Trismegisto, Platão, Orfeu, as Sibilas e, às vezes, por outros per-

sonagens como Salomão e Fausto. Assim, por exemplo, após a expulsão dos judeus da Espanha em 1492, a kabbalah judaica penetrou no meio cristão para ser miscigenada e interpretada à luz de tradições como o hermetismo alexandrino, a alquimia, o pitagorismo, etc., que não eram judias.

Razões de ordem teológica explicam, em grande parte, essa necessidade de recorrer às tradições antigas. Por muito tempo, de fato, o cristianismo preservou dentro de si certas formas de conhecimento que entraram no campo da teologia (ou das teologias) e relacionaram-se à conexão entre princípios metafísicos e cosmológicos (as segundas causas aristotélicas). Mas depois que a teologia, pouco a pouco, descartou a cosmologia, ou seja, parte de si mesma, então esse vasto campo se viu apropriado, reinterpretado de fora do campo teológico por iniciativas para-teológicas de conexão entre o universal ao particular – ocupando a interface entre a metafísica e a cosmologia. Muitos pensadores do Renascimento tentaram justificar essas iniciativas recor-



rendo a certas tradições do passado. Essas duas áreas de discurso, i. a busca por uma filosofia perene e; ii. a autonomização de uma iniciativa para-teológica no campo da cosmologia, constituem um aspecto essencial da modernidade nascente e das correntes esotéricas que nascem neste período.

Posto isso, a Quimbanda na condição de nova síntese da magia é uma inovação do mesmo calibre no Brasil, que ocorreu dentro do período do renascer da magia e Ocultismo do fim do Séc. XIX. No segundo volume do DAEMONIUM e no Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia, procurei demonstrar como o corpo do Ocultismo francês do fin-de-siècle influenciou a estrutura mágica e iniciática da Quimbanda. No capítulo Dogmas e Rituais da Kaballah em seu livro Exu, Fontenelle diz que tanto nos pontos cantados quanto nos pontos riscados, a Magia está presente, e por isso, os praticantes da Kaballah nos rituais de alta magia, têm por base como Dogma Mágico o triângulo de Salomão, representando o «ternário», símbolo necessariamente observado em todas as evocações. Nos casos de Magia Negra, as evocações são feitas por instituições e pedidos aos gênios do mal, e aí, os pontos riscados são na maioria das vezes representados pelos símbolos característicos das entidades do mal, sendo o principal, o conhecido nas Leis Cabalísticas com o nome de «Tridente de Paracelso», que é um pentáculo que resume o princípio do ternário na unidade completando o que na Alta Magia se conhece como o «Quaternário Sagrado».^[37]

Por magia negra, Fontenelle faz referência a Quimbanda; ele utiliza os termos kaballah, dogma mágico, triângulo de Salomão e tridente de Paracelso, todos derivados da obra e interpretação de Eliphas Levi. Na corrente paracelsiana, o Tridente de Paracelso é uma chave de acesso para toda e qualquer operação de magia, de modo que a intenção mágica (i.e. a vontade) se torna carregada pelo poder da emoção dirigida sobre um fetiche, símbolo, feitiço etc., como queira chamar. Eliphas Levi reinterpretou

o Tridente de Paracelso nos seus próprios termos, dando a ele um significado além. Pelo seu poder unificador da vontade e da emoção projetadas sobre um objeto passivo e, ao mesmo tempo, uma representação do ternário ou trindade no Ocultismo da época,^[38] Levi deduz que esse é o mistério do ternário (a unidade do espírito) unido ao quaternário (a matéria representada pela interação dos quatro elementos materiais), completando a fórmula mágica da taumaturgia pelo poder do verbo dirigido pela vontade: abracadabra, que pode genericamente ser traduzida como eu crio quando falo, i.e. o verbo feito carne. Essa tornou-se uma fórmula mágica basilar das correntes ocultistas modernas, e chegou até a Quimbanda. O Tridente de Paracelso acabou por tornar-se o símbolo-emblema da atuação de Exu na Quimbanda, representando também a unidade da Trindade Maioral, a iconografia padrão para Exu-Rei, como demonstrei no DAEMONIUM: a Quimbanda & a Nova Síntese da Magia.

O triângulo de Salomão foi citado também por Fontenelle em outra obra, A Umbanda Através dos Séculos, relacionado ao Brasão Imperial de Maioral, do qual faz parte em iconografia permanente. Na tradição salomônica o triângulo é designado a contenção do espírito; trata-se do spiritus loci, uma área protegida magicamente e destinada a manifestação de um espírito sublunar convocado. Ele é conhecido também como triângulo de manifestação, por servir a manifestação de qualquer espírito nele convocado. Fontenelle cita no excerto acima que este é um símbolo necessário a toda e qualquer convocação de espíritos, porque representa o poder da própria Trindade (ternário). Na cosmovisão cristã de Fontenelle, que é a cosmovisão ortodoxa da Igreja Católica, a Trindade representa o todo, abarcado a totalidade de tudo, na Umbanda ou na Quimbanda, com suas respectivas hierarquias celeste e infernal. Essa é uma herança tangível da magia dos grimórios na Quimbanda, e tivemos a

[38] Para uma contextualização clássica e resumida do Ocultismo sobre o ternário, veja Papus. Tratado Elementar de Ciências Ocultas. Pensamento, 2023, pp. 40-6.

[37] Alufzio Fontenelle. Exu. Parzifal Publicações, 2019, pp. 285.

oportunidade de avaliá-la nos meus dois últimos volumes. Na representação mais antiga do triângulo de manifestação, que data de 1572, um círculo contendo o Alfa e o Ômega, palavras-símbolo que designa a totalidade de todas as coisas no Cosmos, a eternidade de Deus, o início e o fim de tudo, circula o triângulo, inscrito com três fórmulas mágicas: Emanuel Sabaoth Adonay (hebraica); Panthon Vsyon (grega); Messias Sother (cristã),^[39] o que é uma clara herança salomônica do poder que controla as forças convocadas no triângulo, como vemos na obra de 1584 de Reginald Scot, *A Descoberta da Bruxaria*, onde se lê: [...] fazendo também um triângulo maior em um lado do círculo externo, com os nomes da Trindade dos sete cantos, isto é, Yehowah, Ruah Kesh, Emmanuel.^[40] Fontenelle acopla, portanto, o símbolo do triângulo de manifestação salomônico a unidade de todo o poder transcendente e divino sobre a convocação de espíritos. Na Quimbanda essa unidade de poder transcendente e divino é o Chefe Império Maioral, a iconografia do Diabo que representa a força ternária dos três arquidemônios do Inferno: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth sobre todos os Gangas da Quimbanda.

Para quem tem olhos para ver, e somente para estes, inúmeros símbolos herméticos, alquímicos, astrológicos e mágicos, bem como seus significados e suas ressignificações modernas, podem ser encontrados na Quimbanda a partir de toda essa herança do Ocultismo moderno. Os métodos da Quimbanda têm convergência com inúmeras correntes do esoterismo moderno como o hermetismo alexandrino e neo-alexandrino, assim como cultos religiosos e de mistérios de um passado muito distante.

Para encerrar essa introdução ao tema, cabe citar Wouter J. Hanegraaff acerca do esoterismo ocidental. Ele diz:

O termo esotérico apareceu pela primeira vez no Séc. II d.E.C., mas o substantivo é de

[39] Stephen Skinner. *Techniques of Salomonic Magic*. Golden Hoard Press, 2017, pp. 177.

[40] Reginald Scot. *A Descoberta da Bruxaria*. Madras, 2023, pp. 563.

data relativamente recente: parece ter sido cunhado em alemão (*esoterik*) em 1792, migrou para a erudição francesa (*pésotérisme*) em 1828 e apareceu em inglês em 1883. Isso significa que *esoterismo ocidental* não é um termo natural, mas uma categoria de estudo, aplicada retrospectivamente a uma série de correntes e ideias que eram conhecidas por outros nomes pelo menos antes do final do Séc. XVIII. Isso também significa que, originalmente, nem todas essas correntes e ideias eram necessariamente vistas como pertencentes umas às outras, é apenas no final do Séc. XVII que encontramos as primeiras tentativas de apresentá-las como um único campo ou domínio coerente, e de explicar o que elas têm em comum. Em suma, o *esoterismo ocidental* é uma construção acadêmica moderna, não uma tradição autônoma que já existia e apenas precisava ser descoberta pelos historiadores. Isso não significa, no entanto, que não haja nada de real no campo.^[41]

Os acadêmicos têm fornecido critérios para definir o que deveria ou não entrar na matéria de estudo *esoterismo ocidental*, porque eles raciocinam por protótipos pré-estabelecidos. Ou seja, eles já têm em mente alguns dos melhores exemplos que consideram como *esoterismo ocidental*, e em seguida procedem à comparação de fenômenos históricos específicos com esse modelo. Dependendo dos modelos que têm em mente, certas correntes históricas podem ser incluídas por alguns estudiosos, mas excluídas por outros, e isto explica toda a confusão sobre o assunto que existe hoje. Os três modelos mais comuns e aceitos subjacentes aos conceitos atuais do *esoterismo ocidental* parecem ser os seguintes: i. uma visão pré-iluminista encantada do Cosmos, com raízes antigas na história da magia, como demonstrei no primeiro volume do *DAEMONIUM*, e que foi reavivada no início do período moderno; ii. uma ampla gama de correntes ocultas e organizações que surgiram após o Iluminismo como alternativas à religião tradicional e à ciência racional; iii. uma dimensão espiritual universal e interna da religião como tal.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

[41] Wouter J. Hanegraaff. *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Brill, 2006.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

A Quimbanda & o Ocultismo Moderno

Nos meus últimos dois livros, o segundo volume do DAEMONIUM e o GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu venho me esforçando em apresentar a Quimbanda como uma genuína tradição de feitiçaria brasileira estabelecida dentro da tradição oculta ocidental moderna; vez ou outra utilizei os termos *filosofia oculta*, *ciências ocultas*, *tradição oculta de mistérios* ou *tradição oculta da magia*. Todos esses termos estão inseridos no que se conveniu chamar de *Ocultismo*. O *Ocultismo*, por outro lado, está inserido dentro de um universo maior de pesquisa conhecido como *esoterismo ocidental*, e está relacionado diretamente a *escola de ocultismo francesa* do Séc. XIX. Na história do *esoterismo ocidental* a Quimbanda se insere no contexto do *Ocultismo*, no qual também está inserido o *Espiritismo* de Allan Kardec (1804-1869), a alta magia do mago cristão Eliphas Levi (1810-1875) e o ocultista Papus (1865-1916), o *Papa do Ocultismo*, que influenciaram o renascer da magia que floresceu durante o *fin-de-siècle*, o *tradicionalismo* ou *perennialismo* de René Guénon (1866-1951), a teosofia de Helena Blavatsky (1831-1891), a ordem mais famosa derivada da *escola de ocultismo inglesa*, a *Ordem Hermética da Aurora Dourada*, e o sistema de *thelema* de Aleister Crowley, o *pai da magia moderna*.

O termo *l'occultisme* apareceu pela primeira vez no Dictionnaire des Mots Nouveaux, publicado em 1842 por Jean Baptiste Richard de Randonvilliers em um artigo de A. de Lestrangle sobre *Ésotérisme chrétien*. Em seguida o termo foi utilizado por Eliphas Levi no seu Discurso Preliminar do DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA, publica-

do em 1856. Depois de Eliphas Levi ele foi utilizado por muitos outros autores de sua época. Quem introduziu o termo *Ocultismo* em língua inglesa parece ter sido Helena Blavatsky em um artigo chamado *A Few Questions to «Hiraf»*, publicado na revista SPIRITUAL SCIENTIST em 1875. Alguns pesquisadores associam o termo *Ocultismo* diretamente a *Esoterismo*, ou a *Ciências Ocultas* como referência a uma dimensão prática do *Esoterismo*. O sociólogo Edward Tiryakian (1929) distingue entre o *Ocultismo* como consistindo em certas práticas, técnicas ou procedimentos, e o *Esoterismo* como sistemas de crenças religiosas ou filosóficas dos quais tais práticas se baseiam; mas essa distinção já foi rejeitada por muitos autores. Como veremos nessa seção, o *Ocultismo* abarca muitas crenças filosóficas e religiosas, bem como sistemas práticos derivados dessas crenças a partir do Séc. XIX.

Um tipo diferente de distinção entre *Esoterismo* e *Ocultismo* deriva das obras de René Guénon, que a partir de uma metafísica esotérica encontrada no cerne das religiões exotéricas, se opôs ao *Ocultismo*, entendido como uma perversão materialista do *Esoterismo*, a exemplo do *Espiritismo*, as doutrinas e crenças da *Sociedade Teosófica* e muitas ordens secretas de sua época. Tais distinções, que foram adotadas por muitos autores posteriores, são obviamente baseadas nas próprias convicções tradicionalistas de Guénon, não sendo válidas do ponto de vista acadêmico; no entanto, as observações de Guénon de que o *Ocultismo* foi profundamente influenciado pelo materialismo do Séc. XIX estão corretas e são



relevantes sob muitos aspectos, alguns tratados por mim nos dois volumes anteriores do DAEMONIUM.

Atualmente no mundo acadêmico o termo *Ocultismo* tende a ser usado como referência aos desenvolvimentos do Séc. XIX na história do *esoterismo ocidental*, bem como às suas derivações ao longo do Séc. XX. Em um sentido puramente descritivo, ele é usado como referência às correntes especificamente derivadas da *escola francesa de magia* na esteira de Eliphas Levi, o florescimento do neomartinismo na esteira de Papus e os movimentos esotéricos relacionados ao *Ocultismo* do fim do século Séc. XIX. Em outro sentido, analítico e tipológico, o termo pode ser visto como se referindo não apenas a essas correntes como tais, mas ao tipo de esoterismo que elas representam, e que também é característico da maioria das outras correntes ocultistas a partir de meados do Séc. XIX, até e incluindo desenvolvimentos recentes como o movimento *Nova Era de Aquário*, como veremos.

O termo *oculto*, no que se refere ao *Ocultismo*, tem sido usado para amalgamar um conjunto de crenças pós-modernas. O *best-seller* de Colin Wilson, *O OCULTO*, publicado

em 1971, é sem dúvida uma das maiores influências na aceitação popular do uso corrente deste termo, particularmente entre sociólogos e jornalistas. Ele pode muito bem ser considerado, portanto, como o exemplo *par excellence* de como uma variedade de correntes e fenômenos que não parecem se enquadrar nas categorias de ciência e religião, são agrupados no que é melhor descrito como uma cesta de lixo intelectual: essa categoria popular e contemporânea de *oculto* parece conter tudo o que participa do *carisma do inexplicável*, desde a crença em espíritos ou fadas até experimentos parapsicológicos, de abduções de OVNIs ao misticismo oriental, a manifestação de espíritos na estática de uma televisão, de lendas de vampiros a canalizações e assim por diante. Neste sentido, *o oculto* pode na verdade ser definido como um tipo de *conhecimento rejeitado* pelas elites intelectuais. Entendido como tal, refere-se a um campo que inclui o *Ocultismo*, mas é muito mais amplo do que esse campo, de acordo com qualquer uma das definições discutidas nesta seção; e também não deve ser confundido com o *esoterismo ocidental* tal como entendido no uso acadêmico moderno.

A noção de uma *filosofia oculta* se originou em 1510 com o primeiro rascunho do TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA de Cornelio Agrippa (1486-1535).^[1] De sua carta dedicatória a Trithemius (1462-1516) e do seu *Ad lectorem*, fica claro que para Agrippa o termo era sinônimo de *magia*: ele chamou o seu livro de DE OCCULTA PHILOSOPHIA apenas porque esperava que o título fosse menos ofensivo. Mas a magia, para Agrippa, representava a sublime filosofia religiosa dos Antigos, a *prisca theologia*^[2] que havia caído em descrédito e agora precisava ser restaurada. Uma associação tão estreita entre magia e *prisca theologia* era bastante lógica: Zoroastro era considerado naquele período não apenas o chefe dos antigos magos persas, mas também acreditava ser ele o autor dos ORÁCULOS CALDEUS^[3] e foi mencionado por Marsílio Ficino (1433-1499) como o primeiro dos antigos sábios, antes mesmo de Hermes Trismegisto. A *prisca theologia*, portanto, tinha que ser equivalente a uma *prisca magia*, exemplificada pela teurgia dos ORÁCULOS CALDEUS; e mais ainda, dada a adoração do menino Jesus pelos magos, tal como se encontra no evangelho.

Agrippa parecia espelhar todas as suas ideias na *Neoplatonismo*: seu TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA discute em detalhes os mundos elementar, celestial e intelectual, através dos vários níveis dos quais o homem pode elevar a sua alma em direção ao divino, os planos de luz e perfeição. Neste contexto, Agrippa discute as várias artes e práticas de magia natural, simbolismo numérico, astrologia e cabalá cristã com influências judaicas; a esta última pertence suas teorias sobre espíritos, anjos e demônios, profecia e prática religiosa. O termo *filosofia oculta*, portanto, representa a totalidade das *ciências ocultas*, desde que estas sejam entendidas não apenas como disciplinas práticas, mas como partes integrantes de uma filosofia religiosa abrangente e de

cosmologia fundamentalmente neoplatônica, hermética e cabalística. Esta sublime filosofia ou cosmologia foi obviamente entendida como eminentemente compatível com a fé cristã.

Depois de Agrippa o significado do termo *filosofia oculta* não mudou fundamentalmente: *ciências ocultas* são as inúmeras disciplinas práticas ou *matérias* que compõem uma filosofia religiosa abrangente. Só que desde o Iluminismo, qualquer referência a uma *filosofia oculta* é carregada ideologicamente: os teósofos e ocultistas modernos usam-na para caracterizar a sua própria visão do mundo em oposição ao materialismo, ao positivismo e ao cristianismo dogmático, enquanto para os críticos cristãos intelectuais é sinônimo de uma visão de mundo baseada em erros e superstições pré-científicas e irracionais.

Mas a noção de *ciências ocultas* parece ter se originado no Séc. XVI, mais ou menos na mesma época que aparece a noção de *filosofia oculta*. Normalmente são distinguidas três *ciências ocultas* principais: astrologia, alquimia e magia (natural);^[4] mas com o tempo o termo passou a abranger outras áreas, como as artes divinatórias, por exemplo. Embora essas várias *ciências ocultas* tenham se influenciado mutuamente de várias maneiras e existam áreas claras de sobreposição, como por exemplo a magia astral, elas têm histórias distintas e não era incomum que os praticantes de uma rejeitassem outra como falsa. A ideia de uma unidade das *ciências ocultas* parece difícil de defender, muito provavelmente porque reflete uma falha na distinção entre as *ciências ocultas* por um lado, e o projeto renascentista sintetizador de uma *filosofia oculta* por outro.

No entanto, é fácil compreender por que a astrologia, a alquimia e a magia natural foram agrupadas sob o termo comum *ciências ocultas*. Cada área envolveu-se na investigação sistemática da natureza e dos processos naturais, baseada na crença em

[1] Publicado no Brasil pela Editora Madras em 2012.

[2] Filosofia perene.

[3] Sobre os ORÁCULOS CALDEUS veja o primeiro volume do DAE-MONIUM, Clube de Autores, 2019.

[4] Em Agrippa, *filosofia oculta* sendo: i. filosofia natural (o estudo das qualidades e virtudes dos objetos do mundo sensível); ii. matemática (que se resume a astrologia e numerologia) e; iii. *filosofia teológica* (a descrição da natureza dos espíritos).

qualidades, virtudes ou forças ocultas inerentes aos elementos do mundo natural; essa combinação fez que o termo *ciências ocultas* fosse apropriado. Mas, semelhante ao que aconteceu com a noção de *filosofia oculta*, e pelas mesmas razões, a noção de *ciências ocultas* tornou-se ideologicamente carregada desde o Iluminismo; na sequência do que aconteceu com a noção de *qualidades ocultas*, e num contexto que insistia na ciência como um conhecimento público e demonstrável, em vez de secreto e misterioso, a própria noção de ciência passou a ser vista como incompatível com qualquer coisa chamada oculto. Como resultado, qualquer uso do termo *ciências ocultas* passou implicar uma polêmica consciente e intencional contra a ciência materialista dominante ou estabelecida. Essas polêmicas são típicas do *Ocultismo* em todas as suas formas de manifestação, muito embora Aleister Crowley tenha se esforçado em estabelecer a ideia de que a ciência materialista podia e deveria estar associada ao conhecimento das *qualidades ocultas* da Natureza, e chamou essa ideia de *Iluminismo Científico*, onde a ciência deveria ser usada para validar os resultados da magia. O pensamento mágico-filosófico de Crowley vinha na esteira dos filósofos que emergiram no contexto da revolução científica do Séc. XVII.

Mas para explicar essa ideia de *qualidades ocultas*, precisamos retroceder a Idade Média. No contexto da recepção medieval



da filosofia natural aristotélica, foi feita uma distinção entre as *qualidades manifestas* e diretamente observáveis das coisas (como cores ou sabores) e suas *qualidades ocultas*, que não eram diretamente observáveis e não podiam ser explicadas em termos das quatro qualidades elementares. Exemplos importantes foram a força do magnetismo, as influências que emanam das estrelas e as virtudes curativas das substâncias vegetais, animais e minerais. Embora os seus efeitos pudessem ser observados na natureza e descobertos por meios experimentais, as *qualidades ocultas* não podiam ser compreendidas ou explicadas de acordo com os cânones da lógica e da filosofia natural. Por esta razão, não poderiam ser objetos de conhecimento científico tal como entendido a partir de uma perspectiva escolástica medieval; a sua atividade poderia ser conhecida indiretamente, mas não investigada diretamente.

Nos seus escritos farmacológicos, Galeno (129-216 d.E.C.) escreveu que muitas substâncias (medicamentos, venenos, amuletos etc.) funcionavam em virtude de *propriedades indescritíveis*, das quais nenhuma explicação sistemática poderia ser dada e cuja forma de funcionamento era desconhecida.^[5] Pensadores medievais, incluindo Tomás de Aquino (1225-1274) em seu *De occultis operibus naturae*, escrito entre 1269-1272, passaram a compreender as *qualidades ocultas* das coisas nos termos da doutrina da forma de Aristóteles: as *qualidades* ou *virtudes ocultas* das coisas baseavam-se na sua *forma específica* ou *substancial*, algo imperceptível aos sentidos e não podia ser reduzido às *qualidades* dos elementos ou à sua combinação.

Em suas discussões sobre as *qualidades ocultas*, os grandes representantes da Renascença (e do *neoplatonismo* e *hermetismo neo-alexandrino* daquele período), permaneceram dependentes das categorizações escolásticas. Assim, ao descrever como certas pedras podem atrair influências celestiais, Marsilio Ficino enfatiza as suas

[5] Wouter J. Hanegraaff. *DICTIONARY OF GNOSIS & WESTERN ESOTERICISM*. Brill, 2006.

propriedades ocultas, que estão ocultas aos nossos sentidos e, portanto, apenas com dificuldade conhecidas pela nossa razão;^[6] e ele ressalta que *um poder material requer muita matéria para conseguir muito; mas um poder formal, mesmo com um mínimo de matéria, vale muito.*^[7] De igual modo, Cornélio Agrippa descreve as *virtudes ocultas* como *uma sequela da espécie e forma desta ou daquela coisa*^[8] e salienta que elas têm uma eficácia muito maior do que as qualidades elementares precisamente porque *têm muita forma e pouca matéria.*^[9] Ele explica que elas são chamadas de *propriedades ocultas* porque suas causas estão ocultas, de modo que o intelecto do homem não pode de forma alguma alcançá-las e descobri-las; portanto, os filósofos alcançaram a maior parte deles por meio de uma longa experiência, e não pela busca da razão.^[10]

As novas filosofias associadas à *revolução científica* do Séc. XVII frequentemente são descritas como rejeitando a ideia das *qualidades ocultas*; é mais correto dizer, no entanto, que eles aceitaram a sua realidade, mas procuraram explicá-la em termos mecânicos. Enquanto a abordagem escolástica implicava que as *qualidades ocultas* estavam fora do âmbito da ciência, os filósofos e cientistas que seguiram Descartes (1596-1650) afirmaram que as *qualidades ocultas* e as chamadas *qualidades manifestas* podiam ambas serem explicadas cientificamente em termos de um mecanismo insensível. Na verdade, como as nossas percepções sensoriais nunca nos dão uma imagem direta da realidade, todas as *qualidades* estão *ocultas*; mas isso não implicou, como para os escolásticos, que elas fossem incognoscíveis. A ambição da *nova ciência* era, precisamente, não se restringir ao domínio do que podia ser percebido pelos sentidos, mas explorar o funcionamento invisível da natureza. A este respeito, há uma continui-

dade entre a magia natural dos filósofos da Renascença e a *nova ciência* do Séc. XVII: embora uma permanesse dependente de categorias escolásticas, a outra as ultrapassa, mas ambos se recusavam a deixar as *qualidades ocultas* no domínio do inescrutável e dos mistérios irracionais; em vez disso, abordando-os como um domínio da realidade que poderia ser examinado pela mente humana e colocado em uso prático.

Eventualmente o debate esfriou e qualquer crença nas *qualidades ocultas* passou a ser percebida como incompatível com a ciência.

A Quimbanda se afirma, aqui e agora, como uma autêntica tradição conectada tanto ao *Ocultismo* quanto ao *esoterismo ocidental* de modo geral. Ao dialogar com o saber ancestral africano e os conceitos filosóficos, mágicos e místicos trazidos pelo *Ocultismo* europeu, ela cria um sistema que resgata, transforma e renova o que há de mais essencial na busca pelo poder oculto e pelo entendimento dos mistérios do universo. Diferente das interpretações reducionistas que tentam separar o *Ocultismo* das práticas genuinamente espirituais afro-brasileiras, a Quimbanda revela-se como a expressão viva do mistério que pulsa entre o mundo visível e invisível, trazendo à tona os segredos da alma humana e a conexão com forças cósmicas. Quimbanda é *Ocultismo brasileiro*.

Nesta fusão de raízes africanas e filosofia esotérica ocidental, a Quimbanda transcende as limitações impostas pelo racionalismo moderno e pelo materialismo, resgatando a dimensão espiritual como um fundamento legítimo do conhecimento. Ela desafia o dogmatismo científico e religioso, posicionando-se como uma resposta à sede humana por transcendência e conexão com o oculto. Na Quimbanda, o *Ocultismo* e o *Esoterismo* renascem juntos, provando que, ainda hoje, o poder da magia e do espírito permanece mais vivo do que nunca.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

[6] Marsílio Ficino. De Vita III, Cap. 12.

[7] Ibidem.

[8] Cornélio Agrippa. TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA, Parte I, Cap. X.

[9] Ibidem.

[10] Ibidem.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Eliphas Levi & o Moderno Renascer da Magia

Parte da moralidade da história é do Século XIX [...], em primeiro lugar na menção do «Magnetismo» como uma forma de magia branca divina. Essa forma de magnetismo divino sugere uma corrente histórica muito particular de ideias, ou seja, aquelas mais em aliança com Jules Denis, o Barão du Potet, que por sua vez influenciaria nomes como E. A. Waite, Eliphas Levi, Blavatsky e Mary Atwood.

Em aliança com os mesmeristas espirituais, que com o tempo dariam origem aos espíritas franceses e aos espiritistas anglo-americanos (dos quais toda a história do Ocultismo contemporâneo deriva), du Potet realmente proclamou que o magnetismo era o Espírito Divino dado ao Homem, e na verdade era uma ferramenta divina usada por Deus no processo de criação. Isso implicou uma reestruturação e reconceitualização de toda a magia e religião [...] em relação ao uso adequado de poderes e técnicas magnéticas, basicamente [preparando] os tijolos para muito do pensamento mágico de Levi. Embora seja um desvio, isso nos oferece algumas possibilidades muito claras os círculos intelectuais em que esta versão específica do Livro [de São Cipriano] estava sendo estruturada. Parece haver um claro conhecimento e preocupação com práticas comuns de magia popular, uma visão simpática das dificuldades de imigração portuguesa e, finalmente, uma naturalização racional da magia adequada e divina no magnetismo e em outras ideologias derivadas [dos ocultistas] franceses do Século XIX, muito em voga no Brasil na época e que eventualmente dariam origem a Umbanda, Quimbanda e muitas outras coisas.^[1]

No DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA dissertei sobre o pano de fundo demonológico da Quimbanda, a *nova síntese da magia* promulgada por Aluizio Fontenelle na década de 1950. O texto foi escrito em virtude das críticas dos

africanistas de olhos azuis, que atribuem a Fontenelle a criação de um *sistema fantasiadamente demonológico*. Pelo mesmo motivo, à revelia dos argumentos non sense levantados por estes detratores sobre as influências de Eliphas Levi na Quimbanda, decidi escrever algumas palavras sobre esse ocultista que foi de profunda relevância na formação das ideias de Fontenelle sobre o *modus operandi* da Quimbanda, assunto que venho tratando em meus últimos livros. Fiz questão de abrir com essa cita-



[1] José Leitão. OPUSCULA CYPRIANY: VARIATION ON THE BOOK OF THE SAINT CYPRIAN AND RELATED LITERATURE. Hadean Press, 2019, pp. 404.

ção de José Leitão, o mais eminente cipriano português nos dias de hoje, porque estes africanistas negam qualquer influência europeia no culto da Quimbanda, quando, em verdade, o *Ocultismo* francês do fim do Séc. XIX, do qual Eliphas Levi é quem sabe o maior expoente, estabeleceu a estrutura fundante da Umbanda e Quimbanda, em um período onde os autores umbandistas se empenhavam em apagar todas as raízes africanas da Umbanda, como tratei com detalhes no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*. A Quimbanda, o *efeito colateral* deste embranquecimento, representou naquele momento o relicário que preservou, protegeu e refinou toda magia fetichista da África. Fontenelle criou o primeiro sistema de magia demonológica afro-brasileiro, cristalizando no imaginário da população o Exu-Diabo. Ele foi um dos maiores arautos dessa sistematização *branca* da Umbanda, elegendo para a Quimbanda a chefia de três arquidemônios do inferno: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth. Com isso ele colocou a ancestralidade europeia como o Norte do culto.^[2]

Nas primeiras décadas do Séc. XX as ideias do *Ocultismo* francês fervilhavam no Brasil. A Maçonaria já estava amplamente estabelecida e ser maçom era sinônimo de ser ocultista, espiritualista, esotérico, conhecedor de mistérios arcanos e secretos da natureza etc., porque como veremos, a maçonaria teve uma profunda influência na eclosão do *renascer da magia*, inspirando muitos grupos e ordens para-maçônicas como a O.T.O. (*Ordo Templi Orientis*) de Theodor Reuss (1855-1923) e, posteriormente, de Aleister Crowley (1875-1947), criada originalmente para conter e transmitir todos os mistérios da Maçonaria.^[3] Em de-

[2] Interessante notar que o *GRIMORIUM VERUM*, um grimório de magia diabólica e nigromântica, cuja corrente noturna e ctoniana infundiu força e poder na Quimbanda na síntese de Fontenelle, demonstra o fascínio europeu pelo Novo Mundo: no *GRIMORIUM VERUM* Ashtaroth aparece como regente das Américas. Isso é interessante de muitas maneiras, a julgar pelas metamorfoses hieráticas pelas quais essa deidade passou ao longo das eras, e a própria natureza da fórmula mágica das tradições afro-diaspóricas. A goécia é a tradição viva que subjaz a corrente mágica do *GRIMORIUM VERUM*, as tradições afro-diaspóricas, e a própria magia ocidental.

[3] Eu fiz extensos comentários sobre o sistema de magia sexual

trimento disso, muitos feiticeiros, pais de santo, sacerdotes católicos e ocultistas brasileiros pertenciam a círculos maçônicos. A Maçonaria também influenciou profundamente as famílias de Cabula no fim do Séc. XIX, e essa influência chegou até as Macumbas cariocas. Mesmerismo, teosofia (cristã, maçônica e teosófica), rosacruicnismo, o satanismo *literário*,^[4] a realização da missa negra etc., eram correntes em voga no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, até a década de 1970. Esse *tantrum* mágico-cultural de correntes mágicas, místicas e filosóficas, foi demonstrado por João do Rio em suas crônicas *As Religiões do Rio*. É nesse livro que pela primeira vez o nome *pombagira* aparece atribuído a uma deidade brasileira feminina.

Mas todo essa efervescência mágico-cultural no Brasil começou alguns anos antes, no *renascer da magia* que ocorreu na França no fim do Séc. XIX.

O moderno *renascer da magia*^[5] do fim do Séc. XIX foi um fenômeno complexo com causas generalizadas. O Romantismo estimulou o interesse no maravilhoso, no misterioso e no desconhecido, o que, por sua vez, criou uma receptividade cultural no mesmerismo, no espiritismo e na magia. A *Zauber-Bibliothek* de Georg Konrad Horst (1821-1826) ofereceu um estudo de seis partes sobre feitiçaria, teurgia, divinação e bruxaria. Em meados do século, vários livros de magia haviam sido publicadas, incluindo *GESCHICHTE DER MAGIE* de Joseph Ennemoser (1787-1854) em 1844, traduzido para o inglês em 1854 por William Howitt (1792-1879), que também escreveu

e a própria estrutura dos graus da O.T.O. em vários livros, como o *RITUAIS, DOCUMENTOS & A MAGIA SEXUAL DA O.T.O.*, Vol. I (Clube de Autores, 2017).

[4] Referência a fugaz visão do Romantismo sobre o Diabo e o Satanismo que despertou o interesse dos franceses no fim do Séc. XIX. Veja Robert Ziegles. *SATANISM, MAGIC AND MYSTICISM IN FIN-DE-SIÈCLE FRANCE*. Palgrave MacMillan, 2012. Veja também Humberto Maggi. *O DIABO*. Clube de Autores, 2022.

[5] Alguns autores preferem utilizar o termo *occult revival* [o renascer do ocultismo] ao invés de *magical revival* [o renascer da magia]. Ainda há àqueles que atribuem o *occult revival* a Eliphas Levi e o *magical revival* a Arthur Edward Waite. Não confundir com o *grimoire revival* [o renascer da magia dos grimórios], que muitos atribuem a Jake Stratton-Kent, muito embora eu o atribua a Aluizio Fontenelle, sessenta anos antes.

HISTORY OF THE SUPERNATURAL em 1863. Na França, Roger Gougenot des Mousseaux (1805-1876) publicou suas revelações dramáticas como LA MAGIE AU DIX-NEUFIÈME SIÈCLE de 1860 e LES HAUTS PHÉNOMÈNES DE LA MAGIE em 1864. O trabalho seminal do ocultista francês Eliphas Levi se desenvolveu dentro deste ambiente.

A reputação da Maçonaria como uma corrente mágica de sabedoria hermética foi um dos fatores mais importantes no *renascer da magia*. A prevalência da teosofia maçônica de alto grau, representada por Martinès de Pasqually (1727-1774), Jean-Baptiste Willermoz (1730-1820) e o Conde Cagliostro (1743-1795), garantiu que a Maçonaria pudesse ser facilmente adotada na construção de tradições esotéricas posteriores. Ellic Howe (1910-1991), que documentou a história do Séc. XIX na Inglaterra, demonstrou que o *Ocultismo* foi propagado através de inúmeras ordens e sociedades pequenas e silenciosas. Esses grupos usaram uma variedade de associações lendárias, incluindo mitos do antigo Egito e Ásia com uma coloração *rosicruciana*. Na década de 1860, maçons ingleses fundaram uma ordem organizada em graus ao estilo maçônico chamada *Societas Rosicruciana in Anglia*, para o estudo do *esoterismo ocidental*. Em 1888, alguns membros dessa ordem fundaram outra, explicitamente mágica e operativa, chamada *Ordem Hermética da Aurora Dourada* (a *Golden Dawn*), distribuindo o conhecimento de matérias ocultistas tradicionais em graus admitidos por iniciação.

É possível que o crescimento marginal da Maçonaria também tenha influenciado o reavivamento contemporâneo do ritualismo na Igreja Anglicana, representado pelo *Movimento de Oxford* de John Keble (1792-1866), Henry Newman (1801-1890) e Edward Pusey (1800-1882), que começou na década de 1830. Contra os planos do serviço religioso anglicano, esse reavivamento anglo-católico buscou uma experiência sensorial de adoração cristã em rituais elaborados, sacramentos adicionais e vestimentas ricamente bordadas. Os efei-

tos culturais desse movimento alcançaram influência significativa com a adoração sacramental restaurada à devoção anglicana e ao renascimento das ordens religiosas após meados do século. Já no fim do século, a *Ordem Hermética da Aurora Dourada* e outras ordens ocultistas na França combinaram esse gosto redescoberto pelo ritualismo com um toque artístico que também caracterizou a cultura do *fin-de-siècle* na Inglaterra e na França. O modelo ritual da Maçonaria também entraria em outros grupos ocultistas. Depois de 1910, Annie Besant (1847-1933), sucessora de Helena Blavatsky (1831-1891), introduziu ideias maçônicas no *teosofia* através de uma ordem co-maçônica paralela. Seu colega, Charles Webster Leadbeater (1854-1934), um ex-curador anglo-católico, abraçou a Co-Maçonaria e, em 1917, fundou a Igreja Católica Liberal, que combinava ritualismo com ideias extraídas do *Ocultismo*.

Eliphas Levi é quem sabe a figura pioneira do *renascer da magia* da segunda metade do Séc. XIX, influenciando grupos na Inglaterra, França e Alemanha. Nascido e criado em Paris, Alphonse Louis Constant tinha uma vocação forte, embora intermitente, para o ministério católico, mas também tinha afeição a círculos literários de socialismo e feminismo. Além de seu radicalismo político, Levi era atraído por misticismo e magia. Ele estudou a *cabalá* na *KABBALA DENUDATA* de Knorr von Rosenroth (1631-1689) e leu obras de Böehme (1575-1624), Swedenborg (1688-1772), Saint-Martin (1743-1803) e Fabre d'Olivet (1767-1825). Em 1852, Levi conheceu Joseph Maria Hoëné Wronski (1776-1853), um imigrante polonês idoso que há muito tempo se dedicava ao esoterismo, profecias messiânicas e era bem versado em *cabalá*, Böehme e gnosticismo. Wronski renunciou ao exército russo em 1797 para estudar na Alemanha, onde foi fortemente influenciado por Kant (1724-1804), Fichte (1762-1814) e Schelling (1775-1854), indo para a França em 1800. Em 1803 ele experienciou uma catarse de iluminação mística, que considerou como uma experiência direta

com o Absoluto e, posteriormente, dedicou sua vida a exposição de sua filosofia sobre o Absoluto. Wronski atuou como um poderoso catalisador para os interesses de Levi em magia e *Ocultismo*. E como Wronski unia ideias esotéricas com expectativas revolucionárias, Levi foi fortemente atraído por sua utopia religiosa e científica.

Levi publicou seu primeiro trabalho sobre magia, *DOGME DE LA HAUTE MAGIE* (1855), seguido por seu volume companheiro, *RITUAL DE LA HAUTE MAGE* (1856), e doravante usou o nome Eliphas Levi. Essa obra, conhecida no Brasil como *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*, influenciou profundamente a visão mágica de Aluízio Fontenelle sobre a Quimbanda. Seus livros posteriores *HISTOIRE DE LA MAGIE* (1860) e *LA CLEF DES GRANDS MYSTÈRES* (1861) continuaram sua síntese da *tradição ocultista*. A compilação de Levi da tradição mágica ocidental foi baseada em fontes medievais e renascentistas, conforme exposto nas obras de Trithemius (1462-1516), Cornélio Agrippa (1486-1535) e Paracelso (1493-1541). O homem é um microcosmo do universo. Correspondências simpáticas ligam os três mundos inteligíveis por analogia hierárquica: o natural ou físico, o espiritual ou metafísico e o divino ou religioso. O mago pode operar nesses vários níveis evocando entidades e poderes por meio de feitiços, sinais, fórmulas cabalísticas e talismãs. Levi foi inspirado pela noção de que todas as ciências ocultas haviam sido veladas em simbolismo e alegoria, como resultado de sua perseguição e supressão no início da era cristã. As ciências ocultas que vão do tarot à alquimia e à *cabalá* foram, portanto, transmitidas em segredo e foram disponibilizadas apenas para os iniciados. Em sua construção dessa tradição mágica sincrética, Levi também praticou uma forma de concordância, já evidente entre os magos estudiosos renascentistas e identificada por Antoine Faivre (1934-2021) como uma característica extrínseca da filosofia esotérica.^[6]



A exploração de Levi dos dogmas da magia transcendental foi abrangente. Em seus dois primeiros livros, ele discutiu os fundamentos cosmológicos da díade, tríade e tetrade nos termos sincréticos dos pilares do templo de Salomão, polaridade sexual homem-mulher, simbolismo gnóstico, maçônico e taoísta. Ele expõe as virtudes mágicas do tétrado, comparando a série quádrupla de elementos mágicos e espíritos encantados. A soberania da vontade sobre a alma física dos quatro elementos é representada na magia ritual pelo pentagrama. Os espíritos encantados da terra, água, ar e fogo são subservientes a esse signo quando ele é colocado em um círculo mágico ou em uma mesa de evocações com a ponta para cima. Levi afirmou que a principal função da magia era permitir que o mago se concentrasse e dirigisse sua vontade. Na visão de Levi, o mago utiliza a magia ritual para manipular e transformar as forças dentro de si mesmo, e então a partir disso agir no mundo externo da matéria. Ele misturou as ideias do mesmerismo com sua filosofia de magia, explicando toda a magia simpática nos termos da *luz astral*, o *agente mágico universal*, descrito como um fluido sutil que permeia o universo com quatro manifesta-

[6] Antoine Faivre. *ACCESS TO WESTERN ESOTECISISM*. Albany, 1989, pp. 12-20.

ções físicas (correntes ou fluxos de força): calor, luz, eletricidade e magnetismo. Este *agente mágico universal*, suas correntes de força, podem ser afetadas pela vontade e podem agir sobre a imaginação humana. As operações mágicas fornecem acesso às correntes e impressões da *luz astral*, produzindo fenômenos mágicos e a clarividência.

Capítulos sucessivos descreveram mitologia helênica, *cabalá*, alquimia, astrologia, fórmulas mágicas, filosofia, necromancia, magia negra e divinação. A originalidade particular de Levi consistiu em atribuir correspondências esotéricas entre os vinte e dois caminhos da Árvore da Vida e os vinte e dois principais arcanos do tarot. O significado esotérico dos arcanos (que provavelmente se originaram na Itália por volta do Séc. XV) foi sugerido pela primeira vez por Antoine Court de Gébelin (1725-1784), um pastor protestante, maçom livre de alto grau e seguidor de Mesmer. Ele atribuiu uma origem egípcia antiga aos arcanos do tarot em seu *LE MONDE PRIMITIF* (1773-1784), uma obra de nove volumes que visava restaurar a harmonia intocada do mundo antigo através da redescoberta de uma linguagem original e universal. Essa ideia foi abraçada por Jean-Baptiste Alliette (1738-1791), um cartomante e ocultista que trabalhou em Paris sob o nome de Etteilla a partir da década de 1770. Etteilla interpretou o tarot como O LIVRO DE THOTH, revelado por sacerdotes no antigo Egito. A conexão que Levi estabeleceu entre a *cabalá* e o tarot como uma fonte de simbolismo mágico ao invés de mera adivinhação influenciaria profundamente muitas ordens mágicas. Quase todo o *Ocultismo* moderno admite o tarot como uma fonte de imagens mágicas e propõe sua concordância com os outros sistemas de símbolos como astrologia, alquimia e magia. Levi foi o primeiro a conectar o tarot às outras ciências ocultas tradicionais dessa maneira.

Ele é, portanto, o primeiro dos principais compiladores modernos do *esoterismo ocidental*, cujas obras reintroduziram a magia ritual, o hermetismo e os magos acadêmicos da renascença para o públi-

co educado da Europa e das Américas do Séc. XIX. Quando Levi começou a publicar, o *Ocultismo* estava em uma condição moribunda; seu trabalho formou a ponte estreita através da qual toda a tradição ocidental da magia fluiu para dentro da era Moderna.

Em 1854, ele visitou Londres, onde conheceu ocultistas ingleses, incluindo Sir Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), o autor de *ZANONI* (1842), que revelou amplo conhecimento esotérico. Um ponto alto da estadia de Levi na Inglaterra foi a evocação do espírito de Apolônio de Tyana (15-98 d.C.). Ele revisitou Londres em 1861 e, doravante, foi elogiado como um adepto por uma geração mais jovem de ocultistas modernos. Kenneth Mackenzie (1833-1886), o historiador maçônico, veio visitá-lo em Paris; MacGregor Mathers (1884-1918), o cofundador da *Ordem Hermética da Aurora Dourada*, o chamou de *grande cabalista*. Arthur Edward Waite (1857-1942) publicou uma antologia de seus escritos em 1886 e traduziu suas principais obras para o inglês; Aleister Crowley acreditava que ele era uma reencarnação de Levi. Helena Blavatsky traduziu seu relato da evocação de Apolônio de Tyana e também o citou repetidamente em sua obra *Ísis sem Véus*. Tal reconhecimento certamente reflete sua importância para o moderno *renascer da magia*.

Antoine Faivre,^[7] um dos mais eminentes acadêmicos na área do *esoterismo ocidental*, identificou Levi como a primeira grande personalidade do *Ocultismo* moderno do fim do Séc. XIX. Enquanto os ocultistas do passado buscavam uma ciência de tipo hermética, os ocultistas modernos não rejeitam o progresso científico ou a modernidade. O triunfo prático da ciência positivista e sua tecnologia convidou-os a sua integração como uma visão universal do Cosmos. A pansofia do final do Renascimento ainda é evidente, mas o *Ocultismo* moderno busca provas e demonstrações recorrendo a testes ou terminologias científicas: no apogeu da magia moderna, Aleister Crowley chamou seu método de *Iluminis-*

[7] Ibidem.

mo Científico.^[8] Gérard Encausse (também conhecido como Papus, 1865-1916) foi um dos principais membros do ramo reconstituído, Hermes, da Sociedade Teosófica em Paris, fundada em 1887, editando sua própria revista *L'Initiation* em 1888. Médico, investigador e experimentador, Papus publicou *TRAITÉ MÉTHODIQUE DE SCIENCE OCULTE* (1888), o livro mais influente sobre *Ocultismo* desde de Levi; fundou outras revistas esotéricas, incluindo *La Voile d'Isis*; e escreveu uma série de obras médicas. Suas muitas obras ocultistas sobre cura, *cabalá* e quiromancia incluíram *LE TAROT DES BOHÉMIENS* (1889), que elaborou a correlação entre o tarot e a *cabalá*. Ele dedicou uma grande obra, *LA CABALA* (1892), a essa tradição secreta no Ocidente. Papus foi fortemente influenciado por Joseph-Alexandre Saint-Yves d'Alveydre (1842-1910), autor de várias obras sobre ocultismo e utopismo político. Papus também reviveu a *Ordem Martinista*, ou melhor, a inventou com base em uma suposta cadeia de iniciação derivada de Louis Claude de Saint-Martin (1743-1803). Como chefe da ordem, Papus fundou muitas novas lojas em toda a Europa e América. Ele também se juntou a *Ordem Cabalística Rosa Cruz*, liderada por Stanislas de Guaita (1861-1897) e Joséphin Péladan (1858-1918), que representavam uma vertente artística do esoterismo aliada ao movimento simbolista neo-romântico.

Toda essa corrente de pensamento ocultista francesa influenciou profundamente o *Ocultismo* brasileiro no período em que Fontenelle estava escrevendo seus livros;

[8] O *Iluminismo Científico*, portanto, se orienta a partir destas injunções:

- Foco no próprio trabalho, sem julgar outras tradições e seus praticantes.
- Adoção de pontos de vista científicos.
- Consciência das limitações da ciência e seu entendimento provisório da verdade.
- Olhar crítico sobre a tradição e seus métodos, evitando sempre a fé cega.
- Reconhecimento da contribuição da tradição, tomando cada ideia como um grão de sal.
- Cautela na mercantilização de nossas teorias e práticas.
- Cautela na ênfase estritamente material.
- Somos todos estudantes. Não somos superiores ou temos privilégios.
- Escrutínio filosófico, teórico e prático.

e como qualquer um pode averiguar em sua literatura, muitas ideias do *Ocultismo* são tijolos na parede da Quimbanda. Por esse motivo, a Quimbanda não é apenas um culto mágico-religioso afro-brasileiro. A Quimbanda transcende a cultura afro-brasileira e se insere como uma *arte nigromântica* do *Ocultismo* brasileiro no Ocidente contemporâneo.

A influência de Eliphas Levi na Quimbanda é profunda e incontestável. As obras de Levi, que compilaram e reviveram a tradição mágica ocidental, lançaram as bases sobre as quais Aluízio Fontenelle moldou sua visão do culto. É através das lentes de Levi que Fontenelle enxergou a manipulação das correntes de força mágica dentro da *luz astral*, concebendo o trabalho dos Gangas, os agentes mágicos universais, dentro do corpo de Maioral, a *luz astral*, forjando uma ponte entre o universo africano e o pensamento ocultista europeu do fim do Séc. XIX. Esse legado transformador de Levi não apenas inspirou Fontenelle, mas garantiu que a Quimbanda fosse mais que uma manifestação afro-brasileira do que se conveniu chamar de *Ocultismo*: ela tornou-se uma expressão completa e refinada do *Ocultismo* no Brasil. No coração da Quimbanda, pulsa uma síntese mágica ocidental moderna, onde os fundamentos do *esoterismo*, da magia renascida do Séc. XIX, e da feitiçaria crioula afro-diaspórica convergem, revelando o impacto duradouro de Eliphas Levi. Assim, a Quimbanda se ergue como um testemunho vivo da fusão entre os mistérios africanos e o *Ocultismo* ocidental, afirmando-se como uma tradição integralmente enraizada em ambos os mundos.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

Os Exus-Reis na Quimbanda

Nesta seção^[1] o conceito de *Exu-Rei* não é uma referência ao Chefe Império Maioral, o Diabo, ou Vossa Alteza Lúcifer, como tradicionalmente é interpretado.^[2] Mas uma referência aos Gangas que ocupam uma posição de destaque e comando nas *falanges* de Exus. Considera-se que estes Gangas foram coroados e consagrados pelo Chefe Império Maioral para ocuparem os mais altos graus na hierarquia aristocrata da Quimbanda, tal como ocorreu nas cortes de todos os reinos do planeta no passado. A hierarquia dos Exus na Quimbanda é monárquica, seguindo a classificação usual dos manuais de demonologia europeia, e opera segundo a teologia noturna^[3] do GRIMORIUM VERUM.^[4]

[1] Este texto compõe quatro capítulos da obra *O Livro dos Gangas da Quimbanda*, por Táta Kilumbu, a ser lançado em breve.

[2] Devemos deixar claro as diferenças, dentro da nossa tradição todo espírito que carrega o título de *Exu-Rei* vem acompanhado do nome do seu domínio, como por exemplo: Exu Rei das Matas. O título puro e único de *Exu-Rei* sem complementos, vem a ser o título de Vossa Alteza Lúcifer.

[3] A teologia noturna refere-se a uma cosmovisão mágica e prática de comunicação com os espíritos do reino sublunar, conectando os praticantes às forças elementais e ancestrais em uma dimensão lunar. Diferentemente das concepções solares e diurnas, a teologia noturna coloca a Lua no ápice do céu e o Sol como regente do Submundo, refletindo uma inversão simbólica onde a noite e o mistério são exaltados. Esse modelo cosmológico, presente na Quimbanda e influenciado pela goécia e grimórios medievais e modernos, propõe uma conexão direta com os elementos – terra, água, ar e fogo – e com os espíritos, particularmente Exus e Pombagiras. Ao explorar esse reino, o operador descobre não apenas um espaço físico, mas uma dimensão simbólica de transformação espiritual, onde os mistérios ancestrais se manifestam como um convite ao autoconhecimento e à alquimia interior. Para um aprofundamento veja Fernando Liguori. *Daemonium: a Quimbanda & a Nova Síntese da Magia e Wanga: o Segredo do Diabo*. Ambos pelo Clube de Autores, 2024.

[4] O GRIMORIUM VERUM é um dos mais célebres grimórios de magia cerimonial, datado do Séc. XVIII, que apresenta uma síntese de tradições ocultistas medievais, renascentistas e da Antiguidade tardia. Atribuído ao suposto mago Alibeck, de Memphis, o grimório é estruturado em torno de pactos e invocações a espíritos, especialmente os chamados Espíritos Infernais, liderados por Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth. Ele é notável por sua abordagem prática, oferecendo instruções detalhadas para conjurações, criação de talismãs, feitiços e a manipulação de espíritos. Combinan-



Cada reino da Quimbanda é comandado por um *Exu-Rei*, o regente administrativo de *falanges* e povos de Exus distribuídos dentro de seu reinado.

O título hierárquico de *Exu-Rei* é da maior honraria que um Ganga da Quimbanda pode receber, afinal ele irá governar parte de um Império e será condutor, mestre, soberano, governante e general espiritual de enormes legiões de Exus e Pombagiras.

do influências do *Ars Goetia* (ou Goécia de Salomão), crenças derivadas da magia judaico-cristã e práticas populares de feitiçaria, o GRIMORIUM VERUM se tornou uma referência fundamental para ocultistas e continua a influenciar práticas espirituais modernas, como a Quimbanda e outros sistemas mágicos sincréticos. Sua influência é notável na Quimbanda, onde sua teologia noturna e cosmovisão lunar, que coloca a Lua no ápice do céu e o Sol como regente do Submundo, foram incorporadas. Essa visão noturna moldou a prática mágica da Quimbanda, destacando a conexão com Exus e Pombagiras como guias espirituais e a celebração das forças ctônicas e sublunares como caminho para o conhecimento e a deificação da alma. Para um aprofundamento veja Fernando Liguori. *Daemonium: a Quimbanda & a Nova Síntese da Magia e Wanga: o Segredo do Diabo*. Ambos pelo Clube de Autores, 2024.

Os Gangas que conquistam o posto de *Exu-Rei* são espíritos notáveis cujos serviços em suas fileiras foram tão abrangentes que receberam a coroa de um reinado pessoal por mérito diante do Chefe Império Maioral, o Diabo. Em outras palavras, quando um espírito é elevado à outorga de *Exu-Rei*, isso simboliza que ele cumpriu inúmeros trabalhos e missões dentro das legiões de Exu, destacando-se por sua força, determinação e comprometimento em relação aos demais espíritos da *legião* de origem. Essa elevação é um reconhecimento de sua excelência e liderança dentro das hierarquias espirituais infernais.

Além dos Gangas Gerais conectados a chefia e organização de cada um dos reinos da Quimbanda, a outorga de *Exu-Rei* também é dada a outros espíritos, que chefiarão povos e *falanges* que compõem cada reino. Assim temos Gangas como: Exu Rei das Sete Encruzilhadas, Exu Rei dos Sete Cruzeiros, Exu Rei das Almas, Exu Rei das Matas, Exu Rei da Lira, Exu Rei das Trevas, Exu Rei das Águas, Exu Rei do Caberé, Exu Rei do Oriente, Exu Rei do Inferno, Exu Rei da Kalunga, Exu Rei da Praia, Exu Rei da Cachoeira etc.

Assim, são muitos os Exus coroados Reis pelo Grande Senhor dos Exus, o próprio Diabo, na Quimbanda. Estes Exus-Reis em geral são senhores de decisões fortes e dificilmente se manifestam no plano físico; carregam grandeza, sabedoria, pulso firme nas atitudes e reações. Dentro suas habilidades principais podemos destacar a liderança, o poder ordenador e a exigência da união consistente entre os Gangas que compõem as *falanges* e povos, formando um exército de espíritos feiticeiros que operam juntos a rigor e benefício de uma única causa, a expansão do reinado do Chefe Império Maioral por meio da caça e abate mágicos.

As zonas de poder, i.e. os *pontos-de-força* mágica associados a estes Exus-Reis, assim como suas cores, firmezas e assentamentos, variam de acordo com os reinos e domínios em que atuam, embora existam padrões que os distinguem dos Exus *falangeiros*. Os Exus-Reis recebem sempre as melhores

oferendas e bebidas, refletindo a nobreza aristocrata que caracteriza seu arquétipo.

Esses espíritos possuem um profundo conhecimento mágístico e filosófico; suas ações, no entanto, seguem a característica típica de espíritos ancestrais limiares e ctonianos: não-afetados pela moral humana, eles tanto propiciam ações mágísticas benfazejas como cura e abertura de caminhos, quanto ações mágísticas maléficas como vingança e destruição. Seu poder de ação e reação é extremamente refinado, distinguindo-os dos demais Exus *falangeiros* e àqueles conhecidos como *Mestre-Sete*, ao ponto de suas ordens serem seguidas de forma absoluta.

Na hierarquia dos Exus e Pombagiras, a graduação de um Ganga ocorre de forma gradual, baseada em mérito, honra e conhecimento adquiridos em suas jornadas, e não apenas em aspectos relacionados às suas atividades ou mesmo vidas passadas. Por exemplo, um espírito que inicia como um *falangeiro* Exu das Encruzilhadas, pode ascender na hierarquia da Quimbanda tornando-se um Exu Tranca Ruas das Encruzilhadas e, posteriormente, esse mesmo espírito pode alcançar o grau de *Mestre-Sete*, passando a ser reconhecido como Exu Tranca Ruas das Sete Encruzilhadas. Finalmente, após cumprir diversas missões e adquirir excelência em suas funções, ele pode ser elevado ao grau de *Exu-Rei* das Sete Encruzilhadas, uma posição de grande honra e responsabilidade. Esse processo ilustra a estrutura hierárquica das *falanges* e povos na Quimbanda, onde as fileiras de *Exu-Rei* são preenchidas por espíritos que se destacaram por sua dedicação e evolução, exceto nos casos extraordinários de arrebatamento de almas.

A seguir, abordaremos sete grandes monarcas Exus-Reis da *Quimbanda Nàgô* para que possamos compreendê-los melhor. Os reinos e povos de Exus são entidades vivas, em constante evolução e crescimento. Assim, quando o número de integrantes de um determinado grupo atinge um patamar significativo – apontado como sendo de mais de quarenta e nove membros –, torna-se ne-

cessária a instituição de um *Exu-Rei* local. Esses novos líderes não governam necessariamente um reino, mas sim um povo, como por exemplo o *Exu-Rei* do Cabaré, que lidera o Povo dos Cabarés, uma Legião pertencente ao Reino da Lira. Contudo, é importante destacar que esse *Exu-Rei* do Cabaré estará, hierarquicamente, subordinado ao *Exu-Rei* da Lira, demonstrando a organização e complexidade das hierarquias espirituais dentro da Quimbanda.

EXU REI DAS SETE ENCRUZILHADAS

O *Exu-Rei* das Sete Encruzilhadas é uma das divindades mais importantes da tradição da *Quimbanda Nàgô*, reconhecido como o emissário direto do Maioral Ashtaroth. Sua figura é amplamente reverenciada e carrega uma rica herança simbólica e cultural, conectada à antiga deusa fenícia Astarte, que era associada à fertilidade, ao amor, às emoções e à Lua. A origem do nome Ashtaroth remonta às ressignificações demonológicas dos demonólogos europeus durante a Idade Média e Moderna, onde a deusa foi reinterpretada como um demônio pela ortodoxia cristã medieval. Essa transformação deu origem à figura que hoje influencia diretamente o arquétipo do *Exu-Rei* das Sete Encruzilhadas na Quimbanda.

Na cultura e religião cananeia Astarte foi a Rainha dos Céus, deusa associada à fertilidade e à fecundidade, cujo culto foi gradualmente suprimido pela teologia monolátrica judaica.^[5] No cristianismo medieval, sua figura foi demonizada e incorporada aos grimórios de magia negra, onde aparece como o demônio Ashtaroth, descrito como um andrógino de grande conhecimento, patrono da ciência, matemática e riqueza. Esse arquétipo foi reinterpretado na Quimbanda, manifestando-se na forma masculina e sendo associado à energia do *Exu-Rei* que rege os pactos e as encruzilhadas.

[5] Sobre a monolatria, veja nesta edição o texto de Táta Kamuxinzela, Um Repúdio a Monolatria.

Reino: O *Exu Rei* das Sete Encruzilhadas governa espiritualmente todas as encruzilhadas. Ele é o líder do Reino das Encruzilhadas, um domínio que abrange todos os reinos da Quimbanda e conecta diversos aspectos da vida material e espiritual.

Dentro do Reino das Encruzilhadas, há subdivisões específicas ligadas aos reinos, cada uma refletindo um aspecto diferente da atuação deste espírito:

Exu Rei das Sete Encruzilhadas das Ruas.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas dos Cruzeiros.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas das Almas.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas das Matas.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas da Lira.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas da Praia.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Oriente.

Exu Rei das Sete Encruzilhadas das Trevas.

Essas manifestações são desdobramentos do poder central do *Exu-Rei* que ordena e organiza suas *falanges* em consonância com as energias de cada reino.

O *Exu-Rei* das Sete Encruzilhadas é um estrategista por excelência, dominando os movimentos energéticos, emocionais e espirituais. Ele é conhecido como conselheiro e guia, ajudando aqueles que o invocam a alcançar evolução material e espiritual. Além disso, é também associado a aspectos terrenos como pactos, negócios e até a prostituição, independente de gênero. Sua atuação é marcada pela autoridade e pela capacidade de governar com firmeza e justiça.

Quando incorporado, apresenta uma postura nobre e elegante, com olhar penetrante e sedutor, capaz de revelar os segredos mais obscuros da alma humana. Diferentemente de outros espíritos, sua presença é sóbria, sem palavreado vulgar ou comportamentos descontrolados.

Esse espírito, em sua plenitude, representa a força dinâmica que governa o cruzamento das energias e dos caminhos. Sua ligação com Maioral Asstaroth o coloca como um dos pilares centrais da teologia noturna e da prática da *Quimbanda Nàgô*, perpetuando os mistérios das encruzilhadas como locais de poder e transformação. Suas *falanges* e suas manifestações são extensões dessa força grandiosa, servindo como pontes entre os mundos físico e espiritual, ajudando aqueles que buscam sua sabedoria e auxílio.

Palavra-Chave: Caminhos, Possibilidades, Acordos.

Positivo: Caminhos abertos.

Negativo: Caminhos fechados.

Firmeza: Vela preta-e-vermelha, marafo amarelo ou uísque estilo Tennessee como o Jack Daniels e charutos de boa qualidade, com capa clara.

Oferenda: As oferendas a este Exu incluem pratos elaborados com farinha de mandioca, azeite de dendê, pipoca, milho torrado, batatas assadas e cortes nobres de carne. Seus fetiches são diversos: punhais, moedas, cruces equiláteras, pedras preciosas como quartzo rutilado, esmeralda, e outros elementos ligados ao poder das encruzilhadas. Ele aprecia charutos de alta qualidade e bebidas como cachaça, conhaque de gengibre, vodca e uísque.

Fetiches: Punhal, moedas correntes e antigas, cruces equiláteras representando

a encruzilhada, piritita, pedra granada, ágata coralina, quartzo fumê, quartzo rutilado, esmeralda, estrela de Davi, seixos de encruzilhadas, moedas estrangeiras, espadas e punhais.

EXU REI DOS SETE CRUZEIROS

O Exu Rei dos Sete Cruzeiros é um dos governantes monárquicos do Reino dos Cruzeiros na tradição da *Quimbanda Nàgô*. Este espírito representa o ápice hierárquico dentro das *falanges* relacionadas ao Cruzeiro, sendo considerado um *Exu Colorado* pelo *Trono dos Sete Cruzeiros*, um dos tronos do Chefe Império do Maioral. Sua evolução espiritual o diferencia dos Exus comuns: inicia como Exu do Cruzeiro, ascende a Exu Sete Cruzeiros ao dominar os diferentes reinos e, finalmente, torna-se o *Exu-Rei*, responsável pelo governo espiritual desse domínio específico. Ele desempenha um papel fundamental como guardião das passagens vibracionais entre os mundos, orientando as almas desencarnadas ao destino que lhes é reservado pelas deidades superiores.

O Exu Rei dos Sete Cruzeiros é um espírito de extrema sabedoria e poder, sendo um mestre da transição e da transformação espiritual. Quando incorporado, sua presença é marcada por uma autoridade serena e uma sabedoria penetrante, refletindo



seu papel como mediador e guia entre os mundos. Ele é procurado por aqueles que buscam equilíbrio espiritual, orientação em momentos de transição e auxílio para acessar as forças mais profundas do Reino dos Cruzeiros. Sua atuação é vital para a manutenção do fluxo energético e espiritual entre os diferentes níveis da existência, consolidando seu papel como um dos pilares centrais da teologia e prática da Quimbanda.

Reino: Almas (*sub-reino* dos Cruzeiros). O Cruzeiro, em sua essência, é um portal místico que conecta dimensões espirituais, permitindo a transição das almas. O Exu Rei dos Sete Cruzeiros e suas *falanges* são os protetores e mediadores dessas travessias espirituais, garantindo que o fluxo entre os planos ocorra de forma equilibrada e segura. Dentro de sua hierarquia, existem desdobramentos ou qualidades que se manifestam em diferentes aspectos do Reino dos Cruzeiros, refletindo a amplitude de sua atuação:

Exu Rei dos Sete Cruzeiros das Almas
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Kalunga
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Mata
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Praia
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Praça
Exu Rei dos Sete Cruzeiros do Espaço
Exu Rei dos Sete Cruzeiros das Trevas
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Lomba
Exu Rei dos Sete Cruzeiros do Mar
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Rua
Exu Rei dos Sete Cruzeiros da Encruzilhada

Essas qualidades refletem a diversidade de manifestações desse Exu, ajustando-se às necessidades dos diferentes espaços espirituais e terrenos que ele governa.

Palavra-Chave: Transição, transformação.

Positivo: Ajuda as pessoas a superarem fases difíceis na vida.

Negativo: Bloqueia e oprime os avanços das pessoas na vida.

Firmeza: Vela preto-e-branca, charutos e uísque de boa qualidade.

Oferenda: Semelhante às do Exu Rei das Sete Encruzilhadas, porém com a substituição do corte nobre de carne bovina ou suína por uma costela bovina com sete ou nove ossos, assada com molho de pimenta, dendê, gengibre e cebola ralada. Cachaça branca, gin, vodka ou uísque fino. Charutos grossos ou finos, não aromatizados. Se oferece cravo vermelho ou branco, monsenhor branco, lírio vermelho.

Fetiches: Crucifixos, tesouras, cruzes, moedas antigas, ossos, galho de figueira e cruz de Caravaca.

EXU REI DAS ALMAS (EXU OMULU)

O Exu Rei das Almas, também conhecido como Exu Omulu, é uma das figuras centrais da *Quimbanda Nàgô*, governando o Reino das Almas e todas as suas manifestações espirituais (*sub-reinos*). Este Exu é o regente dos processos que envolvem o trânsito das almas desencarnadas e a manutenção do equilíbrio entre os mundos físico e espiritual. Sua atuação é reconhecida como uma força poderosa para limpeza espiritual, proteção, cura e neutralização de energias negativas, sendo também associado à morte em sua dimensão mais ampla e transformadora.

Exu Omulu carrega o título de Exu Rei das Almas em algumas tradições da Quimbanda, onde é visto como um espírito emissário do *òrìṣà Ọbalúwáiyé*, divindade ligada à morte e ao cemitério no Candomblé. Tal sincretismo é evidente na dança, nos trejeitos e nos elementos simbólicos associados a este Exu, como o uso da palha-da-costa. Apesar disso, Exu Omulu na Quimbanda não é o próprio *òrìṣà Ọbalúwáiyé (Omolu)*, mas sim uma força espiritual autônoma exaltada por seu nome sagrado e alinhada ao Chefe Império de Maioral.

Na teologia da Quimbanda, Exu Omulu também é conhecido como Exu Rei atrás do Cruzeiro do Cemitério, representando um aspecto severo e enigmático de sua força. Ele atua como mediador no trânsito de al-

mas, sendo capaz de paralisar processos, interromper mortes prematuras ou mesmo dissolver doenças e malefícios, reafirmando seu domínio sobre a morte como uma força universal.

Este Exu é evocado não apenas para proteção e defesa espiritual, mas também para ataques direcionados, especialmente no campo da saúde. Sua conexão com o conceito de morte o torna um espírito de transformação, capaz de desfazer energias negativas e reestabelecer o equilíbrio espiritual. Sua energia é particularmente eficaz em rituais de limpeza, fechamento de corpo e proteção contra forças malignas.

Exu Rei das Almas ou Exu Omulu é um espírito de imensa autoridade, dominando os caminhos da morte e garantindo a harmonia entre os mundos visível e invisível. Ele é tanto um guardião quanto um agente transformador, atuando com seriedade e respeito no equilíbrio das energias espirituais. Sua presença é reverenciada nos rituais de Quimbanda, especialmente naqueles que lidam com as forças ctonianas e com os mistérios da transição das almas.

Reino: Almas.

Palavra-Chave: Todos os trabalhos relacionados a Almas, passagens e doenças, morte.

Positivo: Ancestralidade bem fundamentada e alimentada.

Negativo: Dificuldades em acessar a ancestralidade, morte.

Firmeza: Vela preto-e-branca, marafo branco e charutos de boa qualidade, com capa clara, podendo trocar por fumo de rolo e fumo picado.

Oferenda: Farofa feita com farinha de milho, melão e dendê, coberta com pipoca estourada em azeite de dendê, amendoim torrado, sete bistecas suínas mal passadas e aceboladas com dendê e pimenta, rodeadas por nove gomos de limão branco e nove pimentas. Pipoca é elemento indispensável nas oferendas deste Exu devido à sua associação cultural com Omulu no Brasil. Cachaça amarela, batida de coco, vodka, vinho tinto suave, conhaque de alcatrão e uísque. Charutos finos e cigarros de palha. Se ofe-

rece cravos, crisântemos e jasmims, nas cores branca ou vermelha.

Fetiches: Tridentes positivos e negativos, caveiras de metal ou resina, ossos, cruzeiros, pregos retirados de cemitérios, rosários e moedas antigas.

EXU REI DAS MATAS

O Exu Rei das Matas, também chamado de Exu Rei das Sete Matas, é o regente supremo do Reino das Matas, dominando todos os mistérios e forças das florestas e vegetações. Este espírito possui um profundo conhecimento sobre os ciclos da vida vegetal, animal e mineral, refletindo a importância vital das matas como fonte de vida e transformação. Sua aparência é frequentemente descrita como a de um guerreiro antigo com grande toque de feitiçaria, evocando o arquétipo dos feiticeiros bantos, os antigos *kimbandas*, sendo uma perfeita caracterização no culto da *Quimbanda Nàgô*. Sua evolução espiritual é compreendida como oriunda das legiões de Exu das Matas.

O Reino das Matas, vasto em atributos e poderes, reflete as capacidades de cura e destruição de seu regente. Exu Rei das Matas domina as ervas, conhecendo seus segredos e capacidades ocultas. Assim como uma planta pode curar, ela também pode envenenar, dependendo de seu uso. Este Exu é invocado tanto para a cura de males físicos e espirituais quanto para o uso de forças destrutivas, demonstrando sua conexão com os ciclos de vida e morte.

Além disso, Exu Rei das Matas possui uma habilidade única de influenciar a mente humana, criando ilusões e conduzindo à loucura. Este poder se conecta à figura dos *diabos* da cultura nativa brasileira, como Caapora e Curupira, que protegiam as florestas de invasores desrespeitosos, armando emboscadas, causando desorientação e, em casos extremos, levando à morte. Embora sua natureza seja geralmente benéfica, ele é perigoso quando suas regras e princípios são desrespeitados.

Exu Rei das Matas é um guardião dos segredos da natureza, um espírito de força

e sabedoria, que reflete o poder e a complexidade das florestas. Ele é invocado para proteção, cura e manipulação de forças espirituais ligadas ao Reino das Matas, sendo um aliado poderoso para aqueles que respeitam sua energia e buscam sua ajuda.

Reino: Matas.

Palavra-Chave: Moléstias de forma geral, Selvageria, Cura, Folhas, Encantados e Gênios da Natureza.

Positivo: Aproxima pessoas que estão muito distantes, transmite mensagens através dos meios vegetais. Limpam pessoas com obsessão espiritual.

Negativo: Afasta pessoas que estão muito próximas, perturba pessoas nas matas com manifestações espirituais.

Firmeza: Vela Preta-e-Verde, marafo branco e charutos de boa qualidade.

Oferenda: Farinha de mandioca misturada com vinho tinto, coberta com milho torrado e pipocas brancas, acompanhada de carnes de animais silvestres bem temperadas com especiarias, azeite de dendê e conhaque, preferencialmente preparadas em forno à lenha. Frutas silvestres picadas ao redor completam a oferenda. Cachaça branca ou amarela, pura ou misturada com mel de abelhas silvestres, conhaques finos e vinhos tintos. Charutos de qualquer formato e cachimbos com fumo moído. Se oferece papoulas vermelhas e flores silvestres em geral.

Fetiches: Tridentes, lanças de madeiras sagradas, flechas indígenas, búzios africanos, chifres e ossos de animais selvagens, couro de lobo ou cobra, e dentes de lobo.

EXU REI DAS SETE LIRAS

O Exu Rei das Sete Liras, ou Exu Rei da Lira, é o soberano do Reino da Lira, governando espiritualmente as forças ligadas à sociabilidade, ao comércio, às artes, ao entretenimento, ao sexo e à política. Ele representa o auge da evolução espiritual dentro de sua legião, sendo o espírito original que alcançou o trono deste Reino. Como todos os *Exus-Reis*, ele não se manifesta diretamente em incorporação, mas atua por meio

de seus *falangeiros* que, ao demonstrar grande sabedoria, força espiritual e mental, ascenderam aos graus de Exu das Sete Liras até se tornarem Exus-Reis da Lira.

Embora muitas vezes confundido com Lúcifer devido à conexão esotérica com a iluminação e à associação do Reino da Lira com vaidades e festividades, essa relação é um sincretismo desnecessário na visão da *Quimbanda Nàgô*. Lúcifer, na tradição, é um *Exu-Rei* distinto, sendo uma força espiritual separada do Exu Rei das Sete Liras.

Os espíritos do Reino da Lira são mestres das dinâmicas urbanas e sociais, incluindo negócios, artes, festividades e até atividades ilícitas, refletindo a dualidade presente na sociedade. São exímios estrategistas e guerreiros, escondendo sua essência combativa sob a aparência festiva e brincalhona, como no famoso ponto que descreve: *Viola é tridente, cigarro é charuto, bebida é marafo, sou Sete da Lira, derrubo inimigo com ponteiro de aço*. Esses espíritos usam a leveza da socialização para dominar, neutralizar inimigos e manipular situações em prol de seus objetivos.

O Exu Rei das Sete Liras é o espírito que melhor representa a dinâmica da vida urbana, com sua energia adaptativa e multifacetada. Ele governa a interação social e as dinâmicas humanas, sendo invocado para questões ligadas ao sucesso material, à proteção em ambientes sociais e ao domínio de situações complexas. Sua presença reflete o poder transformador da Lira, onde festividade e estratégia se unem para reger os fluxos da vida nas cidades.

Reino: Lira.

Palavra-Chave: Lucidez, carisma (magnetismo pessoal).

Positivo: Atração, fama, sabedoria, inteligência, brilho pessoal e brio.

Negativo: Engano, ignorância, vício, vaidade, concupiscência.

Firmeza: Vela preta-e-vermelha ou preta-e-amarela, úisque fino e charutos nobres.

Oferenda: Farofa de farinha de mandioca com pimenta ralada, cebola picada e azeite de dendê, coberta com sete bifés de

cortes nobres mal passados, levemente selados no azeite de dendê, enfeitados com rodela de cebola roxa e branca e sete pimentas dedo-de-moça vermelhas. Cachaça, uísque, conhaque, vinhos comuns e gasificados, licorosos. Charutos e cigarros. Se oferece cravos e antúrios vermelhos.

Fetiches: Tridentes, punhais, navalhas, seda vermelha, dados, cartas de baralho, fichas de aposta, bolas e giz de sinuca, moedas antigas, correntes de diversas nacionalidades, objetos de ouro, pedras semipreciosas, harpa dourada.

EXU REI DA CALUNGA

O Exu Rei da Calunga Grande, também conhecido como Exu Rei da Praia, é o soberano do Reino das Águas. Esse trono espiritual é ocupado por um espírito original que atingiu o auge da evolução dentro da linha dos Exus ligados à Calunga Grande, ascendendo ao topo da hierarquia como Exu-Rei da Praia após dominar suas funções e habilidades no Reino das Águas. Sua atuação simboliza a profundidade emocional e a força das águas, conectando-se tanto aos aspectos de cura e manutenção da vida quanto à destruição e transformação.

Assim como a Lua governa as marés e influencia todas as formações aquáticas por seu magnetismo, o Exu-Rei da Calunga Grande possui uma maestria única sobre sentimentos e emoções humanas. Ele é amplamente invocado para trabalhos relacionados ao equilíbrio emocional e à manipulação das energias humanas. Como a água que compõe cerca de 70% do corpo humano, este reino está profundamente ligado aos fluxos emocionais e à saúde física. Tanto para o bem quanto para o mal, o Rei da Calunga reflete a dualidade intrínseca das águas: a manutenção da vida e a força destrutiva que pode levar à morte.

Devido à sua conexão universal, o Reino da Calunga Grande não está restrito a um local específico, mas manifesta-se em toda parte onde há água. Por lidar diretamente com as emoções humanas, o Exu Rei da Calunga é amplamente requisitado para



influenciar a mente e os sentimentos. Por exemplo, antigos praticantes da *Quimbanda Nâgô* utilizavam a força desse Exu, juntamente com a Pombagira Rainha da Praia, para realizar magias de adoçamento e acalmar maridos violentos por meio de rituais simbólicos e elementos associados à água.

O Exu Rei da Calunga Grande é uma força poderosa e multifacetada que rege os fluxos das águas e das emoções. Ele personifica tanto o equilíbrio quanto a intensidade das forças naturais e emocionais, sendo essencial no trabalho magístico para manipulação de sentimentos e energias relacionadas à fluidez da vida.

Reino: Águas.

Palavra-Chave: Água, abismo, invisibilidade, transporte de objetos, materialização de coisas, cura emocional, aplacar sede, causar sede.

Positivo: Facilita viagens e aproxima pessoas poderosas e ricas, cria amizades baseadas no interesse financeiro e no poder, rege as almas presas ou mortas nos campos do oceano, do mar e nas praias.

Negativo: Causa perdas de amizades e a possibilidade de ser usado por falsas amizades que só querem te explorar, pode causar obsessão espiritual ou perturbação de cunho emocional por meio das almas que

comanda. Afogamento e acidentes dentro da água.

Firmeza: Vela preta-e-azul, mas também recebem velas preto-e-branca. Gostam de cachaça branca, cachaça amarela ou rum e cigarros de palha ou cachimbo com fumo picado e ervas aromáticas.

Oferenda: Farofa de farinha de milho com camarão, cebola em rodela, pimenta e sal, coberta com filé de peixe assado em folhas de bananeira temperado com cebola, pimentão e tomate. Acompanhada de pelo menos três tipos de frutos do mar refogados no azeite de dendê com cominho e sal. Cachaça, uísque, rum e vodca. Charutos e cigarros.

Fetiches: ridentes, ponteiras, arpões de prata, cordas de embarcações, punhais de aço ou prata, moedas antigas, correntes estrangeiras, conchas marinhas, coração de pedra negra ou madeira, instrumentos de pesca como anzóis, e pedras de rios, lagoas e praias.

EXU REI DAS TREVAS

O Exu Rei das Trevas é o soberano de um dos mais enigmáticos e poderosos reinos da Quimbanda. Este trono é ocupado pelo primeiro espírito humano que atingiu o nível de consciência necessário para compreender e suportar o propósito inicial do reino das Trevas, sendo coroado como líder deste domínio. Sua legião é composta por espíritos de alta evolução, que ascendem através das fileiras de Exus das Trevas e Exus Sete Trevas. São entidades dotadas de uma natureza receptiva e presença universal, dominando práticas de magia negra com maestria incomparável, incluindo possessões, perturbações, maldições, pragas e enfermidades.

O Exu Rei das Trevas e sua legião destacam-se por sua sabedoria, astúcia e poder, sendo igualmente frios e calculistas. Eles são conhecidos por criar armadilhas complexas e devastadoras, das quais seus alvos raramente escapam. Não possuem misericórdia e, se necessário, drenam completamente a energia de um espírito, redu-

zindo-o a um estado de ovoidismo astral. Atuando em tudo que envolve sombra, sua influência é inevitável, pois as trevas permeiam todos os aspectos da existência, seja a noite que sucede o dia, os medos profundos da alma humana, ou o descanso eterno na escuridão das sepulturas.

Antigas lendas relatam que esses espíritos são almas de reis, nobres e líderes da realeza pagã, adoradores de antigos deuses e do próprio Satanás segundo a visão cristã medieval. Por sua conexão com o lado sombrio, Exu Rei das Trevas é frequentemente associado a Exu Ferrabrás, uma entidade da Quimbanda com raízes etimológicas na cultura popular ibérica, celebrada em cantigas medievais de Portugal e Espanha.

O Exu Rei das Trevas é o guardião do que é incompreendido e oculto, atuando em planos profundos da psique humana e nos mistérios sombrios do Cosmos. Sua ação reflete a dualidade intrínseca à existência, revelando o equilíbrio entre luz e sombra, vida e morte, e a implacável sabedoria das Trevas.

Reino: Trevas.

Palavra-Chave: Escuridão, *hora grande*, hora mais escura, obscurecimento, densidade, trevas.

Positivo: Oculta tudo que precisa permanecer escondido na escuridão.

Negativo: Pode ocultar resolução para situações e até mesmo ocultar uma pessoa, uma doença etc. Muitas vezes chamado para causar transe profundo e hipnotizar pessoas.

Firmeza: Vela pretas, preferencialmente a vela de almas, de 12 horas, acesa na sombra do cruzeiro das almas exatamente à meia-noite. Gostam de cachaça envelhecida, mas podem receber cachaça branca ou outro destilado, gostam de charutos de capas escuras e cigarros de palha.

Oferenda: Farofa de farinha de mandioca com conhaque, pimenta socada e azeite de dendê, acompanhada de pernil suíno assado com cominho, ervas finas, sal e azeite de dendê. O prato é decorado com frutas escuras, como ameixa preta ou sementes de uva negra. Cachaça branca, uísque en-

velhecido, vinho tinto licoroso e conhaque de gengibre. Se oferenda cravo vermelho e monsenhor.

Fetiches: Tridentes, punhais, cruzes de madeira preta, figas de azeviche, cristais e pedras semipreciosas de coloração negra, e moedas antigas douradas.

EXU REI DE GANGA

Exu Gererê ou Exu Rei de Ganga é o patrono da *Quimbanda Nàgô*, considerado um dos espíritos mais importantes desta vertente. Seu nome possui possíveis origens etimológicas no termo tupi *iereré*, que designa um instrumento de pesca semelhante ao puçá, ou no termo *kimbundo* que significa *vermelho*. Ligado diretamente às forças guerreiras e ao Chefe Império Maioral dos Infernos, Exu Gererê manifesta aspectos de liderança e poder, simbolizados por sua espada e tridente, frequentemente presentes em seus pontos riscados e cantados. Ele é reverenciado como um *general guerreiro* que não teme batalhas e guia os adeptos com força e sabedoria.

Embora seu nome remeta à pesca, os espíritos de sua legião não são necessariamente almas de pescadores, mas de antigos feiticeiros, xamãs e curandeiros, mestres no conhecimento de ervas, estrelas e forças da natureza. Esse perfil ancestral dá origem ao epíteto *Exu Rei de Ganga*, em referência ao termo banto *nganga*, que significa *feiticeiro*. Por isso, é considerado o líder da legião dos bruxos ancestrais. No entanto, é fundamental não o confundir com Exu Ganga, uma entidade distinta. Exu Gererê, como patrono, representa a força criadora associada à divindade solar e, na estrutura espiritual, é visto como o comandante máximo da *Quimbanda Nàgô*, análogo a outras figuras como Exu Omulu na *Quimbanda das Almas*.

Exu Gererê, enquanto patrono, raramente incorpora diretamente, preferindo manifestar-se por meio de Exus Chefes dos sacerdotes fiéis às tradições ancestrais. Ele é convocado principalmente para abertura de caminhos, fechamento de corpo, segurança espiritual e fortalecimento da vitali-

dade humana. Sua legião é conhecida pela versatilidade em manipular energias mágicas de diversas origens. Apesar de sua força ser equivocadamente associada ao Baron Samedi e Papa Legba, sua atuação está profundamente enraizada na tradição local, muitas vezes mal interpretada pelo sincretismo com o Vodou haitiano.

Exu Gererê é visualizado como um homem vestindo uma armadura de couro negro com detalhes em tecido preto, portando uma capa adornada por uma cruz vermelha cruzada por dois garfos. Ele carrega uma espada, um cajado tribal ou um puçá, com colares de aço e um chapéu negro com penas de animais silvestres cobrindo seus olhos.

Exu Gererê Rei de Ganga é o espírito que une a tradição ancestral à modernidade do culto, sendo um guia de poder incomparável para aqueles que trilham os mistérios da *Quimbanda Nàgô*.

Reino: Almas.

Palavra-Chave: Liderança, guerra, coragem, continuidade de propósito; fisga, prende e agarra; vitória e conquista.

Positivo: Crescimento espiritual e material.

Negativo: Perda de *àçê*, falta de rumo na vida, confusão mental, instabilidade emocional.

Firmeza: Vela preta-e-branca, uísque de boa qualidade e charutos aromáticos.

Oferenda: Farinha de mandioca misturada com mel e vinho tinto, coberta com milho torrado, acompanhada de um peixe de água doce assado com cebola roxa, pimentão, tomate, ervas finas e azeite de dendê. Enfeitado com sete rodela de cebola e sete pimentas dedo-de-moça. Cachaça, conhaque de gengibre e uísque. Charutos e cachimbo com fumo misturado com alfazema. Se oferece cravos vermelhos, alfazema e flores silvestres.

Fetiches: Espada, punhal, tridentes, fio de contas nas cores vermelho e preto com objetos metálicos, pedras preciosas, cruz de malta prateada, velas brancas.

Táta Nganga Kimbanda Kilumbu

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

A Quimbanda é Amoral: Porque a Feitiçaria é Amoral

Este texto busca iluminar os princípios profundos e frequentemente incompreendidos que sustentam a magia da Quimbanda, uma tradição profundamente enraizada na sabedoria ancestral e na manipulação de forças mágicas. No centro desta prática está o conceito de *força ódica*, uma energia potente que flui pelo universo e pode ser utilizada por praticantes habilidosos para manifestar sua vontade.

Ao recorrer aos *insights* de renomados ocultistas como Eliphas Levi que serviram de inspiração para Aluísio Fontenelle, o texto examina como os praticantes de Quimbanda navegam nessas *correntes ódicas* de força mágica para alcançar seus objetivos mágísticos. Essas correntes são compreendidas como polarizadas, abrangendo aspectos positivos (ativo, masculino) e negativos (receptivo, feminino), representados no panteão da Quimbanda pelas poderosas deidades conhecidas como Exus e Pombagiras.

A interação dessas forças dentro da *luz astral*, conceituada como a Alma do Mundo, forma a base da magia da Quimbanda. Conectaremos essas forças ódicas polarizadas a Lúcifer, uma potência andrógena, e à subsequente projeção de Beelzebuth (solar, masculino) e Ashtaroth (lunar, feminino), com base no rico simbolismo do GRIMONIUM VERUM.

Um aspecto fundamental desta investigação é a ênfase na natureza amoral do Cosmos e, por extensão, da magia da Quimbanda. Examinaremos como a manipulação da *força ódica* não é guiada por considerações morais, mas por um entendimento profundo dos padrões energéticos e pela aplica-

ção habilidosa de técnicas para alterá-los. Exploraremos a ideia de que, embora fé e moralidade não tenham peso neste sistema mágico, a vontade e a imaginação são ferramentas essenciais para o uso eficaz dessas energias potentes.

Por fim, examinaremos o papel do *kimbanda* (praticante de Quimbanda) como um intermediário entre os reinos humano e espiritual, recorrendo aos *insights* fornecidos pelos oráculos e à orientação do Exu tutelar para restaurar o equilíbrio dentro das *correntes ódicas*, manipulando-as magicamente. Este texto destacará como as ações do *kimbanda* não são movidas por desejos pessoais, mas por uma compreensão profunda da ordem do Cosmos e pela necessidade de realinhar padrões energéticos de acordo com essa ordem, até mesmo para alterá-la.

Através dessa jornada, buscamos desvendar os complexos mecanismos da magia da Quimbanda, revelando sua dependência da sabedoria ancestral, do domínio técnico e de um profundo respeito pelo poder bruto do Cosmos.

AS CORRENTES DE FORÇA ÓDICA

O termo *força ódica* foi cunhado como sinônimo de energia vital (o *moyo* dos bantos ou *àşę* dos *yorùbás*) em meados do Séc. XIX pelo Barão Carl von Reichenbach (1788-1869), que buscou demonstrar que se tratava da natureza dos mesmos fenômenos demonstrados anteriormente por Franz Anton Mesmer (1734-1815) com o *magnetismo animal*. Eliphas Levi (1810-1875) posteriormente postulou que a *força ódica*

se manifesta como correntes ou fluxos de força (energia) polarizada dentro da *Luz Astral*, que é a própria Alma do Mundo platonica. Aluísio Fontenelle (1913-1952) foi o ocultista brasileiro que trouxe esses conceitos para dentro da Quimbanda na síntese que estabeleceu e deu forma ao culto, estruturando o ambiente mágico da Quimbanda por meio da interação equilibrada da *força ódica*. No terceiro volume do DAEMONIUM menciono:

A Quimbanda opera por meio da interação e do equilíbrio das forças ódicas positivas (ativa, masculina) e negativas (receptiva, feminina) no corpo do Chefe Império Maioral, a *Luz Astral*, por meio de agentes mágicos universais, os Exus (que representam a potência ativa-masculina), e as Pombagiras (que representam a potência receptiva-feminina). O equilíbrio dessas forças que hora se opõem e hora se congruem, está em Maioral, a potência andrógena que as aglutina e as manipula.

No terceiro volume do DAEMONIUM, explicando o Brasão Imperial do Chefe Império Maioral, menciono: *O magista está lidando com as correntes opostas de força ódica dentro da luz astral e que mantêm unidas a dinâmica do Cosmos manifesto. O equilíbrio entre luz e escuridão, positivo e negativo, re-*



quer a compreensão de um importante princípio dos polos opostos, caracterizados como masculinos e femininos. Foi assim, pensando nisso, que Levi apresentou ao mundo a imagem teriomorfa de Baphomet.

A magia da Quimbanda opera por meio do equilíbrio de forças ódicas polarizadas. Em sua concepção mítica, a partir da demonologia do GRIMORIUM VERUM, essas forças polarizadas são representadas como provenientes de uma fonte: Lúcifer, uma potência andrógena, que projeta duas forças polarizadas, Beelzebuth (a corrente solar masculina) e Ashtaroth (a corrente lunar feminina). No terceiro volume do DAEMONIUM, menciono:

Todo esse simbolismo mítico-sexual do Mundo Antigo e no culto de Baal representado por sua relação com Astarte em Canaã, é herdado pela Quimbanda nas relações que se estabelecem i. entre os Maiorais, onde o Lúcifer andrógeno manifesta o deus Beelzebuth e a deusa Ashtaroth, que mantêm relações mítico-sexuais na criação dos Reinos da Quimbanda e individualidade humana; ii. entre Exu e Pombagira, os Gangas polarizados macho-fêmea que nascem da interação sexual de Beelzebuth e Ashtaroth.

No mesmo livro, menciono que a manipulação das forças ódicas é o que permite a criação do ato mágico no Corpo de Maioral:

A luz astral trata-se de uma força cósmica impessoal sobre a qual é possível o mago imprimir a sua vontade, daí o receptáculo das formas. Quer dizer, trata-se de um meio onde qualquer tipo de criação é possível através da manipulação das correntes mágicas de força ódica, i.e. a energia vital, o moyo dos bantos ou o àşę dos yorùbás, o magnetismo animal de Mesmer. Elíphas Levi desenvolve a essa ideia, atribuindo a luz astral ou Baphomet um poder cego e moralmente neutro: «Já dissemos que o Diabo não é uma pessoa. É uma força [...], uma corrente ódica ou magnética.

Elíphas Levi define: *Falamos de uma substância espalhada no Infinito. A substância una que é céu e terra, isto é, conforme seus graus de polarização, sutil ou fixa. [...] É um fluído e uma vibração perpétua. A força que a põe em movimento e que lhe é inerente, chama-se magnetismo. No Infinito esta substância única é o éter ou a luz etérica. Nos as-*

tros que ela imanta, se torna luz astral. Nos entes organizados, luz ou fluído magnético.^[1]

O COSMOS NÃO RESPONDE A MORAL

Duas perguntas recorrentes são: i. *como a Quimbanda vê ou lida com a Lei do Retorno?* ii. *por que a Quimbanda é amoral?* Sobre a Quimbanda, a *Causalidade* e a *Lei do Retorno*, recomendo o estudo de dois artigos que produzi anteriormente: *Tudo Volta e A Quimbanda & a Lei do Retorno*. No primeiro me baseio na cosmovisão africana dos bantos acerca do *moyo*, a força de vida; no segundo me baseio na HERMÉTICA na intenção em demonstrar que o *kimbanda* está livre da *lei do retorno*, mas não da causalidade.

Estes artigos, portanto, introduzem o tema e facilitam a compreensão de que as forças do Cosmos não respondem a moral. Isso está na HERMÉTICA: no LOGOS TELEIOS as forças do Cosmos (o *destino*, a *necessidade* e a *ordem*) são *impassíveis diante da ira, imperturbadas diante da gentileza, elas se subscrevem à necessidade do plano eterno. E o plano é a própria eternidade: irresistível, inerte, inexorável.*^[2]

Mas a que, então, respondem as forças do Cosmos? A padrões de energia e magnetismo; e no caso da magia, respondem as técnicas de manipulação destes padrões de energia e magnetismo. A Quimbanda, portanto, é amoral porque se trata de feitiçaria, que tecnicamente é a *manipulação dos padrões de energia e magnetismo por meio de bases materiais*. Por se tratar de *técnica de feitiçaria*, i.e. a arte de manipular padrões de energia, tanto a fé quanto a moral não têm valor material algum na Quimbanda. Em outras palavras, o resultado da magia não depende nem da fé e nem da moral, mas da sábia manipulação dos padrões de energia.

[1] Eliphas Levi. A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS. Pensamento, 1997, pp. 104.

[2] LOGOS TELEIOS, 40. Em Pedro Barbieri Antunes. *Soteriologia e cosmogonia no Corpus hermético: o caminho iniciático do hermetismo antigo*. Universidade de São Paulo, 2022, pp. 314.

No livro GANGA e no terceiro volume do DAEMONIUM, explico que esses padrões de energia são as correntes de *força ódica* dentro da *luz astral*, o corpo de Maioral, a Alma do Mundo, o ambiente mágico da Quimbanda. Eliphas Levi, entretanto, atribui a *luz astral* um poder cego e moralmente neutro: uma força, uma corrente ódica ou magnética.^[3] Essa agência neutra, impessoal e amoral da *luz astral*, que é a Alma do Mundo, está em sincronia com a HERMÉTICA. No CORPUS HERMETICUM^[4] Hermes fala acerca da natureza do Cosmos, que não está separado da Alma do Mundo, e é o repositório de todas as formas que nele se encontram: o Cosmos não é, na verdade, mau, mas também não é bom, como Deus é bom; pois é material, e sujeito a perturbação. No TIMEU, Platão expressa essa mesma ideia quando diz que a Alma do Mundo é a fonte do bem e do mal. Está presente nesse desenvolvimento da Alma do Mundo ou *luz astral* em Eliphas Levi a própria ideia dessa força como o movimento potencial de todas as coisas.^[5] Isso nós encontramos também em Platão, que define a Alma do Mundo como: *primordial surgimento e movimento de tudo o que existe, existiu ou existirá, bem como de todos os seus opostos, uma vez que ela se revelou como a causa universal de toda mudança e movimento.*^[6]

Mas se a fé e a moral são dispensáveis na manipulação das forças ódicas, a vontade e a imaginação não são; e a qualidade da manipulação dessas forças, por outro lado, está diretamente conectada a qualidade da vontade e da imaginação. Se a *luz astral*, o Corpo de Maioral, é a fonte de todas as formas, a vontade e a imaginação, aliadas as técnicas materiais de manipulação do magnetismo, *agem diretamente sobre esta luz e, por seu meio, sobre toda a Natureza submissa às modificações da Inteligência.*^[7] Neste

[3] Eliphas Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Pensamento, 2017, pp. 246.

[4] Cap. X, Verso 10.

[5] Eliphas Levi. A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS. Pensamento, 1997, pp. 104.

[6] Platão. LEIS. Livro X, Verso 896. Edipro, 210, pp. 413-14.

[7] Eliphas Levi. A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS. Pensamento, 1997, pp. 104.

caminho, portanto, a sábia manipulação das correntes de *força ódica* do Corpo de Maioral, a *luz astral*, é o instrumento da *taumaturgia* e da *divinação*,^[8] o que nada tem a ver com a moral.

O KIMBANDA & A ORDEM DO COSMOS

Todas as ações do *kimbanda* estão em conformidade com a ordem do Cosmos, no sentido em elas partem da inferência oracular, e não de seus desejos. *Na Quimbanda não fazemos nada de nossa cabeça*, diz o bordão, porque todas as ações magísticas são orientadas através do oráculo por intermédio do Exu tutelar. O *kimbanda* é, portanto, de acordo com suas funções sacerdotais, um ajustador de padrões energéticos que estão em desordem na sua vida e na vida de seus consulentes; é quando ele assume a função de acusador e punidor (satanás). No oráculo o Exu tutelar mostrará se é adequado aplicar uma pena/vingança (temores) caso haja um fado (quinhão) a ser liquidado dentro da ordem do Cosmos.

Na HERMÉTICA cada um tem àquilo que merece, quer dizer, àquilo que é de seu quinhão. As catástrofes que causam dor e sofrimento, i.e. o mal, não ocorrem por meio de uma agência – *daimōnes* – maligna, mas ao *fado* (destino) de um indivíduo, povo, cultura ou civilização. No CORPUS HERMETICUM (Livro XVI, Verso 10), quando o desastre ocorre, quando o Cosmos tem de punir alguém, ele o faz aos bons e aos maus segundo o quinhão de cada um: *E como sua luz é poderosa, assim também sua ação de criar é algo de grande e incessante tanto em espaço quanto em riqueza, pois os coros dos daimōnes ao redor dele são muitos e semelhantes a diversos exércitos, os quais, embora sendo companheiros dos imortais, não estão distantes, e aqui assumindo o lugar por meio do fado, supervisionam as coisas dos homens, as que sendo impostas pelos deuses, eles as executam com furacões, tempestades, re-*

lâmpagos, mudanças do fogo e terremotos, e ainda com calamidades e guerras, repelindo a impiedade. Pois este é o grande mal dos homens para com os deuses; pois, deveras, dos deuses é o bem fazer; dos homens, o reverenciar; e, dos daimōnes, o repelir. Pois as outras coisas são por conta e risco (ousadia) dos homens: por engano, por atrevimento, por necessidade, a qual chamam de heimarmene, ou por ignorância, todas essas coisas não são responsabilidades por parte dos deuses; mas somente a impiedade tem estado sob suspeita.

Concluo este ensaio reafirmando a Quimbanda como uma tradição que ousa tocar as correntes primordiais do Cosmos, mantendo-se alheia aos julgamentos e amarras da moral humana. Aqui, fé e moralidade não servem como guias; ao contrário, são o conhecimento profundo e a capacidade de manipular as forças ódicas que governam o universo que definem o feiticeiro na Quimbanda. O *kimbanda* não é um devoto submisso, mas um maestro que orchestra as energias cósmicas para que fluam em harmonia ou caos conforme o quinhão de cada um e o Chefe Império Maioral determinam.

A Quimbanda é uma arte amoral e técnica, nascida da antiga sabedoria ancestral africana e amplificada pela tradição ocidental da magia, operando diretamente com a ordem implacável do Cosmos e não com a moral dos profanos. Por isso, operar no Corpo de Maioral – a *luz astral*, o caldeirão mágico de toda criação e destruição – é aceitar a vastidão e a indiferença do universo. A magia da Quimbanda é uma dança ousada entre luz e sombra, onde o praticante, livre dos dogmas, enfrenta as potências cósmicas, domando-as para seu propósito. Ao invocar Exu e Pombagira, manipulamos as mesmas forças que fundaram o Mundo, assumindo, na prática, o verdadeiro poder de moldar o Destino e tornar-se, por um instante, o próprio senhor do Destino.

Táta Nganga Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

[8] Ibidem.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Ashtaroth é Maioral na Quimbanda

A impressionante imagem criada por Eurípides, Catulo e Virgílio da Mãe poderosa, frequentemente na companhia de machos assexuados, evocou reações energicamente exprimidas que vão do horror à chamada natureza repulsiva da deusa, até à celebração sem sentido crítico da sua proeminência supostamente ancestral. Para além disso, a percepção moderna da natureza das divindades maternas influenciou grandemente a imagem da Deusa Mãe no antigo mundo mediterrânico, visto que tais percepções são quase sempre baseadas na imagem judaico-cristã da mãe amorosa e protetora, subserviente ao marido e intimamente ligada aos filhos. Deste modo, muitas análises da Deusa Mãe apoiam-se nas modernas projeções daquilo que a deusa-mãe deveria ser e não nos vestígios antigos que definem aquilo que era.^[1]

Esta Mãe não se enquadra nos papéis femininos convencionais de reprodução e proteção. Raramente é associada ao parto ou a atributos referentes à fertilidade agrícola ou à animal. Nos textos e nos monumentos frígios, o aspecto mais proeminente da Deusa Mãe é a sua relação com as montanhas, as cavernas e os espaços selvagens. O carácter imponente da paisagem montanhosa anatoliana e o sentido do espaço sagrado no ambiente natural foram claramente os fatores-chave na definição da sua divindade. Percemos ver uma deusa cuja posição de poder sobre a natureza, em vez de qualquer função especificamente materna, foi o fator principal que lhe deu o estatuto de Mãe.^[2]

Anteriormente, demonstrei que a Quimbanda é a *goécia brasileira*. Mencionei que a fonte mítica primitiva da goécia como tradição viva está nos mitos dos antigos deuses *bárbaros* do Mediterrâneo e Oriente Médio, que se infiltraram por mis-

cigenação cultural e moldaram os deuses greco-romanos. A goécia como tradição viva alimenta toda a magia ocidental. Cibele, Ártemis e Astarte são antigas deusas cujos mitos estão na base e influenciaram toda a cultura, religião e magia do Ocidente. Por exemplo, o feminismo como movimento social é uma tentativa de resgate do *matriarcado radical* religioso do antigo culto de mistérios a deusa frígia Cibele, que se espalhou por todo o Mediterrâneo, e foi proeminente no mundo greco-romano. O *princípio feminino* era reverenciado ao ponto dos homens que participavam do culto serem emasculados. Para reverenciar Cibele o homem tinha de se castrar. Miticamente, portanto, Cibele é a Natureza rude e indomável, selvagem e caçadora. Como Mãe, ela aparece entronada ao lado



[1] Lynn E. Roller. IN SEARCH OF GOD THE MOTHER: THE CULT OF ANATOLIAN CYBELE. University of California Press, 1999, pp. 9.

[2] Lynn E. Roller. IN SEARCH OF GOD THE MOTHER: THE CULT OF ANATOLIAN CYBELE. University of California Press, 1999, pp. 6.



de dois leões, e dá nascimento a um touro, não a uma criança humana. Cibele, portanto, é a Mãe selvagem, muito diferente da imagem materna carinhosa da mãe cultivada no imaginário ocidental desde o triunfo do cristianismo. Cibele era representada como uma Montanha *inescapável*, porque ela a tudo continha e dela nada escapava. Existem Pombagiras que em seus traços e comportamento, incorporam as virtudes de Cibele, como a Pombagira Maria Quitéria, Pombagira Maria Navalha e Pombagira Cacurucaia, a bruxa velha.

Ártemis, tal qual Cibele, é uma deusa bárbara que representa a Natureza selvagem; mas diferente de Cibele que é a mãe adulta e experiente, Ártemis é a jovem caçadora impiedosamente indomável, senhora das feras (*pótnia therón*). Ésquilo lhe chamou de *dama da montanha selvagem*. Ela compartilha com Cibele todas as suas virtudes selvagens e irascíveis de um feminino indomável. Posteriormente os gregos desenvolveram novos ciclos míticos, tentando aproximar Ártemis de Afrodite e outras deusas-mães.

Ashtaroth na Quimbanda é a mesma Astarte dos cananeus! Diferente de Cibele, a Natureza selvagem, Astarte era a Natureza fecundada. Nos seus ciclos mitológicos Astarte, a Lua, copulava e era fecundada por Baal, o Sol.

Nos mitologemas que alimentam o culto de Cibele, derivados da era dos caçadores do paleolítico, a Lua morre no Sol e o touro é golpeado pelo leão. A Lua é um símbolo arquetípico cósmico do ritual de sacrifício; o touro, animal que representa a própria Lua, é sacrificado no fogo (representante físico do poder do Sol, mas também do fogo do ventre) na Terra. Por esse motivo os mortos eram enterrados ou cremados. Estes mesmos signos aparecem de forma distinta nos mitologemas do culto de Astarte, oriundos da reforma de valores provocada pela agricultura e a descoberta do arado, onde o Sol quente, masculino, fecunda a Terra (ou a Lua) fria, feminina, portanto, fértil; uma *hierogamia* mítica de cópula sexual, morte e ressurreição. É esse ciclo mitológico arcaico que alimenta a teologia da Quimbanda, derivada direta do GRIMORIUM VERUM, onde



Beelzebuth (Sol) fecunda Ashtaroth (Lua). Em uma postagem no Instagram, *O Táta, a Mameto & o Corpo de Exu*, menciono:

Na teogonia da Quimbanda, inspirada na teologia goécia do GRIMORIUM VERUM, Lúcifer é um espírito andrógeno que manifesta dois espíritos hipostáticos: Beelzebuth, o princípio masculino-solar, e Ashtaroth, o princípio feminino lunar. Juntos, em *hierogamia*, Beelzebuth e Ashtaroth procriam tantos os Gangas quanto os Reinos da Quimbanda.

O rito imita o mito, materializando fisicamente a realidade transcendente. Quando um Táta e uma Mameto operam juntos na construção dos corpos físicos dos Gangas da Quimbanda, o «fundamento» de Exu, o Táta emula o princípio solar-fálico hipostático, plantando a semente na terra. A Mameto, de igual modo, emula o princípio lunar-vúlvico hipostático, gerando a semente plantada, dando nascimento, o fundamento de Exu.

No imaginário daquele período do Mundo Antigo, a fertilidade da mulher passou a refletir a fertilidade da própria terra, sendo solidárias, portanto, uma à outra. Os mistérios das colheitas refletiam os próprios mistérios da criação; estes eram, por sua vez, mistérios religiosos guardados pelo milagre do feminino. Na medida em que os mitologemas se atualizavam, o homem, i.e. o princípio masculino, passou de nenhuma proeminência a um papel fundamental no equilíbrio regenerativo das forças do Cosmos.

Assim como Baal e Astarte regeneravam *continuamente* o Cosmos, na teologia da Quimbanda Beelzebuth e Ashtaroth renovam *continuamente* os fluxos e refluxos que alimentam os diversos ciclos dentro dos Reinos da Quimbanda. Essa teologia é prática. Cada *kimbanda* acessa esse poder, essa *corrente mágica*, na medida em que compreende as chaves de acesso que cada um dos reinos nos oferece.

Ashtaroth, um princípio ou força lunar-fértil-feminino, é Chefe na Quimbanda, em *hierogamia* com Beelzebuth, um princípio ou força solar-fecundador-masculino, dentro do *Mistério Sem Nome* representado por Maioral, o Diabo. Eu falei mais sobre isso no Capítulo 15.

Na Quimbanda, Ashtaroth não é apenas uma figura simbólica; ela é a própria manifestação da fertilidade cíclica e da força feminina primitiva que se entrelaça com o poder fecundador de Beelzebuth. Juntos, esses princípios cósmicos recriam o ciclo eterno de criação, destruição e renascimento, que é o coração da magia negra e do domínio de Maioral. Ashtaroth, como na antiga figura de Astarte, não se limita a ser uma deusa submissa, mas encarna o poder da Terra selvagem, da Mãe eterna, aquela que gera e acolhe no ciclo de vida e morte.

Ao invocar Ashtaroth na Quimbanda, o *kimbanda* não está apenas chamando uma deusa – ele se conecta ao pulso profundo da Natureza, ao ventre lunar-fértil que alimenta os reinos. Em sua união com Beelzebuth, a *hierogamia* que os une faz do próprio *kimbanda* uma extensão viva deste ciclo sagrado, um veículo da renovação contínua dos reinos e mistérios de Exu. Esta é a magia de Ashtaroth como Maioral, poderosa, pulsante e eterna, guardiã das chaves que destravam os segredos ctonianos da Quimbanda.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

Todo mundo é Quimbandeiro agora?



A Quimbanda sempre teve a aura de ser uma religião misteriosa, fechada dentro de seus cultos, algo totalmente clandestino que só era feito na sombra da noite, entretanto, isso está antagonizando com o que vemos hoje da Quimbanda, com tantos supostos Quimbandeiros abrindo redes sociais e postando seus trabalhos. Aqui, nesse sentido, devemos ter um pouco de cautela para analisar o que está acontecendo no cenário religioso afro-diaspórico brasileiro.

Primeiramente, é importante ressaltar que a Quimbanda durante muitas décadas, realmente, era algo fechado e muito restrito. Isso não muda, porém hoje, com o avanço das redes sociais, podemos ter mais noção em conhecer supostos Quimbandeiros. Não que os rituais estejam expostos, que os segredos estejam revelados, nada disso, é porque a rede social permitiu que a gente transitasse por diversos lugares, que geograficamente era impossível antes. Então, o Quimbandeiro que antes fazia sua clientela pelo boca-a-boca, hoje tem a rede social como sua aliada para divulgação de seus serviços, entretanto ele não irá revelar

seus segredos de culto. Isso é importante ressaltar sempre, mantendo o hermetismo dentro da prática quimbandeira.

Entretanto, o que ocorre é que com a popularização, também se abrem espaços para muita gente mal-intencionada e sem preparo para se autointitular algo que ele não é. Desta forma, se hoje vemos um número considerável de Quimbandeiros na internet, podemos dizer – sem medo de errar – que menos de 1% realmente são Quimbandeiros, que receberam de mestres autorizados e consagrados a suas outorgas sacerdotais e maestrias, que realmente foram iniciados no culto e que realmente seguem o ramo tradicional de Quimbanda, por meio da transferência de nguzo de mestre à discípulo.

Isso ocorreu com outras religiões no passado, como na Umbanda, principalmente a partir dos anos 1999, onde uma profusão de autoiniciados começaram a praticar Umbanda de forma descabida. Até hoje colhemos o resultado dessa sandice dourada que ocorreu. Na Quimbanda, está ocorrendo o mesmo, mas isso em parte é culpa des-

ses falsários e em parte é culpa do público que sempre procura pessoas com posições radicais, que querem chamar atenção, que estão em busca de encrenca e que não compreendem de fato o que é a Quimbanda.

A Quimbanda não é a prática do mal em si, mas também pode praticar o mal, dentro do ponto de vista da nossa sociedade doentia. Porém, o público, busca aqueles que fazem cara de mal, que postam violências em suas redes sociais, que querem ser o Mister M da Quimbanda, revelando seus segredos ocultos, aqueles que aparecem em podcasts falando bobagens, mas com grande retórica, que ameaçam e atacam a todos. Na verdade, essas pessoas são crianças mimadas que cresceram só no tamanho. A Quimbanda é o caminho da excelência, da maestria! O Kimbanda se torna um mestre da Vida! Como mestre da vida ele não se importará com questões menores, com arranjar encrencas ou promulgar isso publicamente, ele simplesmente agirá, como todos os Kimbanda antes dele, pelas sombras, coberto de trevas. Como diz seu Exu Tiriri da Calunga: A bota não pede licença para a formiga.

O que ocorreu em 1999 com a promessa de fácil ascensão dentro das fileiras de Umbanda, ocorre agora dentro das hordas quimbandeiras. Várias tradições que imediatamente te levam a maestria, mesmo que de forma filosófica, que é má compreendida. Com isso dá-se uma abertura para erros, confusões e a falta de experiência, além do ego, da vaidade e da cupidez que sempre aparece. O que existe de supostos “Quimbandeiros e mestres Quimbandeiros” que só querem a Quimbanda para saciar sua fome sexual, sua fome de luxúria, sua fome de dinheiro, sua fome de projeção e fama, não está escrito!

Dentro dos troncos tradicionais de Quimbanda, o adepto deverá passar pela experimentação, pela experiência. Nunca será alçado como sacerdote e mestre, sem ter o mínimo de preparação e experiência para isso. Então, pode até ser que um sacerdote de Umbanda, com missão sacerdotal e vida sacerdotal pública de anos, possa receber diretamente o sacerdócio dentro do

tronco tradicional? Pode... Mas, nunca ele irá receber diretamente a maestria, o tornando um Tata ou Mameto. Mas o jeito correto, a tradição diz, que é por meio de passo a passo, galgando cada degrau, então, dentro da nossa estrutura: Noviço, Iniciado, Sacerdote e Mestre. A exceção que ocorre é sobre o noviçado, que pode ser pulado, caso o adepto tenha estrutura para adentrar a Quimbanda de forma correta.

Esses graus não se alcançam mensalmente, ou seja, deve ter merecimento e deve-se recolher todas as obrigações pertinentes a eles.

A proposta da Quimbanda não é parecer trevoso, não é ser um badboy. A proposta da Quimbanda é dar ferramentas para que o adepto se torne independente e domine a sua vida, melhorando a si e aliando-se a Exu, comungando com Exu e cultuando Exu.

A missão principal é o contato com o Espírito Tutelar, que em nossa tradição é um Exu ou Pombagira. Por meio dessa figura, toda a magia e religião se processa dentro da Quimbanda. Exatamente por isso é que mesmo no batismo o noviço recebe uma estrutura de firmeza para cultuar seu Exu e estreitar os laços com ele. O batismo não é meramente uma apresentação ou uma entrega de uniforme para posar para fotos, mas sim uma permissão temporária, um salvo-conduto para que o noviço possa navegar nas águas turbulentas e tenebrosas da Kalunga.

Então, com o trabalho, diário, com Exu você começa a estreitar seus laços, até estar pronto para a iniciação e pactuação. Essa pactuação fará com que exu se torne presente em sua vida o tempo todo, criando um vínculo, uma relação de dupla, onde tudo que for benéfico para ti, será para o exu e vice-versa, nesse momento o exu se torna um Compadre e a Pombagira uma Comadre!

A iniciação implica em ainda assim mergulhar mais profundamente nos mistérios do seu Espírito Tutelar e quando isso estiver satisfatório (mas nunca perfeito, pois é um trabalho de uma vida inteira) se abrirão portas para que você conheça os outros es-

píritos da sua coroa e de sua legião. Quando tiver com sua coroa (trindade) de exus firmada, com sua proteção e proteção de seu Exu firmada é que você poderá galgar o sacerdócio, onde, aí sim, você poderá atender outras pessoas, pois terá fortalecimento, terá mais sabedoria e terá experiência na lida com Exus.

O sacerdócio se abre, permitindo ao adepto agora oracular e praticar serviços para terceiros, podendo comungar com seus próprios Exus e com Exus chamados ao trabalho pelo seu Tutelar, podendo alimentar os Exus de terceiros e muito mais. Veja que aqui, ainda estamos em aprendizado, pois temos várias obrigações e fundamentos a serem recolhidos, até que estejamos completos e que tenhamos caminho para a Maestria.

Na Maestria, você recebe uma autoridade sobre os espíritos, é reconhecido como um Exu em vida, deificando sua alma para a proposta da Quimbanda. O Mestre é aquele que pode criar moradas de poder para os Espíritos (Assentamentos), é aquele que pode iniciar novos adeptos no culto e aque-

le que tem autoridade no mundo espiritual. Veja, que até chegar à posição de Mestre (Tata ou Mameto) há uma longa jornada a ser seguida...

Além disso, algo extremamente importante para a Quimbanda é a relação de ancestralidade, seja ela a sua pessoal, seja a espiritual. Invariavelmente é preciso ter lastro ancestral da sua iniciação, sabendo dizer quem é seu aprontador, quem foi o aprontador dele e assim por diante. Não precisa saber toda a árvore iniciatória, mas pelo menos o aprontador do seu aprontador é importante. Mas sabemos que muitos escondem isso, ou simplesmente dizem que são pessoas inacessíveis ou que já morreram, ou ainda, dizem que receberam dos seus próprios Exus essa outorga... o que contradiz toda a tradição que os próprios Exus defendem.

Diante de tudo isso que foi exposto, vocês conseguem agora avaliar melhor as coisas na busca. Trabalhar com Exu não te faz Quimbandeiro. Usar capa, cartola, anel e bengala, não te faz Quimbandeiro. Postar fotos de sacrifícios e assentamentos, não te faz Quimbandeiro. Usar termos como "Tata" e "Mameto" antes de nomes supostamente iniciáticos, não te faz Quimbandeiro, se você não puder provar quem te entregou isso. O que te faz Quimbandeiro é o lastro ancestral e transmissão dos saberes e do nguzo pela via da tradição.

Não somos fiscais do culto alheio, mas me pedem constantemente para falar sobre o tema para auxiliar as pessoas que vão em busca da sua espiritualidade, desta forma, está aí o tema debatido. Agora você consegue discernir?

Tata Nganga Zelawapanzu

Mestre de Quimbanda Nàgô e

Quimbanda Mussurumim

Dirigente do Templo de Quimbanda

Cova de Tiriri

[INSTAGRAM.COM/COVADETIRIRI](https://www.instagram.com/COVADETIRIRI)



Por que muitos procuram a Quimbanda?

Em nosso artigo “Todo mundo é Quimbandeiro agora?”, falamos da proliferação de pessoas que se autointitulam quimbandeiros e mestres de Quimbanda. Nesse artigo quero falar sob um outro ponto de vista, o de pessoas que eram de Umbanda ou Candomblé e querem ir para a Quimbanda. Qual seria a motivação delas para essa busca?

Em minhas redes sociais, semanalmente, recebo relatos de pessoas que tiveram muitas decepções em seus terreiros, principalmente com seus dirigentes. Claro, a maior parte desses dirigentes são mal preparados, pessoas sem outorgas espirituais, que simplesmente decidiram abrir suas casas pois eles eram médiuns incorporantes. Porém, o que faz um sacerdote, não é o fato de incorporar, mas de entender a espiritualidade, vivenciá-la e de substancial-

mente superar suas próprias dúvidas por meio da sua fé e de sua prática.

Não existem sacerdotes perfeitos ou super-heróis, muitos de nós temos inseguranças e somos humanos, porém, compreende-se que há uma chave que deve ser virada quando em busca da vida sacerdotal, onde parte de nossa vida particular acaba sendo invadida pela religiosidade, onde deveremos ter finais de semana de obrigação que nos afastarão da família e que o descanso será pouco, férias então, quase não existem.

Mas, voltando ao assunto, percebo que muitas dessas pessoas que se decepcionaram como consulentes ou como membros de terreiro, procuravam pessoas mau preparadas. A culpa em parte é delas, mas não em sua totalidade, afinal, como elas poderiam saber – algumas até sabem, mas... – que aquele dirigente não tinha as qualificações necessárias para a abertura de um terreiro? E não me venha com aquela história: “Mas antigamente os terreiros se davam em casa!”. Sim, eu sei disso e até concordo com isso, mas não estamos mais no antigamente, correto? Hoje, qualquer pessoa vai na internet e pega uma receita de oferenda para um Orixá ou Entidade e começa a praticar, mesmo que aquilo não tenha a ver com a prática do seu terreiro e ainda desdenha do seu pai de santo por ele não transmitir informações. Parou para pensar que ele não transmite porque ele não sabe?

Eu já vi terreiros que seus adeptos menosprezavam o conhecimento popular do dirigente pois um grande escritor estava falando dos seus quatorze orixás fantásticos (e aqui fantásticos é no sentido de ilusórios).

Enfim, o que é importante ressaltar sempre é que todos são humanos e passí-



veis de erros. Porém, caso você não concorde com a prática de um terreiro, se retire pela porta da frente, sem cuspir no prato em que comeu.

Mas onde entra a Quimbanda nisso? Pois bem, como a Umbanda ficou completamente distorcida, empobrecida e fragilizada, muitos procuravam os candomblés para sentirem mais “força” e terem mais fundamentos. Entretanto, o candomblé não confere autoridade nenhuma a quem pratica Umbanda.

Quando a Macumba se dividiu entre Umbanda e Quimbanda, percebemos um claro movimento da Umbanda para práticas mais aceitas pela “sociedade média e padrão”. Alguns dos recursos da Macumba se perderam, tais como as giras mistas, as práticas sacrificiais, o uso de diversos tipos de feitiçarias em comum acordo, independente da “identidade religiosa da tenda”, o uso de oráculos, vários cargos e muito mais. Esse conhecimento oculto ficou preservado dentro das famílias de Quimbanda, que se fecharam e começaram a passar o conhecimento de boca-a-ouvido, por meio da transmissão do Nguzo e de forma iniciática, enquanto a Umbanda se popularizou, se abriu e se tornou mais Exotérica do que Esotérica. A Umbanda foi sendo cada vez mais influenciada pelo pensamento espírita brasileiro, que podemos chamar de Kardecismo, pois o espiritismo originalmente está bem longe daquilo que o brasileiro pratica, e isso foi determinante para retirada de grande contexto de feitiçaria que era encarada como suja pelos Umbandistas.

Alguns poucos terreiros mantiveram suas práticas de macumba, mesmo que eles a chamassem de Umbanda para serem aceitos socialmente e não sofrerem perseguição, entretanto, muito disso se deu em um processo quase orgânico, onde não tínhamos um conjunto claro de regras e dogmas para seguir, por isso mesmo que a Umbanda se tornou tão plural e tão diversa, mas essa mesma força que é a pluralidade foi sua ruína, onde começou

a se achar – erroneamente – que tudo era possível de ser incluído na prática de Umbanda e assim nascem os Exus Vikings, os Lordes, os Tronos, os povos de Cristal, etc.

Então, a Umbanda se distancia da Macumba e se torna algo totalmente diferente da Umbanda praticada antes, na essência da macumba. Adiantando a nossa linha do tempo, hoje percebemos que existe uma necessidade de um resgate das práticas de antes, até porque grande parte do que hoje é praticado simplesmente não funciona ou perdeu a força, pois se diluíram demais em sua essência (tem até terreiro com violão e violino). Desta forma, as pessoas se voltam a práticas mais antigas e tradicionais e a Quimbanda é vista desta forma, pois como ela permaneceu fechada, não sofreu tantas influências exteriores que a descaracterizaram, apesar de existirem diversas formas de praticar Quimbanda, mas que tem uma estrutura muito parecida.

E a estrutura não é “ser malvado” e tampouco “ter Exu e Pombagira”, a estrutura é a ancestralidade. A Quimbanda é a verdadeira guardiã dos conhecimentos da Macumba, sendo assim, podemos dizer que a Quimbanda é a Macumba que foi preservada e que hoje retorna aos holofotes para devolver ao público o que era sentido nas antigas macumbas.

Por isso a transmissão tradicional de saber é tão importante e devido a essa situação eu reforço para que leiam nosso texto “Todo mundo é quimbandeiro agora?”. As pessoas retornam a Quimbanda em busca daquilo que foi perdido, da verdadeira feitiçaria e que pode vir a fazer ressurgir os terreiros de Macumba. Que assim seja!

Tata Nganga Zelawapanzu

Mestre de Quimbanda Nàgô e

Quimbanda Mussurumim

Dirigente do Templo de Quimbanda

Cova de Tiriri

[INSTAGRAM.COM/COVADETIRIRI](https://www.instagram.com/covadetiriri)

A importância em ter experiência de terreiro



É de conhecimento de todos que o processo de desenvolvimento espiritual dentro da Quimbanda é um caminho solitário, onde cada um em seu próprio templo pessoal irá cultivar Exu e promoverá a sua caminhada em direção ao aprofundamento espiritual, sempre sendo guiado e instruído por um mestre de Quimbanda. Esse tipo de comportamento é bem distinto da Umbanda, onde se criam círculos de apoio mútuo centralizados na figura do pai de santo, o que chamamos de Terreiro. Porém, a figura do terreiro não é exclusiva da Umbanda, sendo percebida em diversos outros cultos de origem afro-diaspórica.

Eu, particularmente, acho imprescindível ter uma estrutura de terrei-

ro e uma vivência de terreiro, mesmo que não haja nenhum tipo de sessão de atendimento pública para a comunidade, mesmo que for só para instrução dos iniciados. Por que digo isso? Porque dentro da comunidade é onde aprendemos a servir e a compreender a necessidade da ajuda mútua.

Existe uma profusão de ideias erradas sobre a Quimbanda que são compartilhadas sem qualquer tipo de cuidado pelas redes sociais, sendo que muitos dizem que a Quimbanda é uma religião de revolta, uma religião de rebeldia, onde esse tipo de revolta e rebeldia passa a adentrar não só o comportamento para fora da Quimbanda, mas dentro da própria instituição templo, onde as pessoas não têm mais



o mínimo respeito pelas figuras de autoridade dentro da religião.

O terreiro cria uma forma de ensino segura, onde passada as instruções e vivências, também auxilia a formação do caráter do iniciado, que deve ser pautada em Lealdade, Honra e Obediência, para depois ele se fortalecer e se tornar um verdadeiro mestre da sua própria vida, ao alcançar seu grau de maestria. Não é possível ser mestre sem ser discípulo.

Precisamos muito entender que a abertura de uma identidade espiritual é diferente de uma revolta espiritual. Ser rebelde ou revoltado não é e nunca foi a base da Quimbanda, mas a obtenção dos seus intentos por meio do culto a Exu, afinal, para o Exu, e diante dele, você deve prestar reverência e alimentá-lo, não pode simplesmente debater

com o Exu ou demonstrar toda a sua revolta juvenil.

Quando temos uma estrutura de terreiro, onde fica claro os cargos e as posições hierárquicas, mesmo que a frequência nesse seja espaçada devido a distância que se interpõe entre os iniciados, faz com que o próprio iniciado se entenda como uma parte de um Todo, compreendendo sua função e auxiliando dentro do processo da casa e ganhando assim um entendimento de espiritualidade muito maior do que aquele que simplesmente se rebela contra tudo e todos.

Mas ter um terreiro formal, não implica em ter vivência de terreiro. Essa vivência se adquire realmente VIVENDO, experimentando, passando por aquilo. Vemos muitos supostos terreiros que são mais clubes de incorporação do que propriamente uma casa espiritual. Eu digo isso pela observação que tenho de diversos iniciados de diversas famílias, onde percebemos que o iniciado assume a personalidade do seu mestre, mas isso não necessariamente é benéfico, pois o mestre de fato não procura também o crescimento espiritual, deixando a cargo de uma gama de seguidores – muitas vezes leigos e fanatizados – comprarem suas brigas.

Talvez tenha faltado vivência de terreiro para esse mestre.

Tata Nganga Zelawapanzu

*Mestre de Quimbanda Nàgô e
Quimbanda Mussurumim
Dirigente do Templo de
Quimbanda Cova de Tiriri*

[INSTAGRAM.COM/COVADETIRIRI](https://www.instagram.com/COVADETIRIRI)

Idealizadores



**PAPÓ NA
ENCRUZA**



